

**VIVIANE MARIA ZENI LEÃO**

**MULHERES E O IMAGINÁRIO COMUNISTA**

(Uma nova história; uma história nova)

1945 - 1956



**VIVIANE MARIA ZENI LEÃO**

**MOMENTO FEMININO: MULHERES E IMAGINÁRIO COMUNISTA**

**(Uma nova história, uma história nova)**

**1945-1956**

**Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em História, Curso de  
Pós-Graduação em História, Setor de Ciências  
Humanas, Universidade Federal do Paraná.**

**Orientadora: Prof. Dra. Judite Barboza Trindade**

**CURITIBA**

**2003**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Rua General Carneiro, 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791

**Ata da sessão pública de argüição de Dissertação para obtenção do grau de Mestre em História.** Ao primeiro dia do mês de setembro de dois mil e três, às quatorze horas, na sala 612, Edifício D. Pedro I, da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de argüição do candidato **Viviane Maria Zeni Leão** em relação a sua Dissertação intitulada **“Momento Feminino: Mulheres e o imaginário comunista uma nova história: uma história nova 1945-1956”**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História, foi constituída pelos seguintes professores: Judite Maria Barbosa Trindade, orientador, Hilda Pivaro Stadniky (UEM), Roseli Boschilia (TUIUTI), sob a presidência do primeiro. A sessão teve início com a exposição oral do candidato sobre o estudo desenvolvido. Logo após o senhor presidente concedeu a palavra a cada um dos Examinadores para suas respectivas argüições. Em seguida, o candidato apresentou sua defesa. Na seqüência, o senhor presidente retomou a palavra para as considerações finais. A seguir a banca examinadora reuniu-se sigilosamente, decidindo-se pela *aprovação* do candidato. Finalmente, o senhor presidente declarou *aprovado* o candidato que recebeu o título de *Mestre.....em História*. Nada mais havendo a tratar o senhor presidente deu por encerrada a sessão, da qual eu, Luci Moreira Baena, lavrei a presente Ata que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Luci Moreira Baena

Prof. Dr. Judite Maria Barbosa Trindade

Prof. Dr. Hilda Pivaro Stadniky

Prof. Dr. Roseli Boschilia



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Rua General Carneiro, 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791

## PARECER

Os Membros da Comissão Examinadora designados pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado do candidato **Viviane Maria Zeni Leão**, sob o título **“Momento Feminino: mulheres e o imaginário comunista (uma nova história: uma história nova – 1945-1956)”** para obtenção do grau de **Mestre em História**, após haver realizado a atribuição de notas são de Parecer pela ~~aprovacao~~ sendo-lhe conferidos os créditos previstos na regulamentação dos Cursos de Pós-Graduação em História, completando assim todos os requisitos necessários para receber o grau de *Mestre*.

Curitiba, 1º de setembro de 2003

Prof. Dr. *Juliete Maria Batista Trindade*  
Presidente

Prof. Dr. *Osvaldo Roberto Januário*  
1º Examinador

Prof. Dr. *R. J. L. L.*  
2º Examinador

À Judite, Roseli e Helena  
por cada uma a sua maneira,  
*alimentar de horizontes o  
meu tempo  
Acordado de viver.*

## Agradecimentos

Que é uma dissertação de Mestrado?

Seguramente, muitos responderão que é um processo de aprendizagem, no qual o pesquisador deve se dedicar inteiramente ao seu trabalho. Dedicção esta que o conduzirá, em muitos casos, a transformar concretamente o seu dia a dia, uma vez que o ofício de historiador requer uma certa disciplina e pressupõe um envolvimento maior com as fontes e com os referenciais teóricos, que passam agora, a fazer parte de sua vida.

Porém, posso garantir que uma dissertação de Mestrado não se limita somente a uma dedicação extremada à pesquisa, transcendendo além e aquém da íntima relação estabelecida com o corpo documental, pois durante o período, no qual ficamos envolvidos com nossos objetos de pesquisa, questões pontuais e de fundo, problemáticas, metodologias, percebemos que formamos ao nosso redor um círculo de novas amizades e cristalizamos com as antigas, e não menos reais, a vitória do permanente sobre o passageiro; afinal a História tem o poder não só de criar, mas também de fortalecer vínculos eternos de amizade.

Assim sendo, chegou o momento de agradecer a todos, novos e antigos amigos, que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que este trabalho fosse realizado.

Ao CAPES, agradeço a oportunidade de ter concedido, nos últimos meses a bolsa de estudos, auxiliando e muito para a concretização da pesquisa.

Aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth, em especial Ema e Mário pelo apoio. À Ana Paula, Lígia e Gláucio pela paciência que tiveram durante as muitas tardes de pesquisa no Arquivo Público do Paraná.

Luci Moreira Baena e Dóris Guidolin, secretárias da Pós Graduação, pela simpatia, sábios conselhos e sobretudo por me ensinarem *a cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz*. Rosemar Ostapiuk Thereza, pelos cafés, torcida, apoio, tranqüilidade e dedicação, mas sobretudo por sempre encontrar as palavras certas para os momentos mais difíceis .

Minha dívida se estende também aos professores Euclides Marchi e Luís Carlos Ribeiro, que gentilmente aceitaram participar da banca de Qualificação, contribuindo com suas indicações para o desenvolvimento e conclusão da pesquisa. Aliás, ao professor Euclides tenho muito mais a agradecer, pois praticamente por doze meses, me concedeu o privilégio de participar das suas palestras sobre Teoria da História e Análise do Discurso, além de me ensinar que *o tempo é curto, mas não importa onde já chegamos, e sim, para onde estamos indo com determinação*. Obrigada.

Agradeço a Adonai, Antonio, Catarina, Curitiba, Esmeralda, Espedito, Hamiah, Jean Leandre, as Marias, Maria Quitéria, Raimundo, Sáfira, Sara, Soraia, e também a toda a comunidade que *do céu de estrela sem destino, de beleza sem razão, toma conta do destino, da beleza e da razão*.

Dizem que ninguém passa por nossas vidas sem deixar um pouco de si, e de fato isto acontece, sobretudo, quando as pessoas deixam através de seus conhecimentos, marcas inexoráveis em nossa trajetória de vida. E este é o caso do corpo docente da Universidade Tuiuti do Paraná durante o período de minha graduação; pois não importa o tempo, a ausência e as impossibilidades de nos encontrarmos, sempre estarão presentes em meus pensamentos Pedro Leão, Sidinalva Wawzyniak, Walfredo Soares de Oliveira Junior, Maria Ignês Mancini de Boni, Etelvina Trindade, além de Marcelo Brunetti, que embora não esteja mais entre nós, certamente no nosso reencontro, retomará a conversa e o afeto no exato ponto em que foram interrompidos.

Professora Wilma de Lara Bueno, pela confiança e por me mostrar que *as mulheres têm na face dois brilhantes, condutores fiéis do seu destino e quem não compreende o poder do feminino, desconhece a poesia de Cervantes.*

A convivência por trinta meses com Lílian Alcântara, Andréa Gimenez e Gustavo Gimenez foi intensa, uma vez que partilhamos os mesmos sonhos, tristezas, alegrias, tensões e desejos e aprendemos que *embora não tivéssemos tempo e não soubéssemos voar, os dias passaram como as nuvens, e em brancas nuvens hoje não vamos passar.*

Helena Isabel Mueller, que mesmo a distância, sempre se preocupou em me ajudar em todos os sentidos, iluminando como sempre o meu caminho, além de mostrar o seu carinho como *a mãe que desdobra fibra por fibra o coração dos filhos. Seja feliz, seja feliz.*

Aos meus irmãos Vera, Rogério e Cristhiane e meus sobrinhos Rodrigo, Andressa e Mariana não devo somente agradecer, mas também me desculpar pela ausência nestes últimos tempos. Mãe Eonir, que *deixou uma coisa sua ficar em mim e não ter fim, aliás uma coisa muito bonita por estar sempre iluminada pela beleza do que aconteceu há minutos atrás.*

Minhas desculpas e agradecimentos estendem-se também a madrinha Sant'Anna, *esta filha de Oxum, por tomar conta da gente e de todos cuidar.* Agradeço também a Jekinha, pelo amor que tem tanto por mim como pelo Caetano. Eduardo Lass, *que mesmo sem lenço e sem documento, manteve a calma e me suportou em vários sentidos.*

A Iraci, Odete, Espedito e Wilson, militantes da *vanguarda do povo brasileiro*, que com seus exemplos de vida, enriqueceram a pesquisa, acreditando sempre que *o povo esclarecido e unido construirá o porvir e marchará sempre com ele, o Partido Comunista do Brasil.*

Chegou a vez de Emílio Boschilia, o meu herói salvador, e que sempre admirei pela integridade e maneira de conduzir a vida. São poucas as palavras para lhe agradecer por tudo que fez para que este trabalho se concretizasse, abrindo mão de seus compromissos e de sua família, para me auxiliar (e como!) no registro das imagens, formatação e revisão do texto, embora eu assumo todas as imperfeições que não lhe deixei corrigir. Mas acima de tudo, quero lhe agradecer pela paciência, solidariedade e carinho que me dedicou, alagando de esperanças estes últimos e tensos dias de trabalho. E *pegando o gancho* como costumamos dizer, deixo também aqui registrado o meu

reconhecimento à professora Roseli Boschilia por me orientar no projeto deste Mestrado; por sempre encontrar a forma mais correta e sensata para a resolução de qualquer problema, mas principalmente por ensinar a nós todos que a vida tem valor e que nós temos valor diante da vida, pois *lançando o seu espírito jovem pelo ar, sempre vem e sempre virá solidária a nos ajudar*. Muito obrigada!

Professora Hilda Pívaro Stadniky, pelo profissionalismo, seriedade, excelente argüição, e sobretudo por ter indicado, em nosso breve encontro, *que não devemos esperar elogios para acreditarmos em nós mesmos*.

Aos amigos do GERPI: Marcos, Lorena, Sirlei, Éderson e Ximena por todo o carinho, apoio e por me indicarem que *felicidade se acha é em horinhas de descuido*.

Caetano Augusto, meu filho! Que vive dizendo que sua mãe *é louca por pensar assim*, mas “segurou a onda” este tempo todo, me apoiando e compreendendo que, apesar das nossas semelhantes perdas, continuamos compartilhando iguais esperanças e conversando mesmo no silêncio, sobre as possibilidades exercidas e as impossibilidades vividas.

E após várias manifestações, devo dizer que não teria concretizado esta pesquisa, se não fosse o firme trabalho de orientação de Judite Barboza Trindade, por quem alimento o maior respeito, carinho e amizade. É difícil explicar em breves palavras, toda a admiração que tenho pela senhora, tanto pela sua forma *autêntica de ser*, como também pelo seu espírito de solidariedade; não negando nunca um encontro, uma conversa, um telefonema, uma indicação ou um conselho. E agora, posso lhe dizer o que todos já sabem: que me sinto honrada por ter tido o privilégio de ser sua orientanda e compartilhar do seu conhecimento e dedicação; além de que, serei eternamente grata por ter a senhora, mostrado que realmente eu poderia transpor alguns obstáculos e ir além do que imaginava, justamente no momento que pensei não poder mais. Obrigada por me permitir *sonhar mais um sonho impossível, lutar quando é fácil ceder, voar num limite improvável, para enfim tocar o inacessível chão*.

Muitas são ainda as pessoas que preciso agradecer, mas o *tempo rei, continua transformando as formas de viver, e tudo agora poderá estar por um segundo*. Logo, deixarei para meus velhos e fiéis amigos este agradecimento em conjunto, porque todos vocês, sem exceção, se identificarão com estas palavras adaptadas; e é por esta razão, que nossa amizade é eterna. Para Pedro Valandro, Margareth Macedo, Elenice Costa, Márcia Fracaro, Fátima Freitas e Odete Gomes:

*Andamos devagar porque já tivemos pressa; e levamos esse sorriso porque já choramos demais. Hoje nos sentimos mais fortes, mais felizes quem sabe? E só temos a certeza de que muito pouco sabemos ou nada sabemos. Que conhecemos as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs. E sabemos que é preciso amar pra poder pulsar, é preciso paz para poder sorrir e é preciso chuva para florir. Penso, que cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha e ir tocando e frente. E nós como velhos boiadeiros levando a boiada, vamos tocando os dias pela longa estrada, pois sabemos que todo mundo ama e que um dia todo mundo chora; e que um dia a gente chega e no outro vai embora, porque cada um de nós compõe a sua história e cada ser em si carrega o dom de ser capaz e ser feliz.*

A todos vocês, obrigada!



**Momento Feminino: mulheres e o imaginário comunista.**  
(uma nova história, uma história nova)  
1945 - 1956

**Autora:** Viviane Maria Zeni-Leão

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Judite Maria Barboza Trindade.

**Banca Examinadora:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Hilda Pivaro Stadniky – Universidade Estadual de Maringá. — UEM.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roseli Boschilia – Universidade Tuiuti do Paraná. — UTP.

**Resumo.** Este estudo analisa o imaginário comunista e a participação das mulheres que aderiram ao Partido Comunista do Brasil – PCB, no período que compreende os anos de 1945 a 1956. Com o auxílio de um corpo documental que privilegiou biografias publicadas por militantes, instruções, divulgações políticas e doutrinárias, e acima de tudo os dossiês temáticos e fichas individuais da Delegacia de Ordem Política e Social —DEOPS; os periódicos da imprensa partidária como *Momento Feminino* — dirigido por mulheres em especial as componentes do PCB, *A Classe Operária* e *A Voz Operária*, além de depoimentos de quatro militantes que atuaram na organização durante o período evocado pela pesquisa, articulou-se a história das mulheres à história política e cultural pecebista. E para tanto, priorizou-se a construção da identidade do grupo comunista; as práticas adotadas durante a militância, sobretudo a integração de valores morais com valores práticos; além das experiências cotidianas das militantes que, encontraram no projeto utópico proposto pelo PCB, o motivo de sua existência. Ao vivenciarem constelações mitológicas e desenvolverem as qualidades e tarefas exigidas pela organização, as comunistas elaboraram, estruturaram e traduziram em imagens de uma sociedade radiosa, a ruptura com a realidade, sem portanto, destituírem-se de sua feminilidade, contribuindo desta forma, como mulheres e militantes do *Partido de Prestes*, na construção, difusão e preservação do imaginário político e cultural comunista.

**Palavras-chave:** mulheres, comunistas, imaginário.

**Abstract.** This work tries to analyze the communist imaginary and the participation of women that joined the Brazilian Communist Party (PCB), within the period that comprehends the years going from 1945 to 1965. Grounded on a documentary body, interweaving links were unveiled, articulating the history of women to the political and cultural history of the PCB. The documentary corpus privileged biographies published by militants, instructions, communications on doctrinary and political matters, and above all, the thematic dossiers and individual records kept in the DEOPS (The State Police for Political and Social Order) archives. The newspapers belonging to the party press like *Momento Feminino* (Feminine Moment) -that was directed by women, specially those affiliated to the PCB- the *A Classe Operária* (The Working Class) and the *A Voz Operária* (The Voice of the Working Class) were also taken into account, along with memories of four interviewed militants that were engaged in the organization during the evoked time period. During the study, were emphasized: the construction of the identity of the communist group; the adopted practices during their militant engagement, particularly the integration of moral with practical values; and also, the day-to-day experiences of the militants that found inside the utopical projects of the PCB their *raison d'être*. Surrounded by mitological constellations and developing the qualities and tasks demanded by the organization, communist women elaborated, structured and translated the rupture with reality into images of a radiant society. Nevertheless, without renouncing to their femininity, contributing this way as women and militants of the Prestes' Party, in the construction, diffusion and preservation of the communist political and cultural imaginary

**Keywords:** women, communists, imaginary

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>3</b>
<b>1 COMUNISTAS: ENTRE MITOS E UTOPIAS.....</b>	<b>20</b>
1.1 PCB E O IMAGINÁRIO POLÍTICO COMUNISTA: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE.....	20
1.2 STÁLIN: “O CARISMA FABRICADO”.....	40
1.3 LUÍS CARLOS PRESTES: “FAZER CRER, AMAR E AGIR”.....	56
<b>2 MULHERES DO PCB: A PARTICIPAÇÃO NO PROJETO UTÓPICO COMUNISTA.....</b>	<b>66</b>
2.1 A CONDIÇÃO FEMININA E AS COMUNISTAS NA GUERRA FRIA: UMA INTERPRETAÇÃO.....	66
2.2 O PCB E AS MILITANTES: FUNDAMENTANDO IDENTIDADES.....	78
2.3 PARTIDÁRIAS DA PAZ : A UTOPIA DE UM MUNDO NOVO. ....	89
2.4 A FAMÍLIA COMUNISTA: SEGREDOS DIVIDIDOS ... PODERES ESTABELECIDOS. ....	106
<b>3 MILITÂNCIA FEMININA: A INTEGRAÇÃO DE VALORES PRÁTICOS E MORAIS. ....</b>	<b>116</b>
3.1 NOVAS MULHERES: A MORALIDADE EXEMPLAR.....	116
3.2 VIDA PÚBLICA X VIDA PRIVADA: O DIA A DIA DAS MILITANTES .....	126
3.3 MULHERES COMUNISTAS: A FEMINILIDADE EM QUESTÃO. ....	141
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>150</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>155</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>159</b>

## INTRODUÇÃO

O período após a Segunda Grande Guerra iniciou sua trajetória sob o mesmo signo que havia norteado o final do século XIX: a partilha do mundo. De um lado, a decisiva contribuição do Exército Vermelho na derrota nazista e o crescimento do movimento comunista no Leste Europeu, Ásia e América Latina redimensionaram as imagens e representações sobre a URSS. Por outro lado, o capitalismo europeu, visando a sua recuperação, buscou criar um Estado que possibilitasse melhorias às classes socialmente desfavorecidas, adotando assim o perfil clássico do Estado do Bem-Estar Social. Contudo, o grande impulso para a recuperação econômica ocidental européia ocorreu através do auxílio norte-americano, auxílio que consolidou a hegemonia dos Estados Unidos da América no setor político e econômico ocidental.<sup>1</sup>

A disputa pela hegemonia mundial conduziu as duas superpotências a desenvolverem armas nucleares e paradoxalmente abandonarem a guerra como instrumento de política. Entretanto, ambas utilizaram a ameaça nuclear sem intenção de cumpri-la, criando em várias gerações, o medo da *destruição mútua inevitável*.

A geração que vivenciou a divisão do mundo entre as forças do *Bem e do Mal* — expressão utilizada para salientar o aspecto caricatural dessa oposição carregada de permanente rivalidade de poder, preconceitos, intransigências e principalmente incompreensão da alteridade — procurou idealizar, através de suas utopias, um mundo novo. E não foi por acaso que milhares de homens e mulheres abandonaram uma vida supostamente estável dentro da ordem a que estavam submetidos, a ordem capitalista, aderindo aos Partidos Comunistas em oposição aos valores dominantes, que sob a égide da liberdade exploravam os homens.

Os brasileiros não fugiram a esta regra, ingressando no Partido Comunista do Brasil — PCB que por sua vez despertava vertiginosamente para a vida política. Cabe ressaltar, que o movimento reivindicatório e organizacional dos trabalhadores urbanos, por tanto tempo reprimido pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, tornou-se mais intenso na conjuntura do pós-guerra, e o PCB emergia na cena política como um partido de base operária, em plena

---

1 O programa apresentado em junho de 1947, pelo secretário norte-americano George Marshall, visava “eliminar” na Europa, a pobreza provocada pela destruição. Porém, implicitamente, o seu principal objetivo consistia em eliminar as idéias do “credo vermelho” dominar o mundo, constituindo-se desta forma no meio mais eficaz para aumentar e consolidar a influência norte-americana no âmbito mundial.

legalidade e com certa capacidade de mobilização das massas.

Vivendo as novas experiências, os comunistas brasileiros aderiram ao mito da construção do socialismo, encontrando neste as ferramentas necessárias para dominar os acontecimentos de um mundo que desprezavam para reordená-lo sob novas certezas. Assim sendo, muitos homens e mulheres se uniram e vivenciaram o PCB como uma grande família, criando representações sobre o seu grupo, por intermédio de seus valores, de suas crenças, de sua moral, de sua tradição, reestruturando-o culturalmente. E no interior desta família, as mulheres inseriram-se de forma significativa.

Desta forma, caracterizar o imaginário comunista por intermédio da participação das mulheres no PCB, no período que compreende os anos de 1945 a 1956, e num duplo, identificar como elas enquanto mulheres e militantes contribuíram para a construção, difusão e conservação da cultura comunista, tornou-se o objetivo desta pesquisa.

A escolha desta periodização não foi aleatória, pois a partir de 1945 o PCB oscilou entre a *política de quadros* e a *política de massas*, abrindo-se pela primeira e talvez única vez para a sociedade, fator relevante para a ampliação dos quadros femininos, consolidação dos laços de solidariedade entre o grupo e fundamentação de sua identidade. Além disso, o final da Segunda Grande Guerra contribuiu para que uma outra representação projetada em torno de Joseph Vissarionovitch Djughashvili, o camarada Stálin, delineasse a *modalidade de ser* dos militantes. Logo, durante esta temporalidade, para os homens e mulheres do PCB, ser comunista ou ser stalinista possuía o mesmo significado. E esta *modalidade de ser* somente se modificou devido ao impacto das denúncias de Nikita Krushev, que abalaram o movimento comunista internacional, afetando inclusive o PCB. O *Partido de Prestes*, como era denominado, literalmente se dissolveu devido às posições antagônicas de seus componentes. Muitos se desligaram da organização, enquanto outros, e as mulheres se inseriram neste grupo, resistiram ao abalo de suas crenças, permanecendo *fiéis e leais* ao Partido, que por sua vez, adotou uma nova postura política, expressa dois anos após na Declaração de Março de 1958, considerado por muitos estudiosos como o documento oficial de *renascimento* do PCB.

Importa salientar que neste período as representações de gênero atribuíam ao feminino a maternidade e os afazeres domésticos, sendo os compromissos profissionais e a questão da cidadania postos à margem pela sociedade brasileira, sociedade hierárquica, conservadora e cristalizadora de posições. Logo, trabalhar a história das mulheres e, sobretudo, a história das mulheres comunistas exigiu cuidados especiais.

Primeiro porque os militantes do PCB, devido ao longo período de clandestinidade,

nem sempre deixaram de forma ordenada registros sobre as suas experiências. E esta ausência até certo ponto é compreensível, pois a repressão era intensa e a destruição dos seus bens materiais e simbólicos fazia parte do seu cotidiano. Segundo porque os diversos trabalhos realizados sobre as mulheres em geral impõem um exame crítico por parte do pesquisador, pois ora as mulheres despontam como vítimas em análises lineares e progressistas, ora aparecem como *verdadeiras* heroínas incorporadas em narrativas prontas, atendendo assim, aos propósitos de alguns movimentos.

Uma análise mais aprofundada da trajetória das mulheres como agentes produtores de sua própria história permite perceber que a historiografia oficial, por um longo período, não permitiu a sua visibilidade, pois imortalizando o discurso proposto em fins do século XIX pelo positivismo, que, interessado exclusivamente pela história política e o domínio público, privilegiou as fontes oficiais nas quais as mulheres pouco apareciam.

Contra-pondo-se à proposta positivista que principiava pelos aspectos políticos, surge a Escola de *Annales* invertendo este processo, contribuindo de forma consubstancial para que a *mulher* como sujeito fosse incorporada à historiografia, embora seus historiadores não privilegiassem a história das mulheres. A pretensão da totalidade no descobrir os múltiplos condicionantes que regem o funcionamento da sociedade, conduziu os *Annales* a defenderem a aproximação com outras áreas do conhecimento. Esta interdisciplinaridade, segundo Marc Bloch, traduziria o conjunto das habilidades manifestas do historiador, servindo assim, como apoio para suas argumentações históricas.

Na continuidade das contribuições dos *Annales*, a história passou a ser concebida como algo ilimitado, sem um fim pré-determinado. Em outras palavras, um romance que vinha sendo escrito, onde todos os seres humanos poderiam ser encarados como protagonistas. E partindo desta concepção, desenvolveram-se novos campos, como a história das mentalidades e a história cultural, que por sua vez, possibilitaram novas abordagens do feminino, embasadas em outras disciplinas como a Linguística, Literatura, Psicanálise e Antropologia.

Abrindo-se em sua primeira geração para a Antropologia, e concretizando esta proposta em sua terceira geração, os *Annales* recuperaram a história da família, possibilitando um maior conhecimento sobre o papel da mulher. Nesta geração, destacam-se entre muitos historiadores Michelle Perrot e Roger Chartier. Não se pode negar que esta interdisciplinaridade na historiografia, somada aos movimentos feministas ocorridos na década de 70, foi de grande valia para o estudo das mulheres.

Os movimentos feministas que apresentavam as reivindicações do *outro sexo* eclodiram nos Estados Unidos da América e se disseminaram em várias partes do mundo, provocando uma corrida desenfreada na busca de informações sobre as questões que estavam sendo discutidas. Isto gerou no setor acadêmico uma mobilização em favor de estudos dedicados às mulheres, que possibilitou o desenvolvimento de pesquisas sobre sua história e o reconhecimento deste campo em nível institucional. Este reconhecimento não se limitou a França, Inglaterra e Estados Unidos da América — países onde os movimentos feministas tiveram maior destaque — disseminando-se para espaços geográficos maiores, e o Brasil inseriu-se neste processo.<sup>2</sup>

Escusado citar, que entre os anos 50 e 70, o número de mulheres que havia ingressado no mercado de trabalho e, sobretudo, nas universidades já atingia proporções consideráveis, contribuindo significativamente para a conquista de novos espaços, dando-lhes certamente, maior visibilidade.

Contudo, os historiadores mesmo incorporando novos elementos, estavam envolvidos em discursos hegemônicos, negligenciando assim, a história como a produção feita por homens e mulheres que a vivenciam a todo instante, tanto nos recônditos do privado, como no espaço público, reafirmando desta forma um dualismo há muito existente entre mulher-espço privado e homem-espço público. Este estigma imposto às mulheres através da dicotomia entre esfera pública e privada, baseado no antagonismo homem-razão *versus* mulher-sensibilidade, imortalizou-se e perdura até os dias de hoje na sociedade ocidental. Discurso, aliás, herdeiro da cultura burguesa, que os historiadores mesmo em sua pós-modernidade insistem em reproduzir, apesar de todas as tentativas em romper tais barreiras.

Portanto, quando se pretende pensar a história das mulheres, deve-se em primeiro lugar analisar criteriosamente os diferentes enfoques existentes, evitando assim, tendências a generalizações e premissas pré-estabelecidas. E para tanto, deve-se buscar novos saberes que rompam com a dominação sem tentar reproduzir de forma inversa as categorias do sistema de dominação vigente. Este referencial faz emergir o gênero como categoria de análise, pois lidar com a noção de gênero conduz o historiador a perceber construções sociais, convidando-o a

---

2 SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, C.F.; VAINFAS, R. *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 275-296. Ver também MATOS, Maria Izilda de. *Por uma história da mulher*. São Paulo: EDUSC, 2000.

“desconstruir o universal e mostrar a sua historicidade”.<sup>3</sup>

Entendendo que na sociedade humana, os modelos femininos e masculinos são inseparáveis e com a sempre presente preocupação em pensar a história das mulheres, desconsiderando a oposição masculino/feminino e a valorização da diferença, buscou-se construir um caminho percorrido pelas comunistas brasileiras, fazendo-as emergir também como sujeitos históricos.

Desta forma, a categoria-gênero nesta pesquisa é compreendida pelo seu caráter relacional, pois existem muitos gêneros *femininos* e *masculinos* que se definem um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente em uma determinada temporalidade e espacialidade, fornecendo assim, significado às relações de poder.<sup>4</sup> Em outras palavras, as noções de masculino e feminino são categorias historicamente construídas e suas especificidades transpõem as diferenças culturais de cada grupo social e as definições da realidade que geram. Portanto, os sexos são diferentes à medida que seus membros acreditam nesta diferença. E no caso específico do grupo comunista, ocorreu uma singularidade com relação às militantes, que por sua vez eram encaradas pelo Partido não como mulheres e sim como comunistas, como será evidenciado no decorrer do trabalho.

Importante acrescentar que a aproximação dos estudos de gênero com a Antropologia e Psicologia abriu um leque de reflexões para a análise de expressões culturais, e, neste terreno extremamente fértil, os trabalhos de Edward Palmer Thompson e Roger Chartier foram de grande valia, pois as suas diferentes interpretações se complementaram, fornecendo o substrato teórico de análise para reabilitar conflitos e contrastes no plano cultural criado pelo grupo comunista.

Edward Palmer Thompson ao analisar o “fazer-se da classe operária” constatou que a experiência se constituía em uma forma de *fazer-se* dos operários, e quanto mais emotiva, se torna mais rica, porque dinâmica; portanto precisa ser construída, pois à medida que é trocada, torna-se consciente. Em outras palavras, o que era experiência material se torna culturalmente valiosa quando trocada coletivamente. E entendendo que a experiência vivida e compartilhada entre as pessoas passa pelo recolhimento de vestígios materiais, concluiu que ela representa o

---

3 PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: UNESP, 1998. p. 133. Ver também SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, v.16. n. 2, jul./dez.1990 e \_\_\_\_\_. *História das Mulheres*. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 63-96.

4 MATOS, Maria Izilda S. de. op. cit., p. 16.

papel material da formação da classe. Unida à consciência que mentalmente reúne experiências individuais, representa agora a parte imaterial do processo. Assim sendo como resultado da experiência e consciência, Thompson conceituou a organização de classes e propôs uma outra maneira de investigar como as experiências são elaboradas em termos culturais, incorporadas às tradições, sistemas de idéias, valores e formas institucionais que podem se constituir em consciência de classe.<sup>5</sup>

Já Roger Chartier ao trabalhar a História Cultural observou que as próprias representações do mundo social são componentes da realidade social, uma vez que as pessoas criam representações objetivando dar um sentido às suas vidas. Assim sendo, ao abordar a perspectiva da História Cultural, através destas indicações, pôde-se delinear, mesmo que parcialmente, como os comunistas criaram sua forma alternativa de pensar através dos seus costumes, moral, vida partidária, enfim, “das estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um ser ‘apreendido’ constitutivo de sua identidade”.<sup>6</sup>

Assim sendo, as indicações da categoria-gênero somada ao enfoque cultural possibilitaram divisar como os comunistas, através de suas experiências cotidianas, construíram seus laços de solidariedade, transmitiram e perpetuaram suas tradições, encontrando neste conjunto, o material necessário para imaginar uma organização social mais justa e solidária.

Nesse sentido, o conceito-chave de representação não deve ser menosprezado, uma vez que conduz a percepção do imaginário social em suas especificidades nos múltiplos recortes espaço-temporais. Em outras palavras, ao envolver todas as manifestações mentais de uma realidade exterior vivida, manifestações estas que ultrapassam a realidade concreta, as representações permitem perceber que cada sociedade possui o seu imaginário, nos mais diversos momentos históricos.<sup>7</sup>

E, compartilhando das reflexões de Bronislaw Baczko sobre os imaginários sociais, considera-se necessário reproduzir as suas observações com o propósito de demonstrar como

---

5 THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. I. A árvore da liberdade; II. A maldição de Adão; III. A força dos trabalhadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

6 CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1985. p. 43.

7 PATLAGEAN, Evelyne. *A história do imaginário*. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 292-318.



o peso do imaginário é de fato relevante sobre as práticas coletivas, uma vez que fundamenta múltiplos referenciais inseridos no sistema simbólico que qualquer sociedade produz, sistema no qual ela se percebe e cria sua identidade, elaborando uma representação de si mesma. Por intermédio do sistema simbólico, o imaginário social opera e se legitima. Porém, todo o aparato simbólico que envolve uma sociedade é construído a partir da experiência desses agentes sociais, como também de seus desejos, recusas e aspirações. Por conseguinte, para o autor “toda a sociedade possui o seu modo específico de ser, pensar, acreditar e agir, bem como renovar e reproduzir o seu imaginário.”<sup>8</sup>

Desta forma, pôde-se perceber a sua função eficaz como dispositivo de controle das práticas coletivas, como também do exercício da autoridade e do poder. E para compreender como o grupo comunista interpretava a sua realidade social, e refletir sobre a legitimidade do poder que regia tal realidade buscou-se — além da já mencionada História Cultural — apoio nas indicações teóricas da convencionalmente denominada História Política Revisitada.

Quando abandonaram a história política tradicional, os historiadores do poder e da política, depararam-se com novas possibilidades teóricas, possibilidades oferecidas pela Antropologia cultural e política. As questões relativas ao Poder e Política encontraram um campo fértil, dominado pelas representações sociais e suas ligações com as práticas sociais e o estudo dos símbolos, idéias, imagens, mitos, utopias, ou seja, das diversas práticas discursivas associadas ao poder foram colocados como problemáticas prioritárias.<sup>9</sup>

Portanto, para a análise do projeto utópico comunista, a contribuição de Raoul Girardet, Bronislaw Baczko e Pierre Ansart ao longo do trabalho é permanente, uma vez que orientaram as reflexões em vários aspectos, sendo que muitas das suas indicações, foram ressaltadas à medida que se fez necessário articulá-las à narrativa realizada.

No entanto, nesta investigação, uma questão nova foi colocada pela leitura do

---

8 BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia Einaudi. *Antropos-Homem*, v. 5. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.

9 Necessário salientar, que a História Política tradicional, não desapareceu repentinamente. O processo foi longo, devido aos diferentes universos historiográficos. Contudo, merece destaque a visão marxista, que se opôs aos pressupostos e características da história política tradicional, ainda no século XIX. Marx e Engels, de acordo com Francisco Falcon, denunciaram em especial, “a noção de política desvinculada da totalidade do processo histórico e presa fácil da ideologia”. Embora a teoria marxista da história ficasse mais ou menos excluída dos grandes centros historiográficos até a Segunda Grande Guerra, esta retorna através da *New Left Review* (fundada pelos ingleses membros do Partido Comunista britânico), com um caráter extremamente renovador, contribuindo de forma considerável, para aprofundar o abismo que se formara entre historiadores e a história política tradicional. Ver as análises de FALCON, Francisco. *História e Poder*. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). op. cit., p. 61-89 e RÉMOND, René. *Uma história presente e Do político*. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 13-36 e 441-454 respectivamente.

trabalho do historiador Jorge Luiz Ferreira, que ao discutir os elementos de religiosidade que se integraram ao imaginário comunista no período stalinista, introduziu outros ângulos interpretativos referentes ao conjunto de idéias e imagens socialmente reconhecido pelos militantes e sua relação na eficácia do projeto utópico comunista, além de contribuir metodologicamente no desenvolvimento do trabalho.<sup>10</sup>

Suas orientações, somadas a análise sobre utopia realizada por Helena Isabel Mueller, forneceram os subsídios necessários para compreender *utopia* como parte integrante de uma determinada realidade, cabendo ao historiador

[...] não calcular o quanto de possível ela contém, mas perguntar como, de que maneira as realidades de um certo presente, suas formas de pensar, de ver e, principalmente, de imaginar, se traduzem nas (e através das) utopias. Perguntar-se como é que as utopias participam do presente buscando superá-lo.<sup>11</sup>

Porém o estudo do imaginário, e neste caso específico do imaginário comunista através da participação feminina no PCB, apresentou dificuldades que foram precisas enfrentar. Partindo do pressuposto que para trabalhar o imaginário não se pode dispensar uma criteriosa seleção e tratamento de evidências, uma vez que a variedade de fontes que permite utilizar deve ser vislumbrada como oportunidade de enriquecimento da análise percebeu-se em um primeiro momento que os registros históricos sobre as mulheres em geral eram extremamente lacunares e porque não dizer escassos, erguendo uma barreira contra a investigação. Escusado citar que esta ausência de fontes sobre as mulheres ocorre porque estas, dado à sua condição de gênero, eram apartadas da vida pública, sobretudo no que concerne às militantes comunistas, que não foram excluídas somente por serem mulheres, mas também devido a sua posição ideológica e ação política que desafiavam os códigos da época. Além disso, como já citado, os comunistas nem sempre deixaram registros sobre suas experiências e estes obstáculos tornaram o trabalho de recuperar a trajetória das militantes entre os anos de 1945 a 1956, uma tarefa particularmente árdua, requerendo uma pesquisa de fontes muito diversificadas.

---

10 Jorge Luiz Ferreira é professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense e concluiu em 1996 o seu doutorado em História Social na Universidade de São Paulo com a tese *Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil. (1930-1956)*. São Paulo, 1996. Tese (Doutoramento em História). Setor de Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

11 MUELLER, Helena. *Uma utopia. As utopias*. In: \_\_\_\_\_. *Flores aos rebeldes que falharam*. Giovanni Rossi e a utopia anarquista. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, p. 17. Cabe ressaltar que embora a obra de Helena Mueller trate sobre a utopia anarquista, na primeira parte de seu trabalho a autora elabora uma densa discussão sobre a utopia, visando contribuir para que pensemos “sempre mais na ótica da ruptura, do desejo e dos sonhos” e sua análise motivou várias reflexões, auxiliando substancialmente o desenvolvimento do trabalho proposto.

Algumas fontes, tais como trabalhos biográficos publicados por antigos militantes, obras clássicas e doutrinárias, auxiliaram substancialmente nas reflexões sobre as idéias que permeavam o imaginário comunista, permitindo articular o processo de construção de identidade do grupo ao mito da *Idade do Ouro*, tendo em sua origem a Revolução de Outubro de 1917.

Já o corpo documental selecionado no Arquivo do DEOPS, sob os cuidados do Departamento do Arquivo Público do Paraná — DEAP que abrangeu instruções, divulgações políticas, folhetos e cartazes encontrados nos dossiês temáticos e fichas individuais, auxiliaram no delineamento do perfil e na reconstituição das atividades das militantes dentro da sistemática dos quadros de base do Partido.

Outras fontes extremamente úteis foram os depoimentos prestados por dois homens e duas mulheres que militavam no PCB no período. Importa salientar que o recurso a fontes orais imperou como uma necessidade metodológica imposta pelas lacunas existentes em outras fontes, como também pela ausência de outros tantos registros históricos.

De acordo com a metodologia da História Oral, analisou-se criteriosamente estes depoimentos, que por sua vez, se tornaram um material rico e denso, permitindo por um lado recuperar as experiências cotidianas das mulheres do PCB e por outro lado, através do confronto do conteúdo explícito e implícito contido na fala dos depoentes com a documentação encontrada nos arquivos do DEOPS e periódicos da imprensa partidária, estabelecer um diálogo de outra ordem, possibilitando assim, recriar a trajetória coletiva do grupo comunista.

As mensagens existentes nos jornais da imprensa partidária apresentaram-se como fontes particularmente ricas, sendo intensamente utilizadas. Estes veículos impressos permitiram recuperar, mesmo que parcialmente, as experiências do grupo comunista e a participação das mulheres no interior da organização.

Importa neste momento salientar, que para a análise mais detalhada das mensagens contidas nos periódicos, é necessário ter-se em mãos uma seqüência sistemática destas fontes, e como nos Arquivos existentes no Paraná as lacunas foram muitas, recorreu-se ao Arquivo Edgar Leuenroth — AEL que possui um considerável corpo documental sobre o PCB. Nele encontram-se coleções e fundos de militantes como Astrojildo Pereira, Heitor Ferreira Lima, Hélio de Lacerda Manha, Heloísa Prestes, Hermínio Sachetta, Octávio Brandão, entre outros, além de um acervo de livros, revistas, obras doutrinárias, folhetos, resoluções, panfletos e filmes cinematográficos sobre o movimento comunista no Brasil.

Diante deste material, optou-se por pesquisar alguns periódicos como *Momento Feminino*, considerado como “o porta-voz da luta das mulheres” e dirigido exclusivamente por mulheres, em especial as militantes do PCB. Durante os seus dez anos de existência, o jornal coordenou o trabalho das organizações femininas então existentes com o objetivo de conscientizar as mulheres em todos os aspectos relevantes de suas vidas. As várias mensagens contidas em suas páginas abriram um leque de reflexões, permitindo a discussão sobre o feminino na militância. As ações divulgadas e, principalmente, as imagens das revolucionárias existentes nos exemplares consultados, desmistificam as representações criadas para as militantes pelo discurso anticomunista que possuía na Grande Imprensa e na Igreja, suas mais fortes aliadas.

Da imprensa partidária foram selecionados também para consulta *A Voz Operária* e *A Classe Operária*, com o objetivo de encontrar nestes, a matéria prima necessária para compreender como os comunistas davam significado e interpretavam a realidade social que viviam e como as mulheres se inseriam neste processo. Os jornais *Tribuna do Povo* e *Imprensa Popular*, publicados no Paraná e localizados nos dossiês temáticos do DEOPS, complementaram as informações, sobretudo quando levantadas às questões pertinentes as militantes paranaenses.

Importa aqui sublinhar, que a opção por estas fontes não foi aleatória pois o discurso jornalístico tem como característica atuar na institucionalização social dos sentidos. Bethânia Mariani, ao trabalhar como foi produzido o PCB pelo discurso jornalístico da *imprensa de referência*, alerta que a propriedade deste se concentra “na sua submissão ao jogo das relações de poder vigentes, [ou seja] na sua adequação ao imaginário ocidental de liberdade e bons costumes”. Por sua vez, os grupos minoritários e sobretudo os partidos comunistas, criaram seus próprios jornais como subterfúgio para escapar desses gestos já marcados por um interdiscurso.<sup>12</sup>

---

12 Mariani utiliza a expressão *imprensa de referência*, apoiada nos estudos de Gérard Imbert, que a conceitua, como aquela que “contribui na representação/conformação da opinião pública, tanto no plano nacional quanto internacional.” Por conseguinte, a *imprensa de referência* possui como função social e política a emissão e mediatização de opiniões, porque representa uma forma de poder simbólico, uma vez que informa o poder. Por outro lado, Dominique Mainguenu au ao discutir as novas tendências que permeiam a disciplina de Análise do Discurso, demonstra que a interdiscursividade é a relação de um discurso com outros discursos. Para o autor, o interdiscurso permite a interação entre diferentes formações discursivas, uma vez que todo discurso é gerado a partir de um trabalho sobre os diferentes discursos. Foram portanto, estes os sentidos emprestados a estes termos nesta pesquisa. Ver MARIANI, Bethânia. O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas/SP: UNICAMP, p. 1998. e MAINGUENAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes: UNICAMP, 1997.

Esta indicação permitiu formar um elo de ligação entre imprensa de referência — da direita — e imprensa partidária — da esquerda — uma vez que, sob a nossa ótica, a produção de sentidos pelo discurso jornalístico não é um apanágio somente da primeira.

Em outras palavras, apesar da especificidade no que se refere à profusão de imagens, códigos e símbolos totalmente reconhecidos por um determinado corpo social, e, à intensidade do uso de representações que tipificam a literatura de caráter político de *direita*, importa levar em conta que também a imprensa da *esquerda* apresentou uma maneira própria de utilizar imagens e símbolos com sentido político. Porém, e não há como negar, pôde-se observar que o maniqueísmo, as representações dicotômicas e os arquétipos que caracterizaram a imprensa de referência, como demonstrou Mariani, também foram utilizados pelos comunistas, apenas com o sentido inverso.

Com a presente preocupação sobre a importância do discurso jornalístico na formação do imaginário social, sedimentação da memória passada e construção da memória do futuro, os jornais da imprensa partidária utilizados como fontes nesta pesquisa receberam um tratamento especial. A metodologia para leitura e interpretação destes periódicos, teve como referencial as idéias básicas propostas pela escola francesa de Análise do Discurso — AD — embora o objeto central da discussão não se concentre em um trabalho de análise de discurso.<sup>13</sup>

Todavia, as noções gerais da disciplina Análise do Discurso auxiliaram consideravelmente o trabalho de análise das fontes, permitindo divisar como as militantes do PCB se posicionaram e se identificaram nos mais variados discursos existentes nos periódicos consultados.<sup>14</sup>

---

13 Para esta tarefa, além dos trabalhos já citados de Dominique Mainguenu e Bethânia Mariani, foram consultadas as seguintes obras: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas. o que falar quer dizer*. 2ª. ed. São Paulo: USP, 1998; BRANDÃO, Helena N. *Introdução à Análise do Discurso*. 7ª. ed. Campinas: UNICAMP, s/d; FIORIN, José L. *Linguagem e Ideologia*. 7ª. ed. São Paulo: Ática, 2001. FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996 e ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

14 Em linhas gerais, entre as idéias básicas da disciplina Análise do Discurso considerou-se: a) o estabelecimento da relação entre Análise do Discurso e história; b) a percepção da polissemia dos discursos; c) a compreensão de que todo processo discursivo é sempre um processo de produção de sentidos, logo toda a produção discursiva é uma produção ideológica; d) a observação da dialética existente entre formação discursiva e formação ideológica; e) a apreensão de que os discursos possuem como componente básico, o simbólico; f) a percepção da pertinência do ritual e sua eficácia na crença de todos e g) a compreensão da importância do contexto histórico, pois sem a contextualização necessária não se poderá identificar quem produziu o discurso, de que lugar fala, para quem, como e em que circunstâncias foi produzido, a que tipo pertence e, sobretudo, qual o seu sentido. Em suma, estas foram as indicações seguidas para leitura e análise das fontes levantadas para a pesquisa.

E partindo do pressuposto que “o imaginário é produto do discurso, no qual se efetua a reunião de representações coletivas numa linguagem”<sup>15</sup>, um olhar mais atento foi direcionado para as imagens, códigos, símbolos e signos existentes nas falas destas fontes, visando associá-los a um imaginário que encontrou no comunismo o projeto de sua existência e de sua identidade social.

Torna-se pertinente aqui registrar que o PCB, guiado pelo centralismo democrático, identificava-se na prática com a unanimidade, sobre a qual o Comitê Central decidia em nome da maioria. Logo, aos comunistas não era permitido questionar as suas resoluções, e sim solicitar esclarecimentos e orientações, pois delegaram o seu poder de decisões a uma autoridade: o núcleo dirigente pecebista, permitindo que este assumisse, em nome da classe que acreditavam representar, um domínio sobre o Partido.

Ressalta-se ainda que, sendo o político um campo de força e de luta, constituído sobre uma determinada relação, ocorre neste campo o jogo do discurso que, proferido por profissionais, possui um componente ideológico construindo assim uma determinada realidade. Introjeto, este discurso conduz as pessoas a assimilarem determinados valores e rituais, legitimando o poder simbólico do político. Nesta construção os componentes ressaltados são culturais, porque o jogo do político carece da identidade. Desta forma, pode-se inferir que o poder não necessita do real e sim do simbólico, uma vez que culturalmente as pessoas preferem ser representadas por outras superiores a elas, e por esta razão, os homens e as mulheres do *Partido de Prestes* delegaram à organização e seus profissionais uma espécie de crédito ilimitado, a *fides implicita*, permitindo ao núcleo dirigente retirar-lhes a posse de qualquer controle sobre o aparelho.<sup>16</sup>

Assim sendo, a primeira questão que se colocou para a pesquisa relacionou-se ao delineamento da identidade dos comunistas. Importou saber as idéias, dogmas e representações políticas comuns aos militantes no Brasil, ao longo dos anos 40 e 50.

No primeiro capítulo estas questões foram abordadas, procurando demonstrar o peso do imaginário sobre as práticas dos revolucionários. E para tanto, a inserção do PCB e o processo de reconhecimento e legitimação de sua autoridade, foram apresentados objetivando demonstrar como os comunistas viviam a organização como uma constelação mitológica, fundamentando nela a sua identidade. Certamente tornou-se impossível apontar

---

15 BACZKO, Bronislaw. *op. cit.*, p. 304.

16 BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

completamente a trajetória política do Partido, haja visto as inúmeras interpretações existentes sobre esta temática, que escapariam aos propósitos desta pesquisa. Desta maneira, optou-se por contextualizar brevemente a trajetória pecebista, destacando as falas dos militantes, principalmente das mulheres, visando associa-las ao processo de construção da sua identidade enquanto comunistas.

Os modelos exemplares a serem seguidos, acreditados e amados como o camarada Stálin, o *guia genial dos povos* e Luís Carlos Prestes, o *Cavaleiro da Esperança*, estão presentes nesta parte com o propósito de identificar o significado desses líderes partidários na definição do imaginário dos comunistas.

Importa aqui considerar, que a fusão entre Estado soviético e Partido consolidou-se mais radicalmente, através do stalinismo, embora em pleno limiar do século XXI, algumas polêmicas sejam levantadas sobre a validade de tal caracterização. Contudo, compartilhando da opinião de muitos estudiosos, de que sempre é perigoso definir um fenômeno social a partir de um único personagem, sublinha-se que o regime comunista possuiu marcas inexoráveis de seu dirigente máximo. Logo, o *Homem que mais amamos*, como diziam os militantes ao se referirem a Stálin, se impôs e exigiu um destaque maior.

A atuação das mulheres que aderiram ao projeto utópico comunista no Brasil está contida no segundo capítulo. Os acontecimentos que envolviam o país como a carestia de vida, educação, descaso com a infância, desqualificação no trabalho e repressão política, além do abalo nas propostas de paz que despontavam no âmbito mundial, serão contextualizados nesta parte. Compreender estas questões implica relacionar, *a priori*, de que forma as militantes interpretavam a realidade que viviam e em que medida elas contribuíram para a efetivação do projeto utópico proposto pelo Partido. Logo, foram destacadas entre suas inúmeras atividades, as referentes às campanhas contra a carestia, pela infância e acima de tudo pela preservação da paz.

Contudo, emergiu como tema central deste capítulo as práticas adotadas pelo grupo que, baseadas em uma moralidade exemplar, geraram sobre os camaradas um significativo conjunto de representações. A disciplina e lealdade à organização, bem como as qualidades atribuídas aos militantes, conduziram as mulheres comunistas a reconhecerem-se e considerarem-se, devido a sua *têmpera especial*, como pessoas superiores às demais, reforçando desta forma, um código de conduta que marcou indelevelmente a cultura do PCB.

Por último, o terceiro capítulo, priorizando o cotidiano da militância feminina, discute a fluidez existente entre o público e o privado, apontando como esta prática legitimou

a identidade das mulheres no interior da organização. Prioridade aliás produtiva, pois embora tenha o *inconfessado oculto tornado-se inconfessável*, no que concebe à vida privada das militantes, erguendo outra barreira contra a investigação, pôde-se mesmo assim, demonstrar como o conjunto de normas, comportamentos e valores foi apropriado, no sentido utilizado por Roger Chartier, por essas mulheres.

Além disso, as preocupações cotidianas das mulheres do PCB relacionadas a sua feminilidade e às imagens destas encontradas no conjunto de fontes documentais foram ressaltadas na discussão sobre o feminino na militância, possibilitando desmistificar além das imagens negativas construídas pelo discurso anticomunista sobre as militantes, um estereótipo consagrado a estas mulheres, após os anos 60 e 70, o qual sugere a sua masculinização, e que perdura até os dias de hoje em nossa sociedade.

Não se pode deixar de mencionar que os movimentos de mulheres que já se articulavam no país desde os anos 30, continham no seu bojo as reivindicações femininas voltadas à conquista de novos espaços no mercado de trabalho e à luta pela igualdade de direitos políticos entre os sexos.

Mais tarde, na luta pela redemocratização, as militantes com o apoio do Partido, se sobressaíram nestes movimentos ao fundarem associações, Uniões Femininas e a Federação de Mulheres do Brasil, centrando a sua luta contra a carestia de vida, pela defesa e proteção da infância, pelos direitos políticos, jurídicos, sociais e econômicos da mulher e pela preservação da paz. O eixo condutor destas questões gerava em torno do debate sobre a democracia como uma forma de melhorar as condições de vida da sociedade brasileira, estendendo-se à população mundial. Buscando no projeto proposto pelo PCB o material necessário para imaginar um mundo mais justo, porque conduzido pelos caminhos do comunismo, as militantes enfrentaram preconceitos sociais, por desafiam os códigos vigentes da época.

Mas quem eram essas mulheres que contrariaram os modelos comportamentais vigentes, assumindo uma postura política e ideológica, integrando-se a um Partido vislumbrado por todos como o *mal absoluto*? Para responder esta indagação, tornou-se prioritário traçar o perfil das militantes ciente de que o exercício de análise carece de conhecimento, experiência e familiaridade concreta com o objeto, além do *difícil esforço da imaginação*, conjunto este que possibilitou construir um sistema de pensamento coerente e consistente que pôde ser inferido para assim resgatá-las da “enorme condescendência da posteridade”.

E para tanto foram utilizadas como fontes o material localizado no arquivo do



DEOPS acima citado e o Dicionário Mulheres do Brasil. A primeira fonte possibilitou registrar os nomes das mulheres do PCB no Paraná; a base de que a segunda fonte permitiu identificar algumas militantes no restante do país, sendo a metodologia usada para atender esta questão, a seguinte:

No arquivo de DEOPS foram consultados os dossiês temáticos sobre os Comitês Municipais do PCB existentes no Paraná, uma vez que nestes geralmente encontravam-se elencados os nomes dos militantes que o compunham. Deste rol de nomes, selecionou-se o das militantes para após localizar as suas fichas ou dossiês individuais. Muitas mulheres que não constavam nestas listagens, foram também localizadas na pasta intitulada pelo DEAP, como “Dossiês Individuais”, que além de conter o nome de todos os militantes do PCB entre os anos 30 e 80, registra o ano em que foram fichados pelos agentes da polícia política.

Assim posto, foram identificadas 225 mulheres divididas nos seguintes comitês: 55 em Curitiba, 52 em Londrina, 47 em Paranaguá, 21 em Antonina e 49 no interior, compreendendo, segundo a lógica da polícia, que esta última região abrange as cidades de Apucarana, Ponta Grossa, Ibiporã entre algumas situadas na Zona Norte e Sul do Estado. Destas, 152 possuíam fichas ou dossiês individuais entre os quais somente 68 continham dados mais específicos, porém lacunares. Duas militantes, como já mencionado, foram localizadas concedendo gentilmente depoimentos sobre a sua trajetória no Partido.

Nas 68 fichas e dossiês consultados foi possível constatar que durante o período pesquisado, a idade das comunistas era desde 18 anos (a mais nova) até 53 anos (a mais velha). Vinte mulheres trabalhavam como domésticas e treze dividiam-se em: 02 professoras; 02 donas de casa; 01 enfermeira; 01 cirurgiã-dentista; 01 costureira; 01 bancária; 01 operária; 01 telegrafista; 02 lavradoras e 01 estudante.

No que tange ao estado civil, havia praticamente o mesmo número de casadas que solteiras (nove contra sete). Somente uma foi registrada como viúva. Sete destas mulheres assumiram cargos de chefia em suas Células e três foram indicadas como candidatas a cargos públicos durante o período de legalidade. Sabe-se de acordo com relatórios policiais e depoimentos prestados, que 27 mulheres tinham parentesco de primeiro grau com militantes do PCB. As lacunas nestes documentos não permitiram precisar o grau de instrução das militantes do Paraná.

Já com relação às comunistas de outros estados, levantou-se o nome de 36 mulheres com uma faixa etária que compreendia 22 a 49 anos. Praticamente todas eram casadas, sendo que 14 casaram com companheiros de Partido. Deste universo, apenas 03

optaram pela união livre. Trabalhavam como profissionais liberais 17 mulheres; 08 como operárias; 05 como costureiras, e 01 como lavradora. Destas, 03 representaram o PCB no legislativo durante o breve período de legalidade. O espaço de militância geralmente não coincidia com suas cidades de origem; desta forma, optou-se por priorizar os Estados onde as comunistas exerceram suas atividades partidárias. Assim sendo, pôde-se constatar que 15 militaram no Distrito Federal, hoje Rio de Janeiro; 06 em São Paulo; 02 em Pernambuco; 02 na Bahia; 02 no Rio Grande do Sul e 02 dividiram-se entre São Paulo, Distrito Federal e Rio Grande do Sul.

Após todas as explicações e referências contidas nesta introdução, considera-se pertinente destacar que a construção da história das mulheres do PCB permitiu caracterizar um imaginário que encontrou no comunismo a razão de sua existência e possibilitou gerar uma ruptura com a história, contribuindo de uma determinada forma, para a escrita de *uma nova história, uma história nova*.

*Nova história*, porque se propôs retirar estas mulheres do esquecimento, ou como melhor definiu Edward Palmer Thompson da “enorme condescendência da posteridade”, e discutir em que medida a racionalidade de suas crenças as motivaram à ação, contribuindo para a perpetuação do imaginário pecebista, uma vez que vivenciaram o Partido como mulheres e comunistas.

*História nova*, porque destacou a participação das militantes no interior do PCB nas décadas de 40 e 50, temporalidade pouco explorada pelos historiadores das mulheres e do político, sobretudo os historiadores do PCB. Os inúmeros trabalhos que reúnem esta temática, quando privilegiam os comunistas, e neste caso específico as mulheres do Partido, concentram a sua atenção para os períodos mais conturbados da história pecebista, negligenciando assim, os pensamentos e as ações destas pessoas durante onze anos de vida da organização. O que os homens e mulheres do PCB pensaram e realizaram neste período fez diferença e pôde transformar, mesmo que timidamente, a cultura e o perfil da história dos comunistas no Brasil.

*Nova história*, pois, se apropriando do caráter relacional proposto pela categoria gênero e de posse de um considerável corpo documental, procurou discutir até que ponto a colocação do PCB, como o mito da Unidade, engendrou uma necessidade nas militantes em assumirem códigos de comportamentos definidos como masculinos pela sociedade da época, para se adaptarem no interior da organização. Em outras palavras, *nova história*, porque não se concentrou em produzir uma história sobre as relações de gênero no PCB, e sim, articular a

história das mulheres à história política e cultural do grupo comunista.

E por fim, *história nova*, porque metodologicamente percorreu caminhos opostos ao cartesianismo, uma vez que a primeira idéia consistia em privilegiar somente as militantes do Paraná, e devido a alguns fatores como: a) escassez de fontes que fornecessem as luzes necessárias para o desenvolvimento da pesquisa e b) as evidências de que as militantes paranaenses, embora vivessem um contexto regional específico, reproduziam, no sentido cabal, o imaginário do grupo comunista, sem apresentarem quaisquer contradições, optou-se então por ampliar o leque de fontes e reflexões, abrindo-se também para as demais comunistas brasileiras. Abertura aliás, benéfica, pois permitiu ilustrar a atuação das militantes no Paraná, articulando-as com as demais comunistas do Brasil, além de demonstrar por intermédio de seus discursos na imprensa partidária como elas se projetaram a partir de um eixo político, uma vez que a condição feminina no período pesquisado não permitia às mulheres qualquer visibilidade.

Antes de iniciar o trabalho proposto, um breve esclarecimento merece ser ressaltado. No decorrer do texto, os termos utilizados foram empregados no gênero masculino, devido às categorias que envolvem a Gramática Portuguesa. Portanto, pede-se ao leitor a gentileza de não usar julgamento de valor com relação aos termos comunistas, companheiros, revolucionários, camaradas ou militantes. Estes estão designando os dois gêneros envolvidos no processo. E apoiando-se novamente em Edward Palmer Thompson, utilizando aqui a sua afirmação sobre a inviabilidade de qualquer discurso, quando se tem que justificar o uso freqüente destas expressões, esta pesquisa limitar-se-á a justificativa acima mencionada.

Por fim, destaca-se aqui que pensar a produção do conhecimento histórico implica incorporar novos saberes que gerem uma ruptura, concebendo homens e mulheres como capazes de criar enquanto sujeitos, a sua própria história e simultaneamente recuperar caminhadas, programas fracassados, derrotas e utopias, pois nada garante que quem ganhou sempre foi o melhor.

A causa a que as mulheres comunistas devotaram a sua vida não prosperou, mas a melhor história é realizada por aqueles que perderam algo, porque a sua perda incentiva novos questionamentos, encaminhando o historiador a formular questões muito mais relevantes. Logo, a reflexão sobre as experiências das mulheres que aderiram ao projeto comunista, buscando uma alternativa de sociedade e de vida, não está isenta de significação, e poderá influenciar novas gerações, indicar novas questões e incentivar novos trabalhos que possibilitem desta forma, construir um *novo horizonte de espera*.

## 1 COMUNISTAS: ENTRE MITOS E UTOPIAS

### 1.1 PCB E O IMAGINÁRIO POLÍTICO COMUNISTA: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE.

Curitiba, dezembro de 1951. A Conferência de Mulheres que visava discutir a paz mundial e protestar contra a bomba atômica, promovida pela vereadora comunista Maria Olímpia Carneiro, gerou a indignação de inúmeras pessoas, devido a negligência da polícia política, que por sua vez, não se mobilizou para impedir a reunião de caráter subversivo.

Embora explicitamente a indignação das pessoas se expressasse na crítica ao descaso da Delegacia de Ordem Política e Social — DEOPS, implicitamente o foco das discussões centrava-se na *audácia* da líder comunista que, incumbida de promover o movimento, não mediu esforços para que este se concretizasse, exigindo da diretoria de alguns jornais, representantes da *Grande Imprensa*, o cumprimento da lei, no que tange a divulgação de qualquer evento de caráter social, visitando insistentemente a redação do jornal *O Dia*, que se negava dar publicidade ao evento.

Ainda que a sagacidade da polícia política não tivesse sido alertada pelas indicações que nós, perfeitamente alheios ao assunto, encontramos nos folhetos de propaganda da conferência, não poderia passar despercebida a natureza da reunião. [...] a vereadora Maria Olímpia em sua triste aventura comunista, desde a primeira vez que nos visitou, acompanhada de numerosas damas, ingênuas ou realmente solidárias com suas idéias, insiste em fazer-nos ameaças [...] e EXIGIR DE ACORDO COM A LEI, a publicação de tal conferência. [...] Recusamos a fazer [...] e a dama prometeu tomar providências.<sup>1</sup>

E de fato, a *vereadora de Prestes* — como muitos periódicos se referiam a Maria Olímpia — tomou as medidas necessárias divulgando o evento junto com as *inúmeras damas ingênuas* através do jornal comunista *Tribuna do Povo*, ou por intermédio de panfletos encaminhados a várias associações femininas, fábricas, lojas comerciais e escolas.

Nestes panfletos, as representantes da Federação de Mulheres do Paraná apelavam para que as mulheres prestigiassem a Conferência com sua presença e colaboração e apontavam o temário desta, baseado na defesa da infância, bolsa consumidor e pela preservação da paz.<sup>2</sup>

---

1 A Conferência das Mulheres. *O Dia*. Curitiba, 16 dez. 1951. s/p. In: DEAP. DEOPS. *Federação das Mulheres Paranaenses*. Dossiê nº. 0984. Topografia 119. p. 7.

2 A Conferência Estadual de Mulheres. In: DEAP. DEOPS. *Federação das Mulheres Paranaenses*. Ibid. p. 03, 07, 08 e 10.

A propaganda administrada por Maria Olímpia, objetivando o apoio ao trabalho feminino que a Federação estava realizando, gerou a indignação dos componentes da imprensa de referência, que por sua vez pressionaram Jack B. Fawcett, secretário-executivo do Centro Interamericano — local onde seria realizada a reunião — a interceder neste impasse. Atendendo a solicitação, Fawcett cancelou a licença concedida além de emitir ao delegado do DEOPS o seguinte ofício:

Conforme entendimento verbal solicito de Vossa Excelência, se digne mandar destacar um guarda civil para ficar de plantão na sede deste Centro Cultural das 19 às 22 horas nos dias 14 e 16 do corrente afim de que seja impedida a realização da Conferência da Federação de Mulheres do Paraná.<sup>3</sup>

Contudo, o Congresso foi realizado nas dependências da Editora Littero-Técnica e a perplexidade frente a esta afronta traduziu-se no artigo publicado pelo mesmo periódico, que, se por um lado alertava os leitores paranaenses para o perigo das ações subversivas realizadas por toda o Estado, por outro, ironizava a participação das mulheres que se empenhavam nestas atividades, apresentando-as como ingênuas, uma vez que estavam “fazendo o jogo da demagogia comunista e procurando com isto uma série interminável de futuros aborrecimentos.”<sup>4</sup>

Estas referências permitem perceber o peso do discurso jornalístico da *imprensa de referência* sobre a sociedade brasileira, sociedade esta de forte tradição católica e cristã, que construía em seu imaginário as idéias propaladas pela propaganda anticomunista. As notícias veiculadas sobre as conquistas das mulheres na URSS, desde a Revolução de Outubro de 1917, e após o término da Segunda Grande Guerra, afligiam os brasileiros, que temiam a possibilidade dos *agentes da Rússia vermelha* chegarem ao poder.<sup>5</sup>

Logo, as mulheres que ingressavam no PCB, para praticarem ações completamente opostas às suas *reais* atribuições, deveriam também ser consideradas como o *mal absoluto*, pois influenciavam negativamente a sociedade, uma vez que abandonavam Deus, a Família e a Pátria.

---

3 DEAP. DEOPS. *Federação das Mulheres Paranaenses*. Ibid., p. 141.

4 *O Dia*. A Conferência ... Ibid.

5 Conforme indica Bethânia Mariani no discurso jornalístico da *imprensa de referência*, as denominações atribuídas aos comunistas que os selecionaram, descreveram e classificaram, foram utilizadas para dar significado às relações de forças existentes em uma determinada formação social. Para os comunistas entre os anos 40 e 50 a *Grande Imprensa* utilizava as seguintes denominações: bancada bolchevista; partidários do Sr. Carlos Prestes; agentes da Rússia vermelha; subversivos; bolchevistas; stalinistas; marxistas, entre outros. Já para denominar comunismo, a autora destaca: bolchevismo; utopia bolchevista, ideologia marxista, credo vermelho; doutrina alienígena; doutrina extremista e quinta-coluna. MARIANI, Bethânia. op. cit., p. 119-131.

A opção destas mulheres em aderir a um Partido, símbolo de ameaça à ordem estabelecida, estava embasada em imagens e códigos fortemente enraizados no imaginário do grupo comunista, fornecendo a estas a certeza de que sua luta não era vã. Em outras palavras, as militantes do PCB reproduziam as idéias, dogmas e representações políticas comuns aos comunistas. Este sistema de referência lhes permitia interpretar a sua realidade social e agir de uma determinada maneira, traduzida em uma linguagem coletiva, ou melhor, um imaginário.

Produto de um discurso que o torna inteligível por intermédio da reunião das representações coletivas em uma linguagem, o imaginário social assevera a sua potencialidade através do simbolismo na medida que “suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos de sua interiorização pelos indivíduos, modelando comportamentos, capturando as energias, e em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum”, pois os símbolos introduzem informações, valores e normas e delineiam comportamentos individuais e coletivos indicando desta forma, possibilidades de êxito.<sup>6</sup>

Assim sendo, a vereadora Maria Olímpia ao desafiar a direção do citado periódico, não manifestou dúvidas quanto às certezas de sua ação revolucionária. Aspirando transformações, reproduzia ela um imaginário que assegurava ao grupo comunista uma identidade social, alimentada por suas experiências socialmente demarcadas, tanto no passado como no presente.

Cabe ressaltar, que o sistema simbólico em que se assentava e operava o imaginário comunista não se construiu somente por intermédio das experiências dos militantes, mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações.<sup>7</sup>

Além disso, os mitos como as ideologias e as utopias também estão presentes e se destacam na construção dos discursos que veiculam os imaginários sociais. Importa salientar, que nos períodos críticos o mito se impõe com intensidade exercendo com maior eficácia o seu poder de atração, pois nas épocas de crise intensifica-se a produção de imaginários sociais e antagônicos, suscitando representações de nova legitimidade e de um futuro diferente, que se expressa *nas* e por intermédio *das* utopias.<sup>8</sup>

---

6 BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social...* op. cit., p. 311.

7 BACZKO, Bronislaw. *Ibid.* p. 311.

8 GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 180.

Muitas discussões permeiam os estudos sobre utopia. Não se trata aqui de analisar as diversas posições assumidas pelos círculos conservadores e alguns críticos de esquerda. Mais prudente seria considerar, em seu novo espírito, utopia como “a expressão do imaginário coletivo, um profundo desejo de mudança, uma mudança que seja rápida e radical [e] se o presente não permite, o imaginário o faz.”<sup>9</sup>

Inseridas neste campo denso e complexo, as militantes introjetavam valores comuns a todos os componentes do PCB e, vivenciando uma realidade concreta sobre a qual se movia a sociedade brasileira, construíram enquanto mulheres e comunistas a sua própria realidade baseada na sua concepção de mundo: o mundo socialista, reproduzindo assim, o caráter dogmático da cultura política que o PCB difundia e conservava.

Desta forma, compreender como os comunistas viveram a sua realidade no período de crise gerado pela Segunda Grande Guerra e conseqüente *estado* da Guerra Fria, e de que maneira suas formas de pensar construindo imaginários se traduziram através do projeto utópico proposto pela organização, significa penetrar no universo político-cultural do PCB.<sup>10</sup> E para tanto, recuperar-se-á mesmo que parcialmente, a sua sistemática, uma vez que ao impor tarefas e obrigações, o Partido instrumentalizava os militantes, fornecendo-lhes a consciência política, os conhecimentos teóricos e as experiências de luta. Afinal, era o Partido *o verdadeiro sujeito da revolução*. Afirmação esta legitimada pelo discurso de vários militantes, como no exemplo de João Batista de Lima e Silva:

[...] É verdade: não somos um partido igual aos outros [...] nosso Partido tem lutado, justamente, para firmar cada vez melhor esta diferença. Somos o partido da classe operária. Lutamos e lutaremos sempre que se mantenha inconfundível esta característica fundamental de nosso Partido.[...] O Partido Comunista é o único que faz o que diz e promete. [...] É que o Partido Comunista é a espinha dorsal das lutas do nosso povo [...] que luta unido e em bloco [...] é o único Partido que luta animado de uma inabalável confiança na vitória. [...] Este é um traço fundamental: sua confiança na vitória, sua capacidade de enfrentar as piores e mais complexas situações.[...] Esta confiança vem do fato de que nosso Partido é guiado pelo marxismo-leninismo, a bússola incomparável que nos permite apanhar a marcha dos acontecimentos.<sup>11</sup>

Uma análise aprofundada desta declaração suscita algumas ponderações. A

---

9 Discutindo de forma abrangente as utopias, a historiadora Helena Isabel Mueller destaca as suas diversas funções, que podem ser sintetizadas como a expressão elaborada da alteridade e veículo da expressão do imaginário. A utopia não funciona como expressão do imaginário individual e sim como expressão do imaginário coletivo, social. MUELLER, Helena I. op. cit., p. 07-48.

10 O termo *estado* da Guerra Fria é utilizado com base nas argumentações de Edward Palmer Thompson que, ao contrapor-se ao caráter *intersistêmico* da Guerra Fria defendido por Fred Halliday, afirma que esta era mais uma tentativa de resolução dos problemas internos norte-americanos e soviéticos do que uma ameaça mundial, pois um bloco impulsionava o outro a se manter dentro do *estado* da Guerra Fria, um *sistema* manipulador do mundo. THOMPSON, E. P. *Os fins da guerra fria: uma resposta*. In: BLACKBURN, Robin (org.). *Depois da queda. O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. p. 73-85.

11 SILVA, João B. L. Sim! Somos um partido diferente dos outros. *A Voz Operária*. Ano IV. nº. 145. Rio de Janeiro, 29 fev. 1952. p. 3.

primeira questão a considerar, relaciona-se à certeza do militante de que o PCB e seus componentes representavam a vanguarda revolucionária, que consolidaria o fim de todos os males, representado pelo capitalismo; indicando desta forma, a presença dos princípios expressos no *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, e nas obras de Lênin, como por exemplo *Que Fazer*, na imaginação dos militantes, que aliás, eram constantemente *orientados* a lerem, estudarem e discutirem o conteúdo destas obras.<sup>12</sup>

Outra questão implica o crédito ilimitado, ou seja, *a fides implicita*, delegada pelos militantes à organização, pois embora explicitamente o militante embasado no marxismo-leninismo considere o PCB *o único Partido* capaz de conduzir a classe operária à sua emancipação, implicitamente ao se referenciar ao *nosso Partido*, somente se compreende por referência a organização, apontando assim, que para os comunistas o PCB surgia como uma entidade mítica, pois a *inabalável confiança na vitória*, fornecia os subsídios necessários para unir homens e mulheres que se encontravam completamente vulneráveis para transformá-los, através da sua *capacidade de enfrentar as piores e mais complexas situações*, em pessoas superiores às demais.

Neste sentido, o Partido era vivido como o sagrado, porque possibilitava aos seus componentes redescobrir uma nova identidade, sobre a qual redefiniram-se como diferentes. Esta singularidade, baseada no princípio da unidade entre todos os membros do grupo, fundamentou e assegurou a legitimidade do PCB que, vivenciado como um mito, tornou-se o depositário de uma cultura política de caráter dogmático.

Cabe aqui sublinhar, que não há entre os grupos sociais uma identidade em si. A

---

12 A decantada frase “tudo que é sólido desmancha no ar”, expressa no Manifesto Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels, sugere a crença na batalha final e decisiva entre os *eleitos*, representados pelo proletariado contra as *hostes do mal*, ou melhor, a burguesia. Desta, *os eleitos* sairiam vencedores para assumirem o seu papel histórico, de sujeitos da revolução. Assim posto, a meta imediata dos comunistas constituía-se na formação do proletariado em uma classe consciente, capaz de derrubar a supremacia burguesa para enfim conquistar o poder político. Entretanto, se para Marx os proletários eram os agentes da revolução, para Lênin, o Partido centralizado deveria desempenhar este papel. Ao analisar a concepção marxista sob a luz da realidade russa, Lênin problematizou a situação entre a imaturidade do proletariado russo e a atitude reformista do proletariado maduro dos países industrializados, a fim de contrabalançar estas características. Esta problemática operou uma mudança nesta concepção, na qual o agente revolucionário deixou de ser o proletariado consciente para ser o Partido centralizado, que passou então a desempenhar a função de vanguarda proletária, uma vez que a classe imatura carecia de um partido forte, composto por profissionais disciplinados e preparados para assumirem o caráter da organização revolucionária. Logo, sem o Partido centralizado, acreditava o líder bolchevique, a luta da classe operária apresentar-se-ia ineficaz. Por conseguinte, o Partido Comunista passou a se apresentar como vontade coletiva, definindo-se como a vanguarda da revolução e despertando no imaginário comunista a crença no mito do “modelo exemplar do Partido.” MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998 e MARCUSE, Herbert. *O marxismo soviético*. uma análise crítica. Rio de Janeiro: Saga, 1969. p. 44-46.



identidade existe sempre em relação a uma outra, demonstrando desta forma, o caráter relacional entre identidade e alteridade. Portanto, a identificação do grupo comunista acompanhava a sua diferenciação da sociedade. Em outras palavras, os homens e as mulheres do PCB, ao formarem um grupo que se identificava por partilhar de um estado de indiferenciação da realidade social, realidade esta que transformariam seguindo os caminhos do socialismo, conviviam com uma sociedade maior e prevalecente que diferenciava o social, e, vivendo duas realidades, encontraram no PCB a proteção do mundo externo, pois este ao apresentar e defender uma alternativa de sociedade e de vida, proporcionava-lhes a segurança de pertencer a uma comunidade.<sup>13</sup>

Por conseguinte, os comunistas procuravam glorificar a organização comemorando a sua criação, e neste ritual, as lembranças da Revolução de Outubro eram narradas de forma apoteótica, sobretudo nas décadas de 40 e 50, quando a fundação do Partido foi amplamente associada às conquistas do povo soviético.

Cabe registrar que o desencadeamento da onda revolucionária na Rússia, em 1917, despertou em milhares de homens e mulheres, o desejo de um *novo mundo*, no qual se constituiriam partidos defensores do regime proletário, concretizando assim, a revolução em seus países.

Sob o impacto da primeira revolução popular socialista, que potencializou movimentos operários no âmbito mundial e com o objetivo de “promover o entendimento e a ação internacional dos trabalhadores e a organização política do proletariado em partido de classe para a conquista do poder e conseqüente transformação política e econômica da Sociedade Capitalista em Sociedade Comunista”, constituiu-se em março de 1922, o Partido Comunista, Seção Brasileira da Internacional Comunista.<sup>14</sup>

Esforçando-se para *fazer como na Rússia* e se posicionar no tempo da revolução

---

13 CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999 e CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e Ilusões: os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EDUFF, 1986.

14 CARONE, Edgard. *O P.C.B. (1922-1943)*. São Paulo: Difel, 1982. p. 23. Cabe registrar que a criação do PCB não ocorreu, como difundia a *imprensa de referência*, de uma determinação proveniente da URSS. Inúmeros obstáculos dificultaram o acesso deste à Internacional Comunista, que problematizava a existência de um partido constituído por ex-anarquistas, reconhecendo oficialmente a recém criada organização somente em abril de 1924. Sobre a criação do PCB ver: CARONE, Edgard. *Ibid.*; CHILCOTE, Ronald H. *Partido Comunista Brasileiro. conflito e integração (1922-1972)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 39-60; DULLES, John F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1930)*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977; KONDER, Leandro. *A democracia e os comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1980; LIMA, Heitor F. *Caminhos percorridos*. São Paulo: Brasiliense, 1982; VINHAS, Moisés. *O Partidão: a luta por um partido de massas (1922-1974)*. São Paulo: Hucitec, 1982 e ZAIDAN FILHO, Michel. *Comunistas em céu aberto (1922-1930)*. Belo Horizonte: Oficina do Livro, 1989.

mundial, os fundadores da organização convictos da importância histórica do ato que realizavam, reúnem-se em seu I Congresso, para discutir e elaborar, os estatutos do novo partido, inspirados no PC argentino, porém levando em conta, o contexto nacional.

Nos estatutos encontra-se toda a sistemática da organização no que tange às condições de admissão dos aderentes, quotas mensais a serem pagas, atribuição de cargos, distribuição de tarefas, convocação de congressos, critérios disciplinares, entre outros itens destas formas de arregimentações.

Abriam-se assim, as cortinas para a entrada do PCB no cenário social e político brasileiro. Importa, porém, saber que a defesa do primeiro país proletário transformou-se de desejo militante apaixonado em orientação política, conduzindo os novos partidos comunistas à bolchevização e o nascente partido não fugiu a esta dinâmica, subordinando por diversas vezes, as especificidades locais à lógica imposta pela Internacional Comunista, tornando desta forma, a opinião socialista, pouco suscetível a críticas.<sup>15</sup>

Do ponto de vista teórico, o PCB em seus primeiros anos de existência não possuía uma tradição marxista, nem tampouco produziu uma análise substancial acerca da realidade brasileira e, por esta razão, coube a princípio aos membros do Partido a defesa e a propaganda da Revolução Russa e do movimento comunista internacional, servindo desta forma como difusores da identidade comunista, com o propósito de desmistificar as idéias propaladas pela então denominada imprensa burguesa sobre o regime soviético.

Escusado citar, que devido às exigências do novo período pelo qual passava o país, a classe operária ansiava em fazer política, logo, o PCB acreditava corresponder a este apelo, apresentando-se como vanguarda organizada, pois adequou a imagem que transmitia de si mesmo às aspirações mais profundas da classe operária que aceitou, mesmo que parcialmente, como solução para os problemas a mediação política por ele proposta.

Porém, os comunistas permaneciam presos a preconceitos, o que lhes impossibilitou de se abrirem para a realidade brasileira, a qual enquadravam em “esquemas doutrinários, previamente elaborados, canonizados, enrijecidos, infensos à mudanças”.<sup>16</sup>

---

15 Discutindo as idéias e ensaios de revolução no Brasil nos anos 20 e 30, o cientista político Paulo Sérgio Pinheiro analisa o impacto da Revolução de Outubro sobre os comunistas, tornando possível uma interpretação sobre os reveses do movimento comunista brasileiro no contexto das transformações internacionais e locais, bem como o seu alinhamento à política adotada pela Internacional Comunista. PINHEIRO, Paulo S. *Estratégias da Ilusão. A revolução mundial e o Brasil (1922-1935)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

16 KONDER, Leandro. op. cit., p. 39.

Em outras palavras, os comunistas procurando mediatizar as concepções políticas da Internacional Comunista à luz das particularidades nacionais, não levaram em conta as transformações significativas desencadeadas no país pela Primeira Guerra Mundial, ou seja, o crescimento industrial que quadruplicara o número de operários nos setores fabris. Operários estes, diga-se de passagem, ainda ligados a comportamentos oriundos do ideário anarco-sindicalista. Portanto, os comunistas na medida que não compreendiam a estrutura da classe operária, a qual pretendiam tornar-se a vanguarda “[...] perdiam a capacidade de aprofundar seus vínculos reais com ela, forjando, então, no plano da doutrina, vínculos *simbólicos*”.<sup>17</sup>

Esta problemática apresentar-se-á durante o movimento tenentista, ao longo da Revolução de 30, articulada por um conjunto de forças heterogêneas que conduziram Getúlio Vargas ao poder durante a malograda insurreição desencadeada em 1935, que por sua vez, serviu de pretexto pelas forças políticas conservadoras para a elaboração de medidas fortalecedoras do poder, criando o clima propício para a instauração do Estado Novo de Vargas.

Em todos estes acontecimentos os comunistas acreditavam na inevitabilidade do seu objetivo. Vanguarda revolucionária, porém, sem qualquer intervenção decisiva da classe que ambicionava guiar; e esta posição adotada pelos revolucionários não ficou isenta de refutações, conduzindo inevitavelmente o PCB ao isolamento político.

Com base nesta constatação pode-se inferir que a ausência de uma corrente pré-marxista no Brasil privou os operários e intelectuais socialistas brasileiros da leitura e análise das obras teóricas e programáticas de Marx e Engels. Esta lacuna gerou em consequência, a inversão histórico-intelectual que conduziu o comunismo a preceder o marxismo, marcando indelevelmente a história do PCB. Assim sendo, os comunistas brasileiros “chegaram ao marxismo — quando chegaram — por meio do bolchevismo e conheceram o bolchevismo em larga medida por meio do leninismo, isto é, da síntese doutrinária do pensamento de Lênin tal como elaborou Stálin”.<sup>18</sup>

Justifica-se assim, a força do mito representado por Joseph Vissarionovitch Djughashvili, o camarada Stálin, sobre os comunistas brasileiros, como será discutido no decorrer do texto. O que importa aqui saber é que a Revolução de Outubro exerceu um efeito sobre os revolucionários brasileiros, apresentando-se como um modelo exemplar a ser

---

17 KONDER, Leandro. *Ibid.* p. 40.

18 MORAES, João Quartim de. *A influência do leninismo de Stálin no comunismo brasileiro*. In: REIS FILHO, Daniel A. ; et alii *História do marxismo no Brasil*. O impacto das revoluções. v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 87.

seguido, e no interior da organização encontraram as garantias de que a revolução no Brasil era possível e viável.

Entretanto, ser militante do PCB não era tarefa fácil, pois a adesão ao Partido, embora voluntária, atendia a uma norma rígida e o respeito à hierarquia sobre a qual fundamentava-se a organização. O Partido, aliás, distinguia os militantes de base dos dirigentes, e aos primeiros somente era concedido o privilégio de subirem as escadas da sua pirâmide hierárquica se fossem *destinados*, através de sua fidelidade e lealdade à causa operária e ao Partido, a compartilhar de saberes ocultos detidos pela organização, o que pressupõe entre o grupo, não somente um comprometimento político, mas acima de tudo existencial.

Desta forma, os comunistas passaram a incorporar uma série de normas e valores em prol dos interesses do proletariado, e para tanto, a abnegação, o sacrifício pessoal, a renúncia aos prazeres pequeno-burgueses e a devoção integral ao Partido deveriam constituir o cerne de suas vidas.

Para Naíde Teodósio, militante comunista, as pessoas que participavam do PCB “eram dotadas de uma extrema capacidade de renúncia e sacrifício, o que as tornava extraordinárias”<sup>19</sup> apontando neste depoimento, que a visão messiânica dos revolucionários brasileiros amparou a cultura pecebista desde os primórdios da criação do Partido, marcando inexoravelmente o processo de construção da identidade comunista, sobretudo entre os anos de 1945 a 1958, período no qual as imagens e representações do grupo foram mais fortemente evocadas, devido a propaganda anticomunista que se difundia pelo país, dado o *estado* da Guerra Fria.

Cabe aqui retomar que as imagens da Revolução Russa e a crença de que o PCB era infalível forneceram as condições necessárias para a ação dos militantes e, por esta razão, acreditavam eles que os diferentes setores sociais apoiariam as revoltas propostas.

No entanto, isto não aconteceu e as ações de vanguarda foram brutalmente repreendidas e desmanteladas, conduzindo a organização ao quase desaparecimento entre os anos de 1939 e 1940. Praticamente dizimados pela repressão estadonovista, os comunistas encaminharam-se para a clandestinidade, sem no entanto, perderem a sua visão teleológica da história, pois a situação a que foram submetidos reforçou em seu imaginário a certeza de que

---

19 TEODÓSIO, Naíde. Entrevista concedida a Dulce Pandolfi em 1991. In: PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros: História e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995. p. 42.

sua luta não era vã. Exemplificando melhor, os comunistas acreditavam piamente que a humanidade caminhava rumo ao socialismo e com base neste processo evolutivo, adotaram uma concepção linear de tempo, na qual o presente vivido era interpretado não como algo em si, mas como um momento parcial de um projeto maior que inevitavelmente seria realizado.<sup>20</sup> Assim posto, a clandestinidade mesclou-se ao heroísmo, que por sua vez, foi integrado ao perfil dos militantes como mais um atributo de sua identidade, como se pode observar no depoimento de Maurício Grabois, ao se referir posteriormente sobre a posição do Partido com relação a atitude repressora do governo estadonovista de Getúlio Vargas.

1940 foi um ano negro de ascensão do fascismo. [...] O furor e o ódio da ditadura voltaram-se, particularmente contra o partido do proletariado, o Partido Comunista do Brasil que desfraldava a bandeira da luta contra o fascismo e [...] era duramente golpeado. Nessa época, o policial João Batista Teixeira, afirmava, nos jornais das classes dominantes que liquidara o Partido Comunista e acabara com o comunismo no Brasil. [...] Apesar de seriamente atingido o partido existia e lutava [...] palpitava pleno de vida na figura heróica de seu provado chefe, o camarada Prestes, que encarcerado [...] saudava o povo brasileiro pela passagem de mais um aniversário do maior acontecimento da história da humanidade – a Grande Revolução Socialista de Outubro. Com sua atitude, Prestes mostrava que o Partido não morrerá. Onde está um comunista está o Partido.<sup>21</sup>

O discurso de Maurício Grabois somado a afirmação anos mais tarde de Gregório Bezerra, quando disse em suas memórias: “a luta é difícil, mas o ânimo é inquebrantável”<sup>22</sup>, atribuindo ao PCB o motivo de sua existência, conduziu à percepção de que os comunistas mesmo sofrendo perseguições e vivendo nos *subterrâneos da sociedade*, não manifestaram dúvidas com relação à relevância da organização na marcha dos acontecimentos que inquestionavelmente conduziria ao socialismo, reproduzindo assim, embora o negassem, um imaginário.

Torna-se importante destacar que, para explicar como estas crenças se arraigaram no imaginário comunista, deve-se transcender o estudo das constelações mitológicas, e para tanto, o resgate das antigas tradições que sobreviveram ao mundo moderno elaborado por Jorge Ferreira, serviram de respaldo para esta discussão, pois permitiram perceber que o grupo pecebista embora envolto nas explicações científicas do marxismo-leninismo, herdou das sociedades arcaicas a teoria da decadência.

Desde a Antiguidade, comenta Ferreira, as sociedades difundiram a crença na degradação, seja do cosmo, da religião, da moral, da política ou da economia, exigindo a sua destruição para posterior recriação. Assim sendo, o conceito de decadência sempre presente

---

20 PANDOLFI, Dulce. *Ibid.*, p. 43.

21 GRABOIS, Maurício. A Conferência da Mantiqueira, golpe mortal no liquidacionismo. *A Voz Operária*. Ano V. Rio de Janeiro, 28 ago. 1953. p. 07.

22 BEZERRA, Gregório. *Memórias*. Segunda Parte: 1946-1969. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

em todas as sociedades, também se manifestou no imaginário comunista. Todavia, ao contrário do que comumente se atribui a este termo, decadência aqui pressupõe progresso, uma vez que se constitui em um instrumento sobre o qual os grupos humanos encontraram a matéria prima necessária para lerem a História e corrigirem o seu pessimismo por intermédio da crença em uma renovação; justificando assim a visão religiosa e lírica dos militantes ao acreditarem que executariam o projeto proposto pelo Partido.<sup>23</sup>

Em fins de abril de 1940, em um apelo lançado ao povo brasileiro contra o alto custo de vida gerado pela guerra na Europa e a exploração do petróleo nacional pelas empresas estrangeiras, o Comitê Regional do PCB afirmou que mesmo perseguido e caluniado, levantava com firmeza a bandeira de seu programa

[...] programa esse inspirado nos mais sentidos e profundos interesses do povo brasileiro. [...] o Partido Comunista do Brasil jamais faltará com a sua palavra e sua atividade incansável em benefício dos interesses do proletariado, do povo e da Nação. E nesse 1.º de Maio, dia consagrado às conquistas proletárias[...] e que os povos dos países capitalistas são arrastados a uma carnificina em benefício do *capitalismo*, sem nenhum interesse para as massas oprimidas, enquanto os povos da União Soviética, a cidadela do socialismo e da paz comemoram a sua libertação, sua feliz vida de progresso e bem-estar, é necessário que exijamos e lutemos com todas as forças através de uma sólida União Nacional.<sup>24</sup>

Embora o conteúdo explícito do discurso indique a rebeldia dos comunistas contra as arbitrariedades do Estado Novo e afirme a sua programática, o seu conteúdo implícito confirma que para os homens e mulheres do PCB, a crença no fim do capitalismo, realidade que conheciam, fundamentava-se nas esperanças de *recriação* de uma nova sociedade, projetada na *cidadela do socialismo*, expressando além do desejo de conquistarem o *progresso e o bem-estar*, o anseio de uma existência humana, fraterna, perfeita e infundável.

Desejos que permeavam o imaginário dos revolucionários, impulsionando-os à renovação, traduzida neste momento, pela definição política da Conferência da Mantiqueira realizada em 1943, que simbolizou uma reconquista: a do direito de existir, embora na clandestinidade.

A II Conferência Nacional do PCB, conhecida como Conferência da Mantiqueira foi realizada em um momento no qual o PCB encontrava-se praticamente esfacelado, com pequenos grupos em diferentes estados sem muita ligação entre si e apresentando diferentes pontos de vistas sobre o governo Vargas. Como na prática ocorria uma divergência sobre a

---

23 FERREIRA, Jorge L. op. cit., p. 54.

24 *Ao povo brasileiro*. Relatório da Polícia Civil do Distrito Federal, set. 1940. In: CARONE, Edgar. *O P.C.B.* ... op. cit., p. 225-227.

linha política que deveria ser adotada pelo Partido, os militantes ligados a Comissão Nacional de Organização Provisória – CNOP realizaram secretamente a Conferência no Vale da Paraíba, sem portanto, estenderem o convite aos demais grupos dirigentes. Denominando como *linha justa* a posição adotada, os participantes da Mantiqueira elegeram Luís Carlos Prestes secretário-geral do Partido e definiram a linha de união nacional em prol do esforço de guerra contra o nazi-fascismo, adiando para o final desta, a luta contra o inimigo interno, representado pelo Estado Novo de Vargas. A adoção da *linha justa* permitiu ao CNOP formar uma facção predominante e afirmar sua posição política em favor da legalização, além de associar o destino de Prestes ao destino do Partido.<sup>25</sup>

Para João Amazonas, a Conferência organizada pelos poucos dirigentes estaduais, que sobreviveram às prisões e se encontraram para iniciar a reestruturação do Partido, foi realizada em condições precárias, mas nenhum dos participantes pensou na situação desconfortante, pois todos *ferviam de entusiasmo* por poderem reestruturar para as grandes batalhas que seriam realizadas, a organização de vanguarda do proletariado, evidenciando em suas palavras, a presença do espírito de sacrifício atribuído a identidade comunista, como também a crença na *renovação* do Partido, traduzida pelos resultados da Conferência.<sup>26</sup>

Importa lembrar, que no contexto mundial configurava-se o espectro do nazi-fascismo e a coligação entre a URSS, Estados Unidos da América e Inglaterra, motivou o abalo da estrutura estadonovista. À crise do Estado Novo, acrescentaram-se as pressões para que o Brasil entrasse na guerra ao lado dos Aliados contra o nazi-fascismo, e Getúlio Vargas aproveitando a pecha nacionalista, sugeriu a aproximação com a esquerda, o que permitiu a articulação dos comunistas, contribuindo significativamente para a sua reorganização, aumentando assim a sua força política.

As novas exigências conduziram o país a um processo de redemocratização, processo este que incluía a convocação de populares à eleição, anistia aos presos políticos e legalização de todos os partidos, inclusive o PCB.

---

25 CARONE, Edgard. *O P.C.B. ...Ibid.*, p. 12-14 e CAVALCANTE, Berenice. op. cit., p. 119-135. Destaca-se que Cavalcante em sua obra recupera além dos silêncios produzidos sobre as interpretações distintas presentes no movimento da Mantiqueira, os problemas enfrentados pelos comunistas para a incorporação da nova linha política.

26 AMAZONAS, João. Entrevista concedida a Sérgio Soares Braga (UFPR) e Luciano Caviano Martorano (UNICAMP). *O Partido Comunista do Brasil: História e perspectivas*. In: *Revista de Sociologia e Política*. Dossiê Constituinte de 1946. op. cit., p. 83-100.



Homenagem à FEB, promovida pelas mulheres da Liga de Defesa Nacional.  
Rio de Janeiro, março de 1945.  
SEGATTO, José A.; et. All. *PCB. 1922-1982. Memória fotográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1982.  
p.73.

Tornando-se uma presença efetiva na vida política brasileira — presença que não poderia mais ser ignorada — os comunistas iniciaram a ocupação do espaço político que se abria à sua atuação por intermédio da criação de inúmeros Comitês Populares e Centros Estudantis, adesão de intelectuais e promoção de comícios e debates públicos, onde apresentavam o seu programa por todo o país.

Seguindo uma linha política de luta contra o imperialismo, pela paz e em defesa das liberdades democráticas, o PCB em sua nova fase eliminou a sua *política de* quadros que restringia a participação no Partido aos revolucionários profissionais, para adotar a *política de massas*, abrindo-se para a sociedade e garantindo desta forma a adesão de milhares de homens e mulheres. E para atestar a sua existência, recrutar novos militantes e manter um elo de ligação entre seus filiados, utilizou o PCB a sua imprensa, colocando em circulação bens simbólicos e definitivamente significantes, impondo assim a sua ideologia: a ideologia revolucionária.





Campanha eleitoral do PCB.  
SEGATTO, José A.; et. all. *PCB. 1922-1982. Memória fotográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.80.

Em 1946, na seção intitulada *ABC do Partido*, o jornal *A Classe Operária* publicou que o marxismo-leninismo era a ideologia do Partido e da classe operária, na transformação revolucionária socialista da sociedade; por conseguinte aos militantes cabia eliminar, através de uma firme luta ideológica, a influência da ideologia burguesa.<sup>27</sup> Esta *orientação* conduziu a percepção de que ao invalidar o passado, a ideologia revolucionária ressaltava tudo o que importava destruir: a exploração do homem pelo homem, confirmando que, para os comunistas o passado era a história da opressão a qual foram vítimas as classes oprimidas, e por esta razão, priorizavam os períodos de conflitos, quando os oprimidos subverteram a ordem estabelecida. E partindo do pressuposto que a visão ideológica elabora um intenso “trabalho de criação para integrar a diversidade em uma unidade e renovar as interpretações do cotidiano”<sup>28</sup> pode-se constatar que o PCB não fugiu a esta regra, gerando um arcabouço cultural, sobre o qual alicerçou a emissão de mensagens ideológicas, transmitindo os conteúdos significativos, bem como os modelos legítimos e exemplares de comportamento: *a modalidade de ser*.

Desta maneira, ao agir sobre o passado e produzir o sentido, operando por seleção e reconstrução, o Partido libertou outros heróis, evocando desta forma, outras identificações.

27 Ideologia. *A Classe Operária*. Ano I. nº. 39. Rio de Janeiro, 30 nov. 1946. p. 2.

28 ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 39-85.

Dentro deste campo denso e complexo, o culto à personalidade de Stálin e Luís Carlos Prestes, encontrou um terreno fértil para a sua penetração no imaginário político dos comunistas neste período.

Importante aqui salientar que a linguagem política lembra — e por que não dizer determina — que a liderança deve ser *respeitada*, *amada* e, sobretudo *seguida* por suas qualidades e realizações, e a linguagem política então adotada pelo PCB demonstrou a sua eficácia ns eleições de 1945, pois a organização elegeu Prestes como senador, além de quatorze representantes como deputados federais. Esta performance foi mantida nas eleições de 1947, quando foram eleitos quarenta e seis deputados estaduais e dezoito vereadores no Distrito Federal.<sup>29</sup>

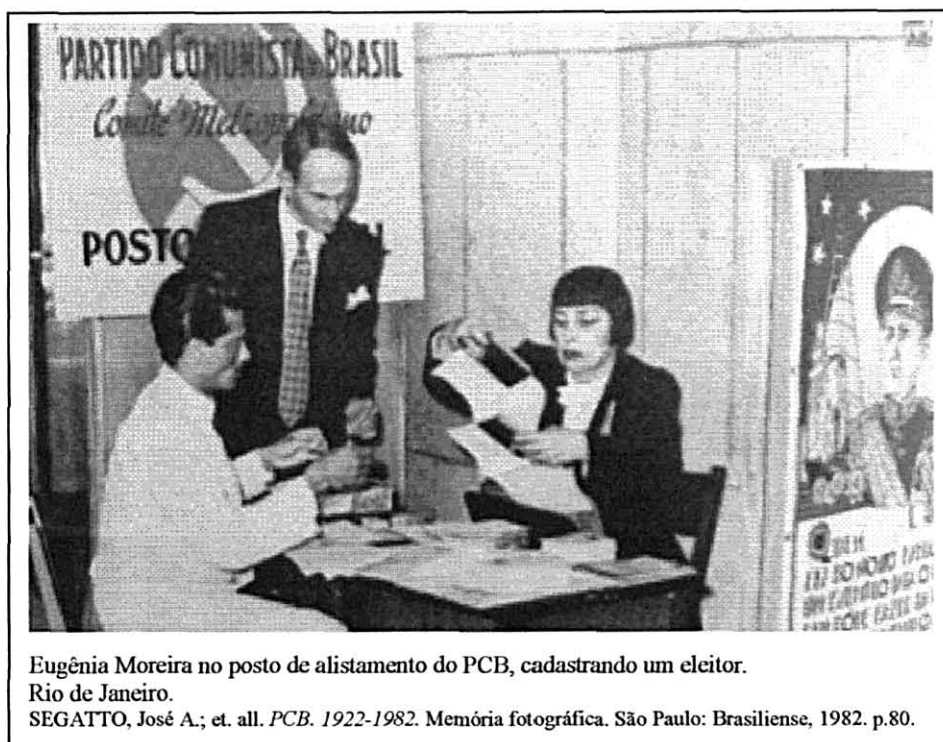
Além disso, a organização encontrou na sua imprensa um campo extremamente produtivo para transformar práticas dispersas em práticas orientadas, objetivando, através das instruções e depoimentos publicados em seus periódicos, evitar os possíveis desvios e aumentar a força política do grupo. Luís Carlos Prestes enfatizava insistentemente que todos os comunistas tinham o dever de conseguirem a vitória popular em cada município, pois esta tarefa atual apresentava-se como uma das maneiras práticas de lutar pela legalidade do Partido.<sup>30</sup>

Todos os militantes acataram esta *instrução*, sobretudo as mulheres comunistas que, apesar do seu reduzido número, empenharam-se na luta para manter a organização em sua legalidade, conquistando uma considerável adesão de mulheres, após organizarem em 1946, as Uniões Femininas. Cabe aqui considerar que muitas militantes, ao longo da trajetória do PCB até aqui narrada, engajaram-se na luta proposta e entre tantas atividades, participaram do Levante de 35 como Beatriz Bandeira Ryff, Maria Werneck de Castro, Armanda Álvaro Alberto, Haydeé Nicolussi entre outras. Já Nieta Campos da Paz, Elvira Boni de Lacerda, Nilse da Silveira e Adalgisa Cavalcanti trabalharam no Movimento Pró-Anistia aos presos políticos e no Socorro Vermelho, organização comunista internacional que recolhia e encaminhava fundos para as famílias de trabalhadores presos e perseguidos; enquanto Isaura Nepomuceno, Maria Lopes e Salvadora Peres, colaboravam para a conscientização dos trabalhadores promovendo comícios ou redigindo vários artigos publicados pela imprensa partidária entre outras tantas atividades.

---

29 Os nomes dos militantes do PCB, eleitos em 1945 e 1947, estão elencados em VINHAS, Moisés. op. cit., p. 87-89.

30 PRESTES, L. C. Dever dos comunistas. *A Classe Operária*. Ano II. Rio de Janeiro, 25 jan. 1947. p. 4



Eugênia Moreira no posto de alistamento do PCB, cadastrando um eleitor.

Rio de Janeiro.

SEGATTO, José A.; et. all. *PCB. 1922-1982. Memória fotográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.80.

Contudo, a tarefa que mobilizou e exigiu maior dedicação de todas as comunistas foi a campanha lançada por Leocádia Felizardo Prestes para libertar sua neta Anita Leocádia do campo de concentração nazista em Berlim, local para onde foi enviada Olga Benário Prestes.

Considerando-se experientes devido ao trabalho de Partido e envolvidas com a *política de massas* adotada pela organização, algumas militantes apelavam às mulheres brasileiras para apoiarem as Uniões Femininas e lutarem por uma causa que preocupava a todas: a carestia de vida e o cumprimento dos direitos que lhes foram assegurados na nova Carta Constitucional de 1946.

Ciente da importância das Uniões Femininas e convicta sobre a relevância da causa que abraçara, porque embasada nos princípios da tradição revolucionária, adquiridos na organização, Heloísa Prestes afirma que as organizações “ [...] devem ser criadas em todos os estados do Brasil, até que se possa chegar à formação de uma grande organização nacional de mulheres democratas e progressistas do Brasil em luta por um Brasil melhor para todos nós e para o nosso povo esfomeado e sofredor”.<sup>31</sup>

---

31 PRESTES, Heloísa. Para a união das mulheres democratas. *A Classe Operária*. Ano I. nº. 37. Rio de Janeiro, 16 nov. 1946. p. 6



Comício Pró-Anistia, promovido pelas mulheres do PCB.  
São Paulo, 1945.  
SEGATTO, José A.; et. all. *PCB. 1922-1982. Memória fotográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Este apelo encontrou respaldo no interior do Partido, que por sua vez, *indicou* a todos os revolucionários a leitura atenta do artigo publicado pela militante, chamando também a atenção para a relevância da sua nova proposta política.

[...] A camarada Heloísa nos mostrou o quanto podem realizar as mulheres, quando organizadas, na luta pacífica [...] contribuindo, dessa maneira, para garantir a ordem e a tranqüilidade e evitar que o natural descontentamento popular se transforme em novos pretextos para golpes dos restos do fascismo em nossa Pátria. [...] Para isso, é necessário que as nossas camaradas militantes, ao invés de se dedicar ao trabalho interno do Partido, como acontece em geral, se lancem intensamente ao movimento feminino. [...] a própria importância do movimento feminino de massas nos faz ver o quanto é necessário intensificar o recrutamento de mulheres para o Partido. [...] É evidente que, recrutando o maior número de mulheres para o Partido, que é a forma superior de organização, ajudaremos poderosamente as próprias organizações de massas do movimento feminino.<sup>32</sup>

Abrindo-se para as massas e reconhecidos como força política, os comunistas na Constituinte apresentaram várias emendas elaboradas pela direção do Partido, visando atender a classe trabalhadora; defenderam e apoiaram as greves e manifestações; combateram a favor do direito de voto dos analfabetos e soldados, da liberdade religiosa e de culto, como também da isenção de tributos a importação e produção de livros; defenderam a Saúde Pública e a reforma agrária entre outras questões inerentes aos interesses dos trabalhadores.<sup>33</sup>

32 Maior ajuda ao movimento feminino. *A Classe Operária*. Ano I. nº. 38. Rio de Janeiro, 23 nov. 1946. p. 6 (sem grifo no original).

33 Com relação à liberdade religiosa e isenção de tributos para importação de livros, consta nos Anais da Constituinte que estas propostas foram apresentadas pelo escritor comunista Jorge Amado e aprovadas pela Constituinte sendo a primeira transformada no inciso 6º. do artigo 5º. e a segunda na emenda nº. 2.850 da Constituição de 1946. AMADO, Jorge. Entrevista concedida a Sérgio Soares Braga (UFPR). *A militância no PCB e a atuação na Assembléia Constituinte de 1946*. In: *Revista de Sociologia e Política...* p. 79 e 82.

Com relação aos direitos das mulheres, o PCB não realizou nenhuma contribuição significativa, mas defendeu energicamente o salário igual para trabalho igual independente de sexo; a proibição do trabalho de mulheres e menores de 14 anos em locais insalubres; o direito à gestante ao descanso antes e após o parto sem prejuízo do emprego e do salário; assistência à maternidade e à infância; amparo a famílias de prole numerosa, entre outros itens.<sup>34</sup>



Eugênia Moreira: considerada pelo PCB como uma de suas melhores oradoras, formou a Frente Popular Antifascista e concorreu pelo Partido nas eleições para a Constituinte, sem no entanto ser eleita. DICIONÁRIO DE MULHERES DO BRASIL, p. 203.



Nieta Campos da Paz. Filiada ao PCB desde 1935, exercendo diversas funções, inclusive a de redatora da página feminina do jornal A Imprensa Popular. DICIONÁRIO DE MULHERES DO BRASIL, p. 447.

Além disso, os comunistas acirraram as suas críticas a Eurico Gaspar Dutra, que segundo eles, demonstrava sua incompetência em todos os aspectos da vida política, social e econômica do país. Dutra no início de seu mandato mostrou-se apartidário e após a aprovação da Constituição em 1946, tomou um viés político, encontrando inúmeros oponentes. Os comunistas por sua vez, apresentavam-se como fortes opositores, criticando abertamente a política econômico-financeira adotada, que

[...] desperdiçou o superávit da balança comercial, que havia sido acumulado durante a Segunda Guerra Mundial pelo governo Vargas [...] facilitou a entrada de maiores investimentos estrangeiros no país, especialmente dos E.U.A, estabeleceu o controle cambial, abriu créditos para a industrialização, tomou algumas medidas que beneficiavam a burguesia brasileira [mantendo] continuidade com o regime Vargas.<sup>35</sup>

---

34 Os itens citados estão contidos na Constituição de 1946 no Capítulo I. Título V. Artigo 157. Da ordem econômica e social. Parágrafos II, IX e X. p. 34 e Capítulo II. Artigo 164. da família. Parágrafo único. p. 35. *BRASIL. CONGRESSO NACIONAL. Constituição dos Estados Unidos do Brasil, promulgada em 18 set. 1946. Rio de Janeiro: Livraria Cruzeiro.*

35 VINHAS, Moisés. op. cit., p. 93.

Em oposição aos freqüentes ataques e, sobretudo, à crescente força da organização, Dutra reprimiu a imprensa comunista e as greves que eclodiam pelo país, criou a *policia especial*, grupo de profissionais treinados especialmente para dissolver comícios e manifestações populares, entre outros atos repressores. Ademais, apoiando-se na nova Constituição como também nos novos rumos que tomava a política internacional, com a ruptura da URSS com o Ocidente, rompeu relações diplomáticas com os soviéticos e cassou o registro do PCB.<sup>36</sup>

Os comunistas, pegos de surpresa, não esboçaram nenhuma reação, e em 1948 os mandatos dos deputados eleitos foram cassados. Diante deste quadro, encaminharam-se para a clandestinidade e adotaram métodos autoritários de direção, militarizando a organização. Contudo, mesmo mergulhados na ilegalidade e adotando uma política sectária, engajaram-se na *luta pela paz*.

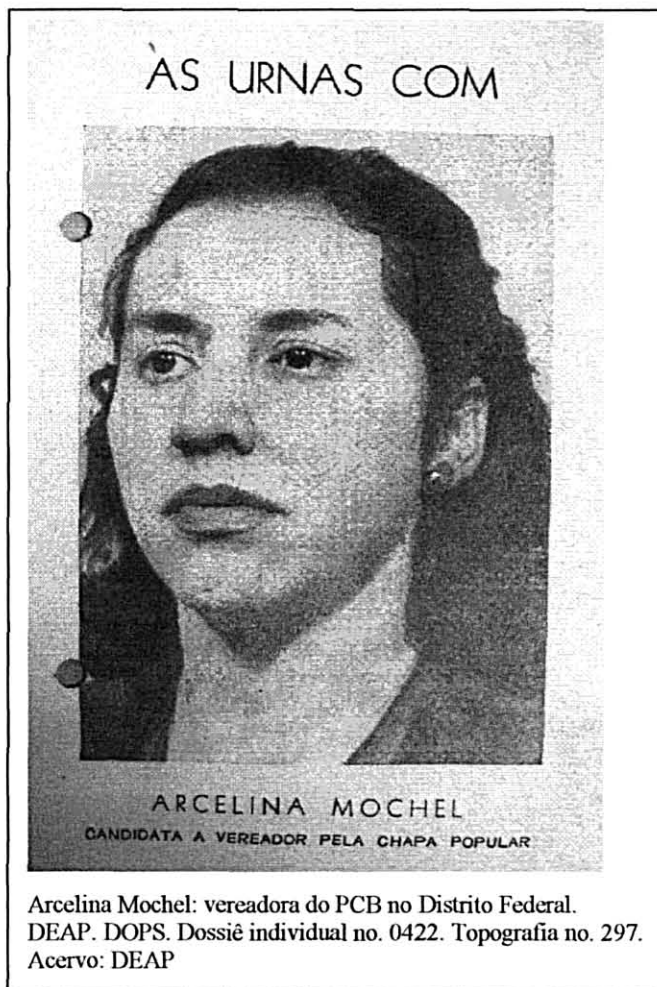
Convém ressaltar que devido à tensão internacional, dada a política da Guerra Fria, a URSS temia qualquer possibilidade de confronto, uma vez que arrasada pela guerra com a Alemanha, encontrava-se em condições opostas ao poderio econômico e militar norte-americano. Dessa forma, em 1949 o Komiform elegeu a *luta pela Paz*, ou melhor, a defesa da URSS contra as agressões do *imperialismo* norte-americano como tarefa prioritária dos Partidos Comunistas.

O Partido acatou as decisões do Komiform e empenhou-se na coleta de assinaturas — lançada pelo Congresso Mundial da Paz em Estocolmo —, enfrentando novamente o governo Dutra que havia declarado ilegal o então movimento. As campanhas pacifistas que contaram com o apoio maciço das militantes tornaram-se uma das poucas alternativas dos homens e mulheres do PCB de participarem da vida política do país.

Inconformados com a política antipopular e repressiva do governo Dutra, lançaram um Manifesto em janeiro de 1948, que no entanto, não obteve a ressonância desejada, sobretudo, da classe operária.

---

36 O brasilianista Thomas Skidmore em sua obra faz um levantamento de fatos históricos, percorrendo um período que corresponde os anos de 1930 a 1964. Sobre Dutra, o autor apresenta a sua política econômica, bem como a ruptura realizada no decorrer do seu governo, com a UDN e com Getúlio Vargas — eleito senador pela legenda do PSD e organizador do nascente Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Já sobre a cassação do PCB, explica que na Constituição de 1946 havia um dispositivo legal, no qual os partidos *antidemocráticos* poderiam ser impedidos de participarem abertamente na política. Foi com base neste dispositivo e contando com o apoio do exército e de constitucionalistas liberais, que Dutra cassou o mandato do PCB e derrubou líderes trabalhistas da esquerda. SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 21-101.



Assumindo uma linha política esquerdista, sectária e subjetivista, expressa dois anos mais tarde no Manifesto de Agosto de 1950, a organização recusou os acenos de Vargas para uma aliança com vistas às eleições presidenciais e mandou votar em branco. Novamente suas expectativas foram frustradas, pois a classe operária votou maciçamente na chapa de Vargas-Café Filho. Por conseguinte, os comunistas estreitam as alianças com o futuro governo e se aproximaram do Komiform, aproximação esta que gerou efeitos negativos, pois colaborou para que a cúpula pecebista cedesse às facilidades do *mandonismo*, sacrificando alguns pressupostos democráticos, como também contribuiu para fortalecer o voluntarismo, que os impediu de reconhecer as mudanças que vinham se realizando por todo o país.

O esboço deste mosaico de acontecimentos permite perceber que, nas épocas de crise, intensifica-se a produção de imaginários sociais concorrentes e antagônicos. Percebe-se também a força do mito do Partido revolucionário sobre os militantes brasileiros que, em sua imaginação reforçavam, após tantos anos nos *subterrâneos da liberdade*, breve legalidade e retorno a clandestinidade, a imagem do Partido sólido, homogêneo e fraterno. Fraterno? Sim,

pois as representações familiares passaram a compor o imaginário comunista, sobretudo a partir de 1945, quando, como já citado, a organização adotou a *política de massas*, abrindo-se para a sociedade.

Os laços de solidariedade entre o grupo foram se ampliando, conduzindo os homens e as mulheres que militavam na organização a viverem o Partido como uma grande família, fundamentando nela a sua identidade.<sup>37</sup> Identidade aliás, plenamente compartilhada e reconhecida pelas mulheres comunistas que neste período despontaram mais claramente para a vida política, emergindo assim, da *condescendência de sua posteridade*, ao legitimar a cultura pecebista transformando o perfil da história do PCB e da nossa história.

## 1.2 STÁLIN: “O CARISMA FABRICADO”

Em novembro de 1947 o encontro dos comunistas realizado na Célula Florentino Naziuzeno dos Santos, em Paranaguá, no estado do Paraná apresentou-se movimentado, relatou ao delegado do DEOPS, o agente Keiwert. Praticamente todos os trinta membros que compunham a Célula organizaram-se entusiasmados para as discussões cotidianas inerentes às atividades a serem desempenhadas pela organização. Contudo, foi no momento no qual se colocou em pauta as homenagens que seriam prestadas pela passagem de mais uma data natalícia do líder bolchevista Stálin, que os ânimos se apresentaram estranhamente aflorados. Após várias sugestões, expôs Keiwert em seu relatório

A comunista militante Maria do Rosário Kravitz [...] que figura como Secretária Política da referida célula, foi escolhida para proferir um discurso em homenagem ao líder vermelho, em uma conferência a ser realizada em Ponta Grossa, no próximo mês, sem data pré-estabelecida.<sup>38</sup>

O espanto do agente da polícia política com relação ao entusiasmo dos militantes de Paranaguá, aponta a sua incompreensão sobre as práticas dos comunistas. Não sabia ele, que no imaginário daqueles homens e mulheres, afloravam referências imagéticas, simbólicas e míticas sobre o líder, que com punhos de aço enfrentou e derrotou o nazismo, libertando do jugo totalitário os povos da humanidade.

Assim sendo, convém destacar que ao celebrarem a data de aniversário do

---

37 VICENT, Gerard. *Ser Comunista? Uma maneira de ser*. In: \_\_\_\_\_. *História da Vida Privada. Da Primeira Guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

38 DEAP. DEOPS. Curitiba. *PCB: documentos diversos*. Dossiê nº. 1468-b, Topografia nº. 174. s/p.



*Generalissimo*, os militantes do PCB exprimiam o apego afetivo aos sonhos de um passado idealizado, institucionalizado e oficializado.<sup>39</sup> E por esta razão, o culto ao Salvador não está isento de significação, pois traduz os sonhos e as pulsões de um imaginário, em sua pretensão de moldar o mundo, conforme os seus modelos, pois

[...] embora os comunistas se apresentassem como o produto mais acabado do longo processo de dessacralização do mundo, eles não conseguiram repudiar por completo a herança religiosa das sociedades passadas. Os antigos mitos continuaram presentes entre os comunistas e, camuflados pelo discurso legitimador da ciência, ofereceram a eles, imagens, expectativas e representações sociais.<sup>40</sup>

Em outras palavras, o mito somente poderá ser compreendido se for intimamente vivido; todavia, vivê-lo impede dar-se conta dele de forma objetiva, e por esta razão, os comunistas mesmo envolvidos em explicações concretas e científicas propostas pelo marxismo, não negaram o mito. Se o negassem, estariam recusando uma das formas fundamentais da existência humana, porque é próprio das sociedades utilizarem o mito, como a primeira forma de dar significado à sua existência e, acima de tudo, por seu intermédio ancorarem-se em um passado, quando o presente não tem muito que comemorar. Ele é sempre coletivo, pois fundado no desejo de segurança, gera um poder simbólico totalmente reconhecível pelos participantes.

Importa considerar que o mito não é uma fantasia que se opõe ao real perceptivo e racional, e sim um fenômeno que se pode manipular para melhor ou para pior. Para melhor, entende-se o desenvolvimento individual e coletivo das virtudes de coordenação coletiva e para pior, a arregimentação de sistemas intolerantes como os que se consolidaram no transcorrer do século XX.<sup>41</sup>

No caso do mito político do Salvador, representado aqui por Stálin, a sua consolidação e conseqüente perpetuação foi ampliada com maior intensidade no imaginário dos comunistas do Ocidente, através da narrativa sobre a sua participação na Revolução de Outubro de 1917 e habilidade militar na vitória sobre o mal que afligia toda a humanidade,

---

39 GIRARDET, Raoul. op. cit., p. 188.

40 FERREIRA, Jorge L. op. cit., p. 4.

41 Gilbert Durand, ao tratar sobre o regresso do mito na historiografia, admite que muitos estudiosos como Walter Benjamin, Herbert Marcuse entre outros, perceberam o poder das estruturas míticas ou das estruturas simbólicas sobre os componentes sociais e sobre o que se denominava antes deles de infra-estrutura. E esta percepção, diz o autor, foi extremamente importante, uma vez que “liberalizou o pensamento dogmático, marxista, modernizando-o”. DURAND, Gilbert. *O regresso do mito*. Conferência proferida no Instituto Francês de Lisboa em 10 fev. 1981. In : \_\_\_\_\_. *Mito, Símbolo e Mitodologia*. Lisboa: Presença, [19--]. p. 15-36.

personificado no nazi-fascismo. E a medida que Stálin ganhava amplitude, se estendia por um espaço cronológico e se prolongava na memória coletiva, os seus detalhes biográficos e as suas características físicas adquiriam importância.<sup>42</sup>

Afirmção esta que pode ser constatada através das inúmeras biografias sobre o homem de *olhos duros como o aço temperado*, reproduzidas pelos órgãos de divulgação do PCB, como por exemplo, o ensaio biográfico de Jean Bruhat. Neste sucinto relato, o biógrafo exalta a trajetória pessoal e política do georgiano, de origem *humilde*, filho de sapateiro e de uma camponesa, que desde os primórdios de sua infância viveu o drama de um povo oprimido pelo czarismo russo, opressão aliás, que o motivou a combater ferozmente as injustiças, ligando-o indiscutivelmente aos povos da URSS.

Mesmo sendo jovem, Stálin já era um *lutador*, e devido as suas idéias avançadas, foi expulso do colégio de seminaristas onde estudava, iniciando um trabalho de propaganda junto às massas operárias. Neste período foi perseguido e condenado à prisão na Sibéria, porém não se deixou abalar, intensificando durante o seu confinamento, o estudo das obras de Marx e Engels, além de entrar em contato com as idéias e atividades de Lênin, seu companheiro mais tarde na instauração dos alicerces do socialismo. Desta forma, concluiu Bruhat:

Não se poderia traçar a vida de Stálin, sem fazer ao mesmo tempo, uma história dos povos que hoje constituem a URSS. Raramente a história de um indivíduo e a história de um povo se têm mesclado a tal ponto. Nada pôde separar Stálin do povo, nem a prisão, nem a Sibéria, nem as responsabilidades supremas.<sup>43</sup>

Ao tomarem conhecimento da vida do *Homem de Aço*, os comunistas inspirados na imagem do *lutador* supervalorizavam no seu imaginário as representações do Homem Providencial, o aguardado Salvador. Em outras palavras, o líder bolchevique através do *sistema de heroificação*, surgia aos olhos dos comunistas do mundo inteiro — e os comunistas brasileiros não fugiram a esta regra — como um modelo exemplar a ser seguido, pois, imaginavam eles, vislumbrava na história aquilo que os outros não viam, guiando o seu povo pelos caminhos do futuro.<sup>44</sup>

Recuperando brevemente esta trajetória, após a Revolução de Outubro e o malogro

42 GIRARDET, Raoul. op. cit., p. 82.

43 BRUHAT, Jean. O mais fiel discípulo de Lênin: Joseph Stálin. *A Classe Operária*. Ano II, nº. 149. Rio de Janeiro, 06 nov. 1948. p. 4. A narrativa, meio eficaz de difusão dos mitos, foi uma das estratégias utilizadas para assegurar o culto à personalidade de Stálin. Entretanto no Brasil, as referências ao *Homem de Aço* ganharam maior destaque após o fim da Segunda Guerra, embora as biografias divulgadas apresentassem dados sucintos e não raro distorcidos.

44 Para Girardet, o processo de heroificação compreende três tempos: o *tempo da espera e do apelo*, caracteriza-se pela formação e difusão no imaginário do Salvador desejado. O *tempo da presença*, no qual surge o esperado Salvador com a missão de transformar o curso da história. Por fim, no *tempo da lembrança*, o Salvador retorna ao passado para se transformar de acordo com os mecanismos seletivos da memória coletiva, exigidos por uma determinada realidade vivida. GIRARDET, Raoul. Ibid., p. 72.

da esperada revolução na Alemanha, a Rússia soviética encontrou-se isolada entre nações burguesas. As massas trabalhadoras por sua vez, tomaram outras direções, deixando em um curto espaço de tempo, seduzir-se pelo fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha.

Diante deste cenário, o stalinismo patrocinou a idéia do *socialismo em um só país*, teorizando uma realidade histórica que se apresentava irremediável. Como *fortaleza sitiada* do socialismo, a Rússia sobreviveu à Guerra Civil em ruínas e muito mais atrasada do que sob o czarismo.

Em 1920, colocou-se em prática a Nova Política Econômica — NEP, política esta que defendia o crescimento econômico equilibrado, com base em uma economia de mercado camponesa orientada pelo Estado.<sup>45</sup> Embora a NEP obtivesse um brilhante êxito na economia soviética era necessário impor às forças comprometidas com o socialismo uma segunda revolução, fundamentada na industrialização. Imputada pelo Estado ao povo russo, a almejada industrialização exigiu-lhe grandes sacrifícios.

A economia planejada dos Planos Quinquenais, presidida por Stálin, tomou o lugar da NEP, e através da militarização do trabalho, ou seja, da aplicação ao mundo do trabalho das leis implacáveis que regem a vida militar, a industrialização desenvolvida pelo *sangue, suor e lágrimas* imposta ao povo russo funcionou desenvolvendo de sua forma, uma flexibilidade, transformando a URSS em uma invejável economia mundial.<sup>46</sup>

Convém neste momento salientar que, embora o sistema stalinista mantivesse o consumo da população a níveis extremamente baixos, assegurou-lhe um mínimo pessoal, fornecendo trabalho, alimentação, vestuário, habitação, assistência médica e acima de tudo educação. “A transformação de um país em grande parte analfabeto na moderna URSS, foi,

45 A NEP e as suas fórmulas conciliatórias, encontrou em Léon Trótsky o seu mais fiel opositor, pois o bolchevique defendia o comunismo de guerra, a coletivização e a liquidação da propriedade privada no campo. Embora centralizador, paradoxalmente, Trótsky reclamava métodos democráticos e maior liberdade de discussão no partido, alertando para as tendências parasitárias do aparelho estatal. Além disso, insistia na luta pela revolução mundial em detrimento a proposta de Stálin do *socialismo em um só país*, alegando que tal proposta conduziria a Revolução Russa ao malogro. Sobre as características e contradições da NEP, ver REIS FILHO, Daniel A. *O socialismo real (1921-1964)*. São Paulo : Brasiliense, 1983 (b). p. 9-30.

46 O Plano Quinquenal – cinco anos que foram reduzidos a quatro – objetivava, sobretudo, o reforço da produção de carvão, aço, energia elétrica e a reorganização dos transportes. A Stálin cabia contar com o apoio da população russa nesta empreitada. E para tanto, apelou para o patriotismo, conseguindo a adesão de milhares de russos, principalmente os jovens, que sonhando com a *pátria socialista*, empenharam-se nas fábricas, vivendo desta forma, a *religião do trabalho*, difundida estrategicamente pelas mais variadas imagens oleográficas, sobrecarregadas de felizes camponeses na plantação de trigo ou de operários eficientes sob as luzentes chaminés. PALTRINIERI, Marisa (org.). *Stálin*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. p. 105.

por quaisquer padrões, um feito impressionante<sup>47</sup> repercutindo positivamente sobre os grupos comunistas em diversos países, levando-os a vislumbrar nas conquistas do líder o caminho a ser percorrido por todos os povos da humanidade.

No que concerne à condição feminina, após a Revolução Russa uma significativa legislação social foi consagrada às mulheres soviéticas, facilitando a sua participação no mundo do trabalho.

A necessidade de incorporação destas no mercado de trabalho, devido a grande perda da mão-de-obra masculina, conseqüente dos conflitos civil e mundial, somada às reivindicações de revolucionárias como Alexandra Kollontai, Elena Dmitrievna Stásova, Larisa Mijáilovna Reisner, Nadezdha Krupscaya, Natália Sedova, Raísa Arkádievna Karfúinkel<sup>48</sup>, além da alemã Clara Zétkin, aumentou a sindicalização de mulheres na Rússia, confirmando desta forma a relevância do seu papel na edificação do estado socialista.

Embora as mulheres ingressassem maciçamente no mundo do trabalho, não ocorreu efetivamente durante a II e III Internacional uma discussão mais aprofundada sobre as deficiências do novo mundo que se formava, e questões como sub-qualificação no trabalho, tripla jornada, entre outras opressões inerentes a grupos minoritários, foram colocadas como secundárias, pois prevalecia no imaginário bolchevique a idéia da libertação da classe trabalhadora como o cerne dos demais movimentos.

Todavia, não se pode negar que a legislação social objetivando abranger os aspectos centrais da vida das mulheres foi inovadora para o período, despertando a atenção de milhões de homens e mulheres do mundo inteiro.

A regulamentação do aborto, ajuda de custo para as despesas pós-parto, assistência médica gratuita, estímulo à amamentação, criação de creches e maternidades no interior das fábricas ou em bairros de população operária densa, reconhecimento de uniões não-oficiais, direito ao divórcio e, sobretudo, instrução feminina, são exemplos destas inovações.

Muitas destas conquistas porém, foram reprimidas por Stálin. Ao ascender ao poder, não escondeu o georgiano a sua formação conservadora e, procurando impor sua doutrina, a fim de evitar possíveis desvios que conduziriam o socialismo ao fracasso, decretou em 1936, o *Novo Código da Família*, no qual condenou a união livre e o aborto, restringiu o divórcio e afirmou a maternidade como papel da mulher.

---

47 HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos. O breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 373.

48 HAUPT, Georges; MARIE Jean-Jacques. *Los Bolcheviques*. México: Ediciones, 1972.

No Brasil, as informações difundidas sobre as transformações na URSS chamaram as atenções dos comunistas para o Novo Código, envolvendo-os em uma complexa teia de verdades, utopias e mitos, principalmente no mito do socialismo real, concebido no progresso industrial, defesa nacional e culto ao Estado todo-poderoso.<sup>49</sup>

Em 1946, *A Classe Operária* divulgou a mensagem a todos os Partidos Comunistas da presidente do Soviet do Distrito de Tagansk em Moscou, P. Pichugina, sobre as conquistas das mulheres soviéticas, mensagem esta de considerável valor, pois permite perceber como as soviéticas *acataram* o novo Código e como este interferiu no imaginário das comunistas no Brasil, afirmando a Revolução de Outubro como a emancipadora das mulheres, uma vez que deu-lhes direitos iguais aos dos homens.<sup>50</sup>

Iniciando com o artigo 112 da Constituição soviética, que declara: “As mulheres na URSS têm direitos iguais aos do homem em todos os campos da vida econômica, estatal, cultural, social e política.” Pichugina apresenta as transformações naquele *mundo novo*, no qual as mulheres foram beneficiadas, justificando que o Código da Família fora elaborado com a permissão dos cidadãos soviéticos, por estar estreitamente relacionado aos seus interesses e sentimentos. O *Novo Código* possibilitou o exercício de todos os direitos previstos, garantindo as mulheres os mesmos direitos dos homens, tais como: salário, descanso e recreio; seguro social e educação. Fora isto, por meio da proteção estatal, assegurava a todas licença maternidade antes e depois do parto sem prejuízo de seus salários, além de maternidades, creches e jardins de infância, visando mantê-las no mercado de trabalho para desfrutarem de sua independência econômica.

Sobre o decreto que condenava o aborto, argumentou que este objetivava proteger as mulheres dos efeitos prejudiciais oriundos desta prática, como também de qualquer atitude irresponsável com relação às obrigações paternas para enfim, fortalecer a família soviética. Entretanto, o novo decreto permitia às mulheres a prática do aborto em dois casos: quando a gravidez expusesse em risco a vida e a saúde da mulher e quando existisse perigo da criança herdar alguma doença de seus pais.

O fortalecimento da família constituía o cerne das preocupações do governo, e por esta razão o divórcio e as uniões livres foram restringidos. O estado soviético preocupou-se

---

49 REIS FILHO, Daniel A. *op. cit.*, p. 44

50 PICHUGINA, P. As Mulheres na União Soviética. *A Classe Operária*. Ano I. n.º. 36. Rio de Janeiro, 07 nov. 1946. p. 12.

também em amparar as mães de família numerosa, garantindo-lhes uma quantia de rublos para a manutenção de sua prole, pois “somente sob o socialismo, sistema onde não há exploração e no qual o constante progresso do bem estar material de todo o povo é uma lei do desenvolvimento social, é possível levar a cabo uma luta séria para fortalecer os laços familiares”.<sup>51</sup> Assim Pichugina explicava que a aplicação do decreto somente foi possível porque as mulheres desfrutavam de sua independência econômica, cientes que seus filhos estavam protegidos e amparados pelo Estado e, portanto, trabalhavam com entusiasmo para consolidar um sistema que eliminou o desemprego e aumentou o bem-estar material da população, permitindo-lhes *olhar com confiança no futuro*.<sup>52</sup>

O trabalho feminino, aliás, não se limitava apenas a pequenas atividades, pois após a Revolução, às soviéticas foi permitido além do acesso a várias profissões consideradas como exclusivamente masculinas, o direito de conquistarem posições de destaque, desde que desejassem e demonstrassem capacidade organizativa.

Ao finalizar sua mensagem, a integrante do Soviet Supremo alerta que, antes de assumir tão importante cargo, era uma operária não qualificada, e esta *qualidade* oferecida estendia-se a todas as mulheres sem distinção de idade ou profissão, uma vez que

A posição da mulher na URSS [tornou-se] o argumento mais convincente contra a teoria fascista da *incapacidade* das mulheres; contra sua teoria de que as mulheres só servem para terem filhos e cuidar da casa. Na URSS a inteligência e a capacidade da mulher são utilizadas nos interesses da sociedade e, em consequência, em benefício da própria mulher.<sup>53</sup>

A leitura do texto, sugere algumas ponderações, pois embora o conteúdo explícito de sua mensagem não esboce inocência, revelando para além da neutralidade, a maneira comunista de perceber, organizar e denominar a realidade, o seu conteúdo implícito traiu preconceitos e tabus por intermédio de seus estereótipos e silêncio, sendo este último evidenciado pela resignação e constante afirmação da maternidade como papel da mulher. Cabe registrar, que o governo soviético ao amparar as mulheres que tivessem muitos filhos, encorajava-as à maternidade, condecorando as *Mães Heroínas*, com a ordem de *Glória a*

---

51 As Mulheres na União Soviética. *A Classe Operária...* Ibid., p. 12.

52 Segundo o novo decreto, após o nascimento do sétimo filho a mulher recebia uma recompensa, tipo a pensão atual, de dois mil rublos por ano, até a criança atingir os cinco anos de idade. Caso nascessem outros filhos, a mesma quantia era entregue anualmente para cada filho gerado. Quando a mulher gerasse o décimo filho, a quantia recebida passava de 2 a 5 mil rublos pelo nascimento de cada criança e 3 mil rublos anuais até o quinto aniversário de cada filho.

53 As Mulheres na União Soviética. *A Classe Operária...* Ibid., p. 12.

*Maternidade* ou *Medalha da Maternidade*, assegurando assim, a ampliação do número de braços para o “cultivo e trabalho útil à Pátria socialista”.<sup>54</sup>

Importante também considerar que as notícias sobre a vitória das mulheres na URSS vinham de encontro aos propósitos do PCB, que como já visto, abria-se para as massas e objetivava conquistar o maior número de adesões femininas para o Partido. E apropriando-se dos signos existentes no Novo Código, a organização reforçou normas e códigos de conduta a todas as militantes, com o intuito de frear possíveis desvios e discipliná-las como comunistas, consolidando desta forma, o espírito de abnegação à causa operária.

Não se trata aqui de emitir juízos de valor sobre a incondicional adesão dos comunistas brasileiros, diante das imposições morais efetivadas por Stálin e legitimadas pelo PCB. Importa sim, levar em conta as condições da época, bem como os limites dos atores nela inseridos, pois os homens e mulheres do PCB, embora o negassem, mantinham fortemente enraizados os valores androcêntricos e patriarcais característicos da cultura brasileira. Além disso, o fortalecimento da organização se desenvolvia sob a égide stalinista, e as notícias sobre as conquistas do povo soviético estimulavam representações de uma sociedade baseada na justiça e na solidariedade.



As maternidades, inteiramente gratuitas, garantem uma gestação sadia e um parto sem dor a cada parturiente.

Imagens publicadas pelos órgãos de divulgação do Partido, destacando os cuidados do Estado soviético com as mulheres, garantindo-lhes assistência médica gratuita e o parto sem dor, obrigatório em todas as maternidades.

Momento Feminino. Ano. VI no. 99.

Acervo: DEAP

54 COTTON, Eugenie. As mulheres soviéticas. *A Classe Operária*. Ano II. nº. 149. Rio de Janeiro, 06 nov. 1948. p. 06. Ressalta-se que a francesa Eugenie Cotton assumia o cargo de presidente da Federação Democrática Internacional de Mulheres, criada em 1945 e suas mensagens sobre as conquistas femininas na União Soviética colaboravam para difundir entre as comunistas brasileiras imagens de igualdade, fraternidade e liberdade adquiridas pela população soviética após a Revolução de Outubro e consolidadas pelo governo stalinista.

As mulheres do PCB, ao tomarem conhecimento das conquistas das soviéticas, que sob a liderança de Stálin participavam ativamente do desenvolvimento do socialismo em seu país, transportavam-se para um tempo imemorial que estaria por vir, reforçando em seu imaginário a certeza de que sua luta não era infundada como também, a crença no mito do Salvador, personificado pelo *Homem de Aço*, como se pode perceber no artigo redigido por Arcelina Mochel, pela passagem do septuagésimo segundo aniversário do líder, pois de acordo com a militante

[...] ao dirigir o Estado Soviético, soube ele imprimir um objetivo novo, baseado no amor à pátria socialista, ao trabalho construtivo, à paz, ao espírito de fraternidade entre os povos e ao comunismo. [...] Todos estes direitos vistos por nós, mães brasileiras e pelas crianças de nossa pátria, como *maravilha de um mundo diferente*, fazem-nos amar a Stálin, *mestre e guia dos povos*.<sup>55</sup>

Sublinha-se aqui que foi justamente no período em que o *guia dos povos* iniciou a *maravilha de um mundo diferente*, iluminado pelos primeiros vislumbres de bem-estar futuro que os tribunais especiais começaram a funcionar, mergulhando a sociedade soviética, por intermédio dos expurgos e execuções, no generalizado clima de terror.<sup>56</sup> E por esta razão, delinear-se-á brevemente o perfil de Stálin, que intelectualmente, como seria mais prudente dizer, mantinha uma peculiar diferença, se comparado a Lênin e Trotsky.

Como pensador da luta de classes, do Partido de vanguarda, da Revolução e do Estado, Lênin era um teórico de alto nível conceitual, apresentando um pensamento sólido e profundo sobre o processo histórico. Trotsky por sua vez, considerava-se intelectualmente superior, consideração esta que em muitas vezes converteu-se em arrogância individualista, conduzindo-o ao isolamento pelos bolcheviques.

Já Stálin era feito de outra matéria-prima, pois além de demonstrar sua capacidade teórica, apresentou-se para os bolcheviques como um excelente administrador e político extremamente hábil. Ressalte-se ainda que as características acima mencionadas, o conduziram a dirigir o povo soviético e o seu partido pelo medo e o terror e “o que deu a esse terror uma desumanidade sem precedentes foi o fato de que não reconhecia limites

---

55 MOCHEL, Arcelina. Dia de Festa para as Mães. *A Voz Operária*. Ano I. nº. 135. Rio de Janeiro, 21 dez. 1951. p. 6. (sem grifo no original).

56 Para Isaac Deustcher, Stálin intuindo o envolvimento soviético em uma nova guerra, procurou, antes do início das hostilidades, eliminar os inimigos que pudessem aproveitar a situação de uma possível desordem interna para rebelarem-se contra seu governo, retirando-lhe assim, o seu poder. O assassinato de Kirov iniciou uma série dramática de expurgos e execuções. Após foi a vez de Zinoviev, Nikolaiev, Kamenev, Bukharin, Trótsky, além de todo o Politburo de Lênin, chefes de polícia e militares. DEUSTCHER, Isaac. Citado por PALTRINELLI, Marisa. op. cit. p. 119-130.



convencionais, aplicando sobre a presente geração, o princípio de guerra total a todos os tempos”.<sup>57</sup>

Acreditava o *Homem de Aço*, que somente ele conhecia o caminho a ser percorrido e seu poder absoluto vinha do apoio explícito e tácito de sub-lideranças, firmadas sobre camadas amplas que lhes davam respaldo militar, policial e sobretudo, ideológico. E sobre este poder, foram gerados mecanismos que propiciaram a fabricação de seu carisma, pois a exploração do marxismo como *a única doutrina capaz de decifrar o sentido e a marcha da história*, e, das imagens sempre vitoriosas de sua ação, imagens estas selecionadas e difundidas pela propaganda soviética que, quando não apagavam o terror, surgiam como a sombra da felicidade, forneceram os subsídios básicos para a construção da imagem de Stálin como o “grande guia, protetor e Salvador, dotado de qualidades e poderes sobre-humanos, encarnando ao mesmo tempo a ortodoxia e o mito e, a partir daí, o sentido da história”.<sup>58</sup>

É por sua audácia que o líder se impõe, e ao surpreender, comover e subjugar, o georgiano legitimou a sua autoridade, impondo um modelo singular, no qual cada um podia esperar e tentar reconhecer-se. A audácia de Stálin definitivamente se expressou durante a Segunda Grande Guerra, quando assumiu pessoalmente todas as operações militares, despertando esperanças no povo russo, então perplexo com as atrocidades do exército nazista.

O episódio decisivo

[...] para manter o ânimo da população civil e do Exército Vermelho, ocorreu em 7 de julho de 1941. Com Moscou sitiada pelo inimigo [...] Stálin personificando a firmeza do povo, a coesão nacional e a vontade de vencer, não abandonou a capital e ainda presidiu uma parada militar de soldados que partiam para o combate.<sup>59</sup>

Esta decisão restituiu a crença dos soviéticos e aumentou a confiança no *Grande Pai*, guardião da normalidade, recompondo uma vontade que se encontrava em estado letárgico e colocando-a em contato com uma outra vontade, agora mais arrebatadora e conquistadora, consolidando assim a função essencial atribuída ao herói Salvador.<sup>60</sup>

No Brasil, os atos heróicos do líder não ficaram isentos de significados. Para os comunistas brasileiros, a imagem de Stálin agregou novos elementos, reforçando componentes simbólicos pré-existentes. Anteriormente o homem considerado como o

---

57 HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos ...* op. cit., p. 381.

58 BACZKO, Bronislaw. op. cit., p. 330.

59 FERREIRA, Jorge. op. cit., p. 319.

60 GIRARDET, Raoul. op. cit., p. 91-93.

*construtor do socialismo* passou agora a personificar a vitória, a fartura, a potência mobilizadora, surgindo desta forma aos olhos dos militantes como o *salvador da humanidade*.

Após 1945, o culto a sua personalidade no Brasil desenvolveu-se de forma eficaz, através dos periódicos da imprensa que reproduziam a propaganda extravagante e pouco elaborada dos soviéticos, além de biografias distorcidas sobre o líder. Libertando o mundo dos grilhões nazistas, Stálin para os comunistas brasileiros surgiu como um modelo exemplar a ser seguido. Em todos os momentos, os militantes procuravam expressar sua gratidão e afeição ao líder, como se pôde perceber no *agitado* encontro no Comitê Comunista de Paranaguá, por exemplo. Além do mais, as inúmeras publicações nos jornais do Partido reafirmaram que tanto as mulheres como os homens do PCB, vivenciavam, no sentido cabal, o mito de Stálin, como o exemplo de Laertes Pedro Bonfim ao publicar a sua homenagem ao líder, na seção intitulada *Stálin visto pelo povo*, criado pelo periódico *A Voz Operária*. Em setenta anos de vida, escreveu o militante

[...] destronastes tzares e exércitos sabotadores, e aos nazistas agressores.[...] As mães estão felizes porque tu foste Stálin e subjugaste do jugo o mais voraz: – o jugo do capital – e suas consortes famintas, a miséria e a exploração. Teus atos, somente eles dizem ao mundo quem és: És o marco de uma época, a luta, a vida, a vitória do povo trabalhador [...] tua obra somente diz ao mundo quem és: AMANHÃ, que belas serás tu, AMANHÃ de Stálin!<sup>61</sup>

Já Maria Felisberta Martins homenageou o líder pelos 72 anos de vida e 58 de luta política exaltando as conquistas femininas na URSS, conquistas que definitivamente, acreditava a militante, se estenderiam às brasileiras, pois Stálin representa

[...] a estrela luminosa que guia os nossos passos de mulheres operárias que ganham salários de fome [...] que vêem seus filhos sem escola, sem leite, sem pão [...] que voltam seus olhos para a invencível URSS, o grande baluarte da paz, onde a mulher faz parte ativa da vida econômica, social e política do país [...] As mulheres te saúdam, camarada Stálin, pois és o campeão da paz.<sup>62</sup>

As homenagens ao *Homem de Aço* como nos exemplos acima eram constantes, e uma leitura mais atenta a estas, permite constatar que no imaginário dos comunistas, Stálin representava não apenas o líder indiscutivelmente genial, mas também a encarnação da própria idéia, do próprio sonho de uma nova sociedade.

Convém lembrar que a explosão da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki,

---

61 BONFIM, L. P. Stálin. *A Voz Operária*. Ano II. nº. 35. Rio de Janeiro, 21 nov. 1950. p. 10.

62 MARTINS, Maria F. O Exemplo da Mulher Soviética. *A Voz Operária*. Ano IV. nº. 145. Rio de Janeiro, 29 fev. - 11 mar. 1952. p. 10.

somada as impactantes revelações das atrocidades cometidas pelo exército nazi-fascista, conduziu todos os povos do mundo – agora divididos em comunistas e capitalistas – a viverem às sombras de uma guerra nuclear planetária.

Stálin, extremamente preocupado com a hegemonia bélica dos EUA. e ciente da situação da URSS, exaurida e completamente arrasada, assumiu uma postura tática e defensiva, convocando o Komiform a declarar a *luta pela paz*, ou melhor, “ a defesa da URSS sem reservas, sem hesitações [...] porque a URSS é a base do movimento revolucionário mundial ”.<sup>63</sup>



**Os jardins de infância, as escolas maternas e as creches, amplamente disseminadas por toda a União Soviética, são uma prova da atenção dispensada pelo governo à educação da infância.**

As comunistas brasileiras se encantavam com as conquistas das soviéticas, ressaltando que Stálin preocupava-se com o bem-estar das mulheres, ao criar em todo o território jardins de infância com profissionais treinados para atender os filhos das trabalhadoras, auxiliando-as na educação das crianças, assegurando-lhes um futuro feliz.

*Momento Feminino*. Ano VI. n.º 99. p.12. (2066pb – 2341)

Acervo: DEAP

Divulgando a todos os Partidos Comunistas a mensagem pacifista, “a paz será conservada e consolidada se os povos tomarem nas mãos a causa da paz e a defenderem até o fim”, o líder soviético incitou todos os comunistas a lutarem pela concórdia mundial, embora estrategicamente visasse defender a URSS contra as possíveis agressões norte-americanas. A decantada mensagem inspirou os comunistas brasileiros no combate a guerra, afinal

<sup>63</sup> Stálin. Citado in: Comitê Nacional do PCB: A luta pela paz: nossa tarefa central e decisiva. *A Voz Operária*. Suplemento. Rio de Janeiro, 15 mar. 1950. p. 21.

participavam eles do *glorioso Partido de Prestes*, que certamente transformar-se-ia no porta-estandarte da luta pela paz para todos os povos. Por intermédio da resolução aprovada unanimemente pelo Comitê Nacional, os homens e mulheres do PCB adotaram a política proposta como tarefa central e decisiva, pois tinham à sua frente o comandante que salvou a humanidade da escravidão fascista e, com a mesma segurança conduziria a luta pela paz, liberdade, independência nacional, pelo socialismo e por um futuro radioso.

Em 1950, o Comitê Nacional além dos informes e resoluções divulgava autorizações para a criação de Comitês Pró-Paz nos bairros e empresas, com o propósito de recolher assinaturas para o Congresso Mundial pela Paz realizado em Estocolmo.

Os militantes engajaram-se com dedicação no movimento, realizando congressos e comícios a fim de conscientizar a população sobre a importância da luta proposta por Stálin. Em uma carta publicada pelos jornais partidários, a comunista Juvência José D'Ávila, após explicar a finalidade do Apelo de Estocolmo, conclama a população brasileira a

[...] salvar a humanidade e o nosso país de uma nova e mais terrível guerra [pois] a alvorada socialista desponta para o mundo inteiro varrendo da face da terra uma sociedade nojenta que tem seus alicerces atolados na lama e há séculos se alimenta de opróbrio, da fome e da miséria daqueles que ela faz sofrer.<sup>64</sup>

O Apelo de Estocolmo, se por um lado mobilizou os comunistas brasileiros, por outro lado suscitou inúmeras críticas dos círculos conservadores e anticomunistas representados pela Igreja, *Grande Imprensa* e órgãos governamentais.

Às críticas levantadas, que dificultavam a coleta de assinaturas, os militantes eram *orientados* a responderem com firmes argumentos. Em novembro de 1950, *A Voz Operária* dedicou uma página especial de respostas a tais questionamentos. Entre as muitas respostas *sugeridas*, chama-se neste momento a atenção para a seguinte instrução:

Aos que dizem:

A campanha de assinaturas apóia a <<ofensiva de paz>> dirigida por Moscou em seu próprio benefício.

Respondemos:

É espantoso e trágico ao mesmo tempo assistir-se à condenação de esforços em favor da paz. O próprio termo <<ofensiva>> usado para caracterizar esforços pela paz, reflete o espírito guerreiro de quem o faz.<sup>65</sup>

---

64 DÁVILLA, Juvência J. A Alvorada Socialista *A Voz Operária*. Ano II. nº. 67. Rio de Janeiro, 02 set. 1950. p. 10

65 Novas Respostas. *A Voz Operária*. Ano II. nº. 77. Rio de Janeiro, 11 nov. 1950. p. 5.

Interessa saber, que por intermédio de sua imprensa, o Partido divulgava inúmeros informes, objetivando transmitir em esfera nacional a sua doutrina. Várias *sugestões* de obras de caráter doutrinário, além de instruções e regulamentos encontravam-se no interior destes periódicos. Os militantes eram então *orientados* a lerem os textos sugeridos, analisarem minuciosamente os comentários, para enfim discuti-los no cotidiano encontro nas Células.

Entretanto, o que por hora importa considerar no que se refere à instrução acima, é a percepção de que após a proposta de mobilização das massas para manter a almejada concórdia entre os povos da humanidade, Stálin para os militantes do PCB adquiriu outra significação, surgindo como o Pacificador, ou melhor, aquele que deixou de lado os problemas mais próximos, para incansavelmente se dedicar à consolidação do bem mais caro a todos: a paz mundial.

No Apelo dirigido aos povos pelo Congresso de Viena em 1952 e publicado incessantemente pela imprensa partidária, pode-se constatar a presença dos signos que permeavam o imaginário dos comunistas, conduzindo os homens e mulheres do PCB a se reconhecerem na imagem do seu *Salvador*.

“Os povos, sejam quais forem os seus regimes e o seu ideal supremo, querem viver em paz. A guerra é odiada por todos os povos, a guerra lança sua arma sobre todos os berços. Está dentro da capacidade dos povos mudar o curso dos acontecimentos, dar aos homens confiança na tranquilidade do amanhã. Concitamos os povos do mundo inteiro a lutar pelo espírito de entendimento e negociações, pelo direito dos homens à paz!”<sup>66</sup>

*Lider inconteste* da luta pela paz, o camarada Stálin passou a ser amado e exaltado por todos os comunistas brasileiros. Inúmeras foram às manifestações elogiosas ao *campeão da paz* demonstrando que o apego aos sonhos de felicidade realizada não deixou de alimentar o imaginário destes homens e mulheres.

---

<sup>66</sup> Apelo dirigido aos povos pelo Congresso de Viena. *A Voz Operária*. Ano V. nº. 191. Rio de Janeiro, 17 nov. 1953. Capa. O Congresso de Viena, realizado em dezembro de 1952, reuniu representantes de diversos países que, embora tivessem pontos de vista contraditórios sobre as causas da atual tensão internacional, discutiram as propostas de paz, respeitando as diferentes opiniões, condenando unanimemente a realização de pactos militares bilaterais entre outros pactos de guerra entre as grandes potências e os pequenos países. O Brasil enviou sua delegação que incluía os seguintes representantes: a professora Paulina Ambrósio; os romancistas José Geraldo Vieira e Jorge Amado; o maestro Eduardo de Guarnieri; o general Buxbaum; o deputado petebista de Minas Gerais Valdomiro Lobo; a atriz Maria Della Costa e seu esposo Sandro Polônio; a representante do Conselho Mundial da Paz, Branca Fialho e a operária Elisa Branco. Os povos se encontram em Viena. *Momento Feminino*. Ano VI. nº. 97. Rio de Janeiro, dezembro de 1952. p. 01.



Congresso de Viena, no qual representantes de vários países discutiram a paz.  
No intervalo dos trabalhos, conversam os representantes brasileiros Maria Della Costa, Sandro Polônio e Jorge Amado  
Momento Feminino. Ano. VI no. 99, p. 13.  
Acervo: DEAP

Em 1953, ao tomarem conhecimento da enfermidade do líder, os comunistas consternados, dirigiram incontáveis mensagens e telegramas calorosos ao povo soviético. As mulheres por sua vez, em uma demonstração de afeto ao *amado guia*, redigiram várias mensagens às *irmãs soviéticas* visando incentivá-las através de suas palavras solidárias.

Emocionadas pela dolorosa notícia da grave enfermidade do querido pai dos Povos da União Soviética, transmitimos às queridas amigas, e por seu intermédio, a todo o povo soviético, os nossos mais ardentes votos para que recupere a saúde o dirigente do povo pela Paz, pela independência das nações e pela democracia.<sup>67</sup>

escreveram as mulheres antifascistas representadas por Adalgisa Cavalcanti, Ana Montenegro, Arcelina Mochel Goto, Eline Mochel Matos, Eunice Catunda, Heloísa Prestes, Nieta Campos da Paz e Zélia Gattai.

Quando Stálin faleceu muitas militantes escreveram exaustivamente sobre a irreparável perda que tiveram todas as mulheres e os povos da humanidade pois, acreditavam elas, desde a sua ascendência ao poder, havia defendido os trabalhadores do jugo capitalista tornando a realidade soviética o sonho de milhões de homens e mulheres.

---

<sup>67</sup> Mensagens e telegramas ao P. C. da U.R.S.S. aos povos soviéticos e seus dirigentes. Das mulheres anti-fascistas. *A Voz Operária*. Ano V, nº. 198. Rio de Janeiro, 06 mar. 1953. p. 3.



Em um artigo dedicado à vida e obra do líder, Fanny Tabak confirma toda a gratidão e afeto das militantes do PCB para com o emancipador de milhões de mulheres. Após traçar uma breve biografia na qual discorre sobre o caráter e a luta do *Homem de Aço* para atender os interesses dos trabalhadores e satisfazer as suas necessidades, a comunista exalta a dor e o luto que dominavam os corações das brasileiras, amantes da paz, enfatizando que este doloroso sentimento deveria se transformar em energia para as novas lutas em prol da libertação humana da exploração do trabalho como também da emancipação feminina como pretendia o *amado guia*. A vida de Stálin, finalizou a militante

[...] é o farol que ilumina os grandes acontecimentos do século XX. Seus ensinamentos, suas obras, são um legado precioso que se transformam em armas poderosas para o combate decisivo — um mundo livre da exploração do homem pelo homem, um mundo que garanta *pão e rosas* para todos.<sup>68</sup>

Constata-se através da homenagem de Fanny Tabak que reforçando estruturas simbólicas e míticas, os comunistas associavam em seu imaginário Stálin ao *Guia Genial* que possuía a sabedoria necessária para conduzi-los pelos caminhos do comunismo a um futuro radioso, e, por seu intermédio, partilhavam os mesmos fervores, as mesmas emoções e as mesmas esperanças. Assim sendo, para os militantes do PCB o comunismo era como o vento, e como o vento era invencível, “e quem pode segurar o vento quando ele está solto pelo mundo? [...] Quem poderá segurar o vento quando ele estiver solto sobre nós?” finalizou o seu

---

68 TABAK, Fanny. Uma vida gloriosa. Stálin, o emancipador de milhões de mulheres. *Momento Feminino*. Ano VI. nº. 99. Rio de Janeiro, março/abril de 1953. p. 12.

conto a poetisa e militante Alina Paim, indicando que em torno da imagem do Salvador, uma vida coletiva se reestrutura e uma nova trama social se consolida.<sup>69</sup>

Mas, em 1956 os ventos mudaram a sua direção ...

Soprando rígidos sobre os comunistas após a morte do líder, os novos ventos trouxeram à tona as impactantes revelações de Krushev no XX Congresso em Moscou, revelações estas que diminuíram subitamente a admiração e o fascínio pelo *homem que mais amavam...*

### 1.3 LUÍS CARLOS PRESTES: “FAZER CRER, AMAR E AGIR”

Em fins de 1942, durante o conflito mundial que envolvia diversos países, Léa Sá Carvalho, retornando para a sua residência no centro do Rio de Janeiro, encontrou a amiga Zélia, que por um longo período perdera de vista.

À sensação de bem-estar produzida pela recordação de experiências e esperanças compartilhadas, acrescentou-se a alegria sobre a coincidência de ambas se encontrarem em estado adiantado de gravidez e do seu desejo de que seus filhos nascessem sob o sexo masculino. Em meio ao animado diálogo, Léa perguntou:

— Você já escolheu o nome para seu filho?

— Claro que sim. Ele vai se chamar Luís Carlos. Respondeu satisfeita a amiga.

— O meu também vai ter o nome de Luís Carlos, observa Léa concluindo o diálogo introdutório de seu depoimento publicado no jornal *A Voz Operária*, no qual justifica os motivos que a conduziram dar a seu filho, o nome do secretário-geral do PCB.<sup>70</sup>

Toda mãe, afirmava a militante, almeja a felicidade de seus filhos e espera que quando estes atinjam a maturidade, transformem em realidade aquilo que sempre sonharam. Logo, registrar seu filho com o nome de Luís Carlos, significava confiar a ele a coragem, a honestidade e a justiça, como confiava em Prestes a direção do Brasil rumos ao socialismo.

Indignada com os processos movidos contra o Partido e seus componentes, colocando na prisão Gregório Bezerra entre outros dirigentes e conduzindo o líder à

---

69 PAIM, Alina. O Comunismo é como o vento. *A Voz Operária*. Ano II.nº. 82. Rio de Janeiro, 16 dez. 1950. p. 12.

70 CARVALHO, LÉA S. Por que dei a meu filho o nome de Luís Carlos. *A Voz Operária*. Ano IV. nº. 157. Rio de Janeiro, 1º. jan. 1949. p. 5.



clandestinidade, não hesitou Léa, em destacar a superioridade de Prestes para os comunistas, pois

[...] Preso ou em liberdade, estará sempre à nossa frente, comandando a nossa luta, guiando-nos e nos dando ânimo diante das dificuldades [...] Guiados por Prestes nada tememos. Prestes simboliza para nós a justiça e a esperança no socialismo.<sup>71</sup>

O caloroso pronunciamento da militante representando as mulheres do PCB exhibe que no seu imaginário, mesmo envolvidos em dogmas estabelecidos pelo Partido, os comunistas não se desligaram da herança de seus antepassados, reencontrando na figura do *grande chefe*, um modelo a ser seguido.

Cabe aqui sublinhar que os comunistas embora se considerassem radicalmente desmistificados e desencantados, recusando a transcendência e negando o comportamento religioso, características do homem moderno, estavam intimamente ligados a uma tradição impregnada de arquétipos e mitos a serem seguidos, característica do homem religioso. E por esta razão, os homens e as mulheres do Partido, não se desligaram de seus antecessores, distinguindo-se destes simplesmente pelo seu comportamento esvaziado de significações religiosas, e, por mais que negassem uma tradição fortemente ancorada na religiosidade, não aboliram definitivamente o seu passado, uma vez que eles próprios eram herdeiros, portanto, produtos deste passado.<sup>72</sup>

Assim posto e ciente destas implicações sobre o imaginário coletivo, pode-se perceber o peso da constelação mitológica do Salvador sobre os comunistas, uma vez que esta desperta nos grupos que a conclamam, um movimento de *retração para a infância*. Em outras palavras, quando vivenciam momentos de crise, os grupos com o objetivo de se libertarem do mal que os afligem, recorrem a uma espécie de protetor, semelhante a uma criança quando esta se sente ameaçada e encontra na imagem paterna a sua proteção.

No apelo a um protetor, ocorre por parte dos grupos, uma espécie de substituição da autoridade paterna. Neste pai procurado e descoberto, depositam os sentimentos de devoção e respeito, delegando-lhe o poder de conduzi-los pelos caminhos do futuro, pois a ele cabe “o encargo de restaurar a confiança, de restabelecer uma segurança comprometida [...] o cuidado primordial de garantir a perpetuação da comunidade, da qual carrega doravante a responsabilidade”.<sup>73</sup>

Os comunistas delegaram a Prestes este poder e a ele coube a princípio, o papel de

---

71 Por que dei a .... *A Voz Operária*. Ibid.

72 FERREIRA, Jorge L. op. cit., p. 14-15.

73 GIRARDET, Raoul. Ibid., p. 90-91.

iniciador, representando no imaginário dos homens e mulheres da organização, um *pai* que transmite aos seus filhos os conhecimentos e as experiências vividas, para inseri-los na vida adulta. Para cada comunista que o seguia, abriam-se as portas até então fechadas, pois o líder autorizava audácias ainda não expressas, libertando-os da timidez por muito tempo contida.

Verifica-se desta forma que, como Stálin no âmbito mundial, a figura de Prestes no plano nacional se impôs como um modelo a ser *seguido, respeitado e amado*, no qual os comunistas procuravam se reconhecer.

Prestes, meu filho chama-se Luís Carlos, porque tenho confiança nele, como confio em ti [...] E só desejo que o meu Luís Carlos, algum dia siga o exemplo do meu grande amado líder, para que eu possa proclamar com orgulho que ele, meu filho, soube honrar o teu nome glorioso inscrito em ouro nas páginas da História.<sup>74</sup>

finaliza o seu depoimento a militante Léa, almejando que seu filho, alcance um dia a reprodução de seu modelo exemplar, tornando-se em algum momento uma cópia do *mais legítimo filho do povo*.

Destaca-se que a imagem de Prestes sofreu uma modelagem após a sua anistia em 1945. Berenice Cavalcante ao focalizar o PCB no período de redemocratização brasileira, indica os motivos que conduziram os comunistas a cultuarem a personalidade do então secretário-geral da organização. Para a historiadora, o prestígio que Prestes gozava por ter percorrido o país por dois anos, na famosa Coluna tenentista, impôs respeito à sua imagem, resultando como o ponto principal da propaganda política elaborada para o culto de sua personalidade.<sup>75</sup>

Ressalta-se ainda que, durante o movimento tenentista, as atenções dos membros do recém-formado PCB foram convergidas para a influência da então denominada Coluna Invicta sobre as massas camponesas. Procurando coordenar suas forças em vista de objetivos comuns, o Comitê Central Executivo do PCB enviou emissários para travarem um diálogo com o comandante Luís Carlos Prestes.

Astrojildo Pereira e Leôncio Basbaum, em momentos diferentes, entraram em contato com o líder na esperança que este aceitasse suas propostas e aderisse ao Partido pois,

---

74 Por que dei a meu filho... *A Voz Operária*. Ibid.

75 Utilizando como fontes alguns periódicos da imprensa partidária, em sua obra Berenice Cavalcante, se preocupou em compreender os motivos que encaminharam o PCB ao isolamento durante o período de abertura política. E para tanto, privilegiou o período de redemocratização brasileira na década de 40, abrindo um leque de reflexões para que se possa perceber a visão de mundo adotada pelos comunistas no período pesquisado; a vida partidária; o papel da organização sobre os militantes, priorizando os intelectuais e por último a construção do mito político, destacando o nascimento do prestígio, que sob a sua ótica, se confunde com o próprio movimento comunista. CAVALCANTE, Berenice. op. cit., p. 179-190.

acreditavam eles, uma *terceira revolta* revolucionária estava inserida no movimento pequeno-burguês do tenentismo. Além disso, os comunistas perceberam que os efeitos das proezas da Coluna, influenciavam as populações urbanas e as classes médias dos grandes centros do país, que por sua vez, associavam tais ações ao espírito de liderança do Cavaleiro da Esperança.

Contudo, o resultado não foi o esperado, pois Prestes recusou aos acenos do PCB alegando não poder aderir a uma ideologia, se não a conhecia e nem tampouco tinha a certeza de ser a mais adequada para transformar a realidade do país.<sup>76</sup> Porém se prontificou a ler os livros de autores marxistas entregues por Astrojildo, estabelecendo assim, o seu primeiro contato com o marxismo-leninismo, embora confessasse anos mais tarde, que

[...] não foi sem vencer as maiores resistências de meu próprio eu – este mundo de sentimento que se forma pela acumulação, sobre a base de nossas tendências orgânicas inatas, de tudo aquilo que nos ensinam desde o berço, na família, na escola no meio que crescemos – que consegui assimilá-lo.<sup>77</sup>

Somente em 1930 quando lançou em Buenos Aires, o Manifesto de Maio, dirigido aos trabalhadores, homens do sertão e *revolucionários sinceros*, que o Cavaleiro da Esperança rompeu com os tenentes apontando suas inclinações para o comunismo. E com essa manifestação pública, “se enquadrava dentro da linha do P.C.B., aceitando sua direção, representando isso completa adesão aos princípios comunistas, então vigentes entre nós”.<sup>78</sup>

Após um ano, declarou-se comunista, todavia encontrou agora, uma certa resistência dos componentes do PCB, pois temiam esses a concorrência política que pudesse lhes oferecer, transformando-o no alvo de ataque preferido.

O ingresso do ex-comandante da Coluna no PCB dar-se-á *por cima*, sob imposição da Internacional Comunista. Sob esse aspecto o caso é único na história da IC: trata-se de líder de massas de grande prestígio que primeiro ingressa na executiva da Internacional sem ter pertencido previamente às fileiras comunistas.<sup>79</sup>

---

76 CARONE, Edgard. op. cit., p. 08. para que se compreenda melhor o encontro do PCB com Prestes, convém elaborar uma breve contextualização. A eleição *programada* que conduziu Arthur Bernardes à presidência do país, somada a atuação de seu governo ao utilizar medidas repressivas para conter o descontentamento dos jovens militares, desencadeou em julho de 1922, o Levante de Copacabana, conhecido como Os Dezoito do Forte. Embora derrotados, os tenentes não esfriaram seus ânimos e em 1924, após dominarem a capital paulista, os rebeldes juntaram-se aos tenentes gaúchos, dando início a Coluna Invicta de Prestes. Simultaneamente a estas revoltas, no interior do PCB, discutia-se a tese da revolução democrática-pequeno-burguesa, na qual os comunistas aliando-se à pequena-burguesia revoltosa — representada pelos tenentes — e à burguesia liberal, libertariam o Brasil do seu estado semicolonial, representado pelos *czares* brasileiros — o partido republicano, os latifundiários do café, o estado agrário entre outros. O ideário da revolução proposta pelos comunistas, inspirou a criação do Bloco Operário e Camponês — BOC — e as tentativas de articulação do PCB com o tenentismo, além de penetrar de forma contundente nas interpretações da elite intelectual do país. Z Aidan Filho, Michel. op. cit., e Carone, Edgard. Ibid.

77 PINHEIRO, Paulo S. op. cit., p. 209.

78 LIMA, Heitor Ferreira. op. cit., p. 145.

79 VINHAS, Moisés. op. cit., p. 70.

Iniciou-se desta forma a trajetória política de Luís Carlos Prestes no interior da organização, trajetória esta carregada de lutas, insurreições, sofrimentos e contestações, moldando-se com perfeição à literatura política organizada pelo Partido após 1945, convergindo à imagem de Prestes, a representação do povo e do PCB.

As diversas biografias e textos partidários, recuperavam o universo privado e público do líder, delineando os contornos tanto do homem simples, humilde e compreensivo, como também do militante exemplar, abnegado à causa revolucionária. Dispositivos simbólicos construídos pelos comunistas, permitindo-lhes assim, a criação de uma certa identidade e reconhecimento na imagem do líder, porém com uma ressalva: “Prestes já era portador destas qualidades, num grau superior, pois excedia a todos”.<sup>80</sup>

Cadências pesadas de atributos, que no entanto não foram senão um eco prodigioso de doutrinação desenvolvida no imaginário dos comunistas. Por intermédio da propaganda, o imaginário destes homens e mulheres foi estimulado, projetando sobre o *chefe* a representação do Salvador Supremo, pois na narrativa da história vivida pelo Cavaleiro da Esperança, o peso da lembrança desempenhou um papel essencial: o de um passado de ordem e glória, que se viu conclamado a socorrer um presente de confusão e derrota.<sup>81</sup>

A modelagem da imagem de Prestes respondia às expectativas da organização de fortalecer os seus quadros, uma vez que, como já mencionado, havia adotado a *política de massas* e gozava de um prestígio até então nunca experimentado, conforme apontou a sua performance nas eleições de 1945.

Para os militantes, os problemas que afligiam a sociedade brasileira como a fome, miséria, exploração do trabalho, mortalidade infantil, opressão, analfabetismo somados aos temores da eclosão de uma nova guerra mundial – patrocinada pelo imperialismo norte-americano – deveriam ser veementemente combatidos. E para combater-los deveriam se tornar *dignos comunistas*, espelhando-se na conduta e nos ensinamentos do *mestre*.

As mensagens e doutrinas divulgadas por Prestes eram discutidas em todas as células. Preocupado com a baixa formação ideológica de seus quadros, o secretário-geral divulgava inúmeros informes e resoluções e *orientava* os comunistas como apreendê-los para após aplicá-los. O Camarada Prestes adverte:

---

80 CAVALCANTE, Berenice. op. cit., p. 184.

81 GIRARDET, Raoul. op. cit., p. 74.

Os militantes do Partido que não se instruem, que não sabem organizar o trabalho de maneira a consagrarem algum tempo à própria instrução e à elevação do nível político dos seus colaboradores, não são nem podem ser *bons comunistas*.<sup>82</sup>

[...] que lutar para fortalecer nosso Partido, é antes de tudo, lutar organizadamente pela elevação do nível cultural, político e ideológico de seus filiados e pela educação teórica de seus quadros [...] A educação marxista-leninista dos quadros do Partido é, assim, uma tarefa diuturna e deve constituir a mais insistente preocupação de todas as direções e dos próprios militantes de base.<sup>83</sup>

Ao lerem as advertências do secretário-geral, como os exemplos acima citados, os militantes empenhavam-se ao máximo para seguir os seus ensinamentos, legitimando desta forma, a autoridade do líder; afinal, sobre a sua condição de *homem legítimo do povo* repousava o reconhecimento de sua *têmpera inquebrantável*.<sup>84</sup> E não eram todos os comunistas, como disse Stálin, feitos de uma têmpera especial?

Percebe-se assim, que ao trabalho de *fazer crer*, somado ao de *fazer amar* conjugou-se o *fazer agir* e para tanto, as mensagens políticas tiveram por objetivo construir um modelo social inteligível, como também enunciar os valores dignos de serem amados e seguidos para transformar práticas dispersas em práticas orientadas, convergindo desta forma as energias para as realizações coletivas.<sup>85</sup>

Prestes jamais se apresentou como um simples protetor das mulheres, como herói que quizesse [sic] libertá-las sem delas exigir que participassem da luta por sua própria libertação. Ao contrário, o que ele tem feito é orientar-nos, abrir-nos perspectivas, despertar nossas energias para a luta.<sup>86</sup>

Em torno das orientações e do apoio do líder amado, as mulheres comunistas, convictas de sua importância para a causa revolucionária canalizaram suas energias para lutarem por um mundo melhor, idealizado no socialismo.

Por isso as mulheres apóiam Prestes. Muitas e muitas tornaram-se comunistas principalmente depois de 1945. Milhares e milhares seguem as suas palavras com uma confiança ilimitada e sem vacilações. Isto é porque sabemos que na grande causa que Prestes defende e na luta que ele dirige, está a nossa felicidade e a felicidade de todos os nossos entes queridos.<sup>87</sup>

*Agir como comunistas* era a idéia introjetada pelo discurso do PCB ao colocar

82 Como Estudar. *A Classe Operária*. Ano XXVI. n.º 405. Rio de Janeiro, 1º. out. 1951. p. 2.

83 A educação marxista-leninista dos militantes comunistas. *A Voz Operária*. Ano III. n.º. 88. Rio de Janeiro, 27 jan. 1951. Capa.

84 CAVALCANTE, Berenice. op. cit., p. 186.

85 ANSART, Pierre. op. cit., p. 219.

86 ALAMBERT, Zuleika. As mulheres também saúdam Prestes. *A Classe Operária*. Ano IV. n.º. 157. Rio de Janeiro, 1º. jan. 1949. p. 3

87 As mulheres também... *A Classe Operária*. Ibid.

como seu principal enunciador o camarada Prestes. Em seus discursos encontravam-se as imagens, os códigos, os signos e os símbolos que permeavam o imaginário dos militantes, conforme demonstrado nas doutrinas e pronunciamentos acima apresentados.

Por conseguinte, a propaganda também penetrou no âmbito do privado, pois as ressalvas e exaltações das qualidades do secretário-geral como bom filho, pai e esposo apresentavam o modelo a ser seguido por todos, em quaisquer circunstâncias, independente de sexo e faixa etária. Símbolo que mesclara a vida pública à vida privada, Prestes refletia um modelo no qual todos deveriam alcançar um dia a sua reprodução. Este pronunciamento escreveu Zuleika Alambert

[...] exprime todo o amor e o carinho que os moços e as moças de todo o mundo votam [...] ao nosso amado líder. Sabemos o que ele representa para nós, como guia e mestre. Como homem, é o modelo à imagem do qual todo jovem deseja *ser plasmado*. [...] Mas Luís Carlos Prestes não é para nós jovens apenas uma vida inteira a nos servir de exemplo; um passado de menino e de rapaz a nos dizer bem alto como devemos nos conduzir como aluno, como filho, como colega, como soldado.[...] Aprendemos a amá-lo [...] porque ele [...] como filho do povo e dirigente do proletariado, procurou sempre a solução mais justa – a única solução – para a situação de fome, de miséria e ignorância de nossa juventude. Prestes mais do que nunca é hoje o herói, o líder: o nosso guia.<sup>88</sup>

Analisando as palavras de Alambert constata-se a força do mito do Salvador, representado neste caso específico por Prestes, sobre os comunistas brasileiros, pois em torno de seu *modelo exemplar* formou-se uma constelação de imagens que inspiraram a sua representação como um protetor, ou mais correto seria dizer, um *pai* redescoberto e reencarnado, representação esta que legitimou a sua autoridade sobre o grupo afirmando ao mesmo tempo a sua identificação com o decantado ideário pecebista do Partido com o povo.

A legitimação da autoridade do Cavaleiro da Esperança pode ser percebida na afirmação que sobre a sua imagem todo comunista desejava *ser plasmado*, apontando que para os homens e mulheres do PCB sua autoridade não era sentida como alienante e sim reconhecida como um instrumento decisivo de reestruturação e reabilitação, tanto pessoal como coletiva. Não se pode esquecer que os militantes viviam sob os primeiros movimentos da Guerra Fria, como também sob o jugo de um governo autoritário que não mais reconheciam como legítimo e, diante de momentos como estes de incertezas e conflitos, o apelo à intervenção do Salvador se tornou veementemente mais forte.

---

88 ALAMBERT, Zuleika. A juventude defende Prestes contra os incendiários de guerra. *Voz Operária*. Ano II. n.º 82. Rio de Janeiro, 16 dez. 1950. p. 3 (sem grifo no original).



Zuleika Alambert. Filiou-se ao PCB em 1947, candidatando-se pela cidade de Santos como deputada estadual do Partido, exercendo seu mandato até a cassação do registro dos comunistas em 1948.

DICIONÁRIO MULHERES DO BRASIL, op. cit., p. 533.

Assim sendo, a Prestes foi assegurado o papel de Salvador e como um *pai* tinha a função de responder pelo futuro do grupo, em função da fidelidade a um passado com o qual se achava naturalmente identificado. Logo, para o grupo protegido cansado da situação de *ignorância* e revoltado com *a fome e a miséria*, o líder apontava a *solução mais justa*, não prometendo nada além de um destino mais denso, mais forte e mais justo, fundamentado no comunismo, impondo-se assim aos espíritos e aos corações como um instrumento de comunhão, mediação e solidificação social, ou em breves palavras, como o *Herói Salvador*.

Contudo, tornava-se necessário garantir a perenidade através dos tempos, dos traços específicos do *herói, líder e guia*, e para tanto, as celebrações da data de seu nascimento que se identificava com o próprio movimento comunista foram estimuladas, tornando-se uma prática comum aos militantes. Como ocorreu com Stálin, através deste ritual os homens e mulheres do Partido demonstravam o seu respeito e gratidão ao *filho do povo e dirigente do proletariado*, expressando assim as pulsões de um imaginário que não deixou de acreditar na luta por um mundo melhor.

No Paraná, por exemplo, os comunistas em diversos momentos manifestaram, quer seja nos comícios relâmpagos, quer seja nas celebrações do aniversário do Partido ou de Prestes a sua admiração ao líder que os *orientava* na luta pela PAZ, PÃO, TERRA E LIBERDADE.

Consultando as fichas individuais das militantes comunistas paranaenses, fichas nas quais suas atividades eram diariamente registradas por agentes da polícia política, pôde-se

perceber entre os seus diversos encargos a incumbência de redigirem ou proferirem discursos em homenagem ao secretário-geral nos comícios e festas entre outros eventos organizados pelo Partido

Rosália Maria Cisz, por exemplo, secretária política da Célula Marcílio Dias em Curitiba foi indicada diversas vezes para representar as comunistas do Paraná nas homenagens prestadas ao Camarada Prestes. Nestas traçava uma pequena biografia do líder, atribuindo-lhe qualidades excepcionais, que após eram articuladas às suas palavras de ordem, instigando desta forma, os militantes e todos os paranaenses a agirem como o *Chefe Supremo*.<sup>89</sup>

Já Dirce Derenda, ao falar em um comício organizado pelas mulheres do Comitê Municipal de Curitiba, em 1946, com o propósito de comemorar o Dia Internacional da Mulher, proferiu um discurso sobre a igualdade das mulheres em todas as atividades, enaltecendo o regime comunista no Brasil, solicitando a todos os ouvintes, sobretudo às mulheres, que cada vez mais seguissem as orientações de Luís Carlos Prestes, que propunha a luta pela completa emancipação da mulher contra todos os preconceitos pequeno-burgueses baseados em uma pretensa inferioridade feminina, identificando o secretário-geral como *o único homem* capaz de conduzir o povo paranaense e brasileiro à sua verdadeira e real emancipação.<sup>90</sup>

Muitas outras militantes expressavam a sua admiração e gratidão ao líder enviando mensagens de saudação pela passagem de seu aniversário: “ Saúdo-te pela passagem de teu aniversário natalício, esperando ver-te em breve no lugar de honra que te compete neste tão querido Brasil ” escreveu Lourdes Araújo, membro do Comitê Municipal de Paranaguá.<sup>91</sup> Aliás, a mensagem da militante servia de modelo a todas as militantes do Paraná, que de várias cidades e em diferentes anos utilizavam as mesmas palavras de afeto em seus telegramas de saudação ao secretário-geral.

Cabe aqui registrar que várias cartas e telegramas chegavam diariamente na sede do PCB e, segundo Severino Theodoro de Mello, encarregado no período das correspondências endereçadas a Prestes, todas eram catalogadas e respondidas; todavia após o decreto que colocou o Partido na ilegalidade este conjunto documental foi perdido.<sup>92</sup>

---

89 DEAP. DEOPS. Curitiba. *Rosália Maria Cisz*. Ficha Individual. nº. 01.353 DEOPS / nº. 9.111 DEAP.

90 DEAP. DEOPS. Curitiba. *Dirce Derenda*. Ficha Individual nº. 1.733 DEOPS / nº. 11.509 DEAP.

91 DEAP. DEOPS. *Lourdes Araújo*. Ficha Individual nº. 00.307 DEOPS / nº.2.282 DEAP.

92 PANDOLFI, Dulce. op. cit., p. 130.



Embora os registros das atividades femininas no que concebe as manifestações sobre o líder pecebista explicitamente demonstrem a eficácia do culto à sua personalidade, sobre o imaginário das comunistas, implicitamente conduzem a percepção de que em torno de uma imagem de harmonia, equilíbrio e fusão, se concentraram todas as pulsões, desejos e fervores do coração, afirmação esta confirmada pelo poema da militante paranaense Elzira Santos Netto em homenagem ao Cavaleiro da Esperança.

Prestes! Neste desabafo de uma aluna  
Oprimida, encontrarás uma humilde camarada.

Luz que brilha, nos céus do Brasil  
Um dia, de glória serás rodeado  
Isso afirma, és amado por mais de mil  
Zelas por tua Pátria és por nós amado.

Caluniado e condenado, por tudo passastes  
A justiça tem que te dar razão, assim mereces  
Raia rá breve a luz da liberdade  
Luz és forte e não pereceste.  
Os que te querem mal, desprezando a nossa Sociedade  
Sem temer eu te asseguro, vives em nossos corações.

Pertence a ti a nossa vida  
Remotos os tempos já que lutas e vencerás  
Espero firme com fé renhida  
Serás o amparo daqueles em que ti deposita  
Toda a fé, a força e o trabalho  
És o guia poderoso do Partido  
Serás sempre forte e nunca vencido.

VIVA PRESTES E O NOSSO PARTIDO !<sup>93</sup>

Assim posto, pode-se observar na homenagem de Elzira que as militantes paranaenses não se diferenciavam das demais comunistas brasileiras, associando Prestes ao Partido, reconhecendo e redescobrimo *na* e através *da* imagem do líder, a sua identidade como militante comunista. E como comunista, Elzira representando aqui as mulheres do PCB depositou todas as esperanças na infalibilidade das ações do *guia poderoso do Partido*, reproduzindo assim, um imaginário que envolto entre certezas e ilusões vislumbrava através da promessa utópica de seu líder uma sociedade mais justa, solidária, fraterna e igualitária, ou seja, a felicidade realizada.

---

93 DEAP. DEOPS. Curitiba. *Comitê Comunista de Paranaguá*. Dossiê nº. 0274-b. Topografia 30. p.149.

## 2 MULHERES DO PCB: A PARTICIPAÇÃO NO PROJETO UTÓPICO COMUNISTA

### 2.1 A CONDIÇÃO FEMININA E AS COMUNISTAS NA GUERRA FRIA: UMA INTERPRETAÇÃO.

*Nós que aqui estamos por vós esperamos*<sup>1</sup>, filme memória de Marcelo Masagão, baseado nas indicações de Eric Hobsbawm sobre o breve século XX apresenta uma seqüência especial dedicada às mulheres, na qual o diretor demonstra a trajetória da emancipação feminina, sobretudo durante o desenrolar da Segunda Grande Guerra.

Entre relatos reais e fictícios o documentário destaca a inserção das mulheres no mercado de trabalho, inserção esta que possuía como objetivos prioritários a supressão da carência de mão-de-obra masculina e a colaboração para que a vida dos soldados se tornasse mais amena nos *fronts* de batalha, apontando implicitamente que todos os recursos materiais e humanos das mulheres foram mobilizados, concebendo e executando transformações de amplitude e complexidade sem precedentes.

Contudo, quando a guerra chega ao seu final estas personagens retomam novamente às suas atividades, confinando-se ao lar, espaço no qual se ocupam de tarefas tais como o cuidado de seus filhos, maridos e manutenção da ordem dentro de suas residências.

O retorno aos domínios domésticos, finaliza o diretor, gerou psicologicamente nas mulheres a *depressão*, ato imbuído de significativo sentido, expresso de forma clara através de uma personagem feminina que, após o exaustivo cotidiano no espaço a que foi ideologicamente (re) colocada, senta-se consternada sobre a sua cama, vislumbrando um futuro sem perspectivas de transformações sociais.

---

1 NÓS QUE AQUI ESTAMOS POR VÓS ESPERAMOS. Marcelo Masagão. Brasil: Filmark: Fundação Mac Arthur, 1999. 1 videocassete (73 min): mudo, color.; 12mm. VHS NTSC. Premiado em festivais nacionais e internacionais, o documentário abrange o breve século XX, adotando a cronologia e indicações teóricas do historiador Eric Hobsbawm em sua obra *A Era dos Extremos*. A opção por esta fonte documental não é aleatória, pois fugindo aos métodos impostos de produção voltados para o mercado, Masagão utiliza em 95% da filmagem materiais que se encontram sob os cuidados de arquivos públicos e particulares tais como: correspondências pessoais, filmes antigos, imagens fotográficas, reportagens televisivas entre muitas outras. Embora o diretor procure construir um painel sobre a banalização da morte – e porque não dizer da vida – em seu documentário, as imagens e a narrativa, através da máxima “pequenas histórias-grandes personagens; pequenos personagens-grandes histórias” forneceram os subsídios necessários para auxiliar a introdução proposta deste capítulo.

A interpretação acima mencionada do documentário memória restitui uma amostra do espírito da época, no que concerne à condição feminina no cenário mundial do pós-Segunda Guerra, condição aliás, prioritária para situá-las no tempo e espaço evocados por este trabalho, permitindo assim uma aproximação do significado do engajamento das mulheres comunistas no projeto utópico proposto pelo PCB.

Importa aqui saber que embora a luta antifascista tenha mobilizado uma gama de forças heterogêneas, porém ideologicamente embasadas em valores e aspirações comuns nos quais buscavam o progresso por intermédio da utilização da ciência e da razão, educação e governo popular e ansiavam por sociedades voltadas para o futuro, sobretudo sem qualquer desigualdade de nascimento e origem, todos os grupos envolvidos no combate ao regime *demoníaco*, tanto os representantes do capitalismo ocidental, como os dos sistemas comunistas ficaram aquém do objetivo comum, esquecendo-se da relevância dos personagens femininos na guerra, na Resistência e na libertação.<sup>2</sup>

No Brasil, as mulheres não escaparam desta omissão, uma vez que após 1945 diversos dispositivos simbólicos foram acionados para conduzi-las ao seu devido lugar: o lar.

Para a historiadora Maria Lúcia Rocha Coutinho, a intensa campanha desencadeada na Europa e nos Estados Unidos, pelos meios de comunicação, com o objetivo de recuperar o mercado de trabalho para os homens que retornavam dos campos de batalhas encontrou ecos entre os brasileiros, que por sua vez assimilavam, no sentido cabal, a influência cultural norte-americana.<sup>3</sup>

Cabe lembrar que a sociedade brasileira acentuadamente marcada pelo androcentrismo consolidou desde o período colonial o mito da mulher submissa, logo dependente em relação ao homem, forjando imagens de feminilidade que persistiram durante o tempo de desordem nos anos 20/30, tempo este assinalado pela novidade da metrópole, pela multidão, pela técnica e acima de tudo, pela ruptura de um esquema tradicional de representação.

A ordem familiar representava o alicerce do Estado e através de um discurso ideológico baseado no Código Civil de 1916 foi delineada de forma mais transparente a oposição entre homem-público-provedor e mulher-privado-responsável pela moral familiar.

---

2 HOBBSBAWM, Eric. *A era dos extremos...* op.cit., p.176.

3 ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Citada por ARCHANJO, Léa Resende. *Ser mulher na década de 50. Representações sociais veiculadas em jornais*. In: TRINDADE, Etelvina M. C.; MARTINS, Ana P. V. (orgs). *Mulheres na História. Paraná séculos 19 e 20*. Curitiba: UFPR, 1997. p.168.

Esta noção disseminou-se no imaginário brasileiro por décadas, logo, a campanha desenvolvida no Ocidente após o final da Segunda Guerra, no que tange à *nova* condição feminina encontrou um terreno extremamente fértil para a sua consolidação.

No Paraná, por exemplo, as mudanças no comportamento das mulheres, que ingressaram no mercado de trabalho no período que compreendeu o conflito mundial suscitaram inúmeras discussões sobre o seu verdadeiro papel social. Tomando como principal fonte documental os exemplares do jornal curitibano *O Estado do Paraná*, na década de 50, a socióloga Léa Archanjo demonstra que as novas funções assumidas pelas mulheres produziram a necessidade de afirmar o lar como o seu verdadeiro lugar, pois de acordo com as representações de gênero veiculadas neste periódico

[...] A mulher era responsável pela vida doméstica, poupando o homem dos problemas presentes no cotidiano familiar. E o homem com a vida voltada para os negócios e para a realização profissional, deveria proteger a mulher dos complicados *problemas do mundo fora de casa* para que ela pudesse ter melhor desempenho em seu trabalho no lar.<sup>4</sup>

Nesta perspectiva somente quando a família passava por dificuldades financeiras justificava-se a presença das mulheres casadas nos espaços extra-domésticos.

O ingresso das mulheres casadas no mercado de trabalho após 1945 ocorreu por três motivos: a pobreza gerada pelo conflito mundial, a preferência dos patrões pelas operárias por representarem estas mão-de-obra mais barata e, por último, o crescente número de famílias chefiadas por mulheres, dado as perdas masculinas conseqüentes da guerra. Esta realidade ricamente descrita para a Europa se aplicou com as devidas proporções também para o caso brasileiro.

Assim sendo, tanto as mulheres pobres ou de orçamento precário, como as mulheres casadas da classe média se viram obrigadas a saírem de suas casas à procura de trabalho, com o objetivo de auxiliar na manutenção financeira de sua família.

Esta transformação econômica e social, como já citado, preocupava a sociedade brasileira, que por sua vez passou a incentivar as mulheres a desenvolverem a domesticidade inerente à sua condição.

As características naturalmente femininas como a maternidade, abnegação, dedicação e docilidade deveriam ser estimuladas, a fim de evitar a *masculinização* das mulheres. Em outras palavras, no imaginário da época, as mulheres que se pretendiam femininas realizavam-se através do lar e, as que insistiam em se tornar independentes,

---

4 ARCHANJO, Léa R. Ibid., p.165.

seguindo uma carreira profissional e, principalmente, de militância política eram rotuladas como *mulheres de mente masculinizada*.<sup>5</sup>

É neste mosaico de representações que as mulheres comunistas foram enquadradas, embora se mantivessem ligadas à tradição cultural brasileira.

As militantes do PCB para o espanto de muitos não desenvolveram a domesticidade esperada e por esta razão sofreram preconceitos por parte de toda a sociedade, envolvida também com o discurso anticomunista, forjador de imagens deturpadas destas mulheres. Mais prudente seria dizer que o discurso anticomunista utilizando formas arbitrárias do poder desenvolveu códigos e signos simplificados e, no entanto, bem elaborados, porém redutores e empobrecidos de compreensão sobre a opção das comunistas, por buscarem uma alternativa de sociedade e de vida.

Sempre nos acusaram de várias coisas. Que a mulher do comunista era a mulher de todo mundo. *Mas é uma tremenda mentira*, que as forças reacionárias jogaram na sociedade, para que ninguém fosse comunista, [...] e a Igreja tinha grande responsabilidade nisso. A Igreja propagava isso: “Que a mulher comunista é de todo mundo.” O que nós propúnhamos era a socialização dos meios de produção, e a mulher nunca foi um meio de produção, conforme eles buscaram divulgar.<sup>6</sup>

afirma o militante, indicando explicitamente neste depoimento a luta contra os preconceitos e os estereótipos que recaíam sobre essas mulheres que, rompendo barreiras até então intransponíveis, com o objetivo de transformar o caos de um mundo vislumbrado como ameaçador penetraram no universo da luta revolucionária por intermédio de sua adesão incondicional ao projeto utópico comunista.

O mesmo argumento é enfatizado pela companheira de Partido, que em 1946, era Secretária de Finanças do Comitê Municipal; ao recordar sobre a sua atuação em Curitiba

Quando entrei no Partido, eu era uma operária, trabalhava no Café Alvorada. Trabalhei doze anos lá. Então ... a gente já tinha assim, uma consciência política das coisas que eram erradas. A gente precisava lutar: o horário, às oito horas, né? Todas essas coisas já existiam. [...] Quanto foi a luta da gente. Era por coisas sérias. Você lutava por coisas sérias. [...] Era para o Brasil crescer, né? Quanto mais indústrias ... mais trabalhadores. O povo tinha mais trabalho... mais gente trabalhando.<sup>7</sup>

Neste depoimento fica demonstrado que a opção das comunistas em aderirem a um Partido estigmatizado como o *mal absoluto*, enfrentando uma sociedade conservadora e hierárquica não estava isenta de significação.

---

5 ARCHANJO, Lea Resende. op.cit., p.163.

6 PREVIDE, Wilson. *Entrevista*. Curitiba, 23 de ago. 1999. O grifo indica a ênfase dada pelo militante neste depoimento.

7 OLIVEIRA, Iraci Soares de. *Entrevista*. Curitiba, 13 de ago. 1997.p.1-10.

Vivendo experiências novas em meio à complexidade do contexto mundial que se delineava a sua frente, contexto este no qual a eclosão de uma terceira Guerra ameaçava toda a humanidade, as militantes ao ingressarem no PCB adquiriam os conhecimentos necessários, instrumentalizando-se para a transformação. Estas novas experiências conjugadas aos saberes adquiridos no interior da organização fizeram com que elas se redescobrissem, aceitando-se desta forma, como diferentes. “A mulher comunista era uma mulher comum, só com idéias diferentes das outras, que eram acomodadas em casa”<sup>8</sup>, afirmação aliás, que reflete a relação dialética entre identidade e alteridade, pois a construção da identidade ocorre no interior de contextos sociais, estabelecendo a posição dos agentes, orientando as suas representações e as suas escolhas. Analisando o uso da noção de cultura nas ciências humanas e sociais, a Etnologia sublinha que a identidade torna-se um instrumento de articulação entre o psicológico e o social, uma vez que revela as mais variadas interações entre o indivíduo e seu meio social. Portanto, “a identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social [e] permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente”.<sup>9</sup>

Contudo, importa lembrar que a identidade social não é um apanágio dos indivíduos em si, pois todos os grupos são dotados de uma identidade correspondente à sua definição social. E com base nesta indicação pode-se perceber que a identidade social dos militantes do PCB, ao mesmo tempo que os identifica com os demais grupos por estarem todos vinculados a uma mesma Nação vivenciando contextos semelhantes os distingue destes mesmos grupos, devido à sua forma *diferente* de conceber o mundo.

Nesta perspectiva, a identidade cultural entra em cena como uma forma de categorização da distinção nós–comunistas/eles-capitalistas, fundamentada na diferença cultural, conforme se pode observar na obra de caráter doutrinário intitulada *A formação da Moral Comunista*.

A concepção comunista do mundo não só explica o mundo cientificamente, mas também convida à sua transformação revolucionária. [...] estabelece contato com a realidade atuando ativamente sobre a mesma. Agindo sobre o mundo que o cerca, o homem [...] modifica-o e ao mesmo tempo se modifica a si próprio. A moral comunista é uma moral que prega a luta ativa. Não se limita a negar o velho e a reconhecer o novo, mas exige ações concretas em nome da criação do novo.<sup>10</sup>

Os comunistas, acreditavam eles eram diferentes, certamente superiores aos demais, pois o seu horizonte não estava limitado apenas a combater e destruir a velha sociedade exploradora: eles participavam ativamente do projeto construtor de um mundo novo, baseado na ética do comunismo.

---

8 OLIVEIRA, Iraci Soares de. *Entrevista*. Ibid., p.10.

9 CUCHE, Denys. op. cit., p.177-183.

10 BOLDYRIEW, N. I. *A Formação da Moral Comunista*. Rio de Janeiro: Vitória, 1952. p.21.

Por esta razão, as mulheres comunistas eram incentivadas a participar da vida política, o que definitivamente representava uma novidade para a época. E para tanto, tornava-se necessário ajudá-las a libertarem-se da opressão social, afirmando-se assim, como mulheres e cidadãs.

Escusado citar, que no imaginário dos comunistas encontrava-se fortemente enraizada a análise marxista das causas da condenação da mulher à situação de inferioridade, análise que postulou a necessidade de lutar por sua completa igualdade após as transformações revolucionárias das estruturas sociais. Portanto, a luta por sua emancipação estava ligada à libertação dos trabalhadores, logo, vinculada ao combate pela democracia, condição primordial para que a classe trabalhadora se organizasse e enfim ocupasse a posição de honra que lhe era destinada.<sup>11</sup>

A partir de 1946, como já mencionado, foram criadas em todo o país as Uniões Femininas com o objetivo de auxiliar o trabalho do Partido na construção do mundo novo. Ganhar as amplas massas femininas para a revolução se constituiu então em uma das tarefas fundamentais para os militantes. Todavia, esta ação não foi tão simples, pois

Quando foram organizadas as células femininas, houve bastante incompreensão no Partido a esse respeito. Alguns companheiros sectários afirmavam que isso prejudicaria o trabalho de organização nas fábricas, que não havia razões para se fazer esta divisão por sexo dentro do Partido. É evidente que não se tratava de fazer uma divisão por sexos dentro do partido. Tratava-se de encontrar uma forma de organização capaz de estimular a organização das mulheres. E os resultados se revelaram positivos em todos os lugares onde a orientação foi bem aplicada.<sup>12</sup>

Muitas campanhas objetivando o recrutamento de mulheres para o Partido foram elaboradas. Visando criar uma tradição organizativa, o PCB esclarecia a todos os seus membros sobre a relevância destas personagens na luta revolucionária, condenando ao mesmo tempo as atitudes de alguns militantes que hostilizavam o então movimento, demonstrando a existência

[...] de incompreensões, ainda, no Partido, com relação ao movimento feminino, uma evidente subestimação da sua importância. [...] As mulheres são uma força construtiva para o país. Nós devemos conquistá-las para a democracia e não a conquistaremos se não tivermos confiança nelas. [...] Devemos continuar nesta luta pela democracia e mobilizar para esta ação não somente os elementos mais conscientes que estão dispostos a inscrever-se no Partido Comunista, mas também os elementos mais incertos, despreparados e atrasados que devemos saber organizar nas formas mais

---

11 ALAMBERT, Zuleika. *Os comunistas e a questão da mulher*. São Paulo: CEIRIIFA–Novos Rumos, 1982. p. 11-18.

12 As tarefas das células femininas. *A Classe Operária*. Ano XXVI. nº. 406 Rio de Janeiro, 1º. nov. 1951. p. 04

adequadas.<sup>13</sup>

Cabe ressaltar que, se por um lado havia uma certa resistência por parte dos homens em recrutar mulheres para o Partido dadas as representações de gênero difundidas no imaginário da época, há de se considerar que as militantes mais antigas do PCB também resistiram à tarefa proposta pela organização, como será discutido no decorrer do trabalho.

Procurando eliminar esta “resistência surda à aplicação” da tarefa proposta, a imprensa partidária incentivava o empenho dos comunistas no trabalho de recrutamento de mulheres para o Partido, parabenizando as células que conquistavam novas militantes e divulgando em destacadas notas os exemplos destes organismos, exemplos aliás, que deveriam ser seguidos por todos.

Em 1947, *A Classe Operária*, por exemplo, congratulou os militantes da Célula Aloísio Rodrigues de Niterói, que no final de uma animada festa popular por eles promovida, solicitaram aos seus participantes o ingresso no PCB, para que juntos consolidassem a democracia no país. Esta iniciativa conquistou a adesão de vinte e quatro mulheres e três homens para o *Partido de Prestes*.

A experiência dos camaradas da Célula Aloísio Rodrigues é mais um testemunho de que o nosso povo está evoluindo, politicamente, sobretudo quando constatamos um fato como este: 24 mulheres brasileiras que dão um exemplo, significativo, da sua disposição de lutarem, organizadamente ao lado de milhares de outras companheiras de nosso Partido, na defesa de seus lares e bem estar de seus filhos, pela independência econômica de nossa Pátria, contra as investidas do imperialismo. [...] A Classe Operária [...] chama a atenção de todos os organismos do Partido para que dêem uma completa virada no trabalho de recrutamento de novas militantes, a fim de que possamos dobrar o número de quadros femininos de nosso Partido.<sup>14</sup>

Percebe-se nesta mensagem que a experiência dos camaradas de Niterói foi utilizada para *alertar* os militantes com relação ao cumprimento sem resistência da tarefa proposta de angariar o maior número de mulheres para o Partido e implicitamente serviu como um dispositivo simbólico para combater outra forma de resistência, gerada pela propaganda anticomunista, que afirmava possuir o PCB fortes tendências para a dissolução da família, da Pátria e da propriedade. Em outras palavras, ao enfatizar a luta das mulheres na *defesa dos seus lares e bem estar dos filhos*, o jornal comunista simbolicamente associava o Partido à família, com a intenção de desmistificar as representações propaladas pelo discurso

---

<sup>13</sup> Condições favoráveis para a mobilização das mulheres. *A Classe Operária*. Ano I. nº. 39. Rio de Jan. 30 nov. 1946. p.04.

<sup>14</sup> Em homenagem a <<A Classe Operária>> vinte e quatro mulheres ingressam no Partido Comunista. *A Classe Operária*. Ano I. nº. 61. Rio de Janeiro, 02 abr. 1947. p. 06.



anticomunista, representações estas que certamente dificultavam a realização de atividades entre as mulheres.

Superando os primeiros obstáculos, as Uniões Femininas foram congregando mulheres de condições sociais diversas, estendendo-se às donas de casa e camponesas. Sob a tutela das militantes do PCB, “as mais ativas e esclarecidas”, estes núcleos se propuseram a organizar a massa feminina visando mobiliza-las na luta, utilizando todos os recursos legais para combater a sua exploração, pois segundo a visão dos comunistas, estas mulheres não possuíam nenhuma tradição organizativa e por conseguinte tornavam-se as maiores vítimas da situação econômica e social pela qual passava o país.<sup>15</sup>

Em suas mensagens debatidas nas reuniões realizadas ou por intermédio da imprensa partidária, as comunistas alertavam as demais mulheres sobre a sua condição, objetivando conscientiza-las para as necessárias transformações. Entre os órgãos de divulgação do PCB que se sobressaíram nesta empreitada, destacou-se o periódico *Momento Feminino*.

Fundado em 26 de junho de 1947, o jornal *Momento Feminino*, sustentado basicamente pelas mulheres do PCB circulou com êxito no plano nacional por dez anos. Suas mensagens eram voltadas para a defesa da cidadania feminina, luta contra a carestia e pela paz. Além disso, o periódico proporcionava aos leitores – haja visto que muitos militantes também se interessavam pelo conteúdo proposto pelas organizadoras – diversas informações culturais, como *sugestões* de literatura, peças teatrais, filmes cinematográficos e mantinham seções auxiliares de puericultura, alfabetização, moda culinária entre outras, afim de *orientar*, aliviar e entreter o cotidiano feminino.<sup>16</sup>

Entre as suas publicações destaca-se o artigo intitulado “A luta cotidiana das mulheres” que recebeu um tratamento especial, uma vez que enumerava os motivos pelos quais as Uniões Femininas deveriam ser formadas, informando aos leitores sobre as

---

15 As mulheres na luta contra a carestia da vida. *A Classe Operária*. Ano I. nº. 37. Rio de Janeiro, 16 nov. 1946. p. 08.

16 O setor administrativo do periódico, localizava-se no Rio de Janeiro; sendo composto pelas seguintes mulheres: Arcelina Mochel (diretora); Lia Correa Duarte (redatora-chefe); Silvia Leon Chalreo (secretária); Encida Costa de Moraes e Maura Sena Pereira (redadoras); Heloisa Ramos (gerente) e Glória Cordeiro de Andrade (chefe de publicidade). Como colaboradoras destacavam-se Alice Tibiriçá, Alina Paim, Beatriz Bandeira Ryff, Eline Mochel, Fanny Tabak, Nair Batista, Zenaide Moraes entre outras. Cabe ressaltar que Alice Tibiriçá, 1ª. Presidente da Federação de Mulheres do Brasil, não era comunista, contudo sensibilizada com os problemas sociais, prestigiou o periódico, contribuindo consideravelmente para que mulheres de outras opções políticas e religiosas, participassem do movimento incentivado pelas comunistas.

dificuldades encontradas pelas brasileiras, para obterem o “direito humano à alegria”.

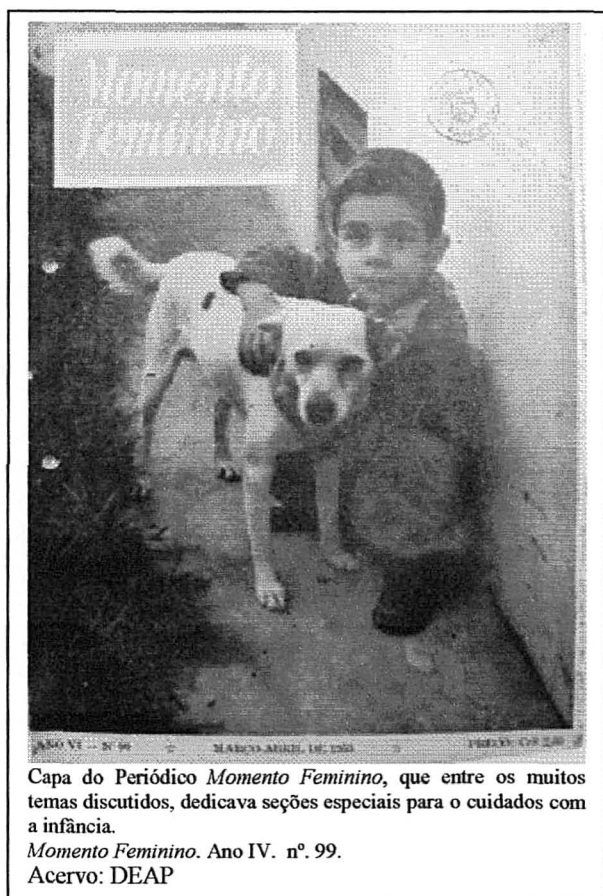
Nas fábricas, usinas e oficinas, informou o periódico, as operárias eram desqualificadas no trabalho, uma vez que não possuíam estabilidade no emprego e trabalhavam oito ou mais horas por dia em condições precárias, realizando as mesmas tarefas que os homens, porém sem receberem salários iguais. Fora esta situação de desigualdade, não possuíam o amparo necessário para desempenharem suas atividades, pois faltavam creches e jardins de infância que as auxiliassem na educação e cuidado dos filhos; não havia transporte adequado com itinerários e horários precisos, permitindo assim, conciliarem a sua jornada de trabalho com outros afazeres e faltava assistência médica e hospitalar durante o período de gestação, instrução básica, entre muitos outros itens inerentes ao bem estar por todas desejado.

Por outro lado, as profissionais liberais enfrentavam inúmeras dificuldades para equilibrar os seus orçamentos, uma vez que seus salários não acompanhavam o elevado aumento do custo de vida.

Já as donas de casa enfrentavam além da tortura nas filas para aquisição dos gêneros de primeira necessidade, as exigências do câmbio negro, a falta de água, luz, moradia, hospitais e escolas apropriadas para a instrução de seus filhos, como também para a sua alfabetização.

Chamava a atenção também para as mulheres do campo, que devido às suas condições de vida obrigavam-se a trabalhar exaustivamente nas plantações, recebendo — quando recebiam — salários irrisórios que praticamente não lhes permitiam alimentar a sua família, nem tampouco comprar remédios para o tratamento de seus filhos, comumente vitimados pela malária, verminose entre outras doenças.

Desta forma, concluiu com ênfase o periódico “por mais diferentes que possam parecer suas ocupações e sua situação de vida, estão todas as mulheres ligadas por profundos interesses comuns, que consistem na defesa de seu país, de seu lar, de seus filhos; que estão todas ligadas por sua situação de MULHER”.<sup>17</sup>



Capa do Periódico *Momento Feminino*, que entre os muitos temas discutidos, dedicava seções especiais para o cuidados com a infância.

*Momento Feminino*. Ano IV. nº. 99.

Acervo: DEAP



Página de uma das reportagens feitas pelas colaboradoras de *Momento Feminino*, buscando informar as mulheres do país sobre os protestos reivindicadores das brasileiras.

*Momento Feminino*. Ano VI. nº. 99. p.11.

Acervo: DEAP

Analisando a mensagem acima, não é difícil perceber que a idéia principal baseava-se na organização de pequenas comissões, associações e núcleos no campo, empresas e bairros a fim de reivindicar e debater as soluções de problemas mais imediatos e específicos de cada localidade, pois a união destes pequenos organismos formaria uma poderosa organização, comandada por profissionais capacitados, ou mais prudente seria dizer, pelos representantes do PCB: “o único Partido que incluiu em seu programa mínimo medidas concretas para a solução dos problemas e reivindicações femininas” , comentou Heloísa Ramos, ao escrever um artigo sobre a participação das mulheres nas eleições.<sup>18</sup>

Discorrendo sobre as atividades das Uniões Femininas e a relevância do PCB neste processo de emancipação, a militante enfatizou que entre as medidas propostas pela organização na Constituinte relacionada às mulheres encontravam-se: assistência social; educação; amparo à lavoura, aos transportes e obras públicas; abastecimento de água e

<sup>18</sup> RAMOS, Heloísa. A mulher e as próximas eleições. *A Classe Operária*. Ano I. nº. 40. Rio de Janeiro, 07 dez. 1946. p. 01e 09.

fiscalização da distribuição e venda dos produtos alimentícios mais procurados.

Organizadas em todo o país, as Uniões Femininas em muitos casos foram atendidas em suas reivindicações mais específicas, conquistando um certo respeito por parte das autoridades. De uma forma mais generalizada, as reclamações relacionavam-se aos problemas infra-estruturais dos bairros tais como: conserto de pontes danificadas, instalação de iluminação, rede de esgotos, farmácias, hospitais, postos médicos, escolas, entre outros.<sup>19</sup> Solicitavam também a organização de feiras livres semanais e transportes adequados, além de oferecerem em suas sedes pequenos cursos de corte e costura, trabalhos manuais e alfabetização, objetivando fornecer às mulheres “novas armas de luta para enfrentarem os seus problemas diários [...] contribuindo para a sua maior independência”.<sup>20</sup>

Nas fábricas, oficinas, escritórios exigiam salário digno, compatível com moradia, alimentação, saúde e educação, além de mais respeito por parte dos empregadores que submetiam as operárias a humilhações verbais e uma carga excessiva de trabalho.<sup>21</sup> Já com as camponesas traçaram em conjunto planos de abastecimento para as localidades mais distantes e lutaram por hospitais, maternidades e escolas, que oferecessem pelo menos a educação primária.

O combate à carestia de vida, no entanto, apresentou-se como reivindicação coletiva de todas as Uniões, como será analisado adiante. Por hora importa considerar que as mulheres organizaram postos de reclamações com a finalidade de fiscalizarem os preços dos produtos vendidos à população, além de promoverem debates objetivando resolver da melhor maneira possível os problemas da população. As soluções encontradas eram encaminhadas às autoridades e constantemente cobradas destas a sua aplicação.

A luta pela união de todas as mulheres reforçava no imaginário das militantes pulsões, utopias e desejos compartilhados na convivência com o grupo, conduzindo-as a

---

19 Cabe neste momento explicar que a opção por enunciar de uma forma mais genérica o trabalho das Uniões Femininas ocorreu devido à impossibilidade de enumerar aqui todas as especificidades locais, dado o abrangente espaço territorial brasileiro bem como a sua diversidade cultural. As atividades reivindicatórias das Uniões Femininas existentes no país foram comprovadas nos seguintes periódicos: *A Classe Operária*, números: 37-39-40-51-61-156-405 e 406; *Momento Feminino*, números: 2 e 71; e *Tribuna do Povo*, números: 402e 403 (seção Tribuna Feminina).

20 Unem-se as mulheres de Santos. *A Classe Operária*. Ano III. nº. 156. Rio de Janeiro, 25 dez. 1948. p. 08.

21 Sobre saúde e maus tratos dos patrões, escreviam constantemente reclamando ao periódico *Momento Feminino*, as operárias da Nestlé. Nestas cartas pode-se perceber o descaso dos empregadores ao proibirem as mulheres de tomarem leite na empresa, sob pena de suspensão ou demissão. Não podem tomar leite as operárias da Nestlé. *Momento Feminino*. Ano IV. nº. 71. Rio de Janeiro, 15 jun. 1950. p. 10.

vivenciarem o PCB como o *único* Partido revolucionário capaz de efetivar as transformações idealizadas.



Protesto de mulheres contra a carestia no Rio de Janeiro. In: Segatto, José A., et. all. *PCB-1922-1982. Memória Fotográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 106.

E esta afirmação pôde ser confirmada através da posição das militantes paranaenses, que mesmo após as revelações do XX Congresso do PCU optaram por manter-se no Partido, preservando assim a sua unidade. E para tanto permaneceram na luta pelas reivindicações *mais sentidas* dos populares, como o exemplo de Anésia Bonifácio Davé, que participou ativamente da luta das mulheres do campo pela solução dos seus problemas resumidos em mais escolas para o ensino primário, assistência médica adequada para as mães e seus filhos, direito à licença maternidade e condições dignas de vida, cobrando das autoridades o cumprimento da lei com relação aos direitos adquiridos pelas camponesas.<sup>22</sup>

Exemplos como o citado acima permitiram apreender que à medida que partilhavam experiências, adquiriam novos conhecimentos e acatavam diversas *orientações* no ativo trabalho nas Uniões Femininas, as mulheres do PCB paulatinamente foram se enquadrando na disciplina imposta pelo Partido, vivenciando-o como uma grande família,

---

<sup>22</sup> Anésia Bonifácio Davé e Dionésia Cândida eram consideradas pelos agentes da polícia política como as líderes do *credo vermelho* na fazenda Mococa, situada em Marialva no interior do Paraná. Sobre Dionésia Cândida não foi possível encontrar seus registros, apenas o seu nome elencado nas observações contidas nas fichas de Anésia. DEAP. DEOPS. *Anésia Bonifácio Davé*. Ficha individual n.º. 11.308 DEAP/ n.º. 01.710 DEOPS.

sobre a qual, fundamentavam a sua identidade; afinal participavam elas do projeto de um novo mundo, convergindo e unificando seus olhares para uma mesma imagem, a

[...] imagem de harmonia, de equilíbrio e de fusão: a de uma sociedade Una, indivisível, homogênea, para sempre protegida das perturbações e das discórdias – bloco sem fissura, concedendo por isso mesmo a todos aqueles que o compõem a apaziguadora certeza de uma total reconciliação consigo mesmos.<sup>23</sup>

E foi para esta imagem que as comunistas direcionaram todos os fervores do coração, todos os anseios de um futuro radioso e todos os poderes de suas utopias ...

## 2.2 O PCB E AS MILITANTES: FUNDAMENTANDO IDENTIDADES...

A Esplanada do Castelo, no centro do Rio de Janeiro abrigou no dia 16 de novembro de 1949 milhares de pessoas, que sob um sol escaldante ouviam atentamente os pronunciamentos dos militantes comunistas e dos integrantes da Liga de Defesa das Liberdades Democráticas, contra a Lei de Segurança Nacional, enviada ao Congresso pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra.<sup>24</sup>

Durante as calorosas declarações que visavam conscientizar a população sobre os arbítrios da nova lei os manifestantes, surpreendidos pelas forças policiais, foram violentamente agredidos e dispersados a tiros.

Diante deste cenário dantesco, Aristeu de Carvalho, jornalista da *Imprensa Popular* e sua esposa, a comunista Zélia de Magalhães, grávida de cinco meses, cautelosamente desceram do palanque para se refugiarem no bonde que ali passava. A fuga, porém, foi impedida pelos policiais que, atentos aos movimentos do ex-prisioneiro político, correram em sua direção, disparando contra o casal.

Zélia se posicionando na frente do marido, na vã esperança de conter os policiais, foi atingida por uma bala mortal, falecendo em plena via pública.

---

23 GIRARDET, Raoul. op. cit., p. 155-156.

24 A *Lei Monstro*, denominação dada pelos comunistas à Lei de Segurança Nacional apresentava em seus artigos uma série de restrições às ações políticas não condizentes com o atual governo, demonstrando explicitamente a determinação de Dutra em conter o ideário pecebista por todo o país. Com o slogan “É proibido pensar”, os militantes do PCB por intermédio de sua imprensa ou em atos públicos enfatizavam veementemente o conteúdo cerceador desta, destacando por exemplo, o 10º. e o 13º. artigo. No 10º. artigo era vedado a qualquer profissional liberal filiar-se ou ajudar com serviços e donativos pessoas com finalidades políticas *ilícitas*. Já o 13º. artigo considerava crime com pena de um a três anos: “fazer publicamente propaganda de processos violentos para a subversão da ordem política ou social, de ódio de raça, de religião ou de classe e de guerra.” Com a Lei de Segurança: É PROIBIDO PENSAR. *A Voz Operária*. Ano I. nº. 24. Rio de Janeiro, 05 nov. 1949, p. 16.

A trágica morte da militante, exemplo da repressão do governo Dutra, demonstra que a violência tende a progredir em sociedades nas quais seus componentes permanecem pouco criativos, perdendo o sentido da existência e a esperança em dias melhores. E este para os comunistas não era o seu caso, pois mesmo enfrentando um governo autoritário e repressor lutavam por uma sociedade mais justa, permitindo, embora não admitissem, viver sua utopia.

Assim sendo, a morte de Zélia ao invés de coibir a luta destes homens e mulheres contra as arbitrariedades do então presidente, motivou-os a continuarem em seu projeto. A reação, escreveu Eline Mochel

[...] matou Zélia, a lutadora incansável [...] combatente da causa da justiça e da liberdade de seu povo [...] que desde cedo ligou sua vida às lutas da classe operária.[...] Sua bravura deve ser para todas nós um orgulho e um exemplo do comportamento de uma comunista que enfrenta o inimigo sem vacilações, com audácia e coragem mesmo em desigualdade de condições.[...] Por isso é necessário que redobremos nossos esforços na continuação da luta [...] pela Paz, contra a Lei de Segurança, contra a carestia.[...] Da nossa ação e da reunião de nossos esforços, depende o nosso êxito. Cabe a nós mulheres [...] dar carne, leite e pão, lutar por creches e hospitais, por aumento de salários e liberdade de reunião e [assim] honrarmos a memória de Zélia.<sup>25</sup>

Este discurso embora confirme a indignação dos comunistas com o assassinato da companheira implicitamente aponta os subsídios necessários para compreender os motivos que conduziram as mulheres a enfrentarem inúmeros preconceitos aderindo ao projeto pecebista, pois ao *utopizar* um mundo mais justo, onde não predominasse a tragédia, a impotência e a desilusão encontraram no Partido o apoio evocado por seus desejos de transformações.

Em outras palavras, para as militantes tais transformações somente se concretizariam quando todas as pessoas tivessem chances iguais de educação, saúde, habitação, alimentação, salários dignos, justiça, amparo à velhice e à infância. E no projeto utópico comunista encontraram o respaldo para as suas pulsões, pois, como já citado eram incentivadas a se projetarem na sociedade como mulheres e cidadãs. As mulheres comunistas, disse Iraci Almeida,

[...] participam com entusiasmo e alegria [...] do glorioso partido da classe operária e do povo – o Partido Comunista do Brasil. [...] ao festejarmos os 30 anos de lutas e conquistas do nosso Partido

---

25 MOCHEL, Eline. Zélia, nossa companheira. *A Voz Operária*. Ano I. nº. 24. Rio de Janeiro, 05 nov. 1949. p. 16. (sem grifo no original). 25 A comunista Eline Mochel atuou no movimento de mulheres nas décadas de 40 e 50, projetando-se no cenário político ao concorrer ao cargo de deputada federal alcançando a suplência. Participante ativa da Federação de Mulheres do Brasil, redigia artigos para a imprensa partidária além de colaborar no periódico *Momento Feminino*. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. (orgs.) SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 190.

olhamos para trás e vemos com satisfação que em todas as lutas dirigidas pelo PCB, a mulher brasileira está presente. [...] O PCB é o partido da libertação nacional e social do povo brasileiro, o partido da emancipação da mulher brasileira.<sup>26</sup>

Entendendo por cidadãos homens e mulheres participantes da vida política, independentemente da sua posição social, as comunistas idealizavam uma sociedade mais justa, fraterna e solidária. E para tanto organizaram as Uniões Femininas com o objetivo de lutarem por suas reivindicações na defesa da paz e liberdades democráticas.

A emergência de novas formas de organização comunitária em oposição à organização global vigente é uma das conseqüências mais visíveis das manifestações do imaginário político, reconstituindo nos corações, nas consciências, os equilíbrios rompidos, edificando assim, novas certezas.<sup>27</sup>

No artigo redigido por Arcelina Mochel para o periódico *Momento Feminino* pode-se constatar esta indicação, pois atesta além do interesse em solucionar os problemas que afligiam os cidadãos brasileiros, como as comunistas vivenciavam a mitologia política desenvolvida no imaginário pecebista ao lutarem por um governo democrático e popular:

[...] Os últimos acontecimentos nacionais têm provado que posição tomou a mulher brasileira e, sua coragem, sua energia, sua consciência de luta em prol de justiça humana colocaram-se ao lado da democracia. É que não nos deixaríamos acusar de indiferentes, comodistas num determinado momento em que mais se impõe uma definição. Sabemos que somos uma força ponderável na progressão do país. [...] Nossa combatividade, nossa intransigência à justiça social, torna-se imprescindível junto aos poderes públicos. [...] Temos sede de Lei e uma vez que a possuímos, que a conquistamos, defendê-la-emos com toda a consciência. [...] defenderemos nos lares, venceremos os açambarcadores, os ricaços dos monopólios; garantiremos teto, saúde, instrução, amparo à infância e à velhice, a palavra e a ação. [...] A mulher [...] coloca-se na vanguarda da luta organizada pela democracia, pela independência, pela lei.<sup>28</sup>

A certeza que o Partido oferecia às comunistas de subjugar um universo social desconhecido e ameaçador possibilitou a essas se enfeixarem em um presente reconquistado, firmando seus pés em um mundo que agora voltava a ser coerente e claramente legível, pois a *leitura imaginária* que cada mitologia política implica permitia ao grupo comunista devolver a história presente à sua inteligibilidade perdida.<sup>29</sup>

---

26 ALMEIDA, Iraci. O Partido da emancipação da mulher. *A Voz Operária*. Ano IV. nº. 148. Rio de Janeiro, 22 mar. 1952. p. 09.

27 GIRARDET, Raoul. op. cit., p. 183-184.

28 MOCHEL, Arcelina. Nossos problemas. *Momento Feminino*. Ano I. nº. 2. Rio de Janeiro, 1º. ago. 1947. p. 02-03.

29 GIRARDET, Raoul op. cit., p. 182-183.



Importa aqui considerar que os desgastes políticos e econômicos, provenientes do final da Segunda Grande Guerra, conduziu as militantes a se empenharem na luta pela paz e contra a carestia de vida; esta última, gerada pela inflação de preços e especulação promovida com os gêneros alimentícios até então tabelado, penalizava principalmente a população pobre dos grandes centros urbanos.

A situação caótica na qual se encontravam os brasileiros deveria ser modificada, pois os constantes aumentos dos preços dos gêneros de primeira necessidade ocasionavam sérios desequilíbrios orçamentários para os trabalhadores, que por sua vez não recebiam os devidos reajustes salariais. Assim sendo, o PCB por intermédio de seus jornais incentivava as comunistas a organizarem associações nos bairros e empresas, *orientando-as* no combate à carestia. Na *Classe Operária* por exemplo, as mulheres encontravam algumas *sugestões* para o seu bom desempenho nesta empreitada.

[...] Não é preciso, como acontece com várias pessoas [...] estar quebrando a cabeça sobre a *melhor forma de organizar as mulheres para iniciar a luta por suas reivindicações imediatas* [...] Antes de se pensar no tipo de organização que é necessário fundar, é preciso que se tenha um verdadeiro conhecimento das reivindicações femininas em cada setor e, dentre essas [...] saber escolher a principal, a mais sentida, [...] a capaz de despertar as massas e mobilizá-las pela sua solução.<sup>30</sup>

Objetivando ampliar a participação das mulheres na vida política, em 1949, com forte influência do PCB foi criada a Federação de Mulheres do Brasil, entidade civil que abrigava mulheres tendentes ao pensamento de esquerda.

Propondo organizar a ação destas nas questões inerentes aos seus direitos políticos, econômicos, jurídicos e sociais, à proteção à infância e à paz mundial e fundamentalmente mobilizar campanhas contra a carestia de vida, a Federação de Mulheres do Brasil obteve em seus sete anos de existência uma repercussão sem limites no âmbito nacional, conduzindo o presidente Getúlio Vargas a enviar uma lei ao Congresso Nacional na defesa da economia popular. Aprovada a Lei Delegada n.º 4, foi criado para garantir a sua aplicação um órgão público: a Superintendência Nacional de Abastecimento – SUNAB.<sup>31</sup>

Esta Federação apoiada pelas comunistas realizava congressos e convenções femininas por todo o país e suas resoluções eram divulgadas pela imprensa partidária. Cabe ressaltar que a divulgação destes eventos vinha ao encontro dos objetivos do PCB de ganhar

---

30 Organizar as mulheres contra a carestia. *A Classe Operária*. Ano II. n.º. 113. Rio de Janeiro, 21 fev. 1948. p. 09.

31 A Lei Delegada n.º. 4, conferia, no sentido cabal, poderes às autoridades públicas para a defesa dos interesses da população. DICIONÁRIO: MULHERES DO BRASIL. op. cit., p. 226-227.

as amplas massas femininas para a causa revolucionária, evitando assim a resistência de alguns membros do Partido, sobretudo das militantes mais antigas, que recusaram a princípio a trabalhar entre as mulheres.

A *Classe Operária* na orientação supracitada, enfatizando o favorecimento do contexto nacional para a organização em bases cada vez mais amplas de grandes massas femininas “[...] desde que as pessoas responsáveis por esse trabalho de organização[...] saibam conduzi-lo sem nenhum *sectarismo* e levantando sempre os problemas à altura da compreensão e das possibilidades de resolvê-los da massa feminina a que se encontrem ligados” refletia no seu discurso, a preocupação com a resistência no interior do Partido, resistência esta prejudicial à concretização dos objetivos revolucionários.<sup>32</sup>

Portanto, quando em maio de 1949 foi convocada a 1ª Conferência Nacional Feminina no Rio de Janeiro, o PCB não mediu esforços para a realização do evento, dedicando as primeiras páginas de seus veículos impressos para a sua divulgação. Com letras garrafais, os periódicos comunistas, através do discurso de Zuleika Alambert abriam espaço para a difusão do Congresso, que deveria contar com considerável número de delegadas, representantes das organizações femininas de todos os Estados do país.

Pedindo o apoio de todas as mulheres, a militante expõe o temário da Conferência, baseado nos problemas *mais sentidos* pelas brasileiras, tais como: a carestia, a falta de creches, maternidades, hospitais, escolas, transporte, o ensino gratuito, a garantia de salários iguais, habitação, saneamento básico, além da eminência de uma nova e mais atroz guerra e o abandono do governo Dutra, no que concebia assistência às viúvas e órfãos dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira – FEB – que jaziam no Cemitério de Pistóia. Para Alambert, as comunistas não poderiam consentir que a vida dos jovens brasileiros fosse ameaçada

[...] pelos planos criminosos dos traficantes de guerra. [...] sobretudo, em benefício dos grandes banqueiros e dos grandes monopólios internacionais cuja ação em nosso país é responsável pelas dificuldades e privações que já se abatem sobre nossos lares [...] os membros da ditadura Dutra [...] declaram que farão com que o Brasil participe de qualquer luta que desencadeiem os trustes colonizadores, ao lado dos agressores[...] nenhuma mulher brasileira poderá concordar com este crime.[...] E para isso lutamos unidas. Para isso vamos ao 1.º Congresso Nacional de Mulheres.<sup>33</sup>

Se por um lado Alambert expõe nitidamente a insatisfação dos militantes com o cenário vislumbrado por todos, por outro lado, uma leitura mais criteriosa de suas palavras

---

32 Organizar as mulheres contra a carestia. *A Classe Operária...* Ibid., p. 09.(sem grifo no original).

33 ALAMBERT, Zuleika. UM CONGRESSO DE MULHERES PELA PAZ E O BEM-ESTAR. *A Classe Operária*. Ano IV. nº. 174. Rio de Janeiro, 14 maio 1949. Capa e p. 11.

permite perceber o peso do discurso jornalístico sobre o imaginário comunista, uma vez que os jornais dirigidos pelos líderes da vanguarda revolucionária ao publicarem cartas, manifestações de militantes comuns, análises dos contextos vivenciados, poemas, comentários de seus leitores entre outros itens constituíam-se com suas certezas e indagações, na palavra viva do movimento proclamado.

A indignação com o contexto nacional conduziu os homens e mulheres do PCB a vivenciarem uma experiência radicalmente diversa e, por conseguinte, a refletirem sobre sua própria existência, concepção de mundo e relações que mantinham com a sociedade. E por intermédio do *discurso revoltoso* o protesto adquire uma supersignificação, ou melhor dizendo, uma plenitude de sentidos, nos quais uma totalidade de significados será investida.

Portanto, o sentido do *discurso revoltoso*, consiste em negar as formas estabelecidas prometendo ao mesmo tempo a liberação, para então concretizar a dinâmica do sujeito, no que concerne a sua negação à submissão e à reorganização de inúmeras interpretações e afetos. E é justamente neste clima de tensão social e de afloramento das implicações pessoais e coletivas que a criatividade ideológica se desenvolve inexoravelmente. Contudo, cabe lembrar, o conflito não pode ser considerado um produtor de idéias, ele é o produtor de sistemas específicos de imaginários sociais, que são as ideologias políticas.<sup>34</sup>

Assim posto, pode-se inferir que o período de crise gerou uma nova unidade no grupo comunista, reestruturando-o e produzindo simultaneamente uma linguagem coletiva propícia à ação, linguagem carregada de valores nos quais se misturavam à denúncia dos crimes cometidos pelo inimigo, neste caso específico, *os membros da ditadura Dutra*, a exaltação dos fins propostos, *o combate à carestia e a luta pela paz*, símbolos da luta revolucionária.

No apelo lançado pela militante, marca indefectível do discurso da imprensa partidária constata-se que no movimento de produção oriundo da dinâmica do seu discurso os significados vividos são ao mesmo tempo exteriorizados na linguagem e interiorizados pelos atores como verdade”.<sup>35</sup>

---

34 ANSART, Pierre. op. cit., p. 109-116.

35 ANSART, Pierre. Ibid., p. 120.



Primeiro Congresso da Federação de Mulheres do Brasil, realizado em 1949.  
SEGATTO, José A., et.all. *PCB:1922-1982. Memória Fotográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.96.

Assim sendo, o objetivo do PCB foi atingido na medida que a Conferência realizada surtiu o efeito desejado. Em junho de 1949, Bruna Mazzo publicou as resoluções do Congresso, solicitando a todos a sua divulgação e discussão nas assembléias de bairros e empresas, nos lares e em atos públicos. Estes debates, argumentava, certamente incentivariam outras comissões de mulheres prontas a levar aquelas resoluções à prática sob qualquer forma de luta, pois somente desse modo a mulher começaria a se “organizar na luta contra a fome e a miséria, que invadem seus lares e a contribuir para a manutenção da paz, como único meio de, na prática, conquistar por ela e seus filhos, um mundo de justiça, de amor e de liberdade”.<sup>36</sup>

Imaginando um novo mundo, acreditavam estas mulheres serem detentoras de saberes únicos que somente o Partido podia lhes oferecer, não manifestando quaisquer dúvidas quanto às certezas de sua opção política. E por esta razão mobilizaram-se plenamente para a construção deste mundo idealizado, pois encontraram no PCB o respaldo necessário para enfrentarem os olhares hostis da polícia política e especialmente os preconceitos sociais da *imprensa de referência*, como no exemplo demonstrado no 1º. capítulo, com relação a audácia da *vereadora vermelha* Maria Olimpia Carneiro.

Como já mencionado, a *vereadora de Prestes* defendeu energicamente a realização da Conferência Estadual de Mulheres em Curitiba, organizando a divulgação do evento, após

---

<sup>36</sup> MAZZO, Bruna. Popularizemos as resoluções da 1ª. Conferência de Mulheres. *A Voz Operária*. Ano I. nº. 03. Rio de Janeiro, 07 jun. 1949. p. 03.

a recusa dos jornais locais em fazê-lo. E diante do cancelamento da licença do Centro Interamericano e conseqüente ameaça de intervenção policial, Maria Olímpia junto com as demais participantes da Federação transferiu a sede do encontro para as oficinas da Editora Lítero-Técnica. Desta forma, ao reforçar a resistência do movimento, arrebatando da *imprensa de referência* e da polícia esse meio de interdição as mulheres proporcionaram a esta um caráter imponderável e invisível, protegendo assim a sua existência, uma vez que a reunião foi realizada com o êxito esperado.

A Conferência contou com a participação de representantes estudantis e das fábricas de Curitiba, delegadas das Associações Femininas e Comissões de Mulheres de Londrina, Maringá, Bandeirantes do Sul, Paranaguá, Piraquara, Ponta Grossa, Campo Largo e Antonina.<sup>37</sup>

O Comitê Central enviou para prestigiar as paranaenses Elisa Branco, militante operária de destaque que mobilizou a população brasileira na luta pela paz. Colaboraram também com sua presença: o deputado Júlio Rocha Xavier, Presidente de Honra do Movimento Paranaense dos Partidários da Paz e vice-governador do Estado, José Rodrigues Vieira Neto, deputado estadual do PCB, Dr. Wallace Thadeu de Mello e Silva, ex-prefeito de Curitiba, Sezinando Chagas Lima, vereador de Curitiba, Izaurino Gomes Patriota, diretor da *Tribuna do Povo*, Orlando Ceccon, proprietário da Lítero-Técnica, além de Saul Dias, Dr. Jorge Karan, Cláudio Luis Reis, Luiz Agostinho Rangel, Joaquim Rodrigues Mochel, entre outros militantes que auxiliavam o movimento de mulheres.<sup>38</sup>



1.º Conferência Estadual de Mulheres do Paraná, realizada na Editora Lítero-Técnica em 1951.  
DEAP.DEOPS. *Federação das Mulheres Paranaenses*. Ibid.  
Acervo: DEAP

37 Conferência Estadual de Mulheres. Informe. In: DEAP.DEOPS. *Federação das Mulheres Paranaenses*. Ibid., p. 08.

38 Cabe ressaltar que nem todos os participantes eram membros do PCB. Os nomes elencados foram retirados do relatório enviado pelo agente Fausto Thomaz, ao Delegado do DEOPS. ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DEOPS. *Federação das Mulheres Paranaenses*. Dossiê nº. 0984. Topografia 119. Curitiba, 21 dez. 1951. p. 37-38.

O apoio dos camaradas combinava com as *instruções* do PCB para que a luta feminina se desenvolvesse poderosamente na instauração do governo democrático e popular por ele proposto. A responsabilidade de todos os membros do grupo consistia em compreender a relevância do trabalho feminino e conceder-lhe toda atenção necessária. Isto significa, segundo *A Classe Operária*

[...] que todos devem ser designados para ajudar o trabalho feminino, os melhores quadros de cada organismo, que não devemos desviar na medida do possível as camaradas do trabalho específico feminino, que devemos reforçar e dar vida política às células femininas e controlar melhor o seu trabalho, que devemos ajudar as companheiras a elevar o seu nível político e ideológico.<sup>39</sup>

Efetivado o apoio por parte de muitos militantes paranaenses, a Conferência apresentou calorosos debates, nos quais seus participantes trocaram experiências, a fim de encontrarem a solução para os problemas que afligiam a população. Entre as resoluções foram estabelecidas as seguintes medidas: solicitar do povo paranaense a colaboração irrestrita e incondicional para um movimento pacífico na obtenção da baixa do preço dos gêneros alimentícios de primeira necessidade; denunciar às autoridades policiais e sanitárias o nome dos exploradores do povo; concitar a população a se unir em torno do movimento pela paz; dar continuidade às reivindicações femininas por mais e melhores escolas para que as crianças não permanecessem privadas de educação, entre outros.<sup>40</sup> Contudo, para os agentes do DEOPS, a Conferência das Mulheres

[...] não resta a menor dúvida, [tratava-se] de propaganda subversiva, promovida por elementos do P.C.B., cujas atividades foram postas fora de lei, e que se valem de subterfúgios como os de agora para fazerem a difusão de seus ideais anti-cristãos e anti-democráticos, bem como a angariação de fundos destinados a sustentarem a referida propaganda.<sup>41</sup>

Importa aqui considerar que para as polícias do Estado, a difusão oral de qualquer debate assume grande importância, pois estas reuniões convertem as pessoas menos esclarecidas e as indecisas, transformando-as em divulgadoras dos ideais subversivos, ou em outras palavras, reprodutoras de uma nova cultura falada, que sob a sua ótica, deveria ser

---

39 As mulheres brasileiras na luta pela paz, contra a carestia e em defesa da infância. *A Classe Operária*. Ano XXVI. nº. 401. Rio de Janeiro, 01 out. 1951. p. 02.

40 Em maio de 1950, a Federação de Mulheres Paranaenses dirigiu um protesto ao Secretário da Educação, Erasmo Piloto, reivindicando melhores escolas para a infância. Com a frase "Abram-se escolas e fechem-se as prisões" acusavam o então Secretário por sua negligência com a educação, além de protestarem contra a falta de professores, organização e verba que impediam as crianças de receberem a instrução primária que tinham por direito. Protesto contra a incapacidade da Secretaria da Educação. *Tribuna do Povo*. Curitiba, 29 jul. 1950. DEAP. DEOPS. *Federação de Mulheres Paranaenses*. Ibid. p. 68.

41 Conforme relatório de Fausto Thomaz. DEAP. DEOPS. *Federação de Mulheres Paranaenses*. Ibid., p. 32.

impedida. E por intermédio do debate e aliciamento verbal, um imaginário vivo, eficaz e irreduzível se difunde, envolvendo cada participante nos seus próprios instrumentos culturais, permitindo-lhes desta forma a sua afirmação pessoal no interior do grupo.<sup>42</sup>

Porém, aderir à cultura do PCB não significava somente indignar-se com a situação vigente, ou apenas participar politicamente de um Partido que se apresentava como a única opção lógica e racional. Para os militantes, ser comunista

[...] implicava na alteração radical do próprio estatuto ontológico do indivíduo [...] significava abandonar para sempre, uma vida sem certezas, fragmentada, incoerente e conduzida passivamente pelos acontecimentos de uma realidade inteligível para ter o domínio absoluto sobre o seu próprio ser e libertar os povos da escravidão econômica, da opressão política e da miséria.<sup>43</sup>

Reflexos dinâmicos de um imaginário intimamente ligado a tradições sagradas nas quais exaltam-se leis universais, levando os militantes a compreenderem que sem luta não há vida e sem vida não há consciência, nem tampouco evolução. “Lutávamos, morríamos e achávamos que aquilo tudo era certo”, enfatizou Odete Soares de Oliveira, em seu depoimento sobre a atuação das comunistas no Paraná.<sup>44</sup>

Logo, desconhecia a polícia política que o desejo de construir um novo mundo, baseado nas imagens e representações que aventam ao gênero humano, modelos exemplares de sociedades mais justas alimentavam o imaginário das mulheres e homens do PCB, indicando-lhes um caminho a ser percorrido. O imaginário de um mundo novo, onde as pessoas viveriam felizes e realizadas não deve de forma alguma ser confundido com um *real* deformado, uma ilusão ou quimera. A utopia para os comunistas apresentava-se sim, como uma tentativa de organizar racional e logicamente – o que é próprio de sua cultura – o sentido de sua existência.

Embasadas nas propagandas sobre as conquistas da população soviética, as militantes renovavam em seu imaginário a crença de sua realização pelo socialismo.

Muitos relatos sobre os êxitos da URSS, e neste caso em especial, sobre a participação e conquista das mulheres soviéticas, como a mensagem de P. Pichugina eram divulgados pelos jornais comunistas, com o objetivo de disseminar idéias e modelos exemplares a serem seguidos.

Exaltando a fartura e o sentimento de justiça, *A Classe Operária* em 1948 dizia que

42 ANSART, Pierre. op. cit., p. 111.

43 FERREIRA, Jorge. op. cit., p. 70-71.

44 OLIVEIRA, Odete Soares de. *Entrevista*. Curitiba, 13 ago. 1999. p. 10.

o governo soviético deu à sua população possibilidades dignas de vida, visando que cada cidadão trabalhasse ao máximo para a grandeza da Pátria. Como para as mulheres a carga se apresentava mais pesada, devido às suas atribuições domésticas e sobretudo maternas, o governo providenciou milhares de creches e transportes convenientes para propiciar mais conforto às crianças e permitir que as mulheres conciliassem o papel de mães com suas outras obrigações, sejam trabalhistas ou políticas. Além disso, as mulheres recebiam instrução semelhante aos homens, chegando às mesmas posições nos *kolkhozes*, nas usinas ou nos laboratórios.<sup>45</sup>

Para Arcelina Mochel, as impressões de qualquer visitante à URSS eram extremamente positivas, principalmente com relação ao tratamento dado às crianças. Naquele lugar não havia órfãos, pois as crianças que perderam seus pais eram atendidas pelo Estado e pelo povo, educando-se nas Casas de Crianças. Fora isto, o grande número de escolas existentes abrigava cerca de 37 milhões de crianças e jovens, conclui a militante, não percebendo que sua narrativa alimentava cada vez mais entre as mulheres o mito do Paraíso Perdido, situado dentro da Idade do Ouro.<sup>46</sup>

Mesmo vivendo sem perceberem seus mitos, os comunistas sofriam pressões, afirma Gérard Vincent, em sua análise sobre a militância no Partido Comunista francês. Como em França, no Brasil dos anos 50 os grandes quadros e os militantes mais bem informados reconheciam o caráter implacável da repressão de Stálin; contudo a *família comunista* não se abalava com tais refutações, alegando ser propaganda burguesa, logo com fortes tendências anticomunistas, recorrendo para justificar a sua crença ao tema da superação, fundamentado em três argumentos. No primeiro afirmavam que o mundo capitalista não possuía de forma alguma autoridade para ensinar humanismo, dado aos métodos utilizados em seus impérios coloniais e porque não dizer, as inúmeras tentativas de acabar com a paz entre os povos, enquanto no segundo alegavam que a URSS mantinha um sistema coercitivo devido às condições históricas, particulares e especialmente objetivas implicadas neste imenso conjunto. Já no terceiro, asseguravam que a cristandade protestante ou católica dos alemães estava relacionada com as atrocidades cometidas nos campos de concentração nazistas. Sobre o imenso conjunto que se aplicava ao segundo argumento, os comunistas destacavam o processo histórico soviético construído em: 1917 com o nascimento do Estado socialista, 1945 a 1949, devido a ampliação do ideário socialista até a China e por último 1950, período no

---

45 Mulheres na União Soviética. *A Classe Operária*. Ano II. n.º. 149. Rio de Janeiro, 06 jan. 1948. p. 04.

46 MOCHEL, Arcelina. Dia de festa para as mães. *A Voz Operária*. Ano III. n.º. 135. Rio de Janeiro, 21 dez. 1951. p. 06.



qual o movimento mundial de emancipação dos povos inaugurava a passagem do socialismo a nível planetário.<sup>47</sup>

Importante registrar que a Revolução de Outubro para os comunistas marcava o início da *nova era* para todos os povos do mundo; portanto, ao tomarem contato com as experiências bem sucedidas da URSS passaram a idolatrá-la como um espaço sagrado, onde a felicidade e a união *indiscutivelmente* reinavam, pois para sempre asseguraria a vitória das forças centrífugas sobre as forças ocultas, geradoras de tragédias, impotências, divergências e discórdias.

Retendo uma densa carga simbólica, essas representações imaginárias somadas aos desejos de felicidade realizada eram reforçadas pela crença na razão, na técnica, na ciência que o socialismo oferecia, garantindo desta forma a viabilidade do projeto utópico.

### 2.3 PARTIDÁRIAS DA PAZ.: A UTOPIA DE UM MUNDO NOVO.

Na pequena cidade de Barretos, em um *modesto* lar, nasceu em 29 de dezembro de 1912 Elisa Branco, a pequena menina que desde a sua infância encontrou-se privada de todos os direitos que uma criança deveria gozar, devido à miséria reinante pelos lares de tantas outras crianças brasileiras.<sup>48</sup>

Com a morte prematura de seu pai, aos treze anos obrigou-se a abandonar seus estudos para trabalhar em casa, auxiliando sua mãe nas costuras que mantinham o sustento de sua família, agora com seis componentes.

Quando completou vinte anos, Elisa conheceu Norberto Batista, um operário com o qual casou-se. E foi justamente neste ano que a jovem presenciou o envio de soldados brasileiros, dentre os quais seus quatro irmãos, para os campos de batalha ao lado das forças aliadas. Seus irmãos embora magros e abatidos tiveram a sorte de regressar. Porém, outros

---

47 VINCENT, Gérard. op. cit., p. 434.

48 Adaptação das biografias de Elisa Branco, encontradas nos jornais comunistas, das quais quatro foram selecionadas, para atender a metodologia aplicada neste trabalho, no que se refere a introdução de cada capítulo, através da narrativa das ações das mulheres que integraram o PCB. Ressalta-se ainda que neste texto foram priorizadas as descrições mais utilizadas para destacar a imagem da militante, no intuito de demonstrar como o PCB utilizava de várias estratégias para garantir a legitimação de sua autoridade. Sobre as biografias de Elisa, ver: Pela liberdade de Elisa Branco, defensora da vida de nossa juventude. *A Voz Operária*. Ano II. nº. 82. Rio de Janeiro, 16 dez. 1950. p. 02; Anistia ampla e liberdade aos presos e perseguidos políticos. *A Classe Operária*. Ano XXVI. nº. 404. Rio de Janeiro, 01 set. 1951. p. 04. ; O valor e o heroísmo estão na luta pela paz. *A Voz Operária*. Ano IV. nº. 189. Rio de Janeiro, 03 jan. 1952. p. 05 e Elisa Branco: heroína do Brasil na luta pela paz. *A Voz Operária*. Ano V. nº. 190. Rio de Janeiro, 10 jan. 1953. p. 03.

tantos jovens de Barretos nunca mais voltaram, deixando toda a população da pequena cidade consternada com a perda de seus *heróicos filhos*.

Neste período, a jovem senhora que conhecera Luís Carlos Prestes em um comício realizado na cidade já havia ingressado no Partido Comunista do Brasil, tornando-se assim uma *combatente* da libertação nacional. Alguns meses após, com a demissão de Norberto, o casal decidiu mudar-se com suas duas filhas para São Paulo, cidade na qual Elisa participou ativamente das campanhas contra a carestia de vida, pelos direitos do povo e, sobretudo, em defesa da paz.

Na capital paulista em 1950, durante o desfile de contingentes militares no Vale do Anhagabaú em comemoração a data da Independência do Brasil, Elisa desfraldou no seio da multidão, uma faixa com os seguintes dizeres: “Os soldados, nossos filhos não irão para a Coréia!” Em meio à estupefação, os populares não esconderam a admiração por um gesto tão *destemido* que expressava o sentimento de milhares de brasileiros e aplaudiram entusiasticamente a militante.

Contudo, a *policia especial* de Dutra, o presidente brasileiro que categoricamente havia dado o seu apoio ao governo norte-americano confirmando o envio de tropas para a Coréia reagiu violentamente à manifestação e entre inúmeros protestos aprisionou a ativista. Elisa foi jogada no cárcere, processada e condenada a quatro anos e três meses de prisão, indignando milhares de pessoas, que vislumbravam no *valor* e no *heroísmo* desta *simples* mulher, um modelo exemplar a ser seguido por todos.

A narrativa sobre a vida de Elisa Branco acima esboçada circulou frequentemente em todos os órgãos de divulgação do PCB, como a pedra angular das manifestações de solidariedade e concitações a um movimento nacional pela paz e anistia dos presos políticos enquadrados pelo Conselho de Segurança Nacional.

Entretanto, um olhar mais criterioso sobre esta biografia revela o seu conteúdo explícito representado pela revolta dos militantes com a agressão física e moral imputada a Elisa, refletindo a opressão do atual governo sobre os comunistas; entretanto, o seu conteúdo implícito sugere outras significações, indicando a tática do PCB em proteger a legitimidade do poder estabelecido.

Assim, o sentido da imagem que se queria apresentar de Elisa, a *simples* mulher, nascida em uma *modesta* casa, que mesmo passando privações não se corrompeu, demonstrando em toda a sua trajetória de vida o exemplo de *boa* filha, mãe, esposa e dedicada *defensora* da causa revolucionária suscitava identificações que compunham o universo de

representações disseminado entre os comunistas, ligando inexoravelmente o Partido ao povo. Logo, o seu exemplo deveria ser seguido por todos os integrantes do PCB e divulgado aos brasileiros, afinal eram os comunistas os *legítimos representantes do povo*.

Cabe aqui lembrar que a postura radical, sectária e subjetivista assumida no Manifesto de Agosto de 1950, estimulou constantes atritos com os sindicatos e organizações populares, nacionalistas, femininas, estudantis e culturais, levando o PCB a perder consideravelmente o apoio de vários militantes, sobretudo dos intelectuais, produzindo assim os resultados desejados por seus oponentes. O sectarismo que marcou a história da organização reduziu o número de militantes que em 1946 era estimado em duzentos mil, para menos de vinte mil, após a divulgação do Manifesto.<sup>49</sup>

Embora a direção do Partido a princípio negasse reconhecer esta evidência, após exaustivos debates resolveu mobilizar-se para corrigir esta falha e readquirir o prestígio perdido, ou mais precisamente, o reconhecimento de sua autoridade. E entre as diversas estratégias adotadas para atingir este objetivo pode-se a título de suposição sugerir que a exaltação de modelos exemplares, como o da *heroína* Elisa Branco, inseriu-se em um quadro, devido à densa carga simbólica que este artifício exerce sobre o imaginário coletivo.



<sup>49</sup> Estes números foram extraídos de KONDER, Leandro. op. cit., p. 93-96 e VINHAS, Moisés. op. cit., p. 86-96.

E não foi sem efeito que a campanha em prol da libertação da militante promovida pela organização com o apoio da sua imprensa e da Federação de Mulheres do Brasil atingiu proporções incalculáveis, uma vez que mobilizou as associações femininas, estudantis e várias organizações populares de diferentes partidos, repercutindo inclusive no exterior.<sup>50</sup> A pressão popular exercida no início sobre o governo Dutra e após sobre Getúlio Vargas, recém eleito presidente, conduziu o Supremo Tribunal Federal a absolver a comunista após um ano e treze dias de detenção, reverberando positivamente entre os militantes, motivando-os desta forma a engajarem-se cada vez mais nas campanhas promovidas pelo Partido.

Diante deste mosaico de acontecimentos e compartilhando das opiniões de Leandro Konder e Moisés Vinhas, pode-se inferir que o PCB não foi reduzido a dimensões mais ínfimas, devido a sua participação nas campanhas pela paz e em defesa do petróleo brasileiro, campanhas que possibilitaram ao Partido, manter algumas franjas de sua política ligadas à realidade do país.<sup>51</sup>

Importante recordar que as atrocidades cometidas durante a Segunda Grande Guerra pelo nazi-fascismo, o desfecho em Hiroshima e Nagasaki patrocinado pelo governo norte-americano, além da carestia de vida, reflexos da guerra, ainda repercutiam na memória de todos os povos do mundo. Portanto, em um contexto onde se esboçavam as tensões internacionais e conflitos nacionais específicos, dado os primeiros movimentos do *estado* da Guerra Fria, a eminência de uma nova e mais atroz guerra, na qual se pressupunha um combate entre Ocidente-capitalista e Oriente-socialista apresentava perspectivas extremamente assustadoras.

Não obstante, o líder soviético Stálin, como já mencionado, havia declarado a *luta pela paz*, visando proteger a URSS contra as investidas dos E.U.A, detentor de um poderio econômico, militar e de engenhos bélicos compostos de arsenais atômicos. Declarada em 1949 pelo Komiform, a *luta pela paz*, os comunistas de todos os países mobilizaram-se para a coleta de assinaturas protestando contra a OTAN e a bomba atômica, em uma demonstração de apoio à iniciativa de política exterior adotada pela URSS. Os milhões de abaixo-assinados eram encaminhados a governos, a parlamentos, a ONU entre outras organizações.

---

50 Repercussão internacional da libertação de Elisa Branco. *A Voz Operária*. Ano III. nº. 125. Rio de Janeiro, 13 out. 1951. p. 03. Nesta nota encontram-se as saudações das mulheres soviéticas, dos jovens latino-americanos e de Arnedo Álvares, secretário do PC da Argentina ao povo brasileiro pela sua vitória na campanha que liberou Elisa, refletindo a repercussão do movimento entre os partidários da paz.

51 KONDER, Leandro. Ibid. p. 94 e VINHAS, Moisés. Ibid. p. 96.

No Brasil, os militantes mesmo com o Partido na ilegalidade e enfrentando a repressão do governo Dutra que rompera relações diplomáticas com os soviéticos e declarara ilegal o movimento, aceitaram a tarefa e engajaram-se na *luta pela paz* com disciplina e determinação. Foram fundados vários comitês pela paz, além de associações nos bairros, fábricas, clubes e sindicatos e promovidos diversos congressos e assembléias com o propósito de discutir e orientar os populares sobre as manifestações pela paz e a finalidade dos abaixo-assinados.

Com a eclosão do conflito que opôs o norte e o sul da Coréia os militantes do PCB ampliaram o movimento, sobretudo, após a notícia de que o Brasil enviaria tropas àquela região a fim de auxiliar as Nações Unidas na defesa da *liberdade dos coreanos*. Convém explicar, que se a proclamação da República Popular da China pelo líder comunista Mao-Tsé-Tung em 1949 contribuiu para acirrar as tensões políticas internacionais, o ataque em junho de 1950 das tropas comunistas da Coréia do Norte estendeu realmente os limites do *estado* da Guerra Fria para o plano mundial.

Embora a Guerra Fria tenha se originado na América, o seu tom apocalíptico se deu devido ao apoio de todos os governos europeus ocidentais com ou sem partidos comunistas que indiscutivelmente se reconheceram como anticomunistas; portanto, decididos a combater e se proteger de um possível ataque militar soviético, pois a URSS havia antecipado as expectativas e produzido com sucesso a sua primeira explosão atômica. Assim sendo, os EUA e seus aliados, disfarçados como Nações Unidas intervieram na Coréia para impedir que o regime comunista do norte, estendesse os seus domínios para o sul.

Para os militantes brasileiros, a certeza e o medo de que a Guerra na Coréia atingisse proporções incalculáveis motivou-os a um engajamento ainda maior na coleta de assinaturas contra o conflito e o envio de tropas àquela região. Ao longo dos anos 50, os comunistas se esforçaram para atingirem o objetivo de angariar o maior número de firmas em defesa da paz.<sup>52</sup>

A imprensa partidária divulgava inúmeras notas e artigos sobre os congressos

---

52 Nos dossiês pesquisados no Arquivo do DEOPS se encontram os estatutos da fundação do Movimento Paranaense dos Partidários da Paz, publicados no Diário Oficial em 12 fev. 1953. Com sede em Curitiba, os associados propunham desenvolver em todo o Estado a luta pela paz universal. Entre estes estavam elencados e grifados pela polícia política como *comunistas*, *cripto-comunistas* e *comunistóides* os seguintes associados: Ireno Reichd, Sezinando Chagas Lima, Ana Ferreira de Souza, Ana Marcondes, Dr. Vieira Netto, Dr. Wallace de Melo e Silva; Dr. Jorge Karam, Izaurino Gomes Patriota e Esmeraldo Biasi. DEAP. DEOPS. *Movimento Paranaense dos Partidários da Paz*. Dossiê n°. 1405. Topografia no. 166. p. 06.

realizados tanto no Brasil como nos demais países alinhados à política soviética, visando posicionar os militantes sobre o encaminhamento da Guerra no Oriente e as soluções encontradas pelos partidários da paz para o seu desenlace, incentivando-os simultaneamente ao arrecadamento de assinaturas.



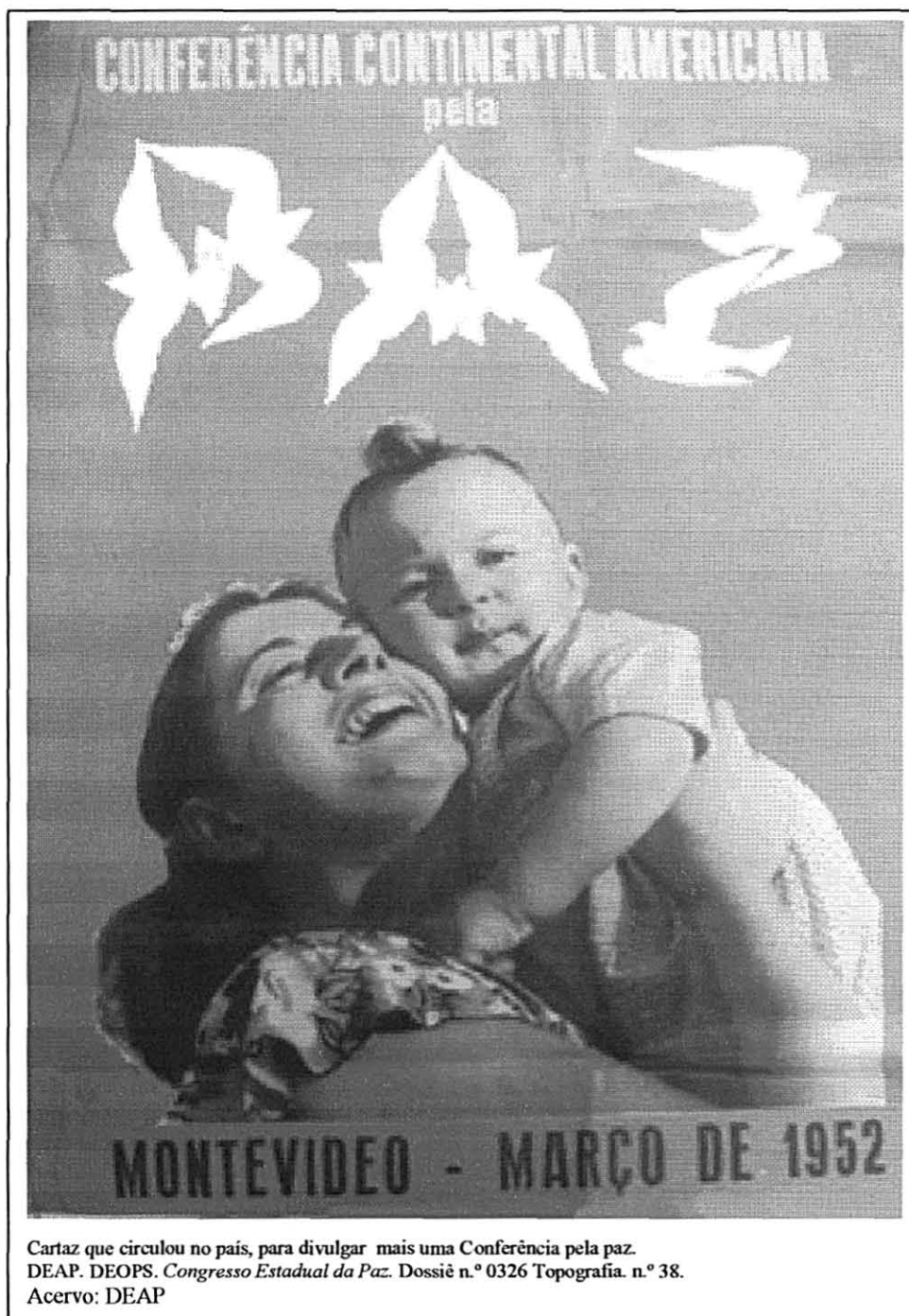
Passeata organizada pelo PCB contra o envio de soldados brasileiros para a Coréia.  
SEGATTO, José A.; et. Ali. *PCB. 1922-1982. Memória fotográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.100

O jornal *A Voz Operária*, aliás, dedicou uma seção especial para os comentários sobre as campanhas. Na seção intitulada *Ação em Defesa da Paz* os leitores encontravam as mais variadas informações sobre o movimento, além de boletins de prêmios para os *campeões da paz*.

A análise destes boletins permitiu perceber como o PCB organizava os militantes por todo o país para a realização da tarefa imposta pelo Komiform, dividindo os estados em seis grupos de acordo com seus índices demográficos, estipulando a cota que deveriam alcançar e sua classificação mediante o número de assinaturas coletadas. A premiação variava entre a escolha de um representante para os Congressos da Paz, realizados em vários países inclusive no Brasil, a cifra de dez mil cruzeiros, a indicação de candidatos a prêmios internacionais ou medalhas de ouro com a efígie de Luís Carlos Prestes, *o porta-estandarte da paz*.

Para estimular os militantes, o periódico divulgava também as estratégias utilizadas para a obtenção de adesões como, por exemplo, a interessante competição estabelecida entre

os comunistas da Célula do Juvevê em Curitiba e os de Ponta Grossa, na qual atribuindo a cota excedente de 600 assinaturas, os curitibanos *desafiaram* os pontagrossenses para ver quem primeiro atingiria esta meta.<sup>53</sup>



Entre as mais variadas mensagens encontradas, o movimento liderado pelas

---

<sup>53</sup> A campanha no Paraná. *A Voz Operária*. Ano IV. n.º. 146. Rio de Janeiro, 08 mar. 1952. Seção: Ação em Defesa da Paz. p. 05.

mulheres comunistas pela paz era enfatizado como o mais entusiasta, o que certamente incentivava as militantes a participarem deste processo mantenedor da concórdia entre os povos, e porque não dizer da estrutura partidária, uma vez que paulatinamente reestabelecia os laços com as organizações colocadas à distância após o Manifesto de Agosto. Conscientes das conseqüências que uma nova e indiscutivelmente mais brutal guerra geraria sobre a população mundial, as comunistas elaboraram petições e documentos, organizaram conferências, passeatas e comícios e propagaram mensagens pacifistas, conclamando a união de todos pela paz.

No Paraná eram destacadas as atuações de Lázara Maria de Paiva, delegada brasileira enviada ao II Congresso da Paz realizado em Varsóvia e da vereadora Maria Olímpia Carneiro. No primeiro caso, o jornal ressaltava a determinação da militante no cumprimento da sua cota de abaixo-assinados, pois quando esta havia coletado 1400 assinaturas foi encarcerada por dois meses na prisão de Londrina, por defender junto com outros companheiros os interesses dos camponeses do norte paranaense. Todavia, após sair da prisão, mesmo respondendo a um processo Lázara lançou-se *infatigavelmente* à obra de coletar assinaturas, angariando um total de 5000 adesões. Por esta razão, Lázara foi eleita sob aclamação Presidente do Conselho da Paz em Londrina e sua experiência constituía um modelo a ser seguido por todos.<sup>54</sup>

Já no caso de Maria Olímpia informava o jornal que, liderando o grupo de partidários da paz, a vereadora realizou um comício na oficina da rede de Viação Paraná-Santa Catarina. Neste foram debatidas as reivindicações dos ferroviários paranaenses que como todos os trabalhadores do país estavam empenhados na luta pela paz. A sua iniciativa devia ser seguida, pois conduziu centenas de operários a assinarem o Apelo de Estocolmo pela proibição da arma atômica.<sup>55</sup>

Aliás, Maria Olímpia como representante das paranaenses não se limitava somente a realizar comícios e congressos pela Paz; ela também redigia artigos solicitando a todas as mulheres que apoiassem a campanha pacifista, fazendo listas de adesões e promovendo festas e finanças para custear as despesas da delegação brasileira nos Congressos pela Paz,

---

<sup>54</sup> Saiu da prisão para colher assinaturas. *A Voz Operária*. Ano III. nº. 122. Rio de Janeiro, 22 set. 1951. Seção: Ação em Defesa da Paz. p. 04.

<sup>55</sup> Paraná: os ferroviários assinam o Apelo de Estocolmo. *A Voz Operária*. Ano II. nº. 66. Rio de Janeiro, 26 ago. 1950. Seção: Ação em Defesa da Paz. p. 04.



realizados em vários países, uma vez que as representantes femininas saberiam expressar aos povos do mundo, os anseios de paz e independência de toda a população brasileira.

As mulheres paranaenses não se diferem das mulheres de outros estados ou países. Também elas desejam ardorosamente a paz [...] e começam a compreender que a guerra significa [...] desgraça, miséria, viuvez, orfandade, desamparo, destruição de lares, ódios, sangue e vingança. Nós as mulheres do Brasil temos grandes responsabilidades. O que nós queremos é a paz, o sossego e a felicidade de nossos lares; fartura, escola, brinquedos e saúde para nossos filhos; o desenvolvimento das artes e das ciências; da agricultura e da indústria para a felicidade geral do povo.<sup>56</sup>

Os exemplos tanto de Maria Olímpia como de Lázara demonstram a disposição das militantes em cumprirem a tarefa designada pelo Partido, mesmo enfrentando os obstáculos gerados pela campanha anticomunista que denunciava a íntima relação entre os combatentes da paz e o governo soviético. Em outras palavras, para o grupo anticomunista, a luta pela paz se apresentava como uma simulação estrategicamente elaborada pelo PCB para desviar a atenção dos brasileiros da política externa e dos atos agressivos da URSS, e por conseguinte, deveria ser boicotada por não condizer com o apoio dado às Nações Unidas pelo *democrático* governo de Dutra, seguido por Vargas em seu segundo mandato.



**Lázara de Paiva.**  
DEAP. DEOPS. Congresso Estadual Pró Paz. Ibid.  
Acervo: DEAP



**Maria Olímpia Carneiro.**  
DEAP. DEOPS. Dossiê no. 2630. Topografia no. 247.  
Acervo: DEAP

---

<sup>56</sup> CARNEIRO, Maria O. As mulheres e a paz. *Tribuna do Povo*. Curitiba, novembro de 1950. In: DEAP.DEOPS. *Imprensa Popular*. Dossiê nº. 1131. Topografia 135. p. 03.

Os jornais representantes da *Grande Imprensa* no Paraná, por exemplo, publicavam a mensagem do general João Theodureto Barbosa, na qual afirmava que os movimentos pela paz eram de origem totalitária, *recomendando* aos seus subordinados que estes não participassem de qualquer atividade referente aos grupos Pró-Paz.<sup>57</sup>

Para combater tais denúncias, o PCB por intermédio de seus órgãos de divulgação *indicava* alguns argumentos para os militantes utilizarem quando questionados sobre a validade do movimento, conforme indicam as orientações para agitação e propaganda – AGIT-PROP. Neste suplemento circulava as *instruções* de Luís Carlos Prestes sobre a melhor maneira dos homens e mulheres do PCB enfrentarem, com base nas refutações *sugeridas*, a resistência dos populares em aderir à campanha.<sup>58</sup>

A análise das *orientações* do líder revela o efeito da propaganda anticomunista sobre um considerável percentual de cidadãos brasileiros, pois entre os questionamentos mais imediatos destacavam-se os referentes aos propósitos da campanha e às dúvidas sobre a relevância dos abaixo-assinados, a influência soviética nesta ação e os benefícios que Moscou adquiriria com o movimento, além dos motivos que impulsionavam os combatentes a aderirem à campanha.

As respostas aos questionamentos apontavam que para os comunistas a luta pela paz estava intimamente relacionada aos problemas *mais sentidos* pelos brasileiros, problemas estes decorrentes da última guerra como por exemplo: a carestia de vida, o suplício do racionamento e câmbio negro dos gêneros de primeira necessidade, a convocação militar, o trabalho forçado, o congelamento de salários, o desemprego, a miséria e o cerceamento da liberdade. Entretanto, era a ameaça de um novo genocídio, que provocava o terror nestes homens e mulheres, como expressou Elisie Lessa durante a campanha pela coleta de assinaturas contra a bomba atômica promovida pelo jornal *Momento Feminino*.

Tenho por ela [a guerra] o mesmo horror invencível e inevitável com que se olha a doença, a peste ou a devastação. O mesmo horror com que o bicho humano olha a destruição e a morte. E o mesmo espanto apavorado com que toda a mulher odeia a guerra em todas as suas formas de manifestações.<sup>59</sup>

---

57 Esta mensagem foi publicada no mesmo dia (06/04/1949) pelos jornais *O Dia* e *Gazeta do Povo*, com o seguinte título: “O Congresso Pró-Paz e Cultura é de orientação totalitária.” In: DEAP. DEOPS. *Movimento Paranaense dos Partidários da Paz*. Dossiê nº. 0326. Topografia nº. 38. p. 228 (*O Dia*) e p. 228 (*Gazeta do Povo*).

58 4 perguntas sobre a campanha por um pacto de paz. *A Classe Operária*. Suplemento de AGIT-PROP. Rio de Janeiro, agosto de 1951. p. 03.

59 LESSA, Elisie. Pela vida de nossos filhos. *Momento Feminino*. Ano IV. nº. 71. Rio de Janeiro, 15 jun. 1950. p. 03.

Neste depoimento, Elisie reflete o medo da *destruição mútua inevitável*, espectro que rondou o imaginário de todos os filhos da Guerra Fria, fossem eles capitalistas ou comunistas. Para os comunistas entretanto, o terror gerado pela *ortodoxia bélica*, cujos alvos eram mais civis do que militares — afinal a bomba atômica não havia sido inventada para qualquer outro propósito — deveria ser eliminado. Logo, se o objetivo dos EUA, afetados pelo *sonho de onipotência* era abater o moral da população e do governo coreano através de uma discriminada destruição em massa, cabia aos comunistas combater esta intolerância por intermédio dos apelos pela paz.



Porém, mesmo concentrando suas energias para as campanhas pacifistas, alcançando alguma publicidade e angariando a simpatia de personalidades não pertencentes

ao grupo, como intelectuais, artistas de renome, cientistas, líderes religiosos entre outros os integrantes do PCB não conseguiram evitar a intransigência dos governos vigentes.<sup>60</sup>

Muitos comícios foram impedidos de ser realizados ou então dispersados a tiros pela *policia especial*, vitimando entre muitos militantes Zélia Magalhães e Angelina Gonçalves.<sup>61</sup> Com base na Lei de Segurança Nacional, Dutra e após Vargas autorizaram encarceramentos e emitiram processos contra muitos militantes durante as suas manifestações pela paz e defesa nacional. Entre os *combatentes* destacavam-se o líder Luís Carlos Prestes e a direção do PCB, Agliberto Vieira dos Santos, Maria Afonso Lins, conhecida como Marinete, Jean Sarkis, Álvaro Ventura, Aldo Ripassarti, Henrique Moura, Lázara Maria de Paiva, as irmãs Ana e Margarida Gimenez, José Lemos, Elisa Branco entre dezenas de operários do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Minas Gerais e São Paulo e camponeses do norte do Paraná, Triângulo Mineiro e Ceará.

Frente a esta situação as comunistas tendo em primeiro plano a imagem de Elisa Branco mobilizaram-se também na luta pela liberdade dos presos e condenados políticos, conseguindo a adesão de deputados de diferentes partidos e personalidades como a educadora Branca Fialho, as artistas Bibi Ferreira, Tônia Carrero e Vera Nunes, o pintor Cândido Portinari, o escritor Graciliano Ramos entre muitos outros.<sup>62</sup>

No aã desta luta, o PCB dedicou páginas e páginas de seus jornais para posicionar os militantes quanto ao número de prisões e processos existentes no país e no exterior contra os *combatentes da paz*, sugerindo a todos a sua divulgação nos bairros, fábricas, sindicatos, universidades e até nos seus lares, no intuito de conseguir todo o apoio popular.

---

60 Expressivas personalidades do meio político, religioso, científico e cultural assinaram o Apelo de Convocação do Congresso dos Povos pela Paz, concitando o povo brasileiro a dar todo o seu apoio a este documento, demonstrando assim a sua adesão ao movimento encabeçado pelos comunistas. A lista de nomes se encontra em: Personalidades brasileiras apóiam o Congresso dos Povos. *A Voz Operária*. Ano IV. nº. 177. Rio de Janeiro, 11 out. 1952. Seção: Ação em Defesa da Paz. p. 05.

61 Em Porto Alegre, durante a comemoração do dia do trabalho em 1950, a tecelã Angelina Gonçalves ao liderar o movimento contra a opressão da classe trabalhadora e exploração do petróleo brasileiro pelas empresas estrangeiras foi baleada pela policia local, perecendo com mais três companheiros no meio da multidão. A trágica morte da operária de apenas 37 anos gerou vários protestos organizados pelas mulheres e trabalhadores de todo o país, marcando a campanha “O petróleo é nosso” promovida pelo PCB, pela Federação de Mulheres do Brasil entre outras organizações. O seu exemplo de abnegação à classe operária segundo Arcelina Mochel inspirou as mulheres do PCB, que vislumbravam Angelina como “a líder inesquecível do proletariado brasileiro.” O Exemplo de Angelina Gonçalves. *A Voz Operária*. Ano II. nº. 53. Rio de Janeiro, 27 maio 1950. p. 03.

62 Anistia ampla .... *A Classe Operária*.... Ibid. p. 04



Na reportagem intitulada “Liberdade para estes patriotas”, ao elencar os nomes e os motivos das prisões e condenações de vários militantes, *A Voz Operária* não deixou de exaltar o exemplo de Elisa Branco, a *heroína* operária jogada no cárcere por defender as mães, os jovens, enfim a família brasileira, pois o seu gesto representava

[...] o clamor unânime de todas as mães brasileiras, de todos os verdadeiros patriotas. Enquanto ela permanecer presa são os melhores e mais altos sentimentos da mulher brasileira e de todo o nosso povo que se encontrarão calcados aos pés e violentados pelos que tramam lançar nossos filhos e irmãos na mais destruidora de todas as guerras!<sup>63</sup>

Bandeira e símbolo da luta pela paz, Elisa Branco para os comunistas expressava os anseios dos brasileiros e por isto, não poderia permanecer vítima do terror de um governo submisso às investidas estrangeiras: nem a militante, nem todos os preservadores da paz e tampouco Luís Carlos Prestes e seus companheiros de direção do PCB.

O exame mais detalhado do *layout* da página onde se encontra a reportagem supramencionada permite perceber que ao lado do comentário sobre a *heroína da paz*, estrategicamente o jornal comunista em uma destacada nota alerta os leitores para a ordem de prisão preventiva expedida ao Cavaleiro da Esperança e demais quadros de base do Partido, por terem estes apontado ao povo no Manifesto de Agosto “o caminho para se libertar dessa

<sup>63</sup> Liberdade para estes patriotas. Elisa Branco, bandeira e símbolo. *A Voz Operária*. Ano II. nº. 69. Rio de Janeiro, 08 set. 1951. p. 05.

situação de miséria, terror e desonra nacional”. Após a transcrição de um trecho do discurso no qual Prestes condenou a *democracia de fachada* dos governantes brasileiros alinhados à política totalitária norte-americana, complementa:

[...] Essas são as palavras de Prestes no Manifesto de Agosto. O número de presos e condenados políticos e os motivos porque se encontram presos e condenados mostram como são justas e patrióticas cada uma das palavras de Prestes nesse Manifesto.<sup>64</sup>

Um olhar mais atento lançado a estas palavras possibilita divisar a estratégia utilizada pelo Partido em estabelecer a relação entre as *verdades* ditas no polêmico discurso e a prisão dos partidários da paz, visando valorar as palavras do líder, ou mais prudente seria dizer, justificar a postura sectária e subjetivista adotada no Manifesto, a fim de resgatar o apoio popular perdido.

A partir destes exemplos torna-se possível concluir que para o PCB a absolvição de Elisa Branco significava por um lado dar o passo decisivo no processo de anistia aos milhares de comunistas condenados para enfim reconquistar as liberdades democráticas, reforçando a luta pela paz e independência nacional e, por outro lado, resgatar a legitimidade de seu poder, devassado pelas palavras de ordem do Manifesto.

Neste processo o jornal *Momento Feminino* e a Federação de Mulheres do Brasil por sua vez promoveram intensa campanha em prol da libertação dos presos políticos, sobretudo de Elisa. No conteúdo do periódico, por exemplo, os leitores encontravam além de apelos a várias associações femininas estaduais para apoiarem a comissão Nacional Pró-Anistia de Elisa Branco, artigos e comentários sobre os partidários da paz. Objetivando a adesão das mulheres no recolhimento de assinaturas, o jornal feminino em 1951 divulgou a *Campanha pela Paz*, lançando ainda as bases de um plano nacional de emulação entre os Estados, oferecendo como prêmio à organização feminina que em primeiro lugar atingisse a sua cota o envio de uma delegada ao Congresso Mundial pela Paz, na Itália.<sup>65</sup> Encontravam-se também reproduzidos em suas páginas o talão do Apelo de Estocolmo e opiniões sobre a guerra e suas conseqüências, além de reportagens sobre os problemas *mais sentidos* pelas mulheres em todos os Estados, bem como as soluções encontradas para saná-los.

Em que se pese a importância que as comunistas concediam a este permanente trabalho, não se pode deixar de lembrar as recordações conservadas em seu imaginário referentes à vitória de Stálin sobre o terror nazista. Somada a estas lembranças, a tão decantada mensagem pacifista do *guia genial da humanidade*, reproduzida com freqüência

---

64 Liberdade para estes patriotas. O Cavaleiro da Esperança. *A Voz Operária...* Ano II. nº. 69. Ibid. p. 05

65 Apelo de Estocolmo. *Momento Feminino*. Ano IV. nº. 71. Ibid. p. 03.

pela imprensa partidária oferecia a essas mulheres o material necessário para enfrentarem com abnegação as possíveis resistências.



Na homenagem prestada pela passagem de mais um aniversário do *pai de todos os comunistas*, após comentar sobre os benefícios que o governo de Stálin proporcionava às mulheres soviéticas, Maria Jardim, em reconhecimento a atuação política do líder afirma que

[...] o povo brasileiro deseja o reatamento das relações com a URSS, pois sabe que representa uma garantia do progresso, da paz e da independência do nosso povo. Camarada Stálin: a melhor homenagem que as mulheres [...] podem te prestar é o compromisso de que darão o máximo de seus esforços na luta pela paz, pela coleta de 4 milhões de assinaturas até a Conferência Continental da Paz [...] por um governo democrático-popular. Salve 21 de dezembro de 1951!<sup>66</sup>

Desta manifestação decorre a evidência do culto ao Herói Salvador, representado aqui por Stálin pelos comunistas, pois sua autoridade era reconhecida pelos homens e mulheres do PCB, uma vez que perturbou a monotonia da vida cotidiana, rompendo velhas proibições e invertendo regras comumente admitidas, liberando assim forças há muito tempo contidas.<sup>67</sup>

E para consagrar esta autoridade e num duplo incentivar os seus *fiéis seguidores* na impositiva missão de defender o universo socialista das agressões do imperialismo norte-americano, em 1949 o Presidium do Soviet Supremo da URSS instituiu o Prêmio Stálin

66 JARDIM, Maria F. O exemplo da mulher soviética. *A Voz Operária*. Ibid. p. 10.

67 GIRARDET, Raoul. op. cit., p. 92-93.

Internacional *pelo reforçamento da paz entre os povos*. Destacados comunistas de todos os cantos do mundo foram premiados por sua atuação como combatentes da paz. Entre os brasileiros, o escritor Jorge Amado e a operária Elisa Branco foram laureados com este almejado prêmio.

A indicação da companheira, aliás, constituiu-se em um estímulo para todas as comunistas do Brasil, pois simbolizava o reconhecimento dos seus trabalhos e provas de abnegação na tarefa de preservar a paz, fornecendo-lhes a certeza de que seus esforços não eram vãos. Elisa representando as mulheres brasileiras foi à URSS, relatando após o que presenciou naquele espaço *sagrado*, “onde o povo está preparado para a paz [...] vive em paz e constrói uma vida radiosa e pacífica”.<sup>68</sup>

Na solenidade de entrega realizada no Kremlin, após as calorosas saudações de oradores como o acadêmico Dmitri Skobeltsin, presidente do Comitê Distribuidor do Prêmio Stálin da Paz, a militante emocionada pronunciou o seu discurso de agradecimento, ressaltando a participação feminina no combate pela paz, afirmando a todos que as mulheres brasileiras ao lutarem pela harmonia entre os povos não somente defendiam os seus lares, trabalhos e entes queridos, mas também as crianças do mundo inteiro, a dignidade de todos os cidadãos e os direitos sagrados a uma vida feliz. Ao concluir o seu discurso, não pôde deixar de expressar o afeto de todas as partidárias da paz a Stálin, *o construtor do socialismo*.

[...] Quero expressar o meu amor filial pelo chefe genial do povo soviético, fundador da União Soviética ao lado de Lênin, grande lutador da paz, Defensor da Paz e do Progresso, da liberdade das crianças, defensor dos direitos das mães do mundo inteiro, salvando a vida de nossos filhos, o Camarada Stálin. Quero agradecer tudo quanto ele nos têm ensinado, tudo quanto nos têm dado [...] Viva a União Soviética baluarte invencível da paz! Viva Joseph Stálin, educador dos povos no amor à paz!<sup>69</sup>

Entretanto, durante o movimento proposto pelo *educador dos povos no amor à paz*, os soviéticos desenvolviam armas nucleares com o objetivo de quebrar o monopólio norte-americano. Considerações à parte, importa aqui salientar que o discurso de Elisa refletiu a

68 BRANCO, Elisa. O que vi na URSS. *A Voz Operária*. Ano V. nº. 194. Rio de Janeiro, 07 fev. 1953. p. 05.

69 É incalculável o reconhecimento do povo da Coréia combatente. *A Voz Operária*. Ano V. nº. 195. Rio de Janeiro, 14 fev. 1953. p. 04. Nesta reportagem, além da reprodução do discurso de Elisa destacam-se também os discursos de exaltação ao trabalho da operária de todos os membros componentes do Comitê Soviético da Paz. como por exemplo, Constantin Simonov; Nina Popova, representante do Comitê antifascista das mulheres soviéticas, Alexandre Brasnov do Comitê antifascista da Juventude Soviética, Dália Sminova, operária e o General Buxbaum, presidente do Conselho Nacional de Luta contra o Acordo militar Brasil-E.U.A. Como prêmio a militante recebeu um diploma de laureada, uma medalha de ouro com a efigie de Stálin e a quantia de 100 mil rublos. Participavam também do Comitê Distribuidor de Prêmios o poeta francês Aragon, o poeta chileno Pablo Neruda, o cientista polonês Jan Dewbowski, o romancista Miguel Sadoveanu entre outras personalidades. Em que se pese os nomes que figuravam neste Comitê, não há como negar que a indicação de Elisa Branco incentivou e emocionou todos os comunistas brasileiros, mais particularmente as militantes do PCB.



gratidão de todos os militantes aos benefícios que *o guia genial dos povos* deu à humanidade, revelando assim crenças, tradições e atitudes comportamentais da cultura comunista.

Embora herdeiros da tradição racionalista de Marx, logo destituídos de qualquer sacralidade, os comunistas manifestavam padrões comportamentais característicos do *regime da dádiva* existente nas sociedades arcaicas e tradicionais, argumenta Jorge Ferreira, com base nas contribuições da leitura etnográfica de Marcel Mauss. Este regime possui uma lógica fundamentada na troca de bens materiais e principalmente de bens de caráter simbólico, estabelecendo a conseqüente relação entre *dar, receber e retribuir*, relação esta que impregnava a vida social dos grupos envolvidos, levando-os a concentrarem os seus maiores interesses no estabelecimento de alianças e identidade de princípios, tanto nas próprias comunidades como também entre elas.

Assim sendo, para o grupo herdeiro destes padrões de comportamento, Stálin ao *doar* à humanidade bens de alcance imensuráveis, libertando os povos das atrocidades nazistas e lutando incansavelmente pela paz universal cumpriu o seu dever de líder.

Contudo, segundo a lógica do *regime da dádiva*, a doação implica na obrigação de receber os benefícios sob a pena de se cometer grave falta. E os militantes por sua vez acreditavam estarem usufruindo destes bens ofertados pelo *salvador da humanidade*, sentindo-se desta forma no dever de retribuírem as benesses recebidas.<sup>70</sup> Mas como responder com bens a altura dos então ofertados? Por intermédio das manifestações de reconhecimento, afeto e sentimentos elevados que, imaginavam estes homens e mulheres, recompensariam o líder pelo seu ato voluntário, desinteressado e espontâneo. Em outras palavras, ao reverenciarem constantemente Stálin e assumirem o compromisso de obedecer aos seus *ensinamentos* os comunistas manifestavam toda a sua gratidão ao *homem que mais amavam*.

Desta forma, pode-se concluir que ao reconhecerem os símbolos, imagens e mitos característicos da cultura comunista, as mulheres do PCB reforçavam um imaginário que não se desprende de tradições antigas e participaram com sua abnegação e trabalho cotidiano do projeto utópico proposto pelo PCB, abrindo os caminhos para um mundo novo onde, imaginavam elas, o parasitismo e a exploração do homem pelo homem não mais existiriam e a justiça, a fraternidade e a solidariedade comporiam todos os movimentos, harmonizando-os, em um belíssimo concerto universal.

---

70 FERREIRA, Jorge L. Ibid. p. 333-337

## 2.4 A FAMÍLIA COMUNISTA: SEGREDOS DIVIDIDOS ... PODERES ESTABELECIDOS.

Durante o período de legalidade do PCB, as aparições em público dos comunistas eram marcadas pelo entusiasmo de seus oradores que, cientes da força política que representavam, divulgavam em seus comícios os programas políticos locais, além das bandeiras programáticas para o âmbito nacional, propostas pelo Partido.

Na capital paranaense por exemplo, os comícios geralmente realizados na Praça Osório, situada no centro da cidade, reuniam um considerável número de pessoas, que atentamente ouviam o pronunciamento de destacados comunistas como Vieira Neto, Flávio Ribeiro, Maria Olímpia Carneiro, Walfrido Soares de Oliveira, Iraci Silva entre outros.<sup>71</sup>

Em março de 1946, após o *empolgante* discurso de Vieira Neto sobre a Constituinte, foi dada a vez para Iraci Silva expor o programa do PCB e suas propostas aos paranaenses. Depois de algumas considerações iniciais a militante percebeu que alguns de seus companheiros de oratória estavam agitados, cochichando a todo instante com demais membros da organização. Entre os aplausos do público e suas manifestações discursivas, Flávio Ribeiro aproximou-se da oradora, solicitando-lhe a continuar o seu discurso, além de acrescentar as falas de outros camaradas, que por sua vez já haviam descido do palanque e se dirigido a um automóvel que os aguardava.

Não compreendendo os motivos desta repentina saída a militante acatou o pedido de Flávio, concluindo após um determinado tempo a sua apresentação. Intrigada com o que havia ocorrido, procurou obter informações com outros companheiros, sobre os motivos que levaram Maria Olímpia, Walfrido Soares, Flávio Ribeiro e Vieira Netto a deixarem o comício de forma tão inesperada. Todavia, como de praxe, após o final de um comício as comunistas deveriam distribuir panfletos, vender livros e conversar com os populares a respeito das propostas apresentadas no palanque e, estas tarefas imediatas a princípio impediram que a militante esclarecesse a sua curiosidade.

Somente após o término de suas atividades, quando recolhia o material na campanha foi que Iraci soube que seus colegas haviam se dirigido à casa de Nair Bismayer, e lá a aguardavam, para recepcionarem e se reunirem com Luís Carlos Prestes, em sua breve passagem pela cidade.

---

<sup>71</sup> Relato baseado no depoimento de Iraci Soares de Oliveira, confrontado com os relatórios dos agentes do DEOPS, contidos em suas ficha individual. OLIVEIRA, Iraci S. de. *Entrevista...* p. 07 e DEAP. DEOPS. *Iraci Silva*. Ficha individual. nº. 40.153 DEAP / nº. 05.774. DEOPS.

Um misto de sentimentos tomou conta da militante, dividindo-a entre a alegria de saber que o secretário-geral do Partido se encontrava em sua cidade, próximo de todos os camaradas e justamente no dia do comício por tanto tempo idealizado e raiva, porque o adiantado horário da noite não permitia a sua locomoção até a casa da companheira, impedindo-lhe de participar da reunião a qual foi convocada, mas sobretudo, de desfrutar da companhia do líder que tanto admirava.

Foram todos para a casa da Bismayer com o Luís Carlos Prestes, porque ele estava aqui [...] Que raiva, né? E como eu ia na casa dela. Aquela hora da noite, sozinha, depois do comício? Não dava, não dava!<sup>72</sup>

Embora estas recordações em um primeiro momento confirmem a importância que a imagem de Prestes exercia sobre os comunistas, elas apontam também alguns indicativos, no que concebe a sistemática do PCB, uma vez que a determinados membros do grupo eram concedidos alguns privilégios, e neste caso específico o de se reunirem com o secretário-geral do Partido.

Como já apresentado no capítulo anterior, a hierarquização existente no PCB não excluía as militantes que, como todos os demais membros, deveriam se submeter à disciplina imposta, subordinando-se aos critérios da organização.

Neste sentido, o exemplo de Iraci Silva, Maria Olímpia Carneiro e Nair Bismayer é significativo para que se possa aqui estabelecer algumas ponderações relativas a este aspecto hierárquico, marca inexorável do PCB, e como as mulheres também participavam deste processo de ratificação da hierarquia em nome da convergência de princípios. Assim, para que se compreenda melhor esta problemática, recuperar-se-á mesmo que parcialmente este processo, pois o seu caráter dinâmico ocorria a partir do momento em que os militantes manifestavam o seu interesse em aderir ao Partido.

Ao entrarem na organização, os futuros comunistas eram obrigados a prestarem um juramento, comprometendo-se a obedecer irrestritamente os princípios partidários, com o objetivo de manterem a unidade e contribuírem para o fortalecimento do Partido.

Prometo a mais firme lealdade e completa dedicação aos sagrados interesses da classe operária e do povo. Prometo assim, trabalhar ativamente pela defesa da democracia e da paz, pela derrota definitiva do fascismo, pelo desaparecimento de todas as formas de opressão nacional e de exploração do homem, até o estabelecimento do socialismo. Com este objetivo, juro solenemente permanecer fiel aos princípios do Partido Comunista do Brasil, lutar, dentro do máximo de minha capacidade, que procurarei aumentar sempre, pela sua unidade e pelo seu crescimento: trabalhar incansavelmente no cumprimento de seu programa.<sup>73</sup>

---

72 OLIVEIRA, Iraci Soares de. *Entrevista...* p. 07.

73 CAVALCANTE, Berenice. op. cit., p. 148. Ressalta-se neste momento, que esta imposição aos militantes revela um caráter ortodoxo, pois o controle dos comportamentos mobilizou e canalizou as suas energias para uma via única, que não permitia desvios ou interesses privados, assegurando através da conformação o poder simbólico do partido. Sobre as formas de campos ortodoxos, ver ANSART, Pierre. op. cit., p. 137-156.

Concluído este ritual de passagem estas pessoas passavam, no sentido literal do termo, a serem reconhecidas pelo grupo como militantes do PCB. Entretanto, não começavam por cima, devendo acima de tudo executarem inúmeras tarefas e cumprirem com perseverança os seus deveres a fim de subirem os degraus hierárquicos, deixando para trás a sua condição de iniciados, para se tornarem dignos comunistas e compartilharem dos saberes que a organização proporcionava.

O primeiro e mais destacado dever regido pelos estatutos pecebistas exigia destes homens e mulheres um inestimável despojamento de todas as suas antigas convicções, uma vez que deveriam operar transformações rápidas e radicais relacionadas a sua existência ao “enquadrarem todos os atos de sua vida pública e privadas dentro dos princípios e programas do Partido”, além de serem expressamente proibidos de “manter relações pessoais, familiares ou políticas com trotskistas, ou outros inimigos reconhecidos da classe operária e do povo”.<sup>74</sup>

Destaca-se ainda que a fidelidade e amor ao Partido, a íntima ligação com as massas e o controle rápido e organizado de qualquer situação apresentavam-se como fortes requisitos àqueles *destinados* a ocuparem influentes cargos na organização e logo, aptos a desfrutarem de tantos outros conhecimentos.

E assim o fizeram as três militantes, pois Iraci Silva foi eleita Encarregada do Departamento Feminino da Célula do Batel e após Secretária de Finanças do Comitê Municipal, além de ser indicada para representar o PCB nas eleições de 1946. Maria Olímpia Carneiro, também indicada para representar o Partido foi eleita vereadora na mesma eleição, e exerceu o cargo de Secretária Política e de Finanças da Célula Juvevê. Já Nair Bismayer assumiu o comando do Departamento Feminino da Célula Cajuru e o cargo de Secretária Política da Célula Leocádia Prestes.<sup>75</sup>

---

74 Conforme *ESTATUTOS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL*. Capítulo III: dos direitos e deveres dos membros do partido, art. 13, p. 13. In: CAVALCANTE, Berenice. *Ibid.*, p. 142. Importa aqui informar, que devido à impossibilidade de localizar os Estatutos do PCB que vigoraram de 1945 a 1954 utilizou-se para o desenvolvimento desta discussão, alguns de seus artigos encontrados no trabalho de Berenice Cavalcante. Embora nestes não constassem referências sobre as taxas mensais que os comunistas deveriam pagar para permanecerem na organização, os memorandos internos localizados nos arquivos do DEOPS permitiram confirmar esta medida. Estes registros possibilitaram identificar no Paraná as mulheres que de fato prestaram este juramento e foram reconhecidas como membros da organização, pois percebeu-se nas fichas e relatórios elaborados pelos agentes policiais, que muitas mulheres e homens identificados como comunistas sequer *mantinham contato com o Partido, indicando assim, algumas representações construídas pela polícia política que escapam aos propósitos deste trabalho, mas certamente merecem um estudo a parte.*

75 De acordo com o regimento interno do PCB, o Secretário-Político era responsável por todos os organismos, pela vigilância e pela aplicação da linha política do Partido. Tinha como atribuições: convocar e orientar as reuniões das Células, além de estar estreitamente ligado ao Comitê Municipal ou ao Distrital, a fim de preparar as reuniões, as ordens do dia, receber instruções, levar e trazer informes. Já o Secretário de Organização e Finanças era responsável pela preparação de reuniões, localização das Células, recebimento da contribuição dos membros do Partido, recrutamento e relação dos militantes das Células e fornecimento dos balancetes mensais, apresentando o estimativo para o próximo mês. Fora isto, deveria planificar o trabalho de finanças, promover festivais, bailes entre outras atividades. DEAP. DEOPS. *PCB- Documentos diversos*. Dossiê nº. 1468-c. Topografia nº. 74.



Nair Bismayer. DEAP. DEOPS. Dossiê individual 2802. Topografia 437.  
Acervo: DEAP

Em que pese a relevância destes cargos, pode-se inferir que se por um lado os militantes ao ingressarem no PCB entravam em contato com os saberes proporcionados pelo grupo, retendo informações que acreditavam conferir-lhes um determinado poder elevando-os a uma posição superior aos não-comunistas, por outro lado o Partido detinha saberes ocultos e somente partilhados com aqueles que alcançavam um lugar de destaque em sua pirâmide hierárquica independente de gênero, pois ao entrarem na organização os *iniciados* deixavam de ser simplesmente homens ou mulheres para se tornarem *novos homens e novas mulheres* indicados e reconhecidos como comunistas.

As pessoas que não eram comunistas, a gente considerava burros, porque não sabiam que discutíamos coisas sérias [...] e talvez a gente não fizesse mais que os outros companheiros, por não se sentir capaz assim [...] com a mesma capacidade deles. Porque eles tinham muito mais conhecimento. Eles estudavam mais, liam mais, sabiam mais coisas sobre o Partido.<sup>76</sup>

Esta declaração permite perceber a acentuada manifestação de superioridade da militância sobre uma parcela da sociedade não identificada com o povo, mas também expressa o sentimento de resignação, gerado por uma tradição organizativa que possuía no segredo um dos fundamentos de sua estabilidade social. Em outras palavras, se todos os homens e mulheres do PCB conhecessem os segredos do Partido, esta forma sutil de manutenção da ordem, baseada na resignação, na conformação explodiria em pedaços.

Portanto, somente aos militantes *destinados* a manterem a estabilidade da organização, como no exemplo das comunistas paranaenses, era concedido o acesso a informações, ou mais correto seria dizer a segredos, conferindo-lhes assim um poder maior, reconhecido pelo grupo não em virtude de seus cargos, mas pelo seu significado, uma vez que

---

76 OLIVEIRA. Odete Soares de. *Entrevista...* p. 10.

este poder era identificado como a realização dos justos objetivos e símbolo vivo da vontade comum.<sup>77</sup>

Destas considerações decorre a evidência de uma certa contradição no interior do grupo comunista, pois os homens e mulheres que se propunham novos, embora estivessem unidos por princípios comuns como a igualdade e a solidariedade, por exemplo, não deixavam de reproduzir uma dinâmica vinculada ao sistema totalitário soviético — centro do debate político nacional no início da Guerra Fria — dinâmica a qual, recusavam-se criticar. Exemplificando melhor, os comunistas, embora o negassem, reproduziam no convívio com o grupo as práticas totalitárias veementemente apontadas pelos críticos da URSS.

Não se tratará aqui de discutir esta questão; todavia o que importa ressaltar com base na pesquisa de Berenice Cavalcante é que as práticas totalitárias desenvolvidas no PCB estabeleceram a internalização da disciplina imposta aos militantes, atribuindo-lhes um perfil que se consubstanciava na dedicação, no entusiasmo e na abnegação. A estes atributos acrescentavam-se o espírito de sacrifício, a noção de dever, disciplina e responsabilidade.

À medida que as mulheres do PCB assimilavam a disciplina, enquadravam-se cada vez mais nos padrões comportamentais *propostos*, estabelecendo, se assim pode-se dizer, um diálogo com estas práticas, exercendo-as enquanto comunistas e não como mulheres socialmente excluídas do universo que viviam. Em outros termos, embora quantitativamente as militantes representassem uma pequena parcela da população pecebista, elas eram reconhecidas como significantes, uma vez que foram igualmente animadas a viverem as mesmas significações, legitimando desta forma as relações de poder entre o grupo contribuindo para a reprodução de um imaginário que reiterava as representações do Partido, como uma organização sólida, homogênea e coesa.<sup>78</sup>

Estas relações de poder existentes justificam a relutância inicial das comunistas em recrutarem outras mulheres para o Partido, pois conforme já mencionado, após o PCB empregar a *política de massas* e esclarecer aos seus participantes sobre a relevância do

---

77 VINCENT, Gérard. *Uma história do segredo?* In: \_\_\_\_\_. *História da Vida Privada: Da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 185 e ANSART, Pierre. op. cit., p. 143.

78 Convém lembrar que algumas mulheres brasileiras neste período já organizavam movimentos femininos visando à inclusão do seu grupo na sociedade, sociedade esta que conforme já citado apresentava-se intimamente ligada a uma cultura patriarcalista e androcêntrica. Neste sentido, os comunistas tornaram útil esta situação de desigualdade, divulgando no interior do grupo uma linguagem totalizante na qual articularam as forças sociais em uma estrutura racional, fazendo desta maneira desaparecer simbolicamente as condições internas. ANSART, Pierre. op. cit., p. 237.

ingresso de mulheres na organização muitas militantes resistiram em aplicar a resolução proposta. Alegando não possuírem a disponibilidade necessária para tais fins devido às tarefas que realizavam, estas mulheres temiam perder o trabalho de Partido e sobretudo a oportunidade de desfrutarem da posse de segredos caso se dedicassem a esta atividade, dificultando a princípio o organização do movimento feminino pecebista.

Neste sentido, pode-se afirmar que o rigor da norma, no que concebe as práticas adotadas pelos comunistas despertou heresias que deveriam ser combatidas. Assim sendo, para eliminar posições incorretas, reveladoras de um grande atraso ideológico e político, posições estas que se apresentavam como um obstáculo à extensão da influência pretendida entre as mulheres, o PCB com base nas experiências da União das Mulheres Italianas divulgava através de sua imprensa as críticas de Palmiro Togliatti, *orientando* a todos os militantes que, após minuciosa leitura, discutissem nas Células e Comitês, os problemas gerados pela “resistência surda à aplicação de sua proposta”.

Para o secretário-geral italiano, o trabalho feminino nos PCs deveria constituir a metade do trabalho total destes, pois grande parte da população mundial era composta por mulheres. Entretanto, a maioria das Federações<sup>79</sup> não havia compreendido a importância desta questão, prejudicando o desenvolvimento de seus partidos e a causa revolucionária. E para superar esta problemática, o líder comunista em seu depoimento apresentou a seguinte constatação:

Prevalece ainda em muitas Federações [...] a orientação que faz considerar o trabalho entre as mulheres como um trabalho marginal [...] e, se uma crítica é necessário fazer, penso que deve ser dirigida aos companheiros e companheiras [...] Existe uma resistência entre as mulheres [...] que podemos encontrar sobretudo entre as velhas companheiras e entre as companheiras mais jovens, mas que se consideram velhas pela sua experiência. Recebendo a tarefa de dedicar-se ao trabalho feminino [...] dadas as suas qualidades [...] recusam elas o convite, dizendo que não vale a pena fazer um trabalho entre as mulheres, porque as mulheres não compreendem nada, ou porque esse trabalho é ingrato, tedioso ou nem sei mais o que.[...] Essa resistência toma também aspectos organizativos muito perigosos [...] O trabalho feminino [...] não foi compreendido, nem aplicado [...] não é ainda considerado por todo o partido, como um dos nossos objetivos centrais.<sup>80</sup>

As críticas de Togliatti, em seu conteúdo explícito, enunciam em uma primeira vertente de interpretação a preocupação dos dirigentes pecebistas relativa à resistência das comunistas em trabalharem com as mulheres, resistência aliás, advinda de uma generalizada opinião de que a problemática do movimento feminino era exclusiva de mulheres, e por esta

---

79 As Federações do Partido Comunista da Itália, correspondem aos Comitês estaduais do PCB.

80 O trabalho feminino é um dos objetivos centrais do Partido. *A Classe Operária*. Ano I. nº. 54. Rio de Janeiro, 08 mar. 1947. p. 05. (sem grifo no original).

razão, este assunto não conseguia via de regra figurar na ordem do dia, por não se apresentar como a esfera das atenções dos debates realizados nos organismos do Partido.<sup>81</sup>

Já a segunda vertente interpretativa aponta que as qualidades ressaltadas no texto referem-se especificamente à condição de gênero, pois compreendia-se que por serem mulheres as militantes possuíam mais chances que os homens de se aproximarem das massas femininas, devido aos problemas que afetavam diretamente o grupo em questão, como a maternidade, a infância, a subqualificação no trabalho e acima de tudo o direito a sua emancipação social, econômica, jurídica e política.

É pertinente recordar que as representações difundidas no imaginário dos brasileiros, somadas às representações propaladas pelo discurso anticomunista provocavam adversas reações ao movimento organizado pelo PCB, apresentando-se como mais um obstáculo a ser transposto pelos militantes.

Todavia, ao analisar o conteúdo implícito do pronunciamento pode-se sugerir a título de hipótese que algumas comunistas conquistando certa experiência e capacidade de trabalho de Partido, ao se recusarem a trabalhar com mulheres ideologicamente reproduziam uma visão dominante que tanto combatiam, colocando elas próprias, o trabalho feminino às margens da causa revolucionária.

Após as divulgações das experiências do PC italiano e contundentes críticas de seu secretário-geral o PCB relacionava esta resistência a uma debilidade de fundo ideológico, concitando todos os comunistas a combaterem e superarem estes preconceitos que impediam a luta pela democracia. A conquista das massas femininas, disse a *Classe Operária*:

[...] é uma tarefa de todo o Partido. Se designamos determinados camaradas para a sua realização prática — homens ou mulheres — isso não significa que os demais nada tenham a ver com ele. Todo o organismo partidário deve discutir esse trabalho, ajudar na realização das tarefas e controlá-las. Para isso se faz necessário combater e superar a subestimação do trabalho feminino, que ainda predomina em nossas fileiras.<sup>82</sup>

Ao tomarem conhecimento das críticas, os homens e as mulheres do PCB que não concordavam com as diretrizes impostas pela organização compareciam perante aos seus

81 Condições favoráveis para a mobilização de mulheres. *A Classe Operária*. Ano I. nº. 39. Rio de Janeiro, 30 nov. 1946. p. 04. Importa registrar que as críticas de Togliatti foram providenciais aos interesses do PCB, pois a resistência das comunistas italianas conduziu o Partido, na disputa eleitoral realizada no país, a praticamente não obter nenhuma votação nas fábricas de tecido, onde a população operária era notória e nem sequer foi procurada pelas oradoras comunistas.

82 As tarefas das Células Femininas. *A Classe Operária*. Ano XXVI. nº. 406. Rio de Janeiro, 01 nov. 1951. p. 04.



Comitês para realizarem a sua autocrítica, comprometendo-se a lutarem para a conquista do maior número de mulheres para o *Partido de Prestes*.<sup>83</sup>

Assim posto, os comunistas sobretudo as mulheres do Partido, passaram a realizar o trabalho, auxiliando e controlando as tarefas. Nas fábricas reuniam-se a fim de discutir com as operárias sobre as leis e dispositivos constitucionais com garantia às mulheres de salários iguais aos dos homens, caso a obrigação fosse a mesma. Esta atitude angariou um elevado número de trabalhadoras urbanas, ampliando-se também para as donas de casa.

Nas Células foram encontradas soluções para a realização das reuniões, pois como mulheres e comunistas sabiam das dificuldades de conciliar as atividades domésticas com o trabalho e a militância política. Assim sendo, adaptavam os seus horários, marcando as reuniões no período da tarde, entre o almoço e o jantar, para atender o maior número de donas de casa; ou então à noite, após o jantar para conciliar o encontro com as operárias, quando impossibilitadas de se reunirem nas empresas.



Muitas mulheres convidadas para participarem destes encontros, por sentirem-se mais a vontade entre as comunistas, começaram a desinibir-se, aprendendo após a emitir com

---

<sup>83</sup> As mulheres brasileiras na luta pela paz, contra a carestia e em defesa da infância. *A Classe Operária*. Ano XXVI. n.º. 405. Rio de Janeiro, 01 out. 1951. p. 02.

mais segurança a sua opinião na frente dos demais companheiros.

A elevação do nível político e ideológico das mulheres preocupava também as comunistas, e para tanto organizaram círculos de leituras, nos quais escolhiam determinada obra, visando despertar o interesse das participantes e implicitamente *doutrina-las* para as tarefas partidárias. Entre as obras mais ressaltadas encontravam-se: *O Manifesto Comunista* de Marx e Engels, *O Abecedário da Rússia* de Ilin, *A Mãe* de Gorki, *O Socialismo e a Guerra*, de Lênin, obras biográficas de Stálin entre outras.

Contudo, o foco das atenções centrou-se prioritariamente na alfabetização das novas companheiras. E para tanto, as comunistas não mediram esforços, ampliando esta atividade interna para toda a comunidade. No Paraná, o Comitê-Democrático Popular Batel-Seminário designou três comissões para congregarem os analfabetos adultos dos bairros, com o objetivo de iniciar as aulas, que seriam ministradas por uma normalista e um professor. Esta alfabetização era gratuita e oferecida a todos os interessados dos bairros.<sup>84</sup>

Embora enfrentando o discurso anticomunista que alertava os paranaenses sobre a *catequização para o comunismo*, as militantes fiéis e leais ao juramento prestado continuaram esta atividade, mesmo após a ilegalidade do Partido. “Naquele tempo nós íamos falar com as pessoas de porta em porta, para que não desistissem de aprender. Fazíamos tudo escondido...Quanto trabalho! Quanta conversa! Quanta palestra! Quanta luta! Eu choro só de lembrar”.<sup>85</sup> Esta declaração indica que a determinação das comunistas para consolidar tarefas as quais foram incumbidas de realizar não está isenta de significação, pois, acreditavam elas que a sua dedicação no cumprimento de qualquer atividade contribuía substancialmente à causa revolucionária, legitimando as suas ações, bem como a sua fidelidade e lealdade para com os princípios expressos no juramento por todas prestado.

Entretanto, as inúmeras atividades exercidas acarretavam a estas mulheres uma extensa jornada de trabalho, estendendo-se ao âmbito do privado. Torna-se pertinente ressaltar que em seu imaginário, os militantes homens e mulheres reforçavam um ideário simbolizado

---

84 Comitês Democráticos Populares. *Jornal do Povo*. Curitiba, 23 set. 1946. s/pg. In: ARQUIVO DEOPS. ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. Curitiba. *PCB-documentos diversos*. Dossiê nº. 1468-b. Topografia 174. Participavam deste Comitê as seguintes mulheres: Lucy Broki, Nair Bismayer, Rosália Maria Cisz, Rosalina Alvarez, Tereza Contin, Ana Pereira, Ana Alves, Dirce Derenda, Herminia Vieira, Loreta Previde, Maria José Previde, Lídia Previde, Luíza Dobrowolski, Carmen Zandoná, Davina Ribeiro, Iraci Silva, Odete Soares de Oliveira, entre outras.

85 OLIVEIRA, Odete Soares de. *Entrevista...* p. 06A.

na identificação do *Partido com o povo*, e por conseguinte, a fluidez entre a vida pública e privada marcou indelevelmente o cotidiano do grupo.



Reunião dos comunistas paranaenses destinados a partilharem dos segredos da organização. Da esquerda para direita: Maria Coronato, Osvaldo Coronato, Nair Bismayer e Iraci Silva. DEAP.DEOPS. Nair Bismayer. Dossiê individual n.º2802. Topografia n.º 4370. Acervo: DEAP

Enfim as referências acima mencionadas atestam que para as comunistas o trabalho de Partido mesclou-se ao trabalho com as massas, influenciando sobre o privado. Esta miscelânea de atividades gerou uma confiança recíproca, unindo e fundindo a organização como uma grande família que possuía no segredo um dos pressupostos norteadores de sua estabilidade. Exemplificando melhor esta afirmação em outras palavras apoiadas nas considerações de Gérard Vincent, o segredo definido aqui como o *saber oculto* apresentou-se para os comunistas como um grande oceano impossível de ser desvendado, já que o seu conteúdo era ignorado. À medida que alguns militantes, e neste caso específico as mulheres do PCB apreendiam o significado de suas ondas, a incerteza que o cercava bastou para que uma comunidade fora do círculo dos *iniciados* fosse criada e mantida, visando assim a sua preservação e conseqüente estabilização do universo que o abrigava.<sup>86</sup>

---

86 VINCENT, Gerard. *Por uma história do segredo?...* op. cit., p. 156-190.

### 3 MILITÂNCIA FEMININA: A INTEGRAÇÃO DE VALORES PRÁTICOS E MORAIS.

#### 3.1 NOVAS MULHERES: A MORALIDADE EXEMPLAR.

A cidade de Salvador serviu de palco para mais um episódio cotidiano na vida dos militantes do PCB: o fortalecimento de sólidos laços de amizade.<sup>1</sup>

Foi em 1944 que a escritora e advogada Ana Montenegro conheceu a militante comunista Maria Brandão dos Reis, proprietária de uma pensão localizada na Baixa do Sapateiro, pensão esta montada para atender as pessoas que não possuíam os recursos necessários para a sua sobrevivência, servindo também como reduto dos militantes pecebistas da cidade. Neste local, Maria Brandão desempenhava as suas atividades partidárias ensinando com Manoel Batista, o Bedegueba, a teoria marxista.

Ana Montenegro, fascinada com a simplicidade com que os militantes explicavam esta complexa temática e, envolvida pelos desejos de transformação expressos nas palavras de Maria Brandão ingressou no PCB em 1945 tornando-se, devido aos novos conhecimentos oferecidos pelo grupo comunista uma das mais destacadas representantes do Partido, sobretudo após fundar a União Democrática de Mulheres da Bahia.

Unidas pelos mesmos desejos, certezas e utopia, Ana e Maria promoveram comícios, passeatas e protestos femininos reivindicadores de melhorias no setor urbano e na educação, enfrentando porque comunistas, os olhares hostis e atos violentos por parte da polícia política local.

Em 1947, ao tomarem conhecimento que dezenas de mulheres residentes no bairro do Corta Braço em Salvador estavam ameaçadas de perderem suas casas, sob o comando de Maria Brandão organizaram uma vigília noturna, além de uma passeata de protesto contra o ato abusivo das autoridades baianas. Passeata aliás que contou com o apoio maciço das mulheres, obtendo o resultado desejado.

Eu conheci, Maria, a sua coragem e a sua confiança [...] naquela noite de março de 1947, na invasão do Corta Braço [...] quando lhe perguntei onde iríamos dormir, porque já era muito tarde e você me respondeu: — “Aqui mesmo, com as mulheres. Amanhã vai ter passeata.” E eu lhe perguntei: — Neste escuro? — “E as estrelas? Para que tem estrelas?”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Narrativa baseada na obra de MONTENEGRO, Ana. *Mulheres-participação nas lutas populares*. [S.l. : s.n.], 1984; e *DICIONÁRIO MULHERES DO BRASIL...* op. cit., p. 60 e 374.

<sup>2</sup> MONTENEGRO, Ana. *Ibid.*, p. 59.

escreveu anos mais tarde Ana Montenegro, em homenagem à fiel e leal camarada que tanto admirava.

À coragem e à confiança ressaltadas como características de Maria Brandão, reconhecida pelo grupo como *digna comunista* somou-se a sua dedicação exclusiva à causa revolucionária, sobretudo durante a Campanha pela Paz, que lhe valeu — tal como Elisa Branco — a indicação para o recebimento do prêmio Stálin da Paz em Moscou. Entretanto, o núcleo dirigente do PCB substituiu a militante por um jovem intelectual, causando-lhe um profundo desgosto e uma séria divergência com o Partido. Embora questionasse a decisão dos líderes pecebistas, Maria Brandão optou por permanecer no PCB, acatando todas as suas decisões.

Importa aqui considerar que para a comunista, renunciar ao Partido implicava em descobrir uma nova *modalidade de ser* e aceitar idéias e crenças diferentes por um longo tempo repudiadas. Em outras palavras, significava renunciar aos mitos e utopias pra construir uma nova identidade social. Logo, frente a representações tão fortemente conservadas em seu imaginário, a militante continuou exercendo as suas práticas políticas até o seu falecimento em 1974.

Muito obrigada, Maria Brandão dos Reis, por ter-me ensinado [...] a subir e a descer as ladeiras da vida e que me servirá para subir até a estrela em que você estiver, uma daquelas que brilharam naquela noite de março de 1947. Sua companheira e amiga, Ana Montenegro.<sup>3</sup>

As palavras de agradecimento de Ana, embora tenham sido proferidas em um período posterior ao evocado por esta pesquisa não foram escolhidas aleatoriamente, pois conduziram a percepção de que a militante não deixou de conservar em seu imaginário um conjunto de representações elaborado com sua companheira e amiga e demais camaradas entre os anos 40 e 50, conjunto este que permitiu que uma realidade fosse “construída, pensada, dada a ler”.<sup>4</sup>

Historicizando esta argumentação, convém lembrar que a conjuntura do *estado* da Guerra Fria, somada a repressão do governo brasileiro sobre o PCB consolidou no imaginário do grupo comunista imagens, mitos e utopias, permitindo a estes compor o universo de representações propalado pelo ideário do Partido com o povo.

Vivendo uma realidade concreta sob o jugo de um governo autoritário no qual se

---

3 MONTENEGRO, Ana. *Ibid.*, p. 60

4 CHARTIER, Roger. *op. cit.*, p. 17.

movia e se reproduzia a sociedade, os militantes do PCB criaram a sua realidade por intermédio da introjeção de valores referentes a sua concepção de mundo, fundamentada no socialismo, encontrando no Partido, a matéria-prima necessária para formarem um elo de identificações.

Assim sendo, como já mencionado, os comunistas adotaram práticas reconhecidas por uma totalidade absoluta e homogênea, que pressupunha a eliminação de quaisquer particularidades e diferenças existentes no interior do grupo, através da utilização de uma ideologia que os capacitava a identificar os seus problemas individuais e morais, ou melhor seria dizer, a sua vida privada, à defesa de seus ideais, logo à sua vida pública.<sup>5</sup>

Cabe aqui sublinhar que embora os comunistas introjetassem um sistema próprio de valores baseado na ética e política soviética, integrando valores internos e privados aos valores políticos e públicos, tornando esta flutuação como a dimensão única de suas vidas, e neste caso específico, da vida das mulheres do PCB não será aqui desenvolvida esta problemática, pois a barreira do privado, erigiu-se fortemente contra a investigação.<sup>6</sup> No entanto, com base em conjunto de documentos pôde-se elaborar mesmo que parcialmente algumas ponderações pertinentes ao propósito deste trabalho, uma vez que permitiu verificar que a diluição do público no privado, apresentou-se como um dos principais fatores de adesão das mulheres ao PCB, pois grande parte das comunistas identificadas, quando não mantinham algum grau de parentesco com os militantes — mães, irmãs, esposas, filhas, sobrinhas ou afilhadas — freqüentemente se casavam com os homens do Partido.<sup>7</sup>

Esta constatação atraiu um questionamento: Eram então estas mulheres comunistas? Ou apenas mulheres *de* comunistas? Não se pode imaginar uma resposta até onde

5 CAVALCANTE, Berenice. op. cit., p. 135.

6 Considera-se pertinente neste momento explicar que a tarefa de recolher registros comunistas sobre esta complexa temática encontrou inúmeros obstáculos porque a preservação dos seus bens mais caros — dado às condições repressoras do período — deixou de fazer parte de seu cotidiano, dificultando assim o acesso a outro conjunto documental capaz de iluminar os passos da pesquisa nesta direção. Diante deste obstáculo recorreu-se à produção de fontes orais que neste sentido mostraram-se infrutíferas, pois nos depoimentos prestados os militantes procuraram abrigar de olhares estranhos esta parte de suas vidas que justamente fez com que elas se tornassem privadas. Justifica-se assim a impossibilidade de discutir esta questão, uma vez que para estas mulheres e homens, “o inconfessado, oculto, tornou-se inconfessável.”

7 Entre as militantes identificadas que contraíram matrimônio com os companheiros da organização pode-se citar no Paraná: Iraci Silva e Walfrido Soares de Oliveira, Enir e Amâncio Soares e Maria Olímpia Carneiro e Joaquim Mochel. Já entre as demais comunistas brasileiras encontram-se Alzira da Costa Reis e Mauricio Grabois, Carmen Edwiges Savietto e Rolando Fratti, Beatriz Bandeira e Raul Ryff, Fanny Golub e Salomão Tabak, Josefa Paulino da Silva e José Pureza, Lídia de Oliveira e José Antonio da Cunha, Maria Ribeiro e Luis Carlos Prestes e Elvira Boni e Olgier de Lacerda.

o futuro é previsível; no entanto, a partir destas indagações foi possível delinear os motivos que conduziram um considerável percentual de mulheres a aderirem ao PCB e como suas práticas – representadas neste momento pela externalização dos valores internos e privados – incentivavam as militantes a encontrarem no Partido a razão da sua existência.

O confronto das fontes apontou que a maioria das militantes era oriunda de famílias operárias, obrigando-se a ingressar no mundo do trabalho entre os onze e dezesseis anos com o objetivo de auxiliar financeiramente as suas famílias. Muitas praticamente não chegavam a concluir o curso secundário e trabalhavam como costureiras, domésticas ou operárias. Somando-se a este contingente encontravam-se as camponesas que iniciavam a sua jornada de trabalho por volta dos oito anos de idade e no geral permaneciam analfabetas.

Desta maneira, pôde-se constatar que se por um lado o convívio familiar com homens e mulheres já integradas à organização possibilitava a estas mulheres vivenciarem mesmo que indiretamente o conturbado cotidiano imposto a todas, envolvendo-as de tal forma que muitas seguiram os passos de seus familiares, por outro lado, àquelas que não possuíam quaisquer vínculos com os membros do PCB mostravam-se dispostas a ouvirem ou lerem as suas mensagens, optando após por aderir a um Partido apresentado como o *único* capaz de solucionar os problemas que afligiam a todas, estendendo-se também a todos os brasileiros.



Josefa Paulino da Silva, militante comunista, eleita representante das trabalhadoras rurais brasileiras para o Congresso Mundial de Mulheres Trabalhadoras, realizado na Hungria na década de 50.  
DICIONÁRIO MULHERES DO BRASIL. op. cit., p.298.

Porém, como já citado, a adesão envolvia uma série de deveres, conduzindo os militantes homens e mulheres a assumirem acima de sua vida pessoal e afetiva as tarefas e responsabilidades para com o Partido, subordinando desta forma a sua vida familiar às

exigências da militância. “Tinha que fazer como eles diziam. Nem que você precise, eles diziam, agora não pode mais ficar aqui, vai ter que ir para lá.”, comentou a militante em sua explanação sobre o funcionamento da organização no Paraná, explicando que foi obrigada a se desligar da banca de jornal *Sacy* onde conciliava os cuidados da casa e de sua mãe adoentada com a função de vender os jornais partidários, devido à facilidade de deslocamento a este local de trabalho para iniciar uma nova atividade na Célula Juvevê, que ficava distante de sua residência.<sup>8</sup>

Como a militante, todos os comunistas estavam sujeitos a estas imposições deslocando-se dos lugares onde militavam para outros nos quais iniciariam novas tarefas. Por conseguinte, transitavam pelas empresas, bairros, sindicatos e Células, sendo estas últimas muitas vezes fixadas em suas próprias residências, como no exemplo da Célula Seminário, local onde morava um dos líderes do PCB no Paraná, Walfrido Soares de Oliveira e sua irmã Odete.

Estes deslocamentos permitiam em alguns casos seguidos encontros entre os militantes, favorecendo assim o despertar de afinidades e possíveis atrações. Além do mais, a clandestinidade e conseqüente tarefa de abrigar e proteger os camaradas mais visados pela polícia política possibilitava, devido à longa convivência sob um mesmo teto o estabelecimento de sólidos laços de amizade como também permitia a união de casais, como o exemplo de Luís Carlos Prestes e Maria Ribeiro. Em outras palavras, as exigências partidárias criavam uma convivência diária na qual se estabeleciam laços de camaradagem, permitindo em um primeiro momento justificar a opção das militantes em se unirem a companheiros de Partido.

É pertinente também registrar que a propaganda anticomunista atribuía às mulheres do PCB inúmeras representações sugerindo a libertinagem e promiscuidade sexual no interior do grupo.

O Partido já tinha uma fama assim, que era... para essa gente aí, *era um horror!* Chamavam a comunista de Paraíba [...] de prostituta! Os tiras chegavam e se engraçavam dizendo: *Vai, vai fundo! Ela é comunista!* Porque se fosse mulher comunista, para eles era obrigada a ser prostituta. Eles achavam que a mulher comunista era depravada, sabe? Que se metia hoje com um homem, amanhã com outro. Essa era a fama que nós tínhamos.<sup>9</sup>

---

8 OLIVEIRA, Odete Soares de. *Entrevista...* p. 11-12. A Banca de jornal *Sacy*, de propriedade do comunista Dário Prinz situava-se à Rua XV de Novembro, no centro de Curitiba, servindo como ponto de apoio dos Comitês paranaenses, vendendo e distribuindo os jornais partidários, além de panfletos, informes e obras doutrinárias.

9 OLIVEIRA, Iraci Soares de. *Entrevista...* p. 03, 04 e 10A. Enfatiza-se aqui mais uma justificativa para o casamento entre companheiros da organização, pois dada às representações anticomunistas, o casamento entre militantes e não partidários possivelmente encaminhar-se-ia ao malogro.



Vivendo estas experiências, cabia ao grupo feminino enquadrar-se ainda mais na disciplina do Partido, a fim de evitar qualquer comentário que comprovasse tais acusações. E para tanto, não bastava as militantes se dedicarem para serem as melhores trabalhadoras em suas empresas, elas como militantes do PCB deveriam ser acima de tudo boas mães, esposas e filhas seguindo à risca a Moral Comunista, ao primarem pela “educação no espírito da disciplina consciente, necessária em toda à parte, tanto no trabalho, nos organismos do Partido, como nos *hábitos e costumes diários*, condição indispensável para a realização da grande tarefa de edificar a sociedade comunista”.<sup>10</sup>

Não podíamos perder a linha. Namorar? Só com algum companheiro, e nas festas. Não era brincadeira. A gente tinha que levar tudo muito a sério, tudo dentro de muito respeito, pois já éramos tão mal vistos.<sup>11</sup>

Neste sentido, a liberdade para estas mulheres, tornou-se produto de uma regulamentação, pois de acordo com a ideologia revolucionária, o cerceamento das liberdades tradicionais assumia uma função positiva, a qual sua ética interpretava como uma preparação para a verdadeira liberdade, apontando novamente as práticas totalitárias por elas introjetadas e simultaneamente indicando mais uma possível justificativa para a união entre comunistas, possibilitando aqui registrar, as considerações de Gérard Vincent, ao propor que as práticas adotadas pelos militantes dos PCs — e neste caso particular, pelos homens e mulheres do PCB — fortaleceram no seu imaginário a crença de que as uniões entre o grupo estimulariam os casais a gerarem futuros quadros.<sup>12</sup>

Em outros termos, ao introjetarem seu próprio sistema de valores e subordinarem o prazer ao dever de dar tudo pela causa e pelo Partido, os comunistas, no que concebe ao privado, defendiam relações monogâmicas dentro dos padrões legais, objetivando a reprodução e educação dos filhos para o *novo mundo* fundamentado no comunismo. Logo, a imagem idealizada de um futuro sobre estas bases compensava quaisquer restrições, evitando desta forma possíveis frustrações.

Contudo, o rigor da norma novamente despertou heresias e entre estes exemplos figuram o das militantes Alzira Grabois e Clara Charf.

---

10 BOLDYRIEW, N. I. op. cit., p. 29-30. (sem grifo no original).

11 OLIVEIRA, Iraci S. de. *Entrevista...* p. 05A.

12 VINCENT, Gerard. *Ser comunista: uma maneira de ser...* op. cit., p. 442.

Alzira Grabois<sup>13</sup> foi conquistada pelo ideário comunista por intermédio de sua amiga Dinorá de Vasconcelos, membro do PCB. Durante as muitas reuniões realizadas na casa de sua companheira de estudos, conheceu o militante Maurício Grabois por quem se apaixonou e resolveu viver uma união livre. Esta decisão interferiu na vida da comunista e a obrigou a distanciar-se do convívio familiar, devido às críticas recebidas por não sacramentar a sua união perante a Igreja.

Fora isto, a militante sofreu também preconceitos por parte dos companheiros de Partido que condenavam uniões desta natureza por não estarem de acordo com sua moral, estimulando assim, acreditavam eles, costumes e práticas pequeno-burguesas, como por exemplo, a libertinagem sexual.

No entanto, Alzira não se intimidou e com o apoio e influência de Maurício continuou sua militância, destacando-se como fundadora da Associação das Mulheres da Gávea, membro da diretoria da Federação de Mulheres do Brasil e sobretudo como advogada do Sindicato da Construção Civil de Itaboraí e Rio Bonito, no estado do Rio de Janeiro. Atuação aliás, reconhecida inúmeras vezes pela organização.

Se o exemplo de Alzira indica uma certa determinação em manter-se unida a Maurício sem oficializar sua união, o de Clara Charf expressa que as experiências dos comunistas nem sempre estimulou a geração de filhos.

Clara Charf<sup>14</sup> filiou-se ao PCB em 1946 e logo assumiu a tarefa de assessorar a bancada parlamentar do Partido no Congresso Nacional. Como Alzira, conheceu durante os encontros realizados entre comunistas a pessoa com quem iria formar um casal. Após dois anos de convivência, Clara uniu-se a Carlos Marighela, ciente de que esta união a conduziria por caminhos tortuosos, representados pela vida clandestina. As dificuldades encontradas pelos camaradas obrigados em muitos casos a viverem nos *subterrâneos da sociedade* fizeram com que a comunista decidisse em não ter filhos, decisão esta mantida inclusive durante os anos 50, quando o casal retornou ao Rio de Janeiro e passou a viver legalmente. Clara exerceu várias atividades partidárias em nome do Partido, desligando-se oficialmente deste somente em 1969, devido ao assassinato de Marighela.

Os exemplos destas mulheres denunciam que mesmo fazendo prevalecer a sua

---

13 DICIONÁRIO MULHERES DO BRASIL... op. cit., p. 35. Além de Alzira, Zuleika Alambert também optou em viver com o dirigente comunista Armênio Guedes, sem contudo, oficializar esta união.

14 DICIONÁRIO MULHERES DO BRASIL... ibid., p. 159-160

vontade sobre alguns de seus atos, assumindo posturas não condizentes com a moralidade imposta aos militantes, elas enquanto comunistas não deixaram de zelar pela unidade do Partido, mantendo-se fiéis e leais tanto aos seus companheiros como também para com a organização, condenando desvios de conduta como o adultério e o assédio sexual.

Importa destacar que qualquer atitude contraditória à moral comunista era considerada como infração à disciplina e condenada a punição, uma vez que prejudicava a influência e a unidade do Partido. De acordo com os Estatutos que regiam a organização: “Segundo a responsabilidade e importância do militante, a natureza e a gravidade das faltas que tenha cometido, a punição será de censura, de remoção do posto de responsabilidades, de censura pública e de expulsão do Partido”.<sup>15</sup> Punições aliás, que somente seriam aplicadas após a decisão do Comitê Central, baseada nos relatórios dos organismos de base sobre as investigações e conclusões dos casos.

Na cidade paranaense de Campo Mourão, por exemplo, uma militante queixou-se em sua Célula sobre o constrangimento moral a que havia sido submetida quando o dirigente local lhe fez propostas indecorosas. Imediatamente o Comitê Municipal convocou uma reunião, na qual participaram além dos componentes do organismo da região, representantes do Comitê Estadual, a militante queixosa e o dirigente denunciado. Após as revelações da comunista e das infrutíferas defesas do acusado, o coletivo decidiu expulsá-lo da organização pela conduta ilícita e violação do juramento prestado ao Partido.

Por outro lado, em Curitiba um militante *desnortado* solicitou o seu imediato desligamento da organização porque descobriu que sua esposa havia cometido adultério durante as suas constantes viagens realizadas para cumprir tarefas partidárias.

Como de praxe, foi organizado um encontro entre comunistas e aberto o debate sobre a situação. Neste, o militante expôs o seu problema, explicando que sua esposa alegara tê-lo traído porque se sentia solitária durante as suas viagens que sempre o impediam de permanecer junto à sua família. Como a cônjuge não era filiada à organização, sua defesa neste caso não ocorreu.

Os participantes por sua vez, criticaram o ato infiel da esposa e censuraram o militante por não educar a sua família dentro da moral comunista com o propósito de evitar este desvio de caráter pequeno-burguês. Além disso, o companheiro foi mais

---

<sup>15</sup> ESTATUTOS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Capítulo IV. Artigo 20. Das medidas disciplinares individuais. P.14. In: CAVALCANTE, Berenice. op. cit., p. 139.

contundentemente censurado por não manter o seu autocontrole. Esta falha imperdoável para um comunista lhe rendeu uma punição e o militante foi condenado a rever seus conceitos e comportamento através de uma autocrítica pública. Porém, solidários com seus problemas e cientes de sua *importância* e dedicação aos interesses da causa revolucionária, aliviaram temporariamente sua carga de tarefas, permitindo-lhe por alguns meses a sua permanência na cidade. “Ele trabalhava muito pelo Partido e a mulher dele traiu, porque não trabalhava no Partido” declararam dois militantes que participaram do encontro, confirmando que no seu imaginário os comunistas ao se identificarem como *novos homens e novas mulheres* consagravam-se como virtuosos.<sup>16</sup>

Afirmção esta que confirma as argumentações sobre o resgate dos comunistas de tradições e códigos de comportamento do ideal e da ética da constância, conjunto de exortações morais puritanas desenvolvido pelos ingleses nos séculos XVII e XVIII, uma vez que os puritanos imbuídos de um desejo afirmativo do mundo incentivavam por intermédio de sua ética comportamentos definidos como virtuosos. Deste processo os revolucionários bolcheviques se apropriaram, estendendo-o para todos os PCs, inclusive para o PCB.

Portanto, da mesma forma que os puritanos exaltavam a modéstia, a discrição, a amizade, a solidariedade, o equilíbrio emocional, o autocontrole entre outras qualidades, os comunistas cultivavam estas características como virtudes, e por esta razão definiam-se como pessoas virtuosas, apesar das tentações existentes no mundo.<sup>17</sup> E embora criticassem os desvios como costumes e práticas pequeno-burgueses, como os exemplos acima citados, não deixaram de conservar em seu imaginário valores morais que ironicamente formavam a cultura ocidental que tanto censuravam.

Entretanto, cabe aqui fazer uma ressalva: as mulheres e os homens do PCB não nasceram comunistas, stalinistas ou bolchevistas como se reconheciam durante a militância, e até o momento em que ocorreu a sua inserção no Partido já haviam assimilado uma cultura, caracterizada por uma realidade predominantemente ocidental. Por conseguinte, à medida que introjetavam os dogmas impostos pela organização foram construindo a sua realidade enquanto comunistas, sem porém, destituírem-se de seus antigos valores e tradições.

---

16 A pedido das pessoas entrevistadas, não serão citados os nomes dos militantes envolvidos nos dois casos mencionados. Cabe entretanto explicar que estas informações foram confrontadas com a documentação pesquisada, permitindo assim constatar a sua veracidade.

17 FERREIRA, Jorge L. op. cit., p. 159-163. Sobre as características do puritanismo e evangelismo, ver também. HALL, Catherine. *Sweet Home*. In: PERROT, Michelle. *História da Vida Privada*. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 53-87.

Nós fomos criadas assim: Você tem que obedecer ao seu marido; tem que ficar bonita, cheirosa. Naquele tempo era assim. E durante a militância nós também tínhamos que estar com tudo feito em casa [...] E como fazíamos no Comitê, dentro de nossa casa, [...] discutíamos de igual para igual. A idéia da mulher era tão válida quanto a do homem.<sup>18</sup>

A militante revela explicitamente neste depoimento a interação entre as práticas comunistas e os costumes ocidentais, uma vez que as mulheres da organização não deixaram de conservar valores culturais seculares, que imputavam às mulheres os cuidados da família, além dos cuidados pessoais, com o propósito de atender os seus cônjuges. Já o conteúdo implícito de sua fala expressa a integração do público representado aqui pelo *Comitê* ao privado, ou seja, *dentro de nossa casa*, evidenciando desta forma a manifestação de um imaginário no qual o ser político interage com o ser social.<sup>19</sup>

Esta interação fazia parte de um código ético significativamente complexo, logo, para compreender esta problemática recorreu-se a análise elaborada por Herbert Marcuse sobre o marxismo soviético, análise esta que impôs neste momento uma pausa para que melhor seja explicitada.

Marcuse indica em seu estudo sobre a ética soviética que a teoria e política baseadas no marxismo-leninismo-stalinista durante o desenrolar de suas ações, reagia a ética ocidental, por esta ser sua correspondente, expressando assim, uma ligação profunda entre os dois sistemas, conduzindo-o a questionar o contraste abstrato entre comunistas e capitalistas e constatar que a ética soviética ao trabalhar com a teoria marxista pretendeu unir em bases científicas, valores a fatos, interesses particulares dos indivíduos a interesses gerais da sociedade e da humanidade. Portanto, os soviéticos adotaram uma prática que deveria unir o indivíduo ao grupo social, tendo como base uma causa comum, em virtude da qual as preocupações específicas do indivíduo fossem adotadas pelo grupo todo. Desta forma, a ética soviética integrou valores práticos com valores morais, demonstrando a sua negação a moralidade prevalecente. Já por sua vez, a ética ocidental não podia e não queria realizar tal integração, por considerar a oposição entre moral e prática como pré-requisito para o comportamento moral. Logo, após a Revolução de Outubro o estado soviético gerou o seu próprio sistema de valores, catequizando a sua população conforme tal sistema. Todavia, esta prática não pode ser considerada um apanágio da ética soviética, pois a ética ocidental utilizou de meios mais sutis para também impor o seu conjunto de valores. Assim, os dois sistemas conflitantes, à medida que interagiam, estabeleciam firmemente suas instituições sociais básicas, apoiando e perpetuando a moralidade necessária para o seu efetivo funcionamento, e

---

18 OLIVEIRA, Iraci S. de. *Entrevista...* p. 08 e 09A.

19 MARCUSE, Herbert. op. cit., p. 177-239.

os indivíduos deveriam influir nestes sistemas condicionantes, não importando o quanto fossem controlados.

E com base nestas indicações pode-se inferir que o PCB comungando com os princípios éticos soviéticos pôs em prática esta teoria pré-estabelecida, fazendo de seus militantes uma *nova elite*. E ao se reconhecerem como *novos homens e novas mulheres* construíram uma nova realidade. Entretanto, neste processo construtor, as exigências da organização relacionadas aos modelos de comportamento eram mais ressaltadas às mulheres, dada a sua condição de gênero e inúmeros preconceitos sociais pelos quais passavam por optarem em buscar uma alternativa de sociedade e de vida. Exemplificando melhor, a imposição de uma conduta exemplar foi mais contundente para as mulheres do que para os homens do PCB. Esse esforço supunha a máxima meticulosidade da vida cotidiana nas relações com a família, trabalho e amigos, com o objetivo de zelar pela sua reputação, embora implicitamente esta ação estivesse intimamente ligada ao desvelo “intransigente pela influência e unidade do Partido”.<sup>20</sup>

Portanto, à medida que a racionalidade das suas crenças adquiridas *nas* e através *das* experiências compartilhadas com o grupo foram ganhando amplitude, as militantes motivavam-se à ação, conscientizando-se que sua vida cotidiana tanto pública como nos recônditos do privado deveria se submeter às exigências do Partido, pois encontravam neste a *grande família*, que lhes proporcionava novos conhecimentos, nova identidade e modelos virtuosos de comportamento, possibilitando a sua transformação em novas mulheres, posto que comunistas.

### 3.2 VIDA PÚBLICA X VIDA PRIVADA: O DIA A DIA DAS MILITANTES

Em 1947 ao proferir o seu último discurso como senador, Luís Carlos Prestes ansiava recuperar a inclusão do PCB no regime liberal-democrático, como também manter os comunistas ligados ao sistema político-partidário. Porém, diferentemente do que havia previsto as suas palavras não produziram o efeito desejado, conduzindo os seus opositores a acirram os seus ataques, colocando assim os militantes comunistas em estado de alerta.

Neste mesmo dia em Curitiba, Walfrido Soares de Oliveira, avisado da perseguição que seria realizada aos líderes partidários refugia-se imediatamente no sótão de sua casa com

---

<sup>20</sup> ESTATUTOS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Capítulo III. Artigo 10. Dos direitos e deveres dos membros do partido. p.12. IN: CAVALCANTE, Berenice. op. cit., p. 138.

o objetivo de escapar da prisão, uma vez que os agentes da polícia política já estavam a caminho.

Enquanto isto, as militantes Iraci e Odete, esposa e irmã respectivamente, junto com Elfrida, a matriarca da família iniciam rapidamente o recolhimento de todos os documentos comprometedores, depositando-os em um caixote de madeira e enterrando-os no quintal que complementava a residência.

A pressa, inimiga da perfeição, impediu que estas mulheres observassem que sobre a escrivaninha de Walfrido havia permanecido algumas pastas contendo as atas dos últimos encontros realizados nas Células existentes em Curitiba e Paranaguá, documentação esta que certamente comprometeria seus companheiros e o Partido. A situação agravou-se com a chegada dos policiais, que após invadirem o lar da família iniciaram uma busca sem qualquer autorização legal.

A noite fria e sombria contribuía ainda mais para embrutecer este cenário e, o fogão a lenha existente na casa não bastava para aquecer e amenizar o rigor da violência a que estavam sendo submetidas estas mulheres.

Em meio ao tumulto proporcionado pelos *tiras* que se arvoravam no direito de humilhar as duas jovens, manuseando com certa malícia as peças íntimas que complementam o vestuário feminino, além de adjetivá-las com termos ofensivos, as militantes perceberam que Elfrida havia se retirado do recinto, retornando após pela porta da cozinha, caminhando lentamente em direção ao fogão de lenha. Sem compreenderem o que acontecia, as jovens observavam discretamente os gestos da matrona, que entre um olhar para os frios *tiras* e o calor do fogo, retirava do seu casaco os documentos incriminadores, queimando-os um por um sem que os policiais percebessem.

Naquele dia do discurso do Prestes; *eles levaram tudo pelo lado errado* [...] E a gente teve que sumir com tudo, porque se eles chegassem aqui e descobrissem qualquer coisa: *Cana pra gente!* E ela [Elfrida] queimou um monte de papéis... ali dentro do fogão. E era cultura, né? E era a nossa cultura. [...] *Isto é que eu sinto tanto!*<sup>21</sup>

Esta situação vivenciada pelas mulheres da família Oliveira no Paraná não se apresentava como um fato novo para os comunistas, fornecendo os subsídios necessários para a compreensão de que a vida das militantes do PCB não se restringia apenas aos cuidados da casa, as tarefas partidárias ou no empenho de seguirem os modelos comportamentais estabelecidos, modelos que lhes asseguravam a vitória na luta por uma sociedade fraterna,

---

21 OLIVEIRA, Iraci. *Entrevista...* p. 05, 06.

livre da opressão e da miséria. Elas acima de tudo deveriam preservar a *grande família*, mesmo que para isto fosse necessário desfazer-se dos seus bens mais significantes, constitutivos de sua identidade.

Ademais, considera-se aqui pertinente salientar que as situações vexatórias pelas quais passaram Odete e Iraci, não se limitavam às apreensões policiais em seus lares, nem tampouco às ínfimas ações dos *tiras*. Os preconceitos sociais extrapolavam o âmbito do privado, marcando inexoravelmente a vida destas mulheres.

De acordo com os depoimentos prestados, quando entravam na organização as comunistas sentiam-se confusas, porque seus familiares, amigos e vizinhos passavam a tratá-las com indiferença. Para algumas mulheres, aderir ao PCB significava romper com o convívio familiar e determinadas relações sociais. Se carecessem por exemplo, de qualquer auxílio e recorressem aos parentes não ligados ao Partido, comentou Odete, “eles negavam, por sermos comunistas, porque entendiam que se passássemos por alguma dificuldade, era tudo culpa do Partido e a ele deveríamos recorrer”.<sup>22</sup>

Esta estigmatização levou os comunistas a reforçarem os vínculos estabelecidos com o Partido, que por sua vez, além de oferecer os instrumentos necessários para a sua transformação oferecia também a segurança de pertencerem a uma comunidade solidária e fraterna com a qual poderiam contar. Quando necessitavam de auxílio financeiro, por exemplo, recorriam aos companheiros que se mobilizavam para atender e resolver estes tipos de problemas.

A organização também proporcionava assistência médica e odontológica aos militantes e seus filhos. No Paraná, quando não possuíam recursos suficientes para arcarem com despesas desta natureza, os comunistas eram encaminhados pelo Comitê Estadual a uma equipe médica composta por militantes e simpatizantes. Entre os profissionais que mais se destacaram por sua constante cooperação, encontravam-se o Dr. Jorge Karam e o Dr. Moisés Paciornick. Este último, embora não fosse filiado ao PCB simpatizava com a causa e prestava seus serviços gratuitamente, além de auxiliar os comunistas com o apoio de sua esposa e irmãs em diversas situações. Já no Distrito Federal, os jornais partidários referenciavam a colaboração da equipe médica pecebista, destacando entre muitos profissionais o clínico psiquiátrico Francisco de Sá Pires e o urologista Manoel Venâncio da Paz.

---

22 OLIVEIRA, Odete. *Entrevista...* p.11,12A



O espírito de solidariedade e fraternidade também se manifestava quando as militantes se reuniam nas Células e organizavam as Assembléias Femininas, mobilizando mulheres de diferentes classes sociais e crenças políticas, filosóficas e religiosas com o objetivo de discutirem e angariarem fundos para o envio de representantes brasileiras aos Congressos Femininos, realizados no exterior.

Em dezembro de 1952, *Momento Feminino* publicou o apelo da Federação Democrática Internacional de Mulheres para que todas as representantes da classe feminina estendessem-se às mãos além das fronteiras, a fim de barrar a guerra, a opressão e a miséria, assegurando por intermédio de sua maciça participação o êxito do Congresso Mundial de Mulheres, programado para junho de 1953 em Copenhague, na Dinamarca.



Sessão do Comitê Executivo da Federação Democrática Internacional de Mulheres realizada em Viena, com o objetivo de organizar o Congresso Mundial de Mulheres de Copenhague. No centro da mesa encontra-se Eugennie Cotton, a sua esquerda Elisa Branco e à direita Nina Popova, representante das mulheres soviéticas.

*Momento Feminino*. Ano VI. nº. 99. p. 03.

Acervo: DEAP

A proposta deste Congresso centrava-se na discussão de temáticas relacionadas à educação dos filhos e problemas da infância, o desemprego feminino, a intensificação do ritmo de trabalho, o salário desigual; a extensão da legislação trabalhista, a carestia, os direitos sociais, políticos e jurídicos das mulheres e a paz.

A Conferência Mundial de Mulheres realizada em Copenhague representava o maior evento realizado por estas, pois em 26 de novembro de 1945, devido aos sentimentos despertados com o final das atrocidades cometidas pelos nazistas, foi fundada sob a iniciativa da francesa Eugennie Cotton a Federação Democrática Internacional de Mulheres e realizado em Paris o seu primeiro Congresso. Este primeiro e logo simbólico evento contou com a presença de representantes de trinta e nove nações que, unidas pela paz, prestaram o solene

juramento de defender e auxiliar o desenvolvimento da referida Federação e os direitos sociais, econômicos políticos e jurídicos das mulheres. As mulheres se comprometeram também a lutar para que fossem criadas condições indispensáveis ao desenvolvimento harmonioso e feliz das futuras gerações, pela aniquilação do fascismo, pelo estabelecimento da democracia em todos os países e, sobretudo, pela harmonia entre os povos, assegurando ao mundo a paz duradoura.<sup>23</sup>

# Prepara-se em todo o mundo o

**RECIFE prepara o Congresso**

Na capital de Pernambuco, as atividades preparatórias para a realização do Congresso Mundial de Mulheres, que será promovido nos dias 21 e 22 de março, estão em plena atividade. No dia 21, teve lugar um ato público no bairro da Mouraria, durante o qual foram eleitos 11 representantes da cidade para integrar a Comissão Regional. No dia 22, realizou-se uma reunião com a presença de F. M. B. Parente e Assis Silva, promotoras do ato, na sede do Sindicato das Mulheres de Pernambuco, a qual foi presidida pela advogada da Fabril Anália.

**COPENHAGUE, A BELA CAPITAL DA DINAMARCA, ABRIGARÁ EM JUNHO MILHARES DE DELEGADAS E PARTICIPANTES DO CONGRESSO MUNDIAL DE MULHERES — DONAS DE CASA, MÃES DE FAMÍLIA, OPERARIAS E CAMPONESAS, MÉDICAS E PROFESSORAS, FILIADAS OU NÃO A QUALQUER ORGANIZAÇÃO. ALL IRÃO LEVAR SUAS SUGESTÕES E SUAS PROPOSTAS DE COMO GARANTIR UM FUTURO FELIZ PARA SEUS FILHOS E O PROGRESSO DE SUA PÁTRIA**

No dia 21, em São Paulo, realizou-se uma reunião preparatória, sendo organizada na tarde seguinte para comparecer à mesma. Essa comissão preparatória trabalhou por um mês, sob a direção de mulheres do grupo local.

## Em São Paulo

(Conclusão do pág. 4)

### BRILHANTE SENSAO DE ENCERRAMENTO

A sessão de encerramento realizou-se às 21 horas, com o salão lotado. A ora Helena Boaventura, incluindo os trabalhos da noite, convidou para a mesa, já anteriormente constituída, outras figuras representativas da capital paulista como sejam o Vereador Américo Farabollini, e sua Maria Conceição Perrella, Presidente do Departamento Feminino da U. Servidores Públicos de S. Paulo, e a ora Maria Adelaide Falco, vice-presidente da F.B.B.

Foram lidos os nomes das delegadas eleitas ao Congresso Mundial, a saber: Lucinda de Oliveira, Rainha Figueira, Inda Augusto, Geluzina Santos, Gil-da-Reis, que são operárias têxteis; Luiza Lemos, camponeza, Euzene Calvória, musicista, e Olívia Saldanha, dona de casa.

Termino o apoio dos seus respectivos sindicatos a essa realização, saluando os operários João Augusto e Eloy Abreu Sobrinho.

### «SE OS 375 FOSSEM MULHERES»

O Vereador Farabollini, pronunciou seu discurso agradecendo o convite que lhe fora dirigido, dizendo que ali estava para oferecer uma homenagem justa às mulheres da Federação, e acrescentou — se os 375 lugares de nossa Assembleia Federal fossem ocupados por 375 mulheres, como estas que aqui estão, muitos e muitos seriam os destinos da nação!

### «DE MÃOS DADAS, AMIGAS, PARA A VITÓRIA DA PAZ»

Estas as palavras ditas por Lúcia Brunes, que lamborou as considerações que se realizam na Curria sobre a trava de, resoluções de guerra, labor — não se deve à vontade de Paz dos povos. O trabalho, no entanto começa, pois aquele um milhão de assinaturas com que contribuímos para a Paz é um passo. E, sob aplausos concluiu — «Eis meus dados, amigos! Para a frente! Para a vitória da Paz!»

## Ato Público em São João de Meriti

No dia 21 de março, foi realizada, sob o patrocínio de Movimento Feminino, uma palestra na sede da União Feminina de S. João de Meriti. Ao ato compareceram muitas mulheres residentes na localidade, e na ocasião foram eleitas delegadas à Convenção Regional a realizarem em Vitória.

A palestra foi feita pela representante desta revista, Lúcia Glória que, além de divulgar a próxima realização do Congresso Mundial de Mulheres em Dinamarca, explicou com detalhes o que será o Congresso e a sua finalidade. A ora, Guilmar Duran, Presidente da Associação Feminina Pernambucana, aproveitou para fazer um resumo do trabalho da palestra, e encorajou as delegadas a realizarem na localidade de S. João de Meriti a sua missão na luta pelo voto direto e outras conquistas, à Convenção de Vitória. A ora, Alexandrina Paes, representante da F.M.B., encorajou as representantes da U. F. de S. João de Meriti e as delegadas locais, fornecendo para as mesmas um livro sobre as reivindicações e pela Paz. Encerrou-se o ato, sob o lema: «De mãos dadas, amigas, para a vitória da paz».



Assamblea Regional de Fortaleza. Aspecto da sessão plenária e mesa que dirigiu as reuniões, no ato de inauguração, quando da palestra a ora, Lucinda Carvalho, representante da F.M.B.



MOMENTO FEMININO

Divulgação do Congresso Mundial de Mulheres pelo jornal *Momento Feminino*. Ano VI. n.º. 99 p. 02  
Acervo: DEAP

23 FEDERAÇÃO DEMOCRÁTICA INTERNACIONAL DE MULHERES. *Congresso Mundial de Mulheres*. Rio de Janeiro: Comissão Democrática de Mulheres, 1945.

As comunistas brasileiras, cientes dos resultados positivos que o Congresso Mundial desde a sua fundação apresentava às mulheres, organizaram junto com militantes de outros partidos, várias assembléias para escolherem as delegadas brasileiras que exporiam na Dinamarca as propostas e sugestões de como garantir aos povos do mundo um futuro feliz.



Delegadas do Rio Grande do Sul que participaram da Assembléia em São Paulo para apoiar o Congresso Mundial. *Momento Feminino*. Ano VI. no. 99. p.03.

Em São Paulo, na Assembléia presidida por Helena Boaventura, presidente da Federação de Mulheres do Brasil, Iaiá Vieira, representante da Federação das Mulheres Paranaenses e pelas comunistas Eunice Catunda, Jovina Pessoa, Odith Saldanha e Elisa Branco foram debatidas as experiências das mulheres do Sul e Sudeste brasileiro e algumas das soluções encontradas foram enriquecidas e encaminhadas às representantes brasileiras para serem apresentadas no Congresso.<sup>24</sup> Entre as várias resoluções pode-se destacar a proposta de realização de uma campanha reivindicatória para a baixa dos preços dos

---

<sup>24</sup> Assembléias. *Momento Feminino*. Ano VI. nº. 99. Rio de Janeiro, março/abril de 1953. p. 03. Cabe registrar que no Nordeste também foram realizadas seções plenárias na cidade de Recife e Fortaleza, reunindo mulheres das Uniões Femininas da região. Nestas assembléias, as resoluções visavam além das reivindicações comuns a todas, a efetivação da solidariedade às vítimas da seca e a reivindicação as autoridades brasileiras para que fossem distribuídas terras próximas às bacias de irrigação dos grandes açúdes existentes aos camponeses flagelados. *Assembléias Regionais do Nordeste. Momento Feminino. ibid.*; p. 04.

alimentos e das roupas com o efetivo controle deste trabalho e a mobilização de todas as mulheres contra a venda de brinquedos de guerra que, segundo elas despertavam no espírito das crianças instintos destruidores.

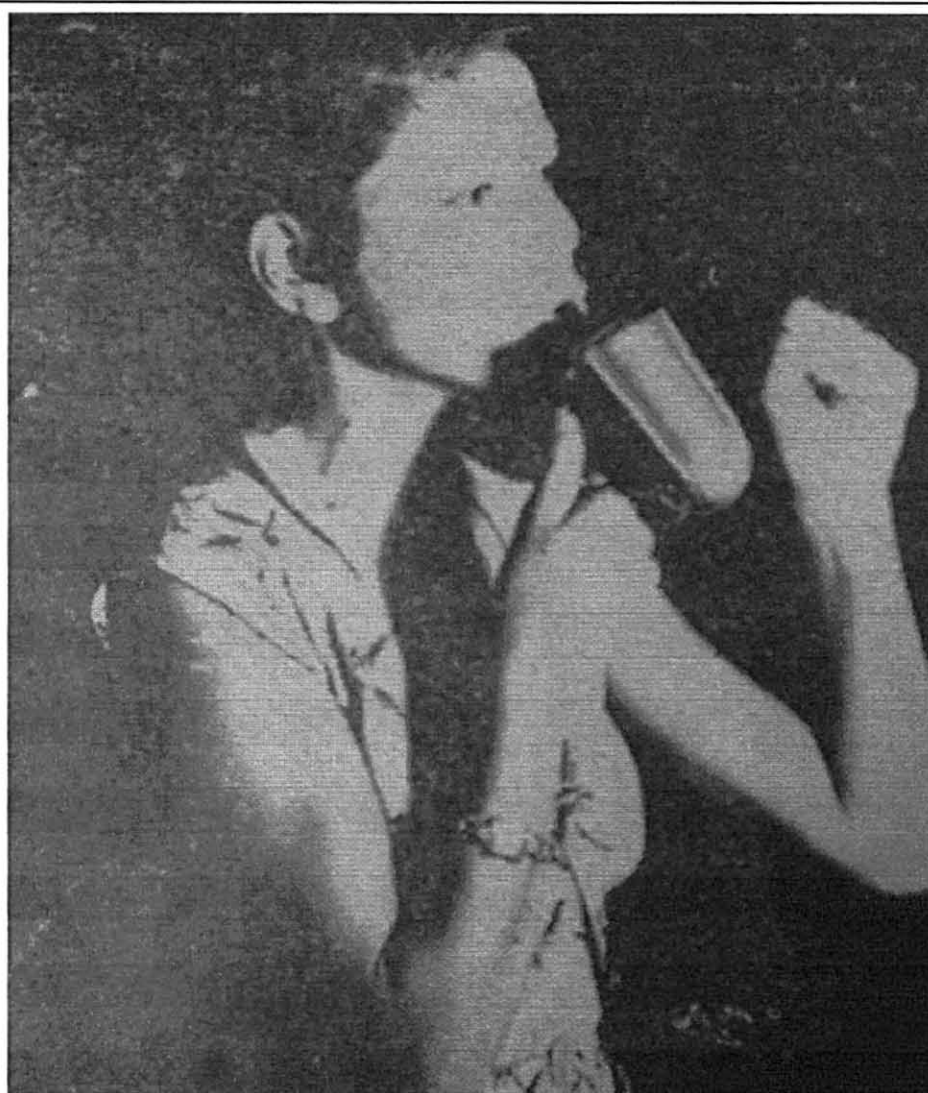


Mulheres que participaram da Assembléia realizada em São Paulo, com o objetivo de apresentar resoluções para o Congresso de Mulheres em Copenhague, no qual a temática infância seria abordada.  
*Momento Feminino*. Ano VI. nº. 99. p. 03 (dscn 2333)  
 Acervo: DEAP

Iaiá Vieira, representando as mulheres do Paraná, efetivou a sua contribuição na temática infância, declarando que no seu Estado, ocorria um constante abandono de recém-nascidos por suas mães dentro das próprias maternidades. Este número segundo a paranaense atingia uma proporção assustadora; e para sanar tal problema apresentou a proposta de instalação de creches nos locais de trabalho, citando que em Curitiba a Federação Espírita do Paraná havia fundado a creche Adolfo Bezerra de Menezes para auxiliar as mães durante a sua jornada de trabalho, uma vez que sob os cuidados desta instituição as crianças permaneciam em período integral, recebendo alimentação, educação e toda a assistência necessária. Destaca-se aqui que Iaiá Vieira, mesmo não sendo membro do PCB, trabalhava na Federação de Mulheres do Paraná junto com Pórcia Guimarães Alves e as militantes comunistas, Lilia Robine, Nair Bismayer e Maria Olímpia Carneiro Mochel.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Assembléias. *Momento Feminino* nº. 99..Ibid., p. 03



Ramona Pastore, líder tecelã, eleita na Assembléia de São Paulo, como uma das representantes do Brasil no Congresso de Mulheres.  
*Momento Feminino*. Ano VI. n.º 99. p.03. (1992,1992pb, Ramona, dscn2333).  
Acervo: DEAP

As soluções encontradas nos diferentes Estados foram debatidas e registradas e após a conclusão dos seus objetivos, as mulheres como de praxe confraternizavam-se em uma pequena recepção e conversavam animadamente sobre diversos assuntos culturais, finalizando o encontro com a distribuição de cortes de tecidos, arroz e banha a todas as participantes.

Importa sublinhar que os esforços destas mulheres não foram em vão e dezessete representantes eleitas viajaram à Dinamarca, onde expuseram as experiências das brasileiras, debatendo com delegadas de quarenta e dois países a ação das mulheres pela paz estável e duradoura, pela liberdade e pela democracia, os problemas da infância e da educação, a organização do movimento feminino internacional entre outras questões pertinentes à

condição feminina.

Além das Assembléias e Congressos, as militantes com o apoio do Partido organizavam também comícios e festividades para comemorar o Dia Internacional da Mulher. Em todos os discursos promovidos as comunistas ilustravam que em 1910, na Conferência Feminina realizada em Copenhague, foi instituída por proposta de Clara Zétkin o dia 08 de março como data representativa da Jornada Internacional das Mulheres. Desta forma, disse Arcelina Mochel:

[...] esta data escolhida e consagrada pelas próprias mulheres [...] é o símbolo do amadurecimento de sua consciência, da sua participação cada vez mais importante e eficaz, lado a lado em igualdade de condições com que a humanidade tem de belo e combatente na luta pela felicidade, paz e bem-estar social [...] É com esta disposição que celebramos este 8 de março, nosso dia. É por isso que precisamos e devemos fazer dele, uma jornada contra a guerra, pela paz e libertação nacional.<sup>26</sup>

E com esta *disposição* as militantes conclamavam todas as brasileiras a participarem das homenagens de 8 de março, com o propósito de ampliar as campanhas realizadas por alimentos mais acessíveis a todos e progresso nos lares, pela segurança social, paz, educação e independência nacional.<sup>27</sup>

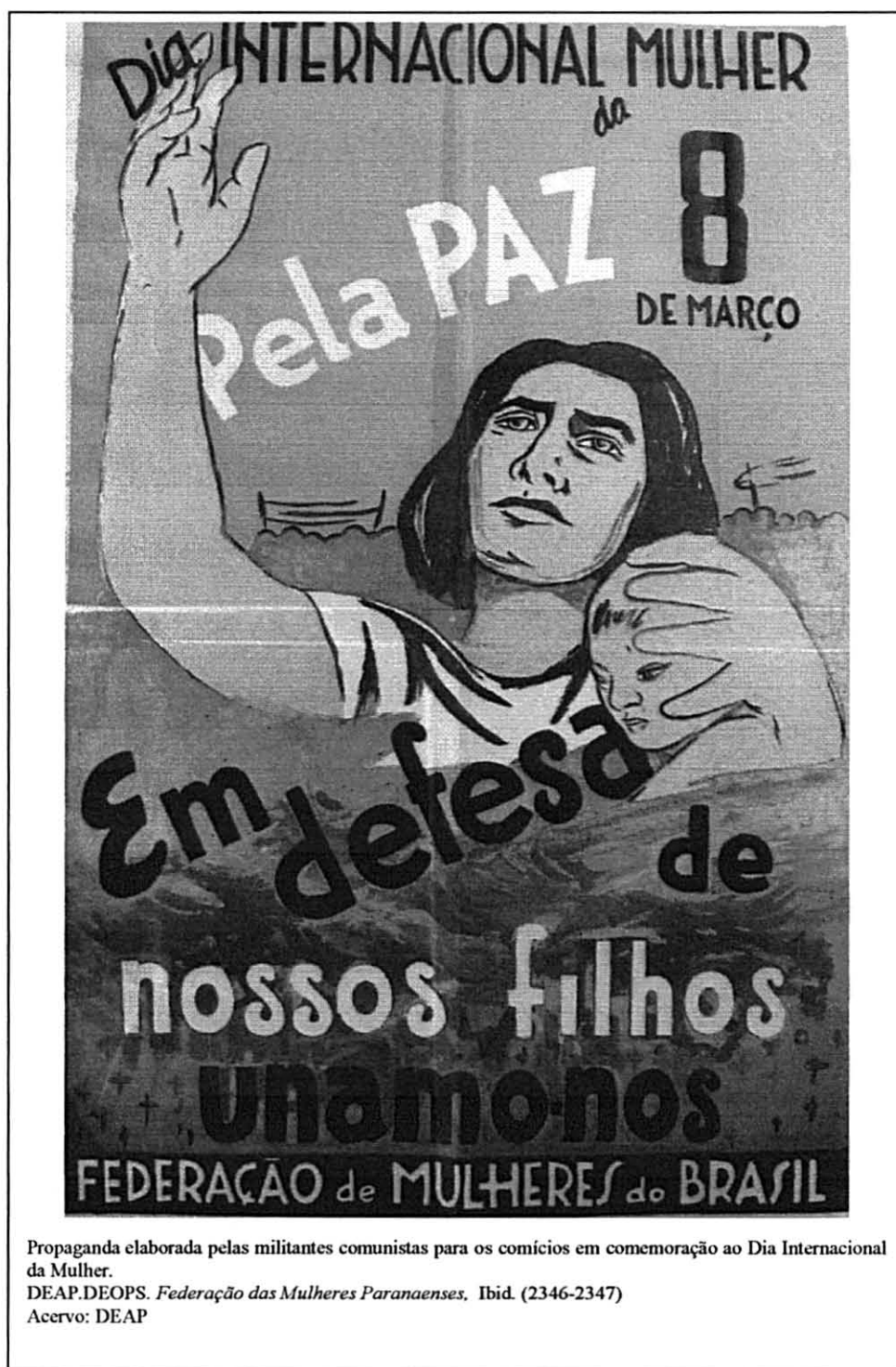
Cabe neste momento destacar o reconhecimento de que estas atividades cotidianas sobrecarregavam as militantes, pois tecnicamente realizar Assembléias e Comícios desta envergadura significava enfrentar obstáculos apresentados pela rejeição de grande parte da sociedade a atos públicos promovidos por mulheres e, sobretudo, mulheres comunistas, como também pela violência dos policiais, que segundo elas “sempre estavam dispostos a empregar sua *força* contra o que supunham ser a parte *fraca*”.<sup>28</sup>

Entretanto, as tarefas que mais exigiam das mulheres do PCB e que comumente eram postas em prática relacionavam-se à angariação de fundos para o Partido, visando custear as viagens dos militantes, panfletos, livros, informes, jornais partidários, abrigos e auxílio aos companheiros clandestinos, entre tantas outras despesas da organização.

26 GOTO, Arcelina Mochel. 8 de Março. Dia Internacional da Mulher. *A Voz Operária*. Ano IV. nº. 146. Rio de Janeiro, 08 mar. 1952. p. 11.

27 Salve 8 de março! Dia Internacional da Mulher. Opúsculo distribuído pela FMB. In: DEAP. DEOPS. *Federação das Mulheres Paranaenses...* *ibid.*, p. 16.

28 GOTO, Arcelina Mochel. 8 de Março. Dia Internacional da Mulher. *A Voz Operária...* *ibid.*, p. 11.



Nas reuniões efetivadas nas Células, ao discutirem as prioridades financeiras, os Secretários de Organização e Finanças sugeriam a promoção de determinado evento para obterem a verba necessária, sendo imediatamente as tarefas discutidas e distribuídas para a concretização deste objetivo.

Na cidade de Curitiba, os lugares apropriados para as comemorações nem sempre eram liberados por seus proprietários, conduzindo os militantes a realizarem-nas em suas próprias residências ou em Sociedades Benéficas, cuja direção era simpática à causa

revolucionária.<sup>29</sup>

O campo existente na residência do comunista Nilo Previde tornou-se um dos locais mais utilizados pelos militantes para a realização de churrascos e bailes. Dias antes dos festejos, os homens do Partido eram encarregados de montarem as barracas para a venda de diversos artigos. A eles destinava-se também o preparo da carne, bem como o seu assado e o armazenamento de serragem para conservar as bebidas frescas.

As mulheres por sua vez incumbiam-se da decoração do local, e para tanto recolhiam carteiras de cigarros retirando o celofane que envolvia os maços, para colarem dentro destes fotos ou desenhos do símbolo comunista representado pela foice e o martelo entrecruzados, pendurando-os lado a lado, enfeitando assim as barracas. A decoração incluía também lamparinas, faixas e bandeiras bordadas com saudações a Luís Carlos Prestes e Stálin.

No decorrer dos festejos muitas militantes vendiam em suas barracas quitutes, bordados, confecções, livros, brinquedos artesanais entre outros artigos. Algumas recepcionavam e serviam os convidados, grupo formado por simpatizantes e curiosos populares, enquanto outras militantes cuidavam da rádio montada, na qual os comunistas pagavam uma quantia simbólica para dedicarem determinada música a algum companheiro ou companheira. Embalados pelas vozes e pela sonoridade das músicas de Silvio Caldas, Stelinha Egg, Cauby Peixoto e Araci Costa os comunistas travavam animados diálogos, dançavam e se divertiam, sem no entanto deixarem de lado a sua tarefa de conscientizar os populares, expondo sempre que necessário as propostas do Partido, solicitando após, a contribuição financeira para o cumprimento de seus objetivos.

Não era nada fácil, não ...Era tudo muito trabalhoso [...] uma luta tremenda para ter dinheiro ... porque a gente não tinha... não vinha dinheiro da URSS, como diziam, não. Era tudo na base da festa [...] e os tiras sempre iam lá sondar.<sup>30</sup>

concluiu a militante, acrescentando que após o término das festas as mulheres arrumavam todo o lugar e retornavam às suas casas para somente então concluírem ou *colocarem em dia*, os seus afazeres domésticos.

Desta forma, pode-se constatar que em seu cotidiano as militantes exerciam uma extensa jornada de trabalho na qual conciliavam a sua vida dentro da casa com os afazeres de fora, como comentou Elvira Boni de Lacerda, sobre as dificuldades da militância feminina,

---

<sup>29</sup> Entre as sociedades localizadas nos arquivos do DEOPS, figuravam: Sociedade Beneficente Operário Seminário, Sociedade Beneficente do Batel e Sociedade Artística Juvenil e Cultural do Paraná.

<sup>30</sup> OLIVEIRA, Iraci. *Entrevista...* p. 02-06 A.



lembrando que muitas vezes lavava a roupa da família à noite, objetivando adiantar o serviço do dia seguinte, que implicava o seu trabalho como costureira, as tarefas partidárias, o preparo das refeições para a família, a arrumação da casa e a condução de suas filhas à escola.<sup>31</sup>

Além disso, em muitos casos as militantes após participarem das reuniões da organização, ao invés de retornarem aos seus lares saíam com seus companheiros para cumprirem determinada tarefa como o exemplo de Enir Soares, conforme relatório do agente Keiwert, ao delegado do DEOPS.

Levo ao vosso conhecimento que, ontem assisti uma reunião do PCB (Célula Marcílio Dias), sita á Rua Ermelino de Leão, n.º 40, [que] teve início às 20:15 horas e término às 22:00 horas, quando saíram após este horário, os senhores João Miranda, Júlio Manfredini, Saul Dias, Amâncio Soares e sua senhora Enir Soares, para fixarem cartazes nos muros do Bairro Bigorriho.<sup>32</sup>

Estas atividades eram freqüentes na vida das mulheres do PCB e quando muitas não acompanhavam os companheiros retornavam às suas residências para providenciarem os materiais necessários para as imediatas viagens de seus esposos, pais, filhos ou sobrinhos, viagens estas determinadas pela organização. “Tínhamos que estar com a roupa deles pronta, porque se tivessem que de repente viajar, tudo tinha que estar preparado”, relatou a comunista, complementando que em diversas situações elas se encarregavam de elaborar os discursos dos militantes, poupando-lhes tempo para realizarem outras tarefas.<sup>33</sup> Mas não escreviam somente os discursos para os camaradas; redigiam também as suas próprias falas, pois freqüentemente eram incumbidas de discursarem nos comícios relâmpagos ou nas homenagens prestadas ao PCB e líderes partidários. Entre as militantes indicadas para realizar esta tarefa no Paraná destacavam-se: Iraci e Odete Soares de Oliveira, Rosália Mary Cisz, Rosalinda Soares Alvarez, Maria Olímpia Carneiro Mochel, Anita Carneiro, Dalvina Arcoverde. Dirce Derenda, Helena Silva de Quadros Capriles, Maria Peixoto Machado, entre outras.<sup>34</sup>

---

31 GOMES, Ângela de Castro. *Velhos militantes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 69.

32 DEAP. DEOPS. *Comitê Comunista Central*. Dossiê nº. 0264. Topografia 29. p. 68.

33 OLIVEIRA, Odete S. de. *Entrevista...* p. 08A

34 As fichas individuais e dossiês temáticos dos Comitês existentes no Estado auxiliaram a investigação, permitindo aqui elencar o nome de algumas comunistas escolhidas para discursarem em atos públicos.



Helena da Silva Quadros Capriles. Secretária de Organização e Finanças da Célula do Centro em Paranaguá em 1946. Foto tirada em 1980.

DEAP.DEOPS. Dossiê individual n.º 1500. Topografia n.º 358. (2360).

Acervo: DEAP

Os comícios relâmpagos realizavam-se com mais frequência durante o período da legalidade, porém as homenagens e demais atos públicos foram praticados durante a ilegalidade, embora sofressem repressões policiais. Ademais os homenageados não eram somente o Partido, Stálin e Prestes; as comunistas deveriam também prestar homenagens aos *3 Ls* representados por Lênin, Luxemburgo e Liebknecht, Dolores Ibarruri — a legendária *La Passionária* —, Olga Benário Prestes, Clara Zétkin além dos novos *heróis* como Angelina Gonçalves e Zélia Magalhães. Verifica-se assim, que ao evocar imagens por intermédio da narrativa as mulheres do PCB mantinham o desejo de transformarem o presente vivido, superando desta forma a sua situação cotidiana, histórica, encontrando assim a abertura para o tempo do sagrado, logo do real.

Encarregadas de realizarem tarefas tanto nos locais públicos como dentro de seus lares visando sempre fortalecer a organização, às militantes também era destinada a preservação de sua família, visto que neste período geralmente aos homens do Partido eram atribuídas as atividades fora de suas cidades, possibilitando às mulheres desfrutarem de plena autonomia nos negócios e administrarem as despesas da família.

No que se refere aos filhos, como os militantes tornavam-se pais ausentes as mulheres incumbiam-se da sua educação e quando saíam para trabalharem nas empresas ou pelo Partido, recorriam à solidariedade dos poucos parentes que concordavam com sua opção política ou de simpatizantes da organização.

A educação das crianças exigia das militantes uma dedicação maior e para auxiliar as mulheres nesta missão, o jornal *Momento Feminino* dedicou um espaço em suas páginas intitulado “Conheça seu filho”. Servindo como uma espécie de consultório pedagógico, esta seção abria um diálogo com as leitoras sobre os vários problemas que enfrentavam na criação de seus filhos e como seus esforços poderiam neutralizar totalmente a influência de um meio social no qual todos os conceitos estavam subvertidos para então formarem uma nova geração apta a “enfrentar as responsabilidades que lhes serão destinadas para a construção de um mundo melhor, livre de guerras, de opressão e de ódios — o mundo do amanhã”.<sup>35</sup>



Seção “Conheça seu filho” publicada pelo jornal *Momento Feminino*, visando auxiliar as mulheres com relação aos problemas de ordem infantil. *Momento Feminino*. Ano VI. n.º 99. p.14 (2343) Acervo: DEAP

35 Maria Gabriela. Conheça seu filho. *Momento Feminino*. Ano VI. n.º 99. Rio de Janeiro, março/abril de 1953. p. 14. Informa-se aqui, que as questões mais ressaltadas nesta seção relacionavam-se à rejeição das crianças aos irmãos recém nascidos, a demonstração de ciúmes dos pais ou irmãos, a rejeição à escola, o comportamento agitado, triste ou inquieto dentro de casa entre outros itens relativos ao temperamento infantil.

Percebe-se que a preocupação das mulheres do PCB consistia em educar seus filhos de acordo com os princípios comunistas, preparando-os para o *novo mundo*, pois em seu imaginário introjetou-se a crença de que a criação de uma nova vida começaria por elas mesmas e por seus companheiros de Partido, visando sempre a transformação de toda a humanidade.

Embora as atividades partidárias impedissem regulares encontros entre pais e filhos, quando estes ocorriam as mulheres deixavam ao encargo dos homens as orientações aos seus filhos. Estes momentos eram desfrutados por toda a família com intensa satisfação, pois aproveitando o breve tempo que passavam juntos os familiares procuravam resgatar antigas lembranças através de animados diálogos, nos quais recordavam passagens marcantes de suas vidas, sem no entanto deixarem de lado a sua militância, conscientizando seus filhos, irmãos ou sobrinhos para a realidade que viviam e como sua moral, baseada na firme solidariedade e disciplina auxiliaria a luta consciente das massas contra os exploradores.

Comumente nestas reuniões, conforme as lembranças das militantes, enquanto as mulheres costuravam e bordavam com o propósito de aproveitar seu tempo na confecção de roupas que seriam vendidas para garantir o sustento da família, os mais jovens sentavam-se nos caixotes de madeira utilizados para o armazenamento de lenha para ouvirem a leitura das obras de escritores comunistas, conduzida pelos homens da casa. Após a conclusão desta, os ouvintes discutiam o seu conteúdo e esclareciam as dúvidas dos jovens, objetivando aprimorar os seus conhecimentos teóricos e práticos e desabrochar o seu senso crítico, conscientizando-os de suas responsabilidades na construção e manutenção de um novo mundo.<sup>36</sup>

Enfim, a narrativa que baseada em entrevistas permeou esta parte do trabalho permitiu constatar que mesmo enfrentando cotidianamente inúmeras dificuldades, traduzidas pelos preconceitos sociais, ausência de entes queridos, responsabilidades na educação dos filhos e manutenção da casa e da unidade do Partido, as mulheres do PCB não esmoreceram na sua luta revolucionária. E se aos olhos de hoje enfrentar preconceitos e privações em nome de um ideal mais elevado sugere uma *modalidade de ser* deformada, porque obsoleta, irreal, ilusória ou quimérica, para as comunistas durante o início do *estado* da Guerra Fria representava uma existência real, verdadeira e eterna, pois a imagem que detinham de um futuro radioso, fundamentado nas mudanças que realizariam através da concretização do projeto comunista, somada ao espírito de solidariedade e disciplina desenvolvido e alimentado *na* e através *da* militância compensava, acreditavam elas, quaisquer humilhações, preconceitos e sofrimentos.

---

36 SOARES DE OLIVEIRA, Iraci; Odete. *Entrevista...* p. 16-17.

### 3.3 MULHERES COMUNISTAS: A FEMINILIDADE EM QUESTÃO.

Os jornais do PCB durante o seu período de circulação sofreram suspensões, perseguições policiais, incêndios criminosos entre outros imprevistos que impediam temporariamente a sua divulgação. Em 1956 no Rio de Janeiro, por exemplo, a redação e oficinas do periódico *A Imprensa Popular* foram invadidas, saqueadas e completamente depredadas. Acostumados com estes atos hostis, os comunistas mantinham distribuídos em vários locais alguns mimeógrafos para serem utilizados em casos extremos, impedindo assim que os periódicos parassem de circular. No entanto, tornava-se necessário reconstruir o local e continuar as atividades jornalísticas de um dos principais órgãos de divulgação do Partido. E para tanto, os militantes por todo o país organizaram comissões que por sua vez se encarregaram da arrecadação de fundos para o conserto das máquinas de impressão e composição do jornal, compra de papéis e pagamento dos redatores e demais funcionários, objetivando desta forma a sua rápida e eficaz recuperação.

Aos Comitês eram estipuladas cotas que deveriam ser atingidas e para alcançar este objetivo os militantes promoviam festas e rifas, vendiam coleções de clássicos do marxismo a preços módicos, visitavam amigos e simpatizantes solicitando o seu auxílio, entre outras tantas iniciativas.

A Comissão Paranaense de Ajuda e Defesa da Imprensa Popular, visando cobrir e ultrapassar a sua cota lançou o concurso para a eleição da Rainha da Imprensa Popular no Paraná. Neste, as candidatas podiam se inscrever, independente de sua opção política, religiosa ou filosófica, como representantes de cada bairro da Capital e municípios do interior. O critério de eleição consistia na venda do maior número de votos em seu nome, votos estes distribuídos em blocos de Cr\$ 1,00 , Cr\$ 5,00 e CR\$10,00 cada.<sup>37</sup>

A Campanha movimentou os comunistas do Paraná, que cientes da importância dos jornais partidários para a conscientização do povo indicaram e incentivaram muitas jovens a participarem do concurso, auxiliando-as na venda de seus votos.

O jornal *Tribuna do Povo* divulgava as festividades promovidas em prol das candidatas e apresentavam-nas ao público, destacando em suas páginas as entrevistas por elas concedidas, nas quais mencionavam a sua idade, profissão, preferências literárias, musicais e cinematográficas, bem como os seus planos para o futuro.

---

<sup>37</sup> Relato baseado no jornal *Tribuna do Povo* que circulou no Paraná entre os meses de setembro e novembro de 1956, localizadas no DEAP. DEOPS. *Tribuna do Povo*. Dossiês nº. 1252, 2276. Topografias nº. 147, 255. e *Imprensa Popular*. Dossiê nº. 1131. Topografia nº. 135.



A simpatia e desenvoltura conquistavam votos e por esta razão, os cabos eleitorais das pretendentes ao título de Rainha promoviam eventos para que estas, por intermédio de suas qualidades, ganhassem a simpatia dos convidados à sua candidatura.

Muitos bailes, feijoadas, churrascos e competições esportivas foram promovidos e a Rainha eleita foi coroada em uma grandiosa festa pública realizada para comemorar não somente a sua vitória, como também o sucesso da Campanha, pois a Comissão Paranaense cumpriu o seu objetivo antes do prazo estipulado.

Direcionando um olhar para esta situação cotidiana na vida dos militantes, pode-se em um primeiro momento indagar: Como os comunistas envolvidos em uma rígida disciplina comportamental lançavam concursos com características pequeno-burguesas que tanto criticavam? E por que as mulheres do PCB se envolviam nestes eventos, uma vez que o Partido traçava para estas um perfil que defendia e exaltava a polidez e a eliminação de quaisquer vaidades pessoais?

As respostas são muitas, porém em que pese à importância que concediam a este permanente trabalho de angariação de fundos para a manutenção do Partido, pode-se inferir que os comunistas embora vivessem uma realidade distinta no interior da organização, no mundo exterior deparavam-se com outra realidade diferente da que elaboravam, e para atingirem a sua meta moldavam algumas das práticas adotadas em sua militância aos costumes da sociedade dominante.



**Anette.** Candidata a Rainha do *Imprensa Popular* pelo bairro Bacacheri.  
DEAP.DEOPS. *Tribuna do Povo*. Dossiê n.º 1131.  
Topografia n.º 135. (2370-2380  
Acervo: DEAP



**Rose.** Candidata a Rainha do *Imprensa Popular* pelo bairro Água Verde  
DEAP.DEOPS. *Tribuna do Povo*. Dossiê n.º 1131.  
Topografia n.º 135. (2376-2371—2382  
Acervo: DEAP

Ressalte-se ainda que estas mulheres e homens que se propunham novos não haviam se destituído plenamente de diversos valores da sociedade burguesa e patriarcal na qual viviam. Importa frisar que, assimilados e reconhecidos como naturais em um ser social, os valores desenvolvidos tendem a permanecer por longo tempo até o momento em que realmente sejam substituídos por uma cultura nova e hegemônica. E com os comunistas brasileiros isto não poderia ser diferente, uma vez que a cultura ocidental predominava em grande parte do continente americano, indicando em pequenos espaços territoriais algumas aspirações de subversão a ordem estabelecida, apontando desta forma outra justificativa para o exercício de práticas semelhantes às utilizadas pelas pessoas que compunham o universo predominante.

Já com relação ao perfil traçado para as comunistas, convém lembrar que quando estas mulheres entravam na organização elas se enquadravam como os homens à disciplina imposta, desenvolvendo o autocontrole, integrando valores práticos com valores morais e exercendo tarefas comuns a todos os militantes, uma vez que o Partido não distinguia os sexos, exigindo-lhes a mesma dinâmica e dedicação dos homens.

Assim sendo, ao assimilarem comportamentos sem distinção sexual as mulheres assumiam uma postura enquanto comunistas e deixavam de lado as vaidades pessoais, consideradas como atributos pequeno-burgueses, pois a causa revolucionária representava o cerne de sua existência.



**Sonia.** Candidata a Rainha do *Imprensa Popular* pelo Centro de Curitiba  
DEAP.DEOPS. *Tribuna do Povo*. Dossiê n.º 1131.  
Topografia n.º 135. (2374-2372-2380)  
Acervo: DEAP



**Lola.** Candidata a Rainha do *Imprensa Popular* pelo bairro Santa Quitéria. I  
DEAP.DEOPS. *Tribuna do Povo*. Dossiê n.º 1131.  
Topografia n.º 135. (2375)  
Acervo: DEAP

Este modelo de comportamento somado as representações vigentes no período, as mulheres que optavam por trabalhar fora e acima de tudo, militar em um partido político, vislumbrado como o *mal absoluto* estereotipava as militantes. Contudo, cabe aqui destacar, que mesmo optando em adotar um perfil delineado pela organização, perfil este que sugere a masculinização em detrimento de sua feminilidade, as militantes do PCB nas décadas de 40 e 50 não chegaram a este grau de renúncia, uma vez que foram criadas segundo as tradições da época, retendo em seu imaginário as experiências da sociedade burguesa sob a qual viveram até sua adesão ao PCB. E esta afirmação pode ser comprovada através da análise do periódico *Momento Feminino* que, como já citado, além de divulgar as experiências femininas em todos os cantos do país, atendendo aos imperativos de ordem política e social, conscientizando e mobilizando mulheres para a luta por sua emancipação social, econômica, política e jurídica abria em suas páginas espaços destinados a informar as mulheres sobre música, cinema, teatro, literatura entre outras atividades culturais e sobretudo seções que visavam orientá-las sobre questões inerentes a sua feminilidade.<sup>38</sup>

38 É bom saber. *Momento Feminino*. Ano I. n.º. 2. Rio de Janeiro, 01 ago. 1947. p. 07.



Na seção intitulada “Cuide de sua beleza”, as leitoras eram incentivadas a enviarem cartas a Sara Dias, especialista em beleza feminina, para resolverem os seus problemas estéticos, sendo as questões referentes ao tratamento de pele as mais consultadas. As mulheres solicitavam à especialista dicas sobre como cuidarem de sua pele de forma rápida e econômica, pois praticamente não dispunham de tempo e verba, elementos fundamentais para a eficácia do tratamento.<sup>39</sup>

As organizadoras do jornal preocupavam-se também em aconselharem as mulheres sobre o uso adequado da maquiagem, sugerindo alguns recursos existentes para atender os mais variados tipos de pele.<sup>40</sup>

Já no espaço dedicado a tendência da moda verificou-se que a preocupação com o vestuário não se limitava somente às mulheres e muitas roupas infantis com as sobras de cortes de tecidos eram propostas. Às mulheres era indicado o uso de *tailleurs* durante a meia-estação e vestidos leves com *decentes* decotes para o verão. Além disso, as leitoras também podiam acompanhar o que ditava a moda com relação aos trajes mais adequados para festas, recepções e casamentos.<sup>41</sup>

A exposição do conteúdo deste jornal praticamente dirigido pelas mulheres do PCB aponta em uma primeira vertente de interpretação a sua semelhança com as revistas de cunho pequeno-burguês, evidenciando que em seu imaginário, as comunistas permaneciam vinculadas às representações sociais popularizadas acerca da natureza feminina.

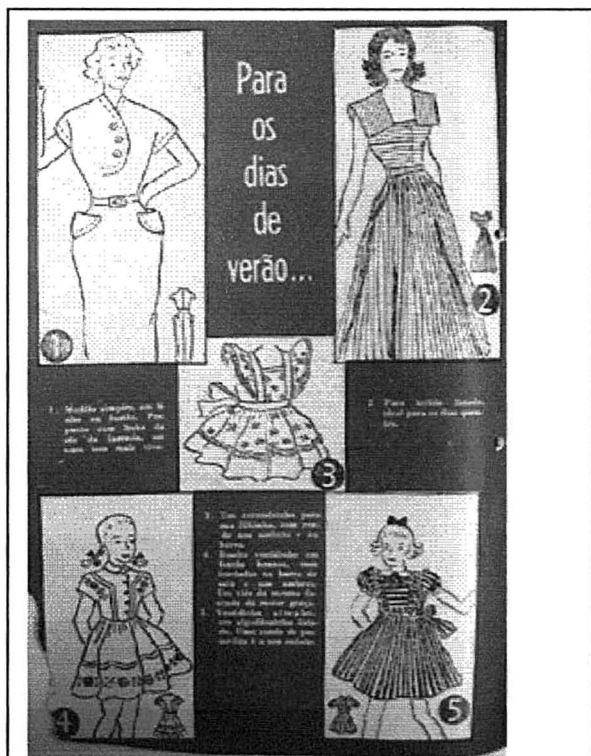
Já uma segunda vertente interpretativa sugere que estas seções além de auxiliarem as comunistas a manterem a sua feminilidade — uma vez que elas não se masculinizaram e sim permitiram se assexuar enquanto militantes do PCB — objetivavam chamar a atenção do maior número de leitoras, assegurando a leitura das demais informações divulgadas no jornal, bem como a sua venda, garantindo enfim a regularidade de sua publicação. Logo, como ganhar as *massas femininas* compostas por mulheres exploradas e condicionadas a não se descuidarem “dos toques femininos, proporcionando alegria e bem-estar àqueles que as vissem...”<sup>42</sup> sem dedicar algumas linhas aos problemas que envolvem o *ser feminino*?

39 Cuide de sua beleza. *Momento Feminino*. Ano VI. nº. 97.... p. 08.

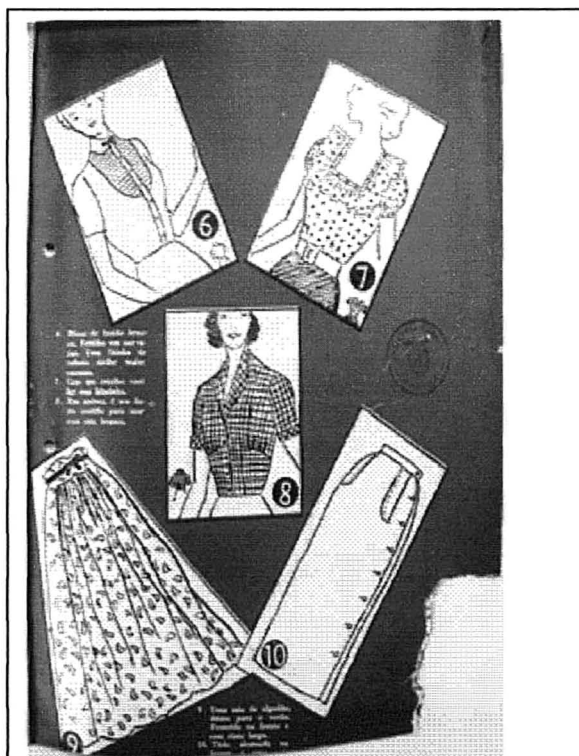
40 Maquillage. *Momento Feminino*. Ano IV. nº. 71. Rio de Janeiro, 15 jun. 1950. p. 06.

41 Moda. *Momento Feminino*. nº. 2., 71, 97, 99 e 110. p. 10.

42 ARCHANJO, Lea Resende. *Ser mulher na década de 50...* op. cit., p. 167.



Página dedicada a dica de vestuário, sugerindo para as mulheres modelos simples de linho ou fustão e para as crianças, vestidos com algodãozinho listado e opcional o aventalzinho com renda nos ombros e na barra. *Momento Feminino*, ano VI, n.º 97, p.04. (1974-2316-2319)  
Acervo: DEAP



Dicas de vestuário no qual o detalhe exaltado está na aplicação de fitinhas de veludo, para dar mais encanto aos vestidos. *Momento Feminino*, ano VI, n.º 97, p.05. (2323)

Acervo: DEAP

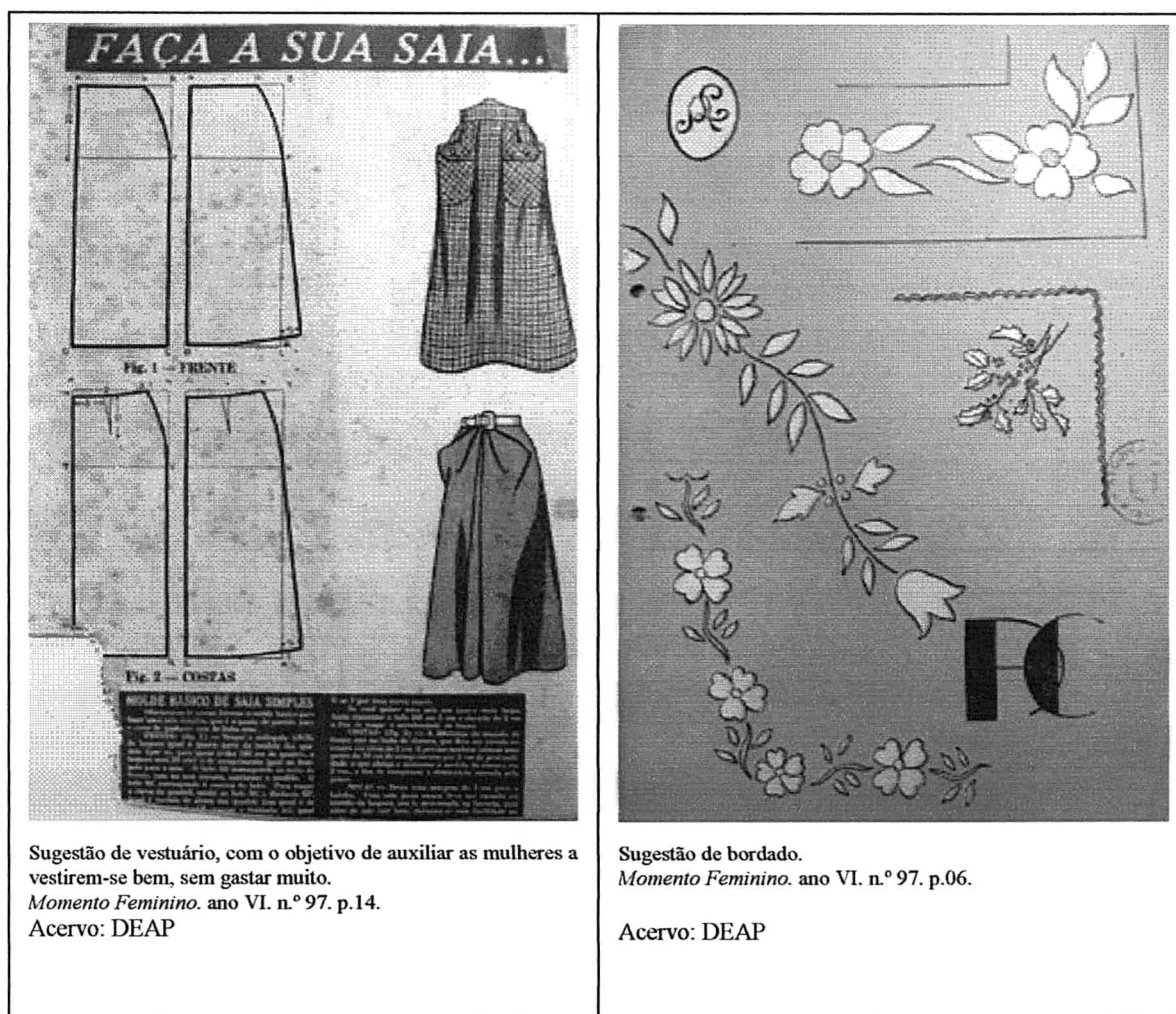
Cabe também lembrar que um considerável número de mulheres, comunistas ou não mantinham as despesas dos seus lares com os trajés que confeccionavam e por esta razão deveriam estar informadas e preparadas para as novas tendências de vestuários, a fim de atenderem os pedidos de sua clientela.

A comunista Elisa Branco, por exemplo, ficou admirada com o desfile de modas que presenciou durante a sua permanência na URSS, quando laureada com o Prêmio Stálin da Paz.<sup>43</sup>

Como costureira, impressionou-se com o acabamento das vestimentas, qualidade dos tecidos e bordados em cortes próprios para a confecção de vestidos e roupas de inverno. Como mulher, encantou-se com as jovens soviéticas *de corpo bem feito* e sobretudo, com o

<sup>43</sup> BRANCO, Elisa. O que vi na URSS. *A Voz Operária*. Ano V, n.º. 194. Rio de Janeiro, 07 fev. 1953, p. 04-05.

modelo de vestido que escolheu e com ele no Kremlin foi laureada. Aliás, não foi somente com o vestido escolhido e apresentado pelas soviéticas que Elisa apresentou-se diante de trezentas pessoas na solenidade de entrega do almejado prêmio. A comunista preocupou-se também em usar outros acessórios ofertados como um par de brincos, um discreto colar, evidenciando neste gesto a carga de sua feminilidade.



Este caráter atribuído às mulheres não se manifestava somente na preocupação das militantes em apresentar-se bem vestidas nas festas, comícios ou homenagens como o exemplo da *heroína da paz*, mas também nos seus discursos textuais, pois freqüentemente utilizavam palavras no grau diminutivo e adjetivos extremamente carinhosos, apontando uma *delicadeza* em seu modo de ser, qualidade atribuída e reconhecida como essencialmente feminina.

4



## CEIA DE NATAL

**1º — PATO ASSADO**  
 Tome um pato de bom tamanho e deixe-o no tempero durante uma noite.  
 Tempere uma xícara de vinagre, sal, pimenta do reino branca, canjinho e alho. Esfregue no pato, botando por dentro. Pouco antes de ir ao forno, passe sobre ele um pouco de gordura e sementes de tangerina e cebola. Assas muito bem em forno brando. Aproveitar os miúdos com o sangue, fazendo uma farofa.  
 Para acompanhar, o pato do Natal serve-se sempre purê de maçã ou purê de castanhas.

**PURÊ DE MAÇÃ:** tome 6 maçãs e cozinhe um pouco; depois amasse bem.

**PURÊ DE CASTANHAS PORTUGUEAS:** Cozinhe-as muito bem com um pouco de sal e trave-deco, depois de cascas-as e passe na máquina de moer. Leve ao fogo com uma colher de manteiga e um pouco de leite; mesa até amaciar bem.

**2º — BOLO DE NATAL**  
 250 gramas de açúcar, farinha de trigo e manteiga; 5 ovos, ameixas pretas, duas caixinhas de póssas, meia xícara de nozes picadas, meia xícara de amêndoas dessecadas, e picadinhos. Modo de preparar: Bater muito bem o açúcar com a manteiga até ficar branco, misturar os ovos inteiros mexendo sempre, por último juntar as frutas picas com as nozes, etc., mais um colher de vinho do Porto e a raspa de um limão inteiro. Cobrir o bolo com uma glacê.

**3º — CREME DE NOZES**  
 De um quilo e meio de nozes, tire as 15 cascas e mais bonitas, quebre-as com cuidado para que saiam perfeitamente e reserve-as. O resto, depois de quebradas, passe na máquina de moer juntando à massa obtida 1 quilo de açúcar, 1 colher boa cheia de manteiga, 12 gemas e 4 claras. Misture tudo muito bem e leve ao fogo para cozinhar, mexendo sempre. Depois em seguida num prato use uma colher e ao mesmo tempo as claras em neve e depois junte o açúcar (bata partidas no meio). Leve o doce ao forno brando para que o açúcar seque. Sirva no mesmo pote.

**4º — BABANADAS**  
 Tome um pão próprio para fazer babanadas. Corte-o em fatias grossas e deixe fiar de molho no leite por uma meia hora. Depois passe em ovos batidos e frite em gordura quente. Frite isto pedindo com açúcar e canela.

### SAUDAÇÃO À F. D. I. M.

A 1 de dezembro celebrou seu sétimo aniversário a Federação Democrática Internacional de Mulheres, a poderosa organização feminina que reúne hoje 136 milhões de mulheres de 65 países de todo o mundo.

Na bela mensagem que dirigiu às mulheres, por essa ocasião, dizia entre outras coisas a FDIM:

"A FDIM está orgulhosa de haver cumprido o mandato de seu Congresso Constitutivo: no decorrer de numerosas campanhas e ações, tanto no plano nacional como internacional, não cessou de lutar pela paz, pela democracia, pelo direito de todos os países à independência nacional, pelos direitos da mulher e em defesa da infância."

"Momento Feminino", revista democrática que acompanha com interesse as atividades da Federação Democrática Internacional de Mulheres, e se coloca sempre em defesa dos mesmos direitos defendidos por aquela organização, saudá calorosamente seu sétimo aniversário e lhe augura maiores êxitos em suas ações futuras, pela salvaguarda da paz mundial e por um futuro feliz para as mulheres e crianças.

### Decorando seu Lar

**ARRANJO do lar, da mesa, mais agradável à vista, deve ser uma de suas preocupações, meus amigos.**

Decorar não é uma questão de dinheiro e sim, questão de bom gosto aliado ao conhecimento de algumas regras.

A decoração de uma casa varia segundo o organismo, personalidade dos proprietários, e o tipo de ambiente que se deseja criar.

Iniciando esta seção com algumas sugestões e exemplos variados, nos números seguintes abordaremos com mais detalhes as diversas maneiras para se conseguir um ambiente bem decorado.

**Campanha de castanhas** — As castanhas devem sempre ser limpas; a) no parapeito da janela; b) na moldura da janela; c) rentes ao chão; d) arrastar 30 centímetros em ambiente muito iluminado e formal. E, dentro a castanha resultará a moda castanha das últimas sessões ou então 2 em 3 partes rentes ao chão.

Num apartamento pequeno não se deve variar muito nos côres, para não cortar o ambiente.

MARBILLO

### EXPEDIENTE

DIRETORA  
**ARCELINA MOCHEL**  
 Redação e Administração:  
 Rua Evaristo da Veiga, 16 — SBB  
 RIO DE JANEIRO

MOMENTO FEMININO

Seção destinada a culinária e decoração do lar, revelando a semelhança com as revistas destinadas às pequeno-burguesas.

Momento Feminino, ano VI, n.º 97, p.07. (2321).

Acervo: DEAP

Com estas constatações e com base nas representações que compunham o imaginário comunista, pode-se sugerir que introjetando o ideário propalado pelo PCB do Partido com o povo, as militantes procuraram através de sua modéstia, polidez e acima de tudo, simplicidade criar um elo de identificação com os populares e por conseguinte vestiam-se durante a sua rotina cotidiana com roupas simples e evitavam usar jóias e outros adornos pessoais, constantemente requisitado e exibido pelos pequeno-burgueses, *os exploradores da população*. Mesmo aderindo a um Partido que impunha uma severa disciplina, não diferenciando homens e mulheres ao exigir de todos uma extremada dedicação à causa

revolucionária reconhecendo-os como comunistas, as militantes não permitiram que a sua feminilidade fosse eliminada, desmistificando um estereótipo imposto às mulheres comunistas, estereótipo este que se consagrou após os anos 60 e 70 com a entrada de mulheres na luta armada, sendo erroneamente aplicado às mulheres que atuaram no PCB no início do *estado da Guerra Fria*.



**Maria Afonso Lins (Marinete).** Militante comunista no Estado do Rio de Janeiro. DEAP.DEOPS. *Federação das Mulheres Paranaenses*. Ibid. (dscn2349)

Acervo: DEAP



**Anita Carneiro:** militante do PCB no Paraná. Eleita pelo Comitê Municipal, Secretária de Divulgação e Propaganda da Célula Juvevê. DEAP.DEOPS. Ficha individual n.º 07628 DEAP/ n.º 01.124 DEOPS. (dscn 2361)

Acervo: DEAP

Neste sentido, as fontes analisadas e a bibliografia apropriada permitiram comprovar que, nas décadas de 40 e 50, ser mulher comunista significava aceitar a igualdade como expressão da liberdade e participar do projeto utópico, objetivando eliminar a exploração do homem pelo homem para chegar assim a sua emancipação, sem portanto, recusar no sentido cabal a sua feminilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em fevereiro de 1956, o chefe do governo soviético Nikita Krushev apresentou no XX Congresso do PCUS um relatório secreto que continha revelações sobre o culto a personalidade de Stálin, o fortalecimento da centralização burocrática e sobretudo, as atrocidades imputadas pelo *amado líder* ao povo soviético, práticas estas alheias ao marxismo-leninismo.

Repercutindo drasticamente sobre o movimento comunista internacional, as impactantes revelações conduziram milhares de militantes a experimentarem a sensação de deslizar com a avalanche involuntária, mas irresistivelmente em direção ao despenhadeiro final.<sup>44</sup>

No Brasil, o PCB apreensivo e dominado pelo constrangimento optou pelo silêncio, incitando dúvidas e receios entre os militantes, pois as denúncias não vinham desta vez da imprensa de referência, mas de Moscou e portanto, não poderiam estes homens e mulheres rejeitá-las como calúnias ou imposturas e recorrerem ao tema da superação que caracterizava a sua crença no *guia genial da humanidade*.

Os ventos que sopravam positivamente sobre os comunistas brasileiros trazendo-lhes esperanças e sonhos de um futuro radiante mudavam bruscamente sua direção, envolvendo-os em uma teia de dúvidas, reflexões e questionamentos até então adormecidos. Ao toque da realidade que se denominou desilusão, muitos se revoltaram e operaram mudanças radicais em seus comportamentos, transformando-se de defensores em flageladores do comunismo, enquanto outros, e as mulheres do PCB se inseriram maciçamente neste grupo silenciaram diante da *dor de perder suas convicções*, optando em permanecer no Partido, experimentando assim a *dor de lutar para conservá-las*. Afinal, foi *na* e através *da* convivência com o grupo que as militantes encontraram a família ideal e sobre a qual solidificaram a sua identidade como mulheres e comunistas.

Assim sendo, no trabalho de caracterizar o imaginário comunista, recompondo a história das mulheres do PCB por intermédio de sua adesão aos princípios da organização, vida partidária cotidianamente integrada à vida privada ressaltou-se em um primeiro momento

---

44 HOBBSAWM, Eric. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 231.

as representações consensuais aos comunistas, permitindo inferir como o grupo se autoformou adquirindo uma identidade própria. E embora representando uma parcela menor da população pecebista, as militantes participaram deste processo de criação, divulgação e conservação da cultura comunista no Brasil, aderindo a um imaginário que não se destituiu de antigas tradições, permitindo-se *utopizar* e construir a sua identidade enquanto mulheres comunistas.

Vivendo em um período no qual a discussão sobre a condição feminina ideologicamente (re) conduzia as mulheres ao papel tradicional de mães e rainhas do lar, as comunistas encontraram nos princípios difundidos pelo PCB o material necessário para realizarem os seus desejos de transformação, pois o Partido lhes permitia compartilhar experiências até então inibidas, liberando forças há muito tempo contidas.

O PCB, por sua vez, reconhecido e legitimado como autoridade deteve o poder sobre os seus componentes ao transformar representações da sociedade perfeita em uma forte engrenagem, garantindo a unidade do grupo, a sua estabilidade e a partir daí a reprodução de seu ideário. Disseminando por intermédio de seus órgãos de divulgação uma visão peculiar do social, o PCB delineou um perfil para os militantes que se consubstanciava na abnegação, disciplina e responsabilidade, reiterando sobre estas qualidades a sua representação como um partido sólido, homogêneo e coeso.

Desenvolvendo as qualidades e práticas exigidas pela organização e vivenciando constelações mitológicas, as militantes elaboraram, estruturaram e traduziram em imagens de uma sociedade radiosa a ruptura com a realidade existente. Assim posto, observou-se que a racionalidade de sua crença — seja na *Unidade*, representada pelo Partido, na *Idade do Ouro*, associada às conquistas soviéticas após o Outubro de 1917 ou nos *Heróis Salvadores*, encarnados nas imagens de Stálin e Prestes — motivou-as à ação, estabelecendo em seu imaginário a certeza de que conduziriam a humanidade à felicidade realizada. E após conceituar o imaginário comunista, reconhecê-lo no discurso do PCB e analisar como as mulheres se identificavam com a sua linguagem chamou-se a atenção para alguns acontecimentos políticos que marcaram a história pecebista, apontando a especificidade das militantes, que por sua vez despontavam na organização a partir de suas atividades políticas e não apenas devido à sua condição de gênero. Dentro da mesma perspectiva, destacou-se as mensagens contidas nos periódicos da imprensa partidária, demonstrando que a literatura de caráter político, foi utilizada pelo Partido para a produção de sentidos, porém com uma

ressalva: às militantes era concedida a oportunidade de exporem suas idéias e atividades, contribuindo para a disseminação do ideário propalado pela organização.

Sentindo-se emancipadas e reconhecendo-se como militantes do *Partido de Prestes* e não como um grupo desprovido de privilégios, as mulheres do PCB engajaram-se com determinação nas tarefas propostas, contribuindo significativamente para manter o Partido ligado à realidade brasileira, mesmo após a adoção do sectarismo, centralismo e subjetivismo que marcaram a sua postura política no período pesquisado.

As práticas adotadas pelo grupo baseadas em uma moralidade exemplar foram discutidas, uma vez que geraram representações sobre este, conduzindo homens e mulheres a se considerarem e reconhecerem-se como pessoas superiores às demais. Desta forma, para as *camaradas*, ser mulher militante significava ser diferente, pois não se acomodavam a uma vida *estável* proporcionada pelo capitalismo como as pequeno-burguesas; porém ser militante comunista possuía uma significação maior, simbolizando o *centro da diferença*, uma vez que constituídas de uma *têmpera especial* participavam de um projeto mais nobre: a libertação dos povos de sua exploração.

Dentro deste viés interpretativo destacou-se as relações de poder existentes entre o grupo, que possuía no segredo um dos fundamentos de sua estabilidade social e como também as militantes criaram uma espécie de comunidade fora do círculo de iniciados, participando deste processo ilusório de poder, estruturando zonas de incerteza, diluindo assim a vontade de poder do PCB. Ilusório? Certamente que sim, pois constatou-se que o considerável número de mulheres que formavam os quadros de base do Partido gradativamente diminuía conforme os degraus que aspiravam alcançar até atingirem o topo da pirâmide hierárquica da organização, indicando que embora teoricamente o PCB proliferasse o gérmen da igualdade, não deixou de reproduzir valores puritanos semelhantes aos pequeno-burgueses. Exemplificando melhor, o PCB dependia muito das mulheres, mas poucas vezes de suas decisões sobre a postura política que deveriam adotar e nunca de sua direção.

No entanto, as mulheres mesmo não se encontrando no centro institucional do poder continuaram a representar o grupo comunista, acreditando que a igualdade deveria ser aceita como expressão da liberdade, e por esta razão atuaram no Partido enquanto mulheres comunistas e não devido a sua capacidade de serem iguais aos homens. Em outras palavras, ao aderir ao Partido e cumprir com disciplina as tarefas partidárias, as militantes não objetivavam conquistar o poder maior dentro da organização, e sim através dela garantir a



todos os grupos sociais o pleno exercício de seus direitos, assegurando pelos caminhos da liberdade e igualdade a consolidação da sociedade perfeita e infindável.

Por fim, valorizando o cotidiano da militância feminina comprovou-se que as inúmeras atividades acarretaram sobre as comunistas uma extensa jornada de trabalho, estendendo-se ao âmbito do privado. A fluidez entre o público e o privado, aliás, apresentou-se como um forte fator na legitimação de sua identidade no interior do grupo. Enquadrando-se como os homens na disciplina imposta pela organização, as militantes integraram valores práticos aos morais e adotaram um perfil comportamental que pressupunha uma certa masculinização, sem no entanto consentirem que sua feminilidade fosse eliminada.

Assim sendo, ressaltou-se através de suas preocupações cotidianas e acima de tudo de suas imagens o feminino na militância, o que possibilitou desmistificar um estereótipo erroneamente aplicado sobre as mulheres que atuaram no PCB no período evocado por esta pesquisa. As militantes através do seu engajamento político colaboraram para fortalecer a imagem das comunistas como pessoas duras, autoritárias, masculinizadas, despojadas de quaisquer vaidades pessoais, porém dotadas de uma admirável paixão política que lhes incitava a sacrificarem suas próprias vidas em nome de um ideal mais elevado, sem portanto corresponderem no sentido pleno a esta imagem consagrada, uma vez que se mostravam indubitavelmente femininas. Considera-se assim que ao assumirem a sua feminilidade com a mesma firmeza que enfrentaram preconceitos sociais e participaram da luta política, as comunistas apontaram uma especificidade, e reconhecendo-se como mulheres conviveram com os homens muito além da relação de mando e obediência, abrindo um caminho, imaginavam elas, para um mundo mais justo em que os laços de amizade e solidariedade poderiam prevalecer sobre as formas mais sutis de dominação.

Em uma entrevista concedida ao periódico *Mulherio* em 1981, Adalgisa Cavalcanti defendeu a união das mulheres por suas reivindicações “desde que não excluam os homens no momento em que participem da luta comum mais geral”, além de destacar o Partido Comunista do Brasil como o único capaz de concretizar a verdadeira revolução social e “a quem permanecerei fiel por toda a vida”<sup>45</sup>, demonstrando que mesmo após o abalo das certezas motivado pelas denúncias do XX Congresso e as mudanças de perspectiva da esquerda brasileira, não perdeu a esperança na inexorável caminhada para um mundo melhor ,

---

45 CAVALCANTE, Adalgisa. Entrevista concedida a Beth Salgueiro. In: Adalgisa, a deputada de 45. *Mulherio*. Ano I. nº. 03. São Paulo, set/out. de 1981. p. 04.

conservando em seu imaginário as imagens, códigos, símbolos e signos que marcaram a cultura comunista no Brasil.

Hoje, não há como negar que o comunismo histórico acabou; todavia, dizer que a esperança e a busca da felicidade realizada acabou porque a utopia comunista fracassou significa fechar os olhos para não ver que em pleno processo de mundialização, a miséria, a fome, a violência e o terror gerado pelo *sonho da onipotência* continuam a condenar os seres humanos a se adaptarem a sua própria degenerescência.

Desta maneira, não seria prudente desprezar a história das mulheres do PCB, pois as idéias, experiências, desejos e pulsões compartilhadas e traduzidas no seu cotidiano político mudaram a história do PCB e poderão contribuir para transformar também a nossa história.

E para finalizar, deseja-se explicar que o resgate das militantes comunistas da *condescendência da posteridade*, possibilitou escrever uma nova história. Entretanto, pela sua própria natureza, a História é inesgotável, e espera-se que as lacunas deixadas nesta pesquisa apresentem-se como um convite a novas questões e novas interpretações, permitindo incentivar novos trabalhos que realizem uma *outra história nova, uma nova história outra*.

## BIBLIOGRAFIA

- ABENSOUR, Miguel. *A utopia socialista: uma nova aliança entre política e religião*. In: \_\_\_\_\_. *O novo espírito utópico*. Campinas: UNICAMP, 1990.
- ALAMBERT, Zuleika. *Os comunistas e a questão da mulher*. São Paulo: CERIFA – Novos Rumos, 1982.
- AMADO, Jorge. Entrevista concedida a Sérgio Soares Braga (UFPR). *A militância no PCB e a atuação na Assembléia Constituinte de 1946*. In: *Revista de Sociologia e Política*. Dossiê Constituinte de 1946. Curitiba, no. 6/7. 1996.
- AMAZONAS, João. Entrevista concedida a Sérgio Soares Braga (UFPR) e Luciano Caviano Martorano (UNICAMP). *O Partido Comunista do Brasil: História e perspectivas*. In: *Revista de Sociologia e Política*. Dossiê Constituinte de 1946. Curitiba, no. 6/7. 1996.
- ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ARCHANJO, Léa Resende. *Ser mulher na década de 50*. Representações sociais veiculadas em jornais. In: TRINDADE, Etelvina M. C.; MARTINS, Ana P. V. (orgs). *Mulheres na História. Paraná séculos 19 e 20*. Curitiba: UFPR, 1997.
- BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia Einaudi. *Antropos-Homem*, v. 5. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- BACZKO, Bronislaw. *Utopia*. In: Enciclopédia Einaudi. *Antropos-Homem*, v. 5. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- BLACKBURN, Robin. *O socialismo após o colapso*. In: \_\_\_\_\_.(org.) *Depois da queda*. O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- BOLDYRIEW, N. I. *A Formação da Moral Comunista*. Rio de Janeiro: Vitória, 1952.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. 2ª. ed. São Paulo: USP, 1998.
- BRANDÃO, Helena N. *Introdução à Análise do Discurso*. 7ª. ed. Campinas: UNICAMP, s/d.
- BRASIL. CONGRESSO NACIONAL. *Constituição dos Estados Unidos do Brasil, promulgada em 18 set. 1946*. Rio de Janeiro: Livraria Cruzeiro.
- DICIONÁRIO MULHERES DO BRASIL: de 1500 até a atualidade. SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- CARONE, Edgard. *O P.C.B. (1922-1943)*. São Paulo: Difel, 1982.
- CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e Ilusões: os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EDUFF, 1986.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1985.
- CHILCOTE, Ronald H. *Partido Comunista Brasileiro*. conflito e integração (1922-1972). Rio de Janeiro: Graal, 1982.

- COLLING, Ana Maria. *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- DIAS, Maria Odila L. S.. *Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano*. In: COSTA, Albertina O.; BRUSCHINI, Cristina (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- DULLES, John F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1930)*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- DULLES, John F. *O comunismo no Brasil, 1935-1945: repressão em meio ao cataclismo mundial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DURAND, Gilbert. *O regresso do mito*. Conferência proferida no Instituto Francês de Lisboa em 10 fev. 1981. In : \_\_\_\_\_. *Mito, Símbolo e Mitologia*. Lisboa: Presença, [19--].
- FALCON, Francisco. *História e Poder*. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Dominios da História*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FERREIRA, Elisabeth F. Xavier. *Mulheres, militância e memória*. histórias de vida; histórias de sobrevivência. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FERREIRA, Jorge Luiz. *Prisioneiro do Mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. São Paulo, 1996. Tese (Doutoramento em História). Setor de Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- FIORIN, José L. *Linguagem e Ideologia*. 7ª. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Ângela de Castro. *Velhos militantes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- HALL, Catherine. *Sweet Home*. In: PERROT, Michelle (org.). *História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HAUPT, Georges; MARIE Jean-Jacques. *Los Bolcheviques*. México: Ediciones, 1972.
- HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos. O breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- KONDER, Leandro. *A democracia e os comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- LIMA, Ruth R. *A participação da mulher na esquerda armada brasileira*. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *História e Revolução*. São Paulo: USP, 1988.
- LUXEMBURGO, Rosa. *Camarada e amante: cartas de Rosa Luxemburgo a Leo Jogiches*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- MAINGUENAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes: UNICAMP, 1997.
- MARCUSE, Herbert. *O marxismo soviético. uma análise crítica*. Rio de Janeiro: Saga, 1969.
- MÁREK, Franz. *A desagregação do stalinismo*. In: HOBSBAWM, Eric; et. alli. (org.). *História do Marxismo. O marxismo na época da Terceira Internacional: de Gramsci à crise do stalinismo*. v. 10. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- MARIANI, Bethânia. O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas/SP: UNICAMP, 1998.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- MATOS, Maria Izilda de. *Por uma história da mulher*. São Paulo: EDUSC, 2000.
- MCNEAL, Robert. *As instituições da Rússia de Stálin*. In: HOBBSBAWM, Eric; et. alli. (org.). *História do Marxismo*. O marxismo na época da Terceira Internacional: A URSS da construção do socialismo ao stalinismo. v. 7. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- MONTENEGRO, Ana. *Mulheres-participação nas lutas populares*. [S.l. : s.n.], 1984.
- MORAES, João Quartim de. *A influência do leninismo de Stálin no comunismo brasileiro*. In: REIS FILHO, Daniel A. ; et allii *História do marxismo no Brasil*. O impacto das revoluções. v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- MORAIS, Fernando. *Olga*. 16ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MUELLER, Helena. *Uma utopia. As utopias*. In: \_\_\_\_\_. *Flores aos rebeldes que falharam*. Giovanni Rossi e a utopia anarquista. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PALTRINIERI, Marisa (org.). *Stálin*. São Paulo: Melhoramentos, 1975.
- PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros: História e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.
- PATLAGEAN, Evelyne. *A história do imaginário*. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Mulheres Públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.
- PINHEIRO, Paulo S. *Estratégias da Ilusão. A revolução mundial e o Brasil (1922-1935)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PROST, Antoine. *As palavras*. In: RÉMOND, René. (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- REIS FILHO, Daniel A. *O socialismo real (1921-1964)*. São Paulo : Brasiliense, 1983.
- RÉMOND, René. *Uma história presente*. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- RÉMOND, René. *Do político*. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- ROSALDO, Michelle Z.; LAMPHERE, L. *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SCOTT, Joan. *História das mulheres*. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, v.16. n. 2, jul./dez.1990.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. I. A árvore da liberdade; II. A maldição de Adão; III. A força dos trabalhadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P. *Os fins da guerra fria: uma resposta*. In: BLACKBURN, Robin (org.). *Depois da queda*. O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

VINCENT, Gérard. *Uma história do segredo?* In: \_\_\_\_\_. *História da Vida Privada: Da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VINCENT, Gérard. *Ser Comunista? Uma maneira de ser*. In: \_\_\_\_\_. *História da Vida Privada*. Da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VINHAS, Moisés. *O Partidão: a luta por um partido de massas (1922-1974)*. São Paulo: Hucitec, 1982.

ZAIDAN FILHO, Michel. *Comunistas em céu aberto (1922-1930)*. Belo Horizonte: Oficina do Livro, 1989.

## **FONTES**

### **ARQUIVO EDGARD LEUENROTH — AEL**

#### **A CLASSE OPERÁRIA: TOMBO J/0227.**

- 1946: n.º. 23–33, 35–40, 42,43. – Microfilme MR 0085
- 1947: n.º. 48, 50-56, 58, 60-68, 73-75, 77, 78, 82-87, 92, 94, 97, 99-103.–MR 0085
- 1947: n.º. 103–106. – MR 0086
- 1948: n.º. 107, 109, 112, 113, 125, 132, 137, 144, 149, 156, 157. – MR 0086
- 1949: n.º. 158, 159, 164, 165, 174, 175. – MR 0086.
- 1951: n.º. 398–407. – MR 0086.

#### **A VOZ OPERÁRIA: TOMBO J/**

- 1949: n.º 3–28. – MR 0092
- 1950: n.º. 35–82. – MR 0092
- 1951: n.º. 88–124. – MR 0093
- 1952: n.º. 140–189. – MR 0094
- 1953: n.º. 190. – MR 0094

#### **MOMENTO FEMININO: TOMBO J/1406.**

- 1947: n.º. 2 – exemplar em papel
- 1950: n.º. 71 – exemplar em papel
- 1954: n.º. supl – exemplar em papel
- 1955: n.º. 110 – exemplar em papel

#### **MULHERIO: TOMBO J/525.**

- 1981: n.º. 3 – exemplar em papel

#### **CONGRESSO MUNDIAL DE MULHERES: TOMBO F/1066**

FEDERAÇÃO DEMOCRÁTICA INTERNACIONAL DE MULHERES. *Congresso Mundial de mulheres: contra o fascismo, pela paz, democracia e defesa dos direitos da*

mulher. Rio De Janeiro: Comissão Democrática de Mulheres, 1945. – exemplar em papel.

## **ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ — DEAP - ARQUIVO DEOPS**

### **FICHAS INDIVIDUAIS**

### **DOSSIÊS INDIVIDUAIS**

### **DOSSIÊS TEMÁTICOS:**

- Dossiê nº. 0065 – Topografia nº. 08: Associação das donas de casa.
- Dossiê nº. 0131 – Topografia nº. 16: Autos de declaração do ano de 1952.
- Dossiê nº. 0210 – Topografia nº. 24: Centro Paranaense Feminino de Cultura.
- Dossiê nº. 0262 – Topografia nº. 29: Comitê Comunista Água Verde.
- Dossiê nº. 0263 – Topografia nº. 29: Comitê Comunista Cajuru.
- Dossiê nº. 0264 – Topografia nº. 29: Comitê Comunista Central Capital.
- Dossiê nº. 0265 – Topografia nº. 29: Comitê Comunista de Antonina.
- Dossiê nº. 0266 – Topografia nº. 29: Comitê Comunista de Apucarana.
- Dossiê nº. 0267 – Topografia nº. 29: Comitê Comunista de Cambé.
- Dossiê nº. 0269 – Topografia nº. 30: Comitê Comunista de Ibiporã.
- Dossiê nº. 0270 – Topografia nº. 30: Comitê Comunista do Interior.
- Dossiê nº. 0272 – Topografia nº. 30: Comitê Comunista de Londrina.
- Dossiê nº. 0274a – Topografia nº. 30: Comitê Comunista de Paranaguá.
- Dossiê nº. 0274b – Topografia nº. 30: Comitê Comunista de Paranaguá.
- Dossiê nº. 0275 – Topografia nº. 31: Comitê Comunista de Ponta Grossa.
- Dossiê nº. 0277 – Topografia nº. 31: Comitê Comunista de Rio Negro.
- Dossiê nº. 0279 – Topografia nº. 31: Comitê Comunista Vila Pinto.
- Dossiê nº. 0283 – Topografia nº. 31: Comitê Democrático do Batel.
- Dossiê nº. 0284 – Topografia nº. 31: Comitê Popular Bigorriho.
- Dossiê nº. 0313 – Topografia nº. 31: Comunistas fichados em 1955.
- Dossiê nº. 0326 – Topografia nº. 38: Congresso Estadual Pró-Paz.
- Dossiê nº. 0756 – Topografia nº. 85: Relatórios de agentes.
- Dossiê nº. 0779 – Topografia nº. 89: Documentos anexos às fichas individuais..
- Dossiê nº. 0780a – Topografia nº. 89: Documentos antigos.
- Dossiê nº. 0780b – Topografia nº. 89: Documentos antigos.
- Dossiê nº. 0780c – Topografia nº. 90: Documentos antigos.



- Dossiê nº. 0782 – Topografia nº. 91: Documentos diversos.
- Dossiê nº. 0786a – Topografia nº. 92: Documentos perdidos.
- Dossiê nº. 0844 – Topografia nº. 103: Relatório.
- Dossiê nº. 0984 – Topografia nº. 119: Federação de Mulheres Paranaenses.
- Dossiê nº. 1131 – Topografia nº. 135: Imprensa Popular.
- Dossiê nº. 1288 – Topografia nº. 151: Lista de comunistas.
- Dossiê nº. 1252 – Topografia nº. 147: Tribuna do Povo.
- Dossiê nº. 1405 – Topografia nº. 166: Movimento Paranaense dos Partidários da Paz.
- Dossiê nº. 1466a – Topografia nº. 173: PCB (documentos diversos).
- Dossiê nº. 1468b – Topografia nº. 174: PCB (documentos diversos).
- Dossiê nº. 1468e – Topografia nº. 175: PCB (documentos diversos).
- Dossiê nº. 1469 – Topografia nº. 174: PCB (doutrina).
- Dossiê nº. 1479 – Topografia nº. 177: PCB (doutrina).
- Dossiê nº. 2276 – Topografia nº. 255: Tribuna do Povo.

#### **ENTREVISTAS.**

- OLIVEIRA, Espedito Rocha de. *Entrevista*. Curitiba, 23 de ago. 1999.
- OLIVEIRA, Iraci Soares de. *Entrevista*. Curitiba, 13 -21 de ago. 1999.
- OLIVEIRA, Odete Soares de. *Entrevista*. Curitiba, 13 - 21 de ago. 1999.
- PREVIDE, Wilson. *Entrevista*. Curitiba, 23 de ago. 1999.

#### **MEMÓRIAS**

- BATINI, Tito. *Memórias de um socialista congênito*. Campinas: UNICAMP, 1991.
- BEZERRA, Gregório. *Memórias*. Segunda Parte: 1946-1969. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- HOBBSAWM, Eric. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LIMA, Heitor F. *Caminhos percorridos*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

#### **FILMES**

- NÓS QUE AQUI ESTAMOS POR VÓS ESPERAMOS. Marcelo Masagão. Brasil: Filmark: Fundação Mac Arthur, 1999. 1 videocassete (73 min): mudo, color.; 12 mm. VHS NTSC.